

organizadora

Vanessa Meireles

colaboradora

Marcia dos Santos Machado Vieira

VARIAÇÕES VARIATIONS
LINGÜÍSTICAS LINGUISTIQUES
EM LÍNGUAS EN LANGUES
ROMÂNICAS ROMANES
explorações explorations
contemporâneas contemporaines



organizadora

Vanessa Meireles

colaboradora

Marcia dos Santos Machado Vieira

VARIACÕES VARIATIONS
LINGÜÍSTICAS LINGUISTIQUES
EM LÍNGUAS EN LANGUES
ROMÂNICAS ROMANES
explorações explorations
contemporâneas contemporaines



2025
São Paulo

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

V299

Variações linguísticas em línguas românicas: explorações contemporâneas / Variations linguistiques en langues romanes : Explorations contemporaines / Organização Vanessa Meireles. Colaboração Marcia dos Santos Machado Vieira. – São Paulo: Pimenta Cultural, 2025.

Livro em PDF

ISBN 978-85-7221-339-4

DOI 10.31560/pimentacultural/978-85-7221-339-4

1. Variação linguística. 2. Línguas românicas.
3. Sociolinguística. 4. Linguística contrastiva. 5. Ensino de português e francês. I. Meireles, Vanessa (Org.). II. Machado Vieira, Marcia dos Santos (Colab.). III. Título.

CDD: 306.446

Índice para catálogo sistemático:

I. Sociolinguística

II. Bilinguismo

Simone Sales - Bibliotecária - CRB ES-000814/0

Copyright © Pimenta Cultural, alguns direitos reservados.

Copyright do texto © 2025 os autores e as autoras.

Copyright da edição © 2025 Pimenta Cultural.

Esta obra é licenciada por uma Licença Creative Commons:

Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional - (CC BY-NC-ND 4.0).

Os termos desta licença estão disponíveis em:

<<https://creativecommons.org/licenses/>>.

Direitos para esta edição cedidos à Pimenta Cultural.

O conteúdo publicado não representa a posição oficial da Pimenta Cultural.

Direção editorial	Patricia Biegging Raul Inácio Busarello
Editora executiva	Patricia Biegging
Gerente editorial	Landressa Rita Schiefelbein
Assistente editorial	Júlia Marra Torres
Estagiária editorial	Ana Flávia Pivisan Kobata
Diretor de criação	Raul Inácio Busarello
Assistente de arte	Naiara Von Groll
Editoração eletrônica	Andressa Karina Voltolini
Estagiárias em editoração	Raquel de Paula Miranda Stela Tiemi Hashimoto Kanada
Imagens da capa	tongpatong - Freepik.com
Tipografias	Acumin, Gobold, Rockwell
Revisão	Tascieli Feltrin e as organizadoras
Organizadora	Vanessa Meireles
Colaboradora	Marcia dos Santos Machado Vieira

PIMENTA CULTURAL
São Paulo • SP
+55 (11) 96766 2200
livro@pimentacultural.com
www.pimentacultural.com



CONSELHO EDITORIAL CIENTÍFICO

Doutores e Doutoradas

Adilson Cristiano Habowski
Universidade La Salle, Brasil

Adriana Flávia Neu
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Adriana Regina Vettorazzi Schmitt
Instituto Federal de Santa Catarina, Brasil

Aguimario Pimentel Silva
Instituto Federal de Alagoas, Brasil

Alaim Passos Bispo
Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

Alaim Souza Neto
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Alessandra Knoll
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Alessandra Regina Müller Germani
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Aline Corso
Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Brasil

Aline Wendpap Nunes de Siqueira
Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil

Ana Rosangela Colares Lavand
Universidade Estadual do Norte do Paraná, Brasil

André Gobbo
Universidade Federal da Paraíba, Brasil

André Tanus Cesário de Souza
Faculdade Anhanguera, Brasil

Andressa Antunes
Universidade Federal de Ouro Preto, Brasil

Andressa Wiebusch
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Andreza Regina Lopes da Silva
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Angela Maria Farah
Universidade de São Paulo, Brasil

Anísio Batista Pereira
Universidade do Estado do Amapá, Brasil

Antonio Edson Alves da Silva
Universidade Estadual do Ceará, Brasil

Antonio Henrique Coutelo de Moraes
Universidade Federal de Rondonópolis, Brasil

Arthur Vianna Ferreira
Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Ary Albuquerque Cavalcanti Junior
Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil

Asterlindo Bandeira de Oliveira Júnior
Universidade Federal da Bahia, Brasil

Bárbara Amaral da Silva
Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil

Bernadette Beber
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Bruna Carolina de Lima Siqueira dos Santos
Universidade do Vale do Itajaí, Brasil

Bruno Rafael Silva Nogueira Barbosa
Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Caio Cesar Portella Santos
Instituto Municipal de Ensino Superior de São Manuel, Brasil

Carla Wanessa do Amaral Caffagni
Universidade de São Paulo, Brasil

Carlos Adriano Martins
Universidade Cruzeiro do Sul, Brasil

Carlos Jordan Lapa Alves
Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Brasil

Caroline Chioquetta Lorenset
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Cassia Cordeiro Furtado
Universidade Federal do Maranhão, Brasil

Cássio Michel dos Santos Camargo
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Cecilia Machado Henriques
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Christiano Martino Otero Avila
Universidade Federal de Pelotas, Brasil

Cláudia Samuel Kessler
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Cristiana Barcelos da Silva
Universidade do Estado de Minas Gerais, Brasil

Cristiane Silva Fontes
Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil

Daniela Susana Segre Guertzenstein
Universidade de São Paulo, Brasil

Daniele Cristine Rodrigues
Universidade de São Paulo, Brasil

Dayse Centurion da Silva
Universidade Anhanguera, Brasil

Dayse Sampaio Lopes Borges
Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Brasil

Deilson do Carmo Trindade
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas, Brasil

Diego Pizarro
Instituto Federal de Brasília, Brasil

Dorama de Miranda Carvalho
Escola Superior de Propaganda e Marketing, Brasil

Edilson de Araújo dos Santos
Universidade de São Paulo, Brasil

Edson da Silva
Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, Brasil

Elena Maria Mallmann

Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Eleonora das Neves Simões

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Eliane Silva Souza

Universidade do Estado da Bahia, Brasil

Elvira Rodrigues de Santana

Universidade Federal da Bahia, Brasil

Estevão Schultz Campos

Centro Universitário Adventista de São Paulo, Brasil

Éverly Pegoraro

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Fábio Santos de Andrade

Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil

Fabrícia Lopes Pinheiro

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Fauston Negreiros

Universidade de Brasília, Brasil

Felipe Henrique Monteiro Oliveira

Universidade Federal da Bahia, Brasil

Fernando Vieira da Cruz

Universidade Estadual de Campinas, Brasil

Flávia Fernanda Santos Silva

Universidade Federal do Amazonas, Brasil

Gabriela Moysés Pereira

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Gabriella Eldereti Machado

Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Germano Ehlerth Pollnow

Universidade Federal de Pelotas, Brasil

Geuciane Felipe Guerim Fernandes

Universidade Federal do Pará, Brasil

Geymeesson Brito da Silva

Universidade Federal de Pernambuco, Brasil

Giovanna Ofretorio de Oliveira Martin Franchi

Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Handherson Leylton Costa Damasceno

Universidade Federal da Bahia, Brasil

Hebert Elias Lobo Sosa

Universidad de Los Andes, Venezuela

Helciclever Barros da Silva Sales

Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, Brasil

Helena Azevedo Paulo de Almeida

Universidade Federal de Ouro Preto, Brasil

Hendy Barbosa Santos

Faculdade de Artes do Paraná, Brasil

Humberto Costa

Universidade Federal do Paraná, Brasil

Igor Alexandre Barcelos Graciano Borges

Universidade de Brasília, Brasil

Inara Antunes Vieira Willerding

Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Jaziel Vasconcelos Dorneles

Universidade de Coimbra, Portugal

Jean Carlos Gonçalves

Universidade Federal do Paraná, Brasil

Joao Adalberto Campato Junior

Universidade Brasil, Brasil

Jocimara Rodrigues de Sousa

Universidade de São Paulo, Brasil

Joelson Alves Onofre

Universidade Estadual de Santa Cruz, Brasil

Jónata Ferreira de Moura

Universidade São Francisco, Brasil

Jonathan Machado Domingues

Universidade Federal de São Paulo, Brasil

Jorge Eschriqui Vieira Pinto

Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil

Jorge Luís de Oliveira Pinto Filho

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

Juliana de Oliveira Vicentini

Universidade de São Paulo, Brasil

Juliano Milton Kruger

Instituto Federal do Amazonas, Brasil

Juliano Pizzano Ayoub

Universidade Estadual de Ponta Grossa, Brasil

Julierme Sebastião Moraes Souza

Universidade Federal de Uberlândia, Brasil

Junior César Ferreira de Castro

Universidade de Brasília, Brasil

Katia Bruginski Mulik

Universidade de São Paulo, Brasil

Laionel Vieira da Silva

Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Lauro Sérgio Machado Pereira

Instituto Federal do Norte de Minas Gerais, Brasil

Leonardo Freire Marino

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Leonardo Pinheiro Mozdzenski

Universidade Federal de Pernambuco, Brasil

Letícia Cristina Alcântara Rodrigues

Faculdade de Artes do Paraná, Brasil

Lucila Romano Tragtenberg

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil

Lucimara Rett

Universidade Metodista de São Paulo, Brasil

Luiz Eduardo Neves dos Santos

Universidade Federal do Maranhão, Brasil

Maikel Pons Giralt

Universidade de Santa Cruz do Sul, Brasil

Manoel Augusto Polastrelli Barbosa

Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil

Marcelo Nicomedes dos Reis Silva Filho

Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Brasil

Márcia Alves da Silva

Universidade Federal de Pelotas, Brasil

Marcio Bernardino Sirino

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Marcos Pereira dos Santos

Universidad Internacional Iberoamericana del Mexico, México

Marcos Uzel Pereira da Silva

Universidade Federal da Bahia, Brasil

Marcus Fernando da Silva Praxedes

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Brasil

Maria Aparecida da Silva Santandel

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Brasil

Maria Cristina Giorgi

Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, Brasil

Maria Edith Maroca de Avelar

Universidade Federal do Ouro Preto, Brasil

Marina Bezerra da Silva

Instituto Federal do Piauí, Brasil

Marines Rute de Oliveira

Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Brasil

Maurício José de Souza Neto

Universidade Federal da Bahia, Brasil

Mauricio José de Souza Neto

Universidade Federal da Bahia, Brasil

Michele Marcelo Silva Bortolai

Universidade de São Paulo, Brasil

Mônica Tavares Orsini

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Nara Oliveira Salles

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Neide Araujo Castilho Teno

Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Brasil

Neli Maria Mengalli

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil

Patricia Biegging

Universidade de São Paulo, Brasil

Patricia Flavia Mota

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Patrícia Helena dos Santos Carneiro

Universidade Federal de Rondônia, Brasil

Rainei Rodrigues Jadejiski

Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil

Raul Inácio Busarello

Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Raymundo Carlos Machado Ferreira Filho

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Ricardo Luiz de Bittencourt

Universidade do Extremo Sul Catarinense, Brasil

Roberta Rodrigues Ponciano

Universidade Federal de Uberlândia, Brasil

Robson Teles Gomes

Universidade Católica de Pernambuco, Brasil

Rodiney Marcelo Braga dos Santos

Universidade Federal de Roraima, Brasil

Rodrigo Amancio de Assis

Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil

Rodrigo Sarruge Molina

Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil

Rogério Rauber

Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil

Rosane de Fatima Antunes Obregon

Universidade Federal do Maranhão, Brasil

Samuel André Pompeo

Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil

Sebastião Silva Soares

Universidade Federal do Tocantins, Brasil

Silmar José Spinardi Franchi

Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Simone Alves de Carvalho

Universidade de São Paulo, Brasil

Simoni Urnau Bonfiglio

Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Stela Maris Vaucher Farias

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Tadeu João Ribeiro Baptista

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno

Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Brasil

Taíza da Silva Gama

Universidade de São Paulo, Brasil

Tania Micheline Miorando

Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Tarcísio Vanzin

Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Tascieli Feltrin

Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Tatiana da Costa Jansen

Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial, Brasil

Tayson Ribeiro Teles

Universidade Federal do Acre, Brasil

Thiago Barbosa Soares

Universidade Federal do Tocantins, Brasil

Thiago Camargo Iwamoto

Universidade Estadual de Goiás, Brasil

Thiago Medeiros Barros

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

Tiago Mendes de Oliveira

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

Vanessa de Sales Marruche

Universidade Federal do Amazonas, Brasil

Vanessa Elisabete Raue Rodrigues

Universidade Estadual do Centro Oeste, Brasil

Vania Ribas Ulbricht

Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Vinicius da Silva Freitas

Centro Universitário Vale do Cricaré, Brasil

Wellington Furtado Ramos

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Brasil

Wellton da Silva de Fatima

Instituto Federal de Alagoas, Brasil

Wenis Vargas de Carvalho

Universidade Federal da Grande Dourados, Brasil

Yan Masetto Nicolai

Universidade Federal de São Carlos, Brasil

PARECERISTAS E REVISORES(AS) POR PARES

Avaliadores e avaliadoras Ad-Hoc

Alcidinei Dias Alves

Logos University International, Estados Unidos

Alessandra Figueiró Thornton

Universidade Luterana do Brasil, Brasil

Alexandre João Appio

Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Brasil

Artur Pires de Camargos Júnior

Universidade do Vale do Sapucaí, Brasil

Bianka de Abreu Severo

Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Carlos Eduardo B. Alves

Universidade Federal do Agreste de Pernambuco, Brasil

Carlos Eduardo Damian Leite

Universidade de São Paulo, Brasil

Catarina Prestes de Carvalho

Instituto Federal Sul-Rio-Grandense, Brasil

Davi Fernandes Costa

Secretaria da Educação do Estado de São Paulo, Brasil

Denilson Marques dos Santos

Universidade do Estado do Pará, Brasil

Domingos Aparecido dos Reis

Must University, Estados Unidos

Edson Vieira da Silva de Camargos

Logos University International, Estados Unidos

Edwins de Moura Ramires

Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial, Brasil

Elislene Borges Leal

Universidade Federal do Piauí, Brasil

Elizabete de Paula Pacheco

Universidade Federal de Uberlândia, Brasil

Elton Simomukay

Universidade Estadual de Ponta Grossa, Brasil

Francisco Geová Goveia Silva Júnior

Universidade Potiguar, Brasil

Indiamaris Pereira

Universidade do Vale do Itajaí, Brasil

Jacqueline de Castro Rimá

Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Jonas Lacchini

Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Brasil

Lucimar Romeu Fernandes

Instituto Politécnico de Bragança, Brasil

Marcos de Souza Machado

Universidade Federal da Bahia, Brasil

Michele de Oliveira Sampaio

Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil

Nívea Consuêlo Carvalho dos Santos

Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial, Brasil

Pedro Augusto Paula do Carmo

Universidade Paulista, Brasil

Rayner do Nascimento Souza

Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial, Brasil

Samara Castro da Silva

Universidade de Caxias do Sul, Brasil

Sidney Pereira Da Silva

Stockholm University, Suécia

Suêlen Rodrigues de Freitas Costa

Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil

Thais Karina Souza do Nascimento

Instituto de Ciências das Artes, Brasil

Viviane Gil da Silva Oliveira

Universidade Federal do Amazonas, Brasil

Walmir Fernandes Pereira

Miami University of Science and Technology, Estados Unidos

Weyber Rodrigues de Souza

Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Brasil

William Roslindo Paranhos

Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Parecer e revisão por pares

Os textos que compõem esta obra foram submetidos para avaliação do Conselho Editorial da Pimenta Cultural, bem como revisados por pares, sendo indicados para a publicação.

COMITÊ CIENTÍFICO / COMITÉ SCIENTIFIQUE

Adriana Cristina Lopes Gonçalves Mallmann
Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira – Cap-UERJ

Alexandre Xavier Lima
Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ

Claudia Alexandra Moreira Da Silva
Sapienza Università di Roma – UNIROMA 1

Dennis Castanheira
Universidade Federal Fluminense – UFF

Eneile Eneile Santos Saraiva de Pontes
Secretaria de Estado de Educação do Rio de Janeiro – Seeduc-RJ

Fabiane M. V. ROCHA T. R. Nascimento
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – UFRRJ

Fabio Rodrigo Gomes da Costa
Secretaria de Estado de Educação do Rio de Janeiro – Seeduc-RJ

Fernando da Silva Cordeiro
Universidade Federal Rural do Semi-Árido – UFERSA

Ferran Robles
Universitat de València – UV

Gessilene Silveira Kanthack
Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC

José Mario Botelho
Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ

Leonardo Ferreira Kaltner
Universidade Federal Fluminense – UFF

Luana Lambertini Nunes
Iowa State University – ISU

Madeleine Voga
Université de Montpellier Paul-Valéry

Manuella Oliveira
Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira – Cap-UERJ

Maria da Conceição Paiva
Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ

Maria Mercedes Sebold
Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ

Nahendi Almeida Mota
Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro – SME-RJ

Pâmela Fagundes Travassos
*Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro – SME-RJ,
Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ*

Sávio André de Souza Cavalcante
Universidade Estadual do Ceará – UFC

Silvia Figueiredo Brandão
Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ

Tânia Reis Cunha
Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ

APOIO NA DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA / SOUTIEN À LA DIFFUSION SCIENTIFIQUE

Université de Montpellier Paul-Valéry
<https://www.univ-montp3.fr/>

Équipe de Recherche Recherches sur les
Suds et les Orientés – ReSO
<https://reso.www.univ-montp3.fr/>

EQUIPE DE REVISÃO / ÉQUIPE DE RÉVISION

Releitura em português

Vanessa Meireles
Université de Montpellier Paul-Valéry

Releitura em francês e em inglês

Armand Mauduit
Université de Montpellier Paul-Valéry

*Livro publicado com o apoio da
Universidade de Montpellier Paul-Valéry*

*Ouvrage publié avec le concours de
l'Université de Montpellier Paul-Valéry*



UFRJ
UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO DE JANEIRO



PROGRAMA DE
PÓS-GRADUAÇÃO EM
LETRAS VERNÁCULAS

SUMÁRIO

<i>Aline Bazenga</i> Prefácio	17
<i>Aline Bazenga</i> Préface.....	19
<i>Vanessa Meireles</i> Apresentação	21
<i>Vanessa Meireles</i> Présentation.....	26
1	
<i>Renata Enghels</i> Pragmatic markers as social identity signals in contemporary colloquial Spanish	32
2	
<i>Renata Enghels</i> Los marcadores pragmáticos como señales de identidad social en el español coloquial contemporáneo.....	77
3	
<i>Patricia Vanessa de Ramos</i> Os marcadores metadiscursivos de controle de contato em uma variedade não-dominante do espanhol.....	81

4

Patricia Vanessa de Ramos

Los marcadores metadiscursivos de control de contacto en una variedad no-dominante del español..... 121

5

Konrad Szcześniak

Three paradoxes of a lossless memory: learning from an unpredictable input..... 130

6

Konrad Szcześniak

Três paradoxos de uma memória sem perdas: aprendendo a partir de uma entrada imprevisível..... 148

7

Marcos Luiz Wiedemer

Maria Eduarda Oliveira da Silva

Construção de preocupação: retomada todo-parte e articulação textual 155

8

Marcos Luiz Wiedemer

Maria Eduarda Oliveira da Silva

Construction of concern: whole-part resumption and textual articulation..... 179

9

Joedson dos Santos Azevedo

Valéria Viana Sousa

Verbi sintagmatici: análise de uma confluência entre o italiano e o português à luz da Gramática de Construções..... 186

10

Joedson dos Santos Azevedo

Valéria Viana Sousa

Verbi Sintagmatici:

an analysis of a confluence between Italian and Portuguese

within the framework of Construction Grammar 225

11

Cecília de Almeida Ribeiro

Valéria Viana Sousa

A diversidade linguística

do português brasileiro:

análise de construções com o verbo *bater* 234

12

Cecília de Almeida Ribeiro

Valéria Viana Sousa

The linguistic diversity of Brazilian Portuguese:

an analysis of constructions with the verb "bater" 256

13

Rubens Lacerda Loiola

Variação de aspecto terminativo

no português brasileiro dos séculos XIX e XX 265

14

Rubens Lacerda Loiola

Variation of terminative

aspect in Brazilian Portuguese

in the 19th and 20th centuries 290

15

Gildaris Ferreira Pandim

Colocações com os verbos fazer e pôr:

estudo a partir do *corpus* África 296

16

Gildaris Pandim

**Les collocations avec les verbes *fazer*
(faire) et *pôr* (mettre) en portugais :**

études à partir du corpus Africa 320

17

Marilucia Oliveira

Izabel Maria Silva

Palatalização da lateral alveolar /l/ no PB:

de resultados empíricos a implicações

fonológicas e ortográficas 329

18

Marilucia Oliveira

Izabel Maria Silva

**Palatalization of the alveolar lateral /l/ in
Brazilian Portuguese (BP):**

from empirical results to phonological

and orthographic implications 355

19

Arthur Neves Sousa Pereira

Ana Clara Nunes Brito

Valéria Viana Sousa

**A preposição *de* e os neologismos
com *dias da semana*:**

investigação de fenômenos linguísticos e propostas

didático-pedagógicas centradas no uso..... 362

20

Arthur Neves Sousa Pereira

Ana Clara Nunes Brito

Valéria Viana Sousa

**La préposition *de* et les néologismes avec
les *jours de la semaine* :**

enquête sur les phénomènes linguistiques et propositions

didactiques et pédagogiques basées sur l'usage..... 388

21

Arielly de Assis Cruz

Sofia Perrone Medina

Natalia Ap. Bisio de Araujo

Leandro Silveira de Araújo

Por uma introdução à história da gramática

em língua francesa no Brasil 398

22

Arielly de Assis Cruz

Sofia Perrone Medina

Natalia Ap. Bisio de Araujo

Leandro Silveira de Araújo

Pour une introduction

à l'histoire de la grammaire

de la langue française au Brésil 420

A organizadora / l'organisatrice..... 428

A colaboradora / La collaboratrice..... 429

Os autores e coautores /

les auteurs et co-auteurs..... 430

Índice remissivo 439

PREFÁCIO

As línguas e dialetos românicos constituem um vasto património de dados linguísticos de profundo interesse e significado. De todas as famílias linguísticas europeias, a família românica, que evoluiu historicamente do latim, é a que tem o maior número de falantes no mundo. O espanhol, o português e o francês, línguas faladas tanto na Europa como fora dela, são consideradas línguas globais e pluricêntricas. As línguas românicas faladas fora da Europa resultam de processos de conquista e colonização de novos territórios, predominantemente em África e na América do Norte e do Sul, iniciados a partir do século XV, e integram a “Romania Nova”. Devido à sua ampla difusão geográfica e diversidade sociolinguística e cultural, as línguas em apreço constituem um objeto de estudo tipologicamente coerente, embora complexo, pois apresentam características linguísticas comuns e outras divergentes.

O projeto franco-brasileiro VariaR – Variação em Línguas Românicas (<https://variar.wixsite.com/variar>), coordenado por Vanessa Meireles (Universidade de Montpellier Paul-Valéry, França) e Marcia Machado Vieira (Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Brasil), é uma iniciativa orientada para a descrição e análise de fenómenos variáveis nas línguas românicas. Este projeto envolve uma rede de investigadores internacionais, dedicados à coleta de dados (socio)linguísticos de línguas românicas em uso no mundo e ao estudo das suas diversas gramáticas. Desde o seu início em 2019, o VariaR tem realizado várias ações que contribuem significativamente para ampliar o conhecimento do rico panorama sociolinguístico das línguas românicas.

A obra *Variações Linguísticas em Línguas Românicas: Explorações Contemporâneas* constitui mais uma iniciativa das coordenadoras do VariaR. Assim como em publicações anteriores,

este volume reúne um conjunto de textos que oferece abordagens diferenciadas, proporcionando uma visão mais ampla das questões estudadas, em diferentes variedades do português do Brasil e em África, bem como do espanhol em distintas comunidades de fala. Os capítulos abordam temas diversos, como o uso de marcadores pragmáticos no espanhol coloquial, a flexibilidade do verbo “bater” no português brasileiro, e a introdução das gramáticas francesas no Brasil. Cada contribuição oferece uma análise profunda e enriquecedora sobre fenómenos linguísticos em diferentes contextos socioculturais, pondo em evidência a sua complexidade.

Recomendamos a leitura deste livro não apenas pela diversidade dos temas abordados, mas também pela qualidade dos trabalhos apresentados. Cumprindo os objetivos delineados no projeto VariaR, as contribuições aqui compiladas resultam de um rigoroso processo de revisão e representam um passo significativo para o avanço do conhecimento na área. Esperamos que este volume inspire leituras, reflexões e debates sobre a fascinante dinâmica das línguas românicas!

Aline Bazenga

Funchal, dezembro de 2024

Universidade da Madeira / CLUL

PRÉFACE

Les langues et dialectes romans constituent un vaste patrimoine de données linguistiques d'un intérêt et d'une importance considérables. De toutes les familles de langues européennes, la famille romane, qui a évolué historiquement à partir du latin, est celle qui compte le plus grand nombre de locuteurs dans le monde. L'espagnol, le portugais et le français, langues parlées en Europe et au-delà, sont considérées comme des langues mondiales et pluricentriques. Les langues romanes parlées en dehors de l'Europe sont le résultat de processus de conquête et de colonisation de nouveaux territoires, principalement en Afrique et en Amérique du Nord et du Sud, qui ont débuté au XVe siècle, et font partie de la « Romania Nova ». En raison de leur large diffusion géographique et de leur diversité sociolinguistique et culturelle, les langues en question constituent un objet d'étude typologiquement cohérent, bien que complexe, car elles présentent des caractéristiques linguistiques communes et divergentes.

Le projet franco-brésilien VariaR – Variação em Línguas Românicas (<https://variawixsite.com/variaw>), coordonné par Vanessa Meireles (Université de Montpellier Paul-Valéry, France) et Marcia Machado Vieira (Université Fédérale de Rio de Janeiro (UFRJ), Brésil), est une initiative visant à décrire et à analyser les phénomènes variables dans les langues romanes. Ce projet implique un réseau de chercheurs internationaux dédiés à la collecte de données (socio)linguistiques de langues romanes en usage dans le monde et à l'étude de leurs différentes grammaires. Depuis son lancement en 2019, VariaR a mené plusieurs actions qui contribuent de manière significative à l'élargissement des connaissances sur le riche panorama sociolinguistique des langues romanes.

Le livre *Variations linguistiques dans les langues romanes : explorations contemporaines* est une autre initiative des coordinateurs de VariaR. Comme les publications précédentes, ce volume rassemble un ensemble de textes qui proposent des approches différentes, offrant une vision plus large des questions étudiées dans diverses variétés de portugais brésilien et d'Afrique, ainsi que de l'espagnol dans différentes communautés linguistiques. Les chapitres traitent de sujets divers, tels que l'utilisation de marqueurs pragmatiques en espagnol familier, la flexibilité du verbe « *bater* » en portugais brésilien et l'introduction de grammaires françaises au Brésil. Chaque contribution propose une analyse approfondie et enrichissante de phénomènes linguistiques dans différents contextes socioculturels, en mettant en évidence leur complexité.

Nous recommandons la lecture de cet ouvrage non seulement pour la diversité des thèmes abordés, mais aussi pour la qualité des travaux présentés. Conformément aux objectifs fixés dans le cadre du projet VariaR, les contributions compilées ici sont le résultat d'un processus d'évaluation rigoureux et représentent un pas important vers l'approfondissement des connaissances dans ce domaine. Nous espérons que ce volume inspirera d'autres lectures, réflexions et débats sur la dynamique fascinante des langues romanes !

Aline Bazenga

Funchal, décembre 2024

Université de Madère / CLUL

APRESENTAÇÃO

Vanessa Meireles

UPVM, ReSO

A obra *Variações linguísticas em línguas românicas: explorações contemporâneas* / *Variations linguistiques en langues romanes: Explorations contemporaines*, organizada por Vanessa Meireles, coordenadora do projeto franco-brasileiro *VariaR – Variação em Línguas Românicas* (<https://variar.wixsite.com/variar>), com a colaboração de Marcia dos Santos Machado Vieira, compila pesquisas provenientes de diversas abordagens analíticas. O livro reúne contribuições que exploram a variação linguística em línguas românicas, incluindo descrições e análises sobre o espanhol em diferentes comunidades de usos, o português em suas diferentes variedades no Brasil e na África, o papel da memória lexical envolvendo expressões que apresentam variação a partir de exemplos do inglês e do português do Brasil e comparação entre português e italiano. Inclui também fenômenos fonológicos variáveis do português com implicações para a ortografia e um estudo sobre a introdução das gramáticas francesas no Brasil. A variação linguística, em suas múltiplas facetas – fonológica, morfossintática, lexical e/ou pragmática-discursiva –, constitui o fio condutor de todos os capítulos.

O primeiro capítulo, *Pragmatic markers as social identity signals in contemporary colloquial Spanish* (Marcadores pragmáticos como sinais de identidade social no espanhol coloquial contemporâneo), de Renata Enghels (Ghent University) examina o campo da identidade linguística no espanhol coloquial contemporâneo, por meio da análise de marcadores pragmáticos como *sabes*, *nada*, *es que*, *en plan*. Por meio de um exame de *corpora* orais, a autora

explora como marcadores pragmáticos podem variar de acordo com fatores como idade, gênero e contexto discursivo, e como evoluem e se adaptam, influenciados pelas mudanças nas identidades de gênero e nas concepções de redes sociais.

No capítulo seguinte, *Os marcadores metadiscursivos de controle de contato em uma variedade não-dominante do espanhol*, Patricia Vanessa de Ramos (Angewandte Sprachwissenschaft, Romanistik / Universität Augsburg) também se ocupa de um fenômeno linguístico similar em espanhol, o caso dos marcadores metadiscursivos de controle de contato *¿viste?* *¿no cierto?* *¿no?* *¿sí?* *¿entendés?* *¿me entendés?* e *ponele*. Com base em análise variacionista de entrevistas realizadas em Oberá-Misiones na Argentina, a autora demonstra que os marcadores estudados funcionam como fórmulas apelativas ou exortativas, promovendo uma interação ativa com o interlocutor.

No capítulo *Three paradoxes of a lossless memory. Learning from an unpredictable input* (Três paradoxos de uma memória sem perdas. Aprendendo a partir de uma entrada imprevisível), Konrad Szcześniak (Institute of Foreign Languages / Palacký University Olomouc) explora três paradoxos da memória humana: (1) o paradoxo do armazenamento não utilizado, (2) o paradoxo da exposição única e (3) o paradoxo da generalização a partir de especificidades. O autor ilustra, por meio de exemplos de expressões linguísticas do inglês e do português do Brasil que apresentam variação, como esses paradoxos oferecem uma compreensão mais profunda dos processos de aprendizagem, da consolidação da memória lexical e da construção de representações mentais.

Em *Construção de concernência: retomada todo-parte e articulação textual*, de Marcos Luiz Wiedemer e Maria Eduarda Oliveira da Silva (ambos do Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística / Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ), com base na Gramática de Construções Baseada no Uso e na Abordagem Socioconstrucionista, investigam a construção gramatical chamada

de “construção de concernência”. Focando nas microconstruções “no que diz respeito a”, “no que se refere a”, “no que tange a” e “no que concerne a”, os autores utilizam dados extraídos da Amostra *Now*, do *Corpus* do Português. Os resultados encontrados pelos autores oferecem importantes *insights* sobre o funcionamento da construção de concernência no discurso em português brasileiro.

No capítulo seguinte, *Verbi sintagmatici: análise de uma confluência entre o italiano e o português à luz da Gramática de Construções*, Joedson dos Santos Azevedo e Valéria Viana Sousa (Programa de Pós-graduação em Linguística / Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB) analisam as construções verbo-partícula (VP) do português, comparando-as com o italiano e o inglês, sob a ótica da Gramática de Construções. A partir da análise de *corpora* de língua em uso, e utilizando uma abordagem qualitativa e contrastiva, os autores identificam semelhanças entre a construção focalizada em português e *phrasal verbs* do inglês, assim como os *verbi sintagmatici* do italiano.

O capítulo intitulado *A diversidade linguística do português brasileiro: análise de construções com o verbo bater*, de Cecília de Almeida Ribeiro e Valéria Viana Sousa (ambas do Programa de Pós-graduação em Linguística / Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB), oferece uma análise sincrônica das construções com o verbo *bater* no português brasileiro. A pesquisa se baseia em dados oriundos de dados orais incluindo português culto e do português popular de Vitória da Conquista, no estado da Bahia, e de dados escritos da rede social X (antigo Twitter). O estudo revela a flexibilidade do verbo *bater*, destacando como ele assume novas formas e funções nas interações cotidianas dos falantes.

Em *Variação de aspecto terminativo no português brasileiro dos séculos XIX e XX*, Rubens Lacerda Loiola (Universidade Estadual do Piauí – UESPI) investiga a variação entre *acabar de* e *terminar de*, com aspecto terminativo, adotando o referencial teórico da Linguística Funcional Centrada no Uso. Este capítulo também

demonstra a flexibilidade e a evolução das construções verbais no português brasileiro que parecem desafiar o princípio da não sinonímia das formas gramaticais. É, assim, outro capítulo do livro que colabora para o estudo dos verbos em português brasileiro.

Em *Colocações com os verbos fazer e pôr: estudo a partir do corpus África*, Gildaris Ferreira Pandim (Université Paris 3 Sorbonne Nouvelle) focaliza, por sua vez, fraseologismos formados por verbos de estado, como *fazer* e *pôr*, em um *corpus* de outras variedades nacionais do português: o português dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP). O capítulo contribui para a compreensão do patrimônio linguístico-cultural do português através da descrição de fraseologismos que são relevantes para essas variedades como “fazer candonga”, “fazer machamba”, “pôr os mambos” e “pôr estigas”.

O capítulo *A preposição de e os neologismos com dias da semana: investigação de fenômenos linguísticos e propostas didático-pedagógicas centradas no uso*, de Arthur Neves Sousa Pereira, Ana Clara Nunes Brito e Valéria Viana Sousa (Programa de Pós-Graduação em Linguística / Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia) exploram uso da preposição *de* (como em “evento de milhões”) e neologismos relacionados aos dias da semana (como “domingou”) em memes, com base na Linguística Cognitiva, no Funcionalismo norte-americano e na Gramática de Construções. Em seguida, este capítulo evidencia a maneira como o ensino-aprendizagem pode se tornar mais relevante para os alunos quando se favorece uma compreensão mais dinâmica e contextualizada da língua na sala de aula.

Em *Palatalização da lateral alveolar /l/ no PB: de resultados empíricos a implicações fonológicas e ortográficas*, de Marilucia Oliveira (Programa de Pós-graduação em Letras / Universidade Federal do Pará – UFPA) e Izabel Maria Silva (Faculdade de Letras Modernas / Universidade Federal do Pará – UFPA), a palatalização da consoante /l/ é analisada, com foco em suas implicações fonológicas e sociolinguísticas. As autoras examinam o traço de continuância na líquida lateral /l/ e o impacto dessa variação na escrita, especialmente

entre falantes do Norte do Brasil que enfrentam dificuldades ao usar </> ou <lh>, até mesmo adultos com alto nível de escolarização.

No capítulo intitulado *Por uma introdução à história da gramática em língua francesa no Brasil*, Arielly de Assis Cruz, Sofia Perrone Medina, Natalia Ap. Bisio de Araujo e Leandro Silveira de Araújo (Universidade Federal de Uberlândia – UFU) oferecem uma análise introdutória sobre a elaboração de gramáticas de língua francesa, com ênfase nas abordagens teóricas da gramatização e da gramatocografia, bem como a identificação de obras que circulam em países francófonos e no Brasil em particular. Assim, este capítulo relaciona a investigação sobre preparação de gramática, ensino e formação da norma do francês no contexto brasileiro.

A fim de facilitar o acesso aos textos, cada capítulo vem acompanhado de um resumo ressaltando os principais pontos abordados em uma língua estrangeira. Fruto de valiosas contribuições no âmbito do projeto VariaR, os textos passaram por uma avaliação rigorosa de um comitê científico de especialistas. Agradeço profundamente a todos que realizaram *expertises* e a revisão da versão inicial de cada capítulo. É importante destacar que a versão final de cada texto reflete a responsabilidade intelectual exclusiva dos autores.

Estendo meus agradecimentos também à Universidade de Montpellier Paul-Valéry e à equipe de pesquisa ReSO (*Recherches sur les Suds et les Orients*: <https://reso.www.univ-montp3.fr/>) pelo apoio financeiro à publicação. Além disso, expresso minha gratidão ao programa de Pós-graduação em Letras Vernáculas (PPGLEV) da UFRJ pelo apoio nas atividades do projeto VariaR, que incluem o presente livro. Finalmente, agradeço ao estudante do Mestrado em Tradução da Universidade de Montpellier Paul-Valéry que contribuiu com a tarefa de revisão dos textos em francês e em inglês.

Uma excelente leitura!

*Vanessa Meireles,
Montpellier, novembro de 2024*

PRÉSENTATION

Vanessa Meireles

UPVM, ReSO

L'ouvrage *Variações linguísticas em línguas românicas : explorações contemporâneas / Variations linguistiques et langues romanes : Explorations contemporaines*, organisé par Vanessa Meireles, coordinatrice du projet franco-brésilien VariaR – Variation dans les langues romanes (<https://variawixsite.com/variawixsite>), en collaboration avec Marcia dos Santos Machado Vieira, compile des recherches provenant de diverses approches analytiques. Le livre rassemble des contributions qui explorent la variation linguistique dans les langues romanes, comprenant des descriptions et des analyses sur l'espagnol dans différentes communautés de locuteurs, le portugais dans ses différentes variétés au Brésil et en Afrique, le rôle de la mémoire lexicale impliquant des expressions variées à partir d'exemples de l'anglais et du portugais du Brésil et une comparaison entre le portugais et l'italien. Nous y retrouvons également des phénomènes phonologiques variables du portugais avec des implications pour l'orthographe, ainsi qu'une étude sur l'introduction des grammaires françaises au Brésil. La variation linguistique, dans ses multiples facettes – phonologique, morphosyntaxique, lexicale et/ou pragmatique-discursive – constitue le fil conducteur de tous les chapitres.

Le premier chapitre, *Pragmatic markers as social identity signals in contemporary colloquial Spanish* (Les marqueurs pragmatiques comme signaux d'identité sociale dans l'espagnol courant contemporain), de Renata Enghels (Université de Gand), examine le domaine de l'identité linguistique dans l'espagnol familier contemporain, à travers l'analyse de marqueurs pragmatiques tels que *sabes*,

nada, es que, en plan. À travers l'étude de corpus oraux, l'autrice explore comment les marqueurs pragmatiques peuvent varier en fonction de facteurs tels que l'âge, le genre et le contexte discursif, et comment ils évoluent et s'adaptent sous l'influence des changements dans les identités de genre et les conceptions des réseaux sociaux.

Dans le chapitre suivant, *Os marcadores metadiscursivos de controle de contato em uma variedade não-dominante do espanhol* (Les marqueurs métadiscursifs de contrôle de contact dans une variété non dominante de l'espagnol), Patricia Vanessa de Ramos (Angewandte Sprachwissenschaft, Romanistik / Universität Augsburg) s'intéresse également à un phénomène linguistique similaire en espagnol : les marqueurs métadiscursifs de contrôle de contact tels que *¿viste ?*, *¿no cierto ?*, *¿no ?*, *¿sí ?*, *¿entendés ?*, *¿me entendés ?* et *ponele*. À partir d'une analyse variationniste d'entretiens réalisés à Oberá-Misiones en Argentine, l'autrice montre que ces marqueurs fonctionnent comme des formules appellatives ou exhortatives, favorisant une interaction active avec l'interlocuteur.

Dans le chapitre *Three paradoxes of a lossless memory. Learning from an unpredictable input* (Trois paradoxes d'une mémoire sans perte. Apprendre à partir d'une entrée imprévisible), Konrad Szcześniak (Institute of Foreign Languages / Palacký University Olomouc) explore trois paradoxes de la mémoire humaine : (1) le paradoxe de l'oubli non utilisé, (2) le paradoxe de l'exposition unique, et (3) le paradoxe de la généralisation à partir de spécificités. L'auteur illustre, à l'aide d'exemples d'expressions linguistiques en anglais et en portugais du Brésil présentant une/des variation(s), comment ces paradoxes offrent une compréhension plus approfondie des processus d'apprentissage, de la consolidation de la mémoire lexicale et de la construction des représentations mentales.

Dans *Construção de concernência: retomada todo-parte e articulação textual* (Construction de concernance : reprise tout-partie et articulation textuelle), Marcos Luiz Wiedemer et Maria Eduarda

Oliveira da Silva (tous deux du Programme de Troisième Cycle en Lettres et Linguistique / Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ) s'intéressent à la construction grammaticale dite « de concernance », en s'appuyant sur la Grammaire des Constructions Basée sur l'Usage et l'Approche Socioconstructiviste. En se concentrant sur les micro-constructions « *no que diz respeito a* » ('en ce qui concerne'), « *no que se refere a* » ('en ce qui se réfère à'), « *no que tange a* » ('en ce qui touche à') et « *no que concerne a* » ('en ce qui concerne' ou 'concernant'), les auteurs utilisent des données extraites du corpus « *Corpus do Português* », sous échantillon *NOW*. Les résultats présentés offrent des éclairages importants sur le fonctionnement de cette construction dans le discours en portugais brésilien.

Dans le chapitre suivant, *Verbi sintagmatici: análise de uma confluência entre o italiano e o português à luz da Gramática de Construções* (*Verbi sintagmatici* : analyse d'une confluence entre l'italien et le portugais à la lumière de la Grammaire des Constructions), Joedson dos Santos Azevedo et Valéria Viana Sousa (Programme de Troisième Cycle en Linguistique / Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB) analysent les constructions des verbes à particule (VP) en portugais, en les comparant à celles de l'italien et de l'anglais, sous l'angle de la Grammaire des Constructions. À partir de l'analyse de corpus linguistiques en usage et en utilisant une approche qualitative et contrastive, les auteurs identifient des similitudes entre la construction étudiée en portugais et les *phrasal verbs* de l'anglais, ainsi que les *verbi sintagmatici* de l'italien.

Le chapitre intitulé *A diversidade linguística do português brasileiro: análise de construções com o verbo bater* (La diversité linguistique du portugais brésilien : analyse des constructions avec le verbe "*bater*"), de Cecília de Almeida Ribeiro et Valéria Viana Sousa (toutes deux du Programme de Troisième Cycle en Linguistique / Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB), offre une analyse synchronique des constructions avec le verbe *bater* dans le portugais brésilien. La recherche repose sur des données issues de

corpus oraux, incluant le portugais soutenu et un corpus de portugais populaire de Vitória da Conquista, dans l'État de Bahia au Brésil, ainsi que des corpus écrits provenant du réseau social X (anciennement Twitter). L'étude met en évidence la flexibilité du verbe *bater*, montrant comment il s'adapte aux nouvelles formes et fonctions dans les interactions quotidiennes des locuteurs.

Dans *Variação de aspecto terminativo no português brasileiro dos séculos XIX e XX* (Variation de l'aspect terminatif dans le portugais brésilien des XIXe et XXe siècles), Rubens Lacerda Loiola (Universidade Estadual do Piauí – UESPI) étudie la variation entre *acabar de* et *terminar de*, avec un aspect terminatif, en adoptant la perspective théorique de la Linguistique Fonctionnelle Basée sur l'Usage. Ce chapitre démontre également la flexibilité et l'évolution des constructions verbales en portugais brésilien, qui semblent défier le principe de la non-synonymie des formes grammaticales. Il constitue ainsi un autre chapitre important pour l'étude des verbes en portugais brésilien.

Dans *Colocações com os verbos fazer e pôr: estudo a partir do corpus África* (Les collocations avec les verbes *fazer* (faire) et *pôr* (mettre) en portugais : études à partir du corpus Africa), Gildaris Ferreira Pandim (Université Paris 3 Sorbonne Nouvelle) se concentre, quant à elle, sur les phraséologismes formés par des verbes d'état, comme *fazer* et *pôr*, dans un corpus d'autres variétés nationales du portugais : le portugais des Pays africains de langue officielle portugaise (PALOP). Le chapitre contribue à la compréhension du patrimoine linguistique et culturel du portugais à travers la description des phraséologismes qui sont pertinents pour ces variétés, tels que « *fazer candonga* », « *fazer machamba* », « *pôr os mambos* » et « *pôr estigas* ».

Le chapitre *A preposição de e os neologismos com dias da semana: investigação de fenômenos linguísticos e propostas didático-pedagógicas centradas no uso* (La préposition « *de* » et les néologismes liés aux jours de la semaine : étude des phénomènes

linguísticas et propositions didactiques et pédagogiques basées sur l'usage), de Arthur Neves Sousa Pereira, Ana Clara Nunes Brito et Valéria Viana Sousa (Programme de Troisième Cycle en Linguistique / Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB), explore l'usage de la préposition *de* (comme dans « *evento de milhões* ») et des néologismes liés aux jours de la semaine (comme « *domingou* ») dans les *mêmes*, en s'appuyant sur la Linguistique Cognitive, le Fonctionnalisme américain et la Grammaire des Constructions. Ce chapitre met en évidence la manière dont l'enseignement-apprentissage peut devenir plus pertinent pour les étudiants lorsqu'on privilégie une compréhension plus dynamique et contextualisée de la langue en classe.

Dans *Palatalização da lateral alveolar /l/ no PB: de resultados empíricos a implicações fonológicas e ortográficas* (Palatalisation de la latérale alvéolaire /l/ dans le portugais brésilien : des résultats empiriques aux implications phonologiques et orthographiques), de Marilucia Oliveira (Programme de Troisième Cycle en Lettres / Universidade Federal do Pará – UFPA) et Izabel Maria Silva (Faculté des Lettres Modernes / Universidade Federal do Pará – UFPA), la palatalisation de la consonne /l/ est analysée, en se concentrant sur ses implications phonologiques et sociolinguistiques. Les autrices examinent la caractéristique de continuité dans la consonne liquide latérale /l/ et l'impact de cette variation sur l'écriture, en particulier chez les locuteurs du Nord du Brésil qui rencontrent des difficultés à utiliser <l> ou <lh>, même parmi les adultes ayant un niveau d'éducation élevé.

Dans le chapitre *Por uma introdução à história da gramática em língua francesa no Brasil* (Pour une introduction à l'histoire de la grammaire de la langue française au Brésil), d'Arielly de Assis Cruz, Sofia Perrone Medina, Natalia Ap. Bisio de Araujo et Leandro Silveira de Araújo (Universidade Federal de Uberlândia – UFU), une analyse introductive sur l'élaboration des grammaires de la langue française est proposée, en mettant l'accent sur les approches

théoriques de la grammatisation et de la grammaticographie, ainsi que sur l'identification des ouvrages circulant dans les pays francophones et particulièrement au Brésil. Ce chapitre relie ainsi la recherche sur la grammaire à l'enseignement et à la formation de la norme du français dans le contexte brésilien.

Afin de faciliter l'accès aux textes, chaque chapitre est accompagné d'un résumé mettant en lumière les points principaux abordés dans une langue étrangère. Fruit de précieuses contributions dans le cadre du projet VariaR, les textes ont fait l'objet d'une évaluation rigoureuse par un comité scientifique d'experts. Je remercie profondément tous les membres du comité ayant réalisé des expertises et effectué la révision de la version initiale de chaque chapitre. Il est important de souligner que la version finale de chaque texte reflète la responsabilité intellectuelle exclusive des auteurs.

J'adresse également mes remerciements à l'Université de Montpellier Paul-Valéry et à l'équipe de recherche ReSO (Recherches sur les Suds et les Orients) pour leur soutien financier à la publication de cet ouvrage. De plus, j'exprime ma gratitude au programme de Troisième Cycle en Lettres Vernacules (PPGLEV) de l'UFRJ pour le soutien aux activités du projet VariaR, y compris la publication de ce livre. Enfin, je remercie l'étudiant de l'UPVM qui a contribué à la relecture des textes en français et en anglais.

Une excellente lecture !

*Vanessa Meireles,
Montpellier, novembre 2024*

1

Renata Enghels

PRAGMATIC MARKERS AS SOCIAL IDENTITY SIGNALS IN CONTEMPORARY COLLOQUIAL SPANISH

DOI: [10.31560/pimentacultural/978-85-7221-339-4.1](https://doi.org/10.31560/pimentacultural/978-85-7221-339-4.1)

ABSTRACT

*This paper examines the fascinating realm of linguistic identity in contemporary colloquial Spanish, through the analysis of pragmatic markers. It investigates how these markers, present in everyday discourse, may reflect the complex social interactions that shape spoken Spanish today. Through a comprehensive examination of oral corpora such as the Corpus Oral de Madrid (CORMA) and the Corpus Oral de Lenguaje Adolescente (COLAm), it is revealed how markers like *sabes* 'you know', *nada* (lit. 'nothing') 'well', *es que* 'it is that', or *en plan* 'like' act as distinctive signals of belonging to different linguistic communities. Specifically, it explores how these pragmatic markers can vary according to factors such as age, gender, and discourse context. Additionally, the study adopts a diachronic perspective, and aims at providing a deeper understanding of how linguistic identity signals are in constant evolution and adaptation. It is shown that the social indexical meanings of the above-mentioned pragmatic markers are influenced by changing gender identities and conceptions of a social network.*

Keywords: *Pragmatic markers; Social indexicality; Colloquial Spanish; Youth language; Recent language change; Apparent-time analysis.*

1. INTRODUCTION

This paper explores the role of social indexicality in the use of four pragmatic markers in contemporary Madrilénian Spanish. This investigation takes as its point of departure the fundamental principle that language serves as a medium for speakers to manifest their identity and societal roles, as Mills (2012, p. 8) clearly formulates:

one's identity and role is constituted in language. You perform that identity in negotiation with other people, drawing on the language resources of the society as a whole. [...] In short, individuals are positioned in and through the language and discursive resources available within a particular society.

The forthcoming analysis hinges on the concept of social indexicality, which posits that linguistic signs are imbued with social meaning within specific linguistic, social, and cultural communities. This concept, elaborated by Blommaert (2005), Coupland (2007) and Silverstein (2003, 2009) amongst others, posits that the context of linguistic signs is an integral part of their meaning, aligning seamlessly with the tenets of functional linguistic theories. Specifically, it explores how certain social attributes, such as gender, age, social status or ethnicity, are not merely expressed but 'staged' and 'performed' within conversational dynamics. These linguistic manifestations then contribute to the characterization or even 'stylization' of individual social personae or groups. Over time, these features are embraced and/or modified by the group, fostering a sense of belonging among members of the 'in-group' and delineating boundaries to distinguish 'outsiders.' Ghezzi (2024, p. 160) further elaborates on the notion that specific elements of discourse are akin to personal aesthetic choices such as dressing or hairstyle. She posits that discourse style, understood as the speaker's capacity to modulate and diversify language patterns during interaction, belongs to a broader framework of social meaning that encompasses other stylistic dimensions.

This implies that linguistic choices, when associated with certain styles of dressing or other social conduct, have the power to evoke and establish social identities, even in the absence of additional contextual indicators.

Against this background, the research question guiding the present analysis examines the extent to which selected pragmatic markers convey social meaning within the context of contemporary Spanish discourse. Pragmatic markers play an important role in the intricate construction of discursive relationships as described. The definition and terminology of these items are complex and widely debated matters. In this study, I adopt the definition by Brinton (1996, 2008) and Fraser (1999, p. 950), which characterizes pragmatic markers as highly multifunctional linguistic elements with a core procedural meaning that is not truth-conditional, and whose specific interpretation is contextually negotiated. Pragmatic markers are frequently used in spontaneous conversational contexts that embody naturalness and friendliness thereby facilitating 'friendly sociability.' Hence they play an important role in the application of social indexicality, as discussed by Beeching (2016, p. 4). Existing literature has indeed revealed sociolinguistic variability in the use of these markers (Lakoff, 1973; Tannen, 1994; Holmes, 2000; Andersen, 2001; Erman, 2001; Silva-Corvalán, 2001; Newman, 2008, amongst others). Nevertheless, there appears to be a gap in empirical research that systematically examines and compares a range of pragmatic markers in present-day Spanish against the backdrop of social indexicality theory.

Moreover, pragmatic markers are also particularly interesting objects for the study of linguistic change. Overall, lexical and discourse/pragmatic features are not very stable and easily undergo rapid changes within communities and across time. In this regard, many studies have examined pragmatic markers through the lens of grammaticalization, and some alternative theories such as pragmatization or constructionalization. However, the historical diffusion of these markers is particularly intricate: as their use can be highly

influenced by the prevailing cultural and intellectual spirit of the times ('Zeitgeist') (Niedzielski; Preston, 2000; Ghezzi, 2024), they can emerge quite suddenly, as 'hype phrases', but fade just as quickly as societal trends shift. Moreover, as they can also be emblematic of a specific life stage (Borreguero Zuloaga, 2020), their use in an individual's speech may not remain constant throughout his/her lifetime either. Despite this, there appears to be a scarcity of comparative research that empirically tracks the variable use and diffusion of pragmatic markers (henceforth PMs) both over time and across the lifespan of speakers.

Building upon these observations, this paper focuses on four main research questions:

- To what extent do PMs contribute to the expression of the social identity of speakers in contemporary colloquial Spanish?
- Is this relationship stable or subject to changes in the Zeitgeist of Spain in the course of the 21st century?
- Can it empirically be verified whether the relationship between a PM and its social meaning is stable throughout the speaker's life, or whether it is subject to age-grading?
- What types of PMs are more variable or stable throughout time, and how can this be explained?

The remainder of the paper is organized in the following manner. Section 2 reviews the relevant literature on pragmatic markers and social indexicality, providing a theoretical foundation for the study. Section 3 outlines the methodology, including the corpora used and the parameters that will be analysed. Section 4 presents the results of the analysis, highlighting patterns of pragmatic marker use across different sociolects. Section 5 discusses the implications of these findings, particularly in relation to parameters of linguistic change. Finally, Section 6 concludes the paper by summarizing the key findings and suggesting directions for future research.

2. BACKGROUND: SOCIAL INDEXICALITY THEORY AND PRAGMATIC MARKERS

2.1. SOCIAL INDEXICALITY

The concept of social indexicality has become especially significant within the framework of Third Wave Cognitive Sociolinguistics, which embraces a dynamic perspective on linguistic variation and assigns an active role to the speaker (Kristiansen; Dirven, 2008; Geeraerts; Kirstiansen; Peirsman, 2010; Eckert, 2012; Jaffe, 2016; Nielsen; Sansiñena, 2024). Consequently, linguistic variation is understood as an indexical instrument through which speakers enact certain attributes, qualities, and positions, forming a network of identity meanings (cf. *supra* Section 1). The semiotic interpretation of an indexical sign depends on the style manifested by a speaker, which involves an array of semiotic resources of which the linguistic index is only a small part (e.g. Eckert, 2000; Coupland, 2007). The speaker's agentivity implies that the more or less conscious selection of linguistic signs not only reflects social characteristics, but also actively creates social reality.

A key element of the theory involves the distinction of different levels or orders of indexicality (Silverstein, 2003; Agha, 2006). The first-order of indexicality pertains to the connection between a linguistic sign and one or more socio-situational variables, based on observation of linguistic data. Second-order indexicality goes beyond mere observation and involves an evaluation of the association between linguistic signs and speaker groups. This perceptive reflection attributes qualitative characteristics to the users of the given index, such as 'uneducated' or 'relaxed.' It is at this second level of indexicality that linguistic signs are baptized as identity markers of the in-group, through which users associate themselves with

the attributes identifying the group to which they belong or wish to belong. These indexicalities can lead to ideological evaluations that circulate within the linguistic community. Thus, the index becomes 'emblematic' of a social group, meaning it is widely recognized within the linguistic community as an index of a specific social 'persona' (cf. among others Silverstein, 2003). To become emblems, signs undergo a process of 'enregisterment,' through which "signs become recognized (and regrouped) as belonging to distinct, differentially valorised semiotic registers by a population" (Agha, 2006, p. 81). As stereotyped linguistic characteristics of a particular social persona, emblems often serve as objects of stylizations, and appear in media, parodic representations of linguistic styles or metapragmatic discourse (Kiesling, 2004; Bucholtz, 2009; Johnstone, 2016). In summary, these orders of indexical meaning highlight the speakers' ability to recognize and consciously select linguistic devices to project particular social identities. In line with the objective to reveal the social meaning of PMs in Spanish, I will trace possible differences in the indexical order in which the variants create social meaning.

2.2. PRAGMATIC MARKERS UNDER SCRUTINY: *SABES* 'YOU KNOW', *NADA* 'WELL', *ES QUE* 'IT IS THAT' AND *EN PLAN* 'LIKE'

Before starting the discussion, it must be acknowledged that providing a comprehensive overview of all pragmatic markers in contemporary Spanish is beyond the scope of this paper. As an alternative, its goal is to present hypotheses and provisional conclusions derived from the longitudinal analysis of two selected markers, specifically *nada* (1a), and *sabes* (1b) that have been the focus of extensive study by the author of this paper and colleagues in recent years (Enghels, 2018; Enghels; Tanghe, 2019; Azofra; Enghels, 2017, 2022; Enghels; Azofra, 2018, 2024; Enghels; Roels, 2024). Whenever relevant, the data will be compared with additional information on the markers *en plan* (1c) and *es que* (1d) whose profiles are currently

still under examination (De Smet; Enghels, 2020; Van Den Driessche; Enghels, 2025)¹. Through this focused approach, I aim to shed light on the dynamic nature and evolving usage of these PMs within the Spanish language.

- (1) a. MS2M6 ¿Qué pasó en Biología? ('What happened in biology class?')
- MS2M5 **Pueh nada**, en Biología que me ha regaña'o la profe [...] ('Well, in Biology, the teacher scolded me...')
- b. 1M1 Están en obras. No y ('They are under construction. No and-')
- 3F1 es que ya no fac hasta que no nos paguéis no os vamos a facturar más **sabes** porque estos son facturas de enero y de febrero. ('It's just that we won't invoice you anymore until you pay us *you know*, these are invoices from January and February.')
- c. FP2F1 pongo emoticonos y eso. Y los emoticonos los dice Siri **en plan** <corazón rojo con>, ¿sabes? ('I use emoticons and stuff. And Siri says the emoticons *like* <red heart with>, you know?')
- d. IR2F13 ¡Qué dices! Bueno **es que** yo no tengo Netflix, o sea, a mí me lo prestan. ('What are you saying? *Well, it's that* I don't have Netflix, I mean, they lend it to me.')

1 In concrete, quantitative data regarding the productivity of these markers across various social groups are already available, whereas the detailed, labour-intensive, and time-consuming functional analysis is still ongoing.

The four pragmatic markers under examination exhibit a wide array of specific micro-functions, yet all operate in the interpersonal or metadiscursive domain, or, in accordance with the principle of syntagmatic polyfunctionality (e.g. López Serena; Borreguero Zuloaga, 2010, p. 445), in both at the same time. As will be shown throughout the analysis (cf. *infra* Section 3), some markers underscore the interpersonal dimension, whereas others emphasize the metadiscursive pole. On the one hand, under the umbrella of interpersonal macro-functions, they all perform modal, expressive, or appellative roles, predominantly directed towards the interlocutor. In terms of attenuation, these markers contribute to the shaping of politeness strategies within the discourse, oriented towards avoiding or minimizing potential conflicts, and reducing illocutionary force. This attenuation can be intersubjective, focusing on the interlocutor's perceptions and/or image, or subjective, centring on the speaker's desire to protect his/her own image (cf. *infra* Section 3.2.1 for more detailed information on this concept). On the other hand, when fulfilling a metadiscursive function, the markers facilitate the structural organization of discourse, by signalling the beginning, continuation or closing of a speaker's turn, and effectively managing the flow of conversation. All four markers are also frequently used as filler particles, and can be used for argumentative or explanatory functions.

Given its focus on the central topic of social indexicality, the analysis of the variable use of PMs according to the speakers' profiles will constitute the most comprehensive part (Section 3). However, for the exploration of language dynamics and change, two additional case studies, albeit more succinct are also integrated (Section 4). In concrete, the four central research questions (as mentioned in Section 1) will be tackled each through an adequate methodological strategy. The analysis of social indexicality linked to PMs will be conducted via a comprehensive analysis of the CORMA corpus (cf. *infra* Section 3.1). To examine the influence of the *Zeitgeist* on their evolutionary trajectory, I will undertake a micro-diachronic study and compare data

from the second decade of the 21st century with information based on COLAm, a corpus collected at the turn of the century (cf. *infra* Section 4.1). Addressing the issue of stability versus ‘age-grading’ in the use of PMs will involve employing the apparent-time principle as an analytical framework (cf. *infra* Section 4.2). Finally, the question of whether the inherent nature of the PM dictates its evolutionary path will be informed by a conclusive synthesis of these different datasets (cf. *infra* Section 5).

While there are numerous features of PMs that can be explored, such as their variable position within discourse or collocational preferences, this study will concentrate on two aspects that may signal linguistic evolution. Firstly, I will analyse the frequency of occurrence for each marker, which reflects their changing productivity across different social cohorts or over periods of time (e.g. Zeldes, 2012 amongst others). Secondly, I will investigate the distributions of the pragmatic functions, which may shed light on varying and/or shifting communicative needs within discourse.

3. PRAGMATIC MARKERS AS SOCIAL INDICES IN PRESENT-DAY SPANISH

3.1. CORPUS CORMA

The Corpus Oral de Madrid (CORMA) aims to document spontaneous conversational Spanish as it is used in present-day Madrid². Developed by the Spanish linguistics team at Ghent

2 For a detailed and comprehensive description of the development and composition of the corpus, please consult Enghels; De Latte; Roels (2020). Access to the dataset can be obtained through www.corma.ugent.be.

University in collaboration with the UNED, CORMA is a collection of spontaneous oral interactions recorded in everyday life, thus providing a 'direct' approach to colloquial language, in contrast to indirect oral corpora (such as CREA or CORPES XXI oral) (Briz, 2012). Data collection was carried out in three field campaigns between 2016 and 2019, covering a heterogeneous group of Madrid speakers in the first campaign, and focusing on the representation of the second generation (i.e., adolescents) in subsequent campaigns. The transcription of these recordings was carried out by native Spanish speakers using Praat. To protect privacy, all identifying data of the participants were pseudonymized, including personal names and place names that could lead to their identification. It consists of 106 conversations among 485 Madrid speakers, resulting in 57 hours of recording and 469.860 transcribed words.

CORMA is characterized by its diversity, representing linguistic conversations in everyday activities with a wide range of situational and sociolinguistic variation. This includes participants of both genders (levels: male, female, unknown), various generations (levels: GEN1 (0-11 years), GEN2 (12-25 years), GEN3 (26-55 years), GEN4 (+55 years), unknown), and socio-cultural levels (levels: middle-upper, lower, unknown)³, in oral and spontaneous conversations involving cooperative and dynamic dialogues (levels: family, friends, acquaintances, customer services). Table 1 presents the distribution (in relative frequencies (= %)) of these variables and their respective levels within the dataset.

3 Social class is one of the most complex sociolinguistic parameters to identify and delimit. In the CORMA corpus, we have primarily relied on the socio-cultural level of the residential neighbourhood to determine the socio-cultural level of the participants. The characteristics taken into account are as follows: average income, unemployment rate, foreign population, education level, youth rate, and elderly rate. Based on these criteria, the northern districts of Madrid are considered to be more of the middle-upper classes, and the southern ones are of the lower classes. Unfortunately, due to the semi-secret recording technique, for many participants we do not have personal data.

Table 1 - Distribution of variables within the CORMA corpus⁴

communicative setting		speaker's profile					
		age		gender		socio-cultural class	
family	8,9%	GEN1	2,7%	female	68,1%	middle-upper	35,2%
friends	51,6%	GEN2	42,8%	male	31,8%	lower	22,2%
acquaintances	6,3%	GEN3	30,3%	unknown	0,1%	unknown	42,6%
customer services	33,2%	GEN4	22,5%				
		unknown	1,7%				

Source: Author.

Considering its composition, CORMA not only provides a rich source of data for the study of contemporary colloquial Spanish but also offers a framework for analysing PMs and their function in an authentic and varied linguistic context. With its focus on everyday interactions and the wide range of speakers involved, it is ideal for studying the function and use of PMs in different situational contexts. Additionally, the detail of the transcriptions facilitates a deep understanding of the pragmatic nuances and contextual variability of the markers, even for managing interpersonal relationships such as politeness, attenuation, and other pragmatic aspects of discourse.

In concrete, for this study all instances of the four PMs were extracted from CORMA. This yielded the token frequencies and normalized frequencies (number of tokens calculated per 10.000 words in the corpus) as displayed in Table 2.

⁴ The attentive reader will observe that the distribution of levels across different variables is not uniformly balanced. For instance, the data skew towards GEN2, though GEN3 and GEN4 are also significantly represented. In terms of gender, the corpus exhibits a notable predominance of female speech. In order to address this imbalance during the analyses, I will refer to normalized frequencies per level.

Table 2 - (normalized) token frequencies of the PMs in CORMA

	token fq	normalized token fq
<i>nada</i>	207	4,5
<i>sabes</i>	715	15,5
<i>en plan</i>	643	13,1
<i>es que</i>	4365	91,2

Source: Author.

To examine the extent to which the observed PMs contribute to the expression of social identity by speakers of contemporary colloquial Spanish (Research Question 1, cf. supra Section 1), the following section investigates whether there is a significant distribution of these markers across the social dimensions previously defined.

3.2. RESULTS

3.2.1. PMs and socio-cultural class

The analysis opens with the dimension that arguably presents the greatest challenge in definition, namely the socio-cultural class of the speaker. The starting point is that language varies among individuals from diverse socio-cultural backgrounds. In general, to my knowledge, there is rather limited information in the literature regarding the relationship between different social classes and the use of specific PMs. The study by Andersen (2001) is an exception; it notes, for example, that the English marker *like* is a typical feature of upper-class speech. Still, it is possible to formulate some expectations through the concepts of politeness and attenuation. The literature shows an association between middle-upper classes and the use of standard variants and more politeness strategies, in contrast to middle-lower classes (Landone, 2009; Mills, 2017 amongst oth-

ers). Based on this broad characterization, the following hypothesis can be formulated: It may be that attenuating uses of the markers are less prevalent among speakers from the lower socio-cultural class, who typically exhibit a more direct style of communication. Correspondingly, it is possible that within this group, the markers are employed more frequently to convey metadiscursive functions.

Table 3 displays the absolute (fq) and normalized (fq_n) token frequencies of the markers across different socio-cultural classes⁵.

Table 3 - Frequency distribution by socio-cultural class

	<i>nada</i>		<i>sabes</i>		<i>es que</i>		<i>en plan</i>		overall	
	fq	fq _n	fq	fq _n	fq	fq _n	fq	fq _n	total	average fn
middle-upper	103	6,3	188	11,5	1594	95,9	280	16,9	2165	32,6
lower	27	2,6	250	24,4	1007	97,4	193	18,7	1477	35,8

Source: Author.

The data show a modest difference in the overall use of PMs between the two social groups, revealing a slightly higher average normalized frequency in the lower socio-cultural class (fq_n=35,8) compared to the higher socio-cultural class (fq_n=32,6). When we look at the data in more detail, we observe a significantly differentiated profile for two markers, namely *nada* and *sabes*. Indeed, *nada* seems to be a feature more typically observed in the middle-upper sociolect (fq_n=6,3), whereas the use of *sabes* is predominant in the speech of the lower classes (fq_n=24,4). Conversely, the use of the markers *es que* and *en plan* is more consistent across different socio-cultural

5 It is important to acknowledge that the analysis is restricted to forms for which we possess sociolinguistic information, which may result in a reduced total count of examples. Moreover, for each level the normalized frequency of occurrence was calculated per 10.000 words emitted by a particular group in the corpus, for instance: given that there is a total number of 162.888 words pronounced by speakers of the middle-upper class and 102.593, by the lower class, the normalized frequencies are calculated as follows, respectively: (103/162.888)*10.000 and (27/102.593)*10.000. This strategy levels out the results of imbalanced distributions within the corpus.

backgrounds ($\chi^2=5,68$; $p > 0,001$; Cramer's $V = 0,144$, pointing towards an overall non-significant correlation and a low association)⁶.

Next, these quantitative differences prompt a further analysis into whether the different social classes use the markers for distinct pragmatic purposes, especially in the case of the markers with a significant varying productivity. While a detailed discussion is beyond the scope of this paper (see Azofra; Enghels, 2022; Enghels; Azofra, 2024), in the case of *nada* it is relevant to differentiate between two types of attenuation: pragmatic attenuation, where the marker serves to mitigate the speech acts, and semantic attenuation, where it is introduced to reduce the propositional value of a statement, thereby conveying reality more vaguely. In (2a) *nada* conveys a function of pragmatic attenuation, as the speaker aims to protect the interlocutor's image trying to alleviate her concern about a possible delay. In (2b, example (1a) repeated here for the reader's convenience) when using *nada* with a function of semantic attenuation, the speaker minimizes the significance of what he is going to say, presenting it as self-evident. As was mentioned before (supra Section 2), *nada* also assumes metadiscursive roles, such as changing the topic of conversation (2c), and it is commonly used as a filler particle (2d).

- (2) a. AM3F3 No te preocupes ('Don't worry')
 INV3AMF1 Volvemos dentro de veinte minutos ('We
 come back in 20 minutes')
 AM3F3 Veinte minutos ('Twenty minutes')

6 Given that the research question is about the typicality or likelihood of use of the four PMs under the controlled condition of unit of speech, the measures are calculated based on the normalized frequencies. Although the results point to non-significance, it is interesting to report the standardized residuals (SR) which confirm a slight overuse of *sabes* in the speech of the lower class (+1,3) and overuse of *nada* in the middle-upper class (+ 0,98), although high significance is observed beyond the level of 2. Given that the statistical tests point towards an overall picture of low significance, the standardized residuals are not displayed in a more detailed heat map, as is done in Figure 1 below.

- AM3F4 Veinte minutos ('Twenty minutes')
- AM3F3 Venga, (()), venga, **nada** ('come on, come on, well/okay')
- b. MS2M6 ¿Qué pasó en Biología? ('What happened in biology class?')
- MS2M5 **Pueh nada**, en Biología que me ha regaña'o la profe [...] ('Well, in Biology, the teacher scolded me...')
- c. VY2F8 ¿Está cerrada? ah no ('Is it closed? Ah no')
- VV2M9 Está open ('It's open')
- VY2F8 Ahora bajo no tardo ('I come down, I won't be long')
- VV2M8 Is open Let's go. ('It's open, let's go')
- VV2F7 **Pues nada**, yo este fin de semana a Fortnite vosotros seguramente al Minecraft. ('Well, I'll be playing Fortnite this weekend, while you all are probably going for Minecraft.')
- d. AM4M1 El niño, yyyy y laaaa- Y la nieta de mi suegra, la mayor- Tenían que entrar con las jarras [...] ('The boy, yyyy, and laaaa- And my mother-in-law's eldest granddaughter- Had to enter with the jugs')
- F41 Ya veh tú ('you see.')
- AM4M1 **Y nada**, muy bien. Luego vimoh a la mi herma-, ehhhh- Lah doh, lah mellizas de mi hermana, se pa'ecen muchísimo. ('And well, all good. Later, we saw my, uh, the two, the twins of my sister, they really look alike.')

Table 4 compares the distribution of the functions of *nada* in both socio-cultural classes. The Chi-Square Test of Independence suggests that there is no significant association ($\chi^2=2,5$; $p > 0,001$) between both variables.

Table 4 - Distribution of functions of *nada* by socio-cultural class⁷

	<i>pragmatic At</i>		<i>semantic At</i>		<i>metadiscursive</i>		<i>filler</i>	
	fq	%	fq	%	fq	%	fq	%
middle-upper	23	17,4	44	33,3	15	11,4	50	37,9
lower	9	30	9	30	3	10	9	30

Source: Author.

Let us now direct our attention to the PM *sabes* which, as substantiated in earlier research (e.g. Azofra; Enghels, 2017, p. 122; Enghels; Azofra, 2018; Enghels; Roels, 2024, p. 83), fulfils three (closely related) macro-functions: it acts interpersonally to confirm the interlocutor's knowledge or call upon his or her attention (example (3a) previously mentioned as (1b)); it conveys modal nuances, often expressing emphasis and personal emotions and opinions (3b); and it serves a metadiscursive role in structuring discourse and signalling continuation (3c).

- (3) a. 3F1 es que ya no fac hasta que no nos paguéis no os vamos a facturar más **sabes** porque estos son facturas de enero y de febrero. ('I won't invoice anymore until you pay us *you know* because these are invoices for January and February.)

7 Note that the table contains only data for which the function could be clearly determined; ambiguous cases have not been included.

- b. AM2F1 No quería hacer grafiti, quería haceer, en plaan, gra- eh arte urbano que cambiara mentes, ¿**sabes**? Queríaa (()) la gente, ¿**sabes**? ('I didn't want to do graffiti; I wanted to, like, create urban art that changes minds, *you know*? I wanted to (()) people, *you know*?')
- c. AM2F1 Yo me quiero hacer un boceto- de un gitano con los ojoos- Así, (()) en plan todo con quecos, **sabes**, en plan... ('So, (()), like everything with quecos, *you know*, like...')

Table 5 examines the variance in the functional usage of *sabes* across the two socio-cultural classes. Again, the Chi-Square Test of Independence suggests that there is no significant association ($\chi^2=4,46$; $p > 0,001$) between both variables.⁸

Table 5 - Distribution of functions of *sabes* by socio-cultural class

	<i>interpersonal</i>		<i>personal/modal</i>		<i>metadiscursive</i>	
	fq	%	fq	%	fq	%
middle-upper	26	13,8	51	27,1	111	59,1
lower	51	20,4	52	20,8	147	58,8

Source: Author.

3.2.2. PMs and age

The second dimension considers linguistic practices as expressions of identity related to age and generational cohort

8 A more comprehensive analysis of how the macro-functions of *en plan* and *es que* are distributed among various socio-cultural groups is currently underway (Van Den Driessche; Enghels, accepted). However, preliminary findings also suggest a lack of significant correlation.

membership. The relevant literature indicates that children as members of GEN1 are in a linguistic acquisition phase, characterized by specific language development processes. Adults in GEN3 utilize standard language more frequently, possibly influenced by professional demands and other situational factors. Additionally, speakers of GEN4 are known for maintaining more traditional linguistic structures and conservatism (Holmes, 1992; Labov, 1994; Eckert, 1997, among others). Recent years have seen a focus particularly on the language used by adolescents of GEN2, a period defined as critical as it aligns with their growing independence from school norms and parental influence. During this time, young speakers form their social networks and develop a distinct linguistic style characterized by significant variability. In concrete, two features commonly associated with youth language, relevant to the analysis of PMs, are identified: (a) in an effort to express their 'counter-culture', adolescents develop a unique lexicon; and (b) their communicative style is typically very direct, expressive, and engaging, although sometimes with a lack of precision (Stenström; Andersen; Hasund, 2002; Stenström, 2014; Gavilanes; Cianza, 2021, among many others).

The observed characteristics lead to the formulation of the following hypotheses concerning the use of the PMs:

- The most widely used markers overall will be employed less frequently by the adolescents of GEN2 compared to other age groups;
- Due to their rather direct and expressive speech style, GEN2 may use PMs less for attenuation purposes and more for metadiscursive values, including as filler particles.

Table 6 displays the absolute (f_q) and normalized (f_{q_n}) token frequencies of the markers across different age groups.

Table 6 - Frequency distribution by age

	<i>nada</i>		<i>sabes</i>		<i>es que</i>		<i>en plan</i>		overall	
	fq	fq _n	fq	fq _n	fq	fq _n	fq	fq _n	total	average fn
GEN1	2	1,5	3	2,2	119	87,2	0	0	124	30,3
GEN2	69	3,5	502	25,2	1941	97,3	634	31,8	3146	39,5
GEN3	103	7,2	187	13,1	1488	104,4	6	0,4	1794	31,2
GEN4	29	2,7	17	1,6	742	69,8	2	0,2	790	18,6

Source: Author.

The data reveal that speakers from GEN2 exhibit the highest overall frequency of pragmatic marker usage (fq_n=39,5), whereas GEN4 shows the lowest (fq_n=18,6), with the frequencies of other generations varying between these two extremes. Interestingly, the Chi-Square Test of Independence ($\chi^2=87,63$; $p < 0,001$) and Cramer's V (=0,255) indicate that there is a significant correlation between the productivity of a particular PM and the age of the speaker. The data in Table 6 as well as the heatmap of the Standardized Residuals (SR) in Figure 1 show the following tendencies:

- The marker *sabes* is overused by speakers of GEN2 compared to other generations (fq_n=25,2; SR= + 2,7);
- As to its frequency of use, *nada* displays less variability, but still we observe a moderate overuse by speakers of GEN3 (fq_n=7,2; SR= + 1,5);
- The marker *es que* is underused in GEN2 (SR= -2,6), compared to other items and other generations;
- The marker *en plan* shows a highly significant overuse in GEN2 (SR= +6), compared to other generations.

Figure 1 - Heatmap of the Standardized Residuals showing the relationship between the frequency of use of each PM per generation



Source: Author.

These findings support the idea that the PMs are indeed markers of social indexicality, with different preferences across generations. Specifically, the data confirm the hypothesis that GEN2 shies away from using widely spread markers, instead favouring markers unique to its own in-group. A possible first explanation for this behaviour relates to the second working hypothesis mentioned above, namely that GEN2 may use PMs less for attenuation purposes and more for metadiscursive values, and thus have no need to use markers such as *nada*, commonly linked with attenuation. Jørgensen (2019, p. 4) supports this view of limited use of attenuating language, suggesting that it stems from the nature of relationships among young people, which are typically very informal and direct, featuring specific politeness strategies. This hypothesis can only be explored through an extensive analysis of attenuation and politeness strategies in adolescents' speech, a study that exceeds the boundaries of

this paper. Still, it is feasible to examine whether GEN2 employs these markers with similar or distinct functions overall. First, Table 7 shows the distribution of the functions of *nada* per age group.

Table 7 - Distribution of functions of *nada* by age

	<i>pragmatic At</i>		<i>semantic At</i>		<i>metadiscursive</i>		<i>filler</i>	
	fq	%	fq	%	fq	%	fq	%
GEN1	-	-	2	100	-	-	-	-
GEN2	19	27,5	16	23,2	9	13	25	36,2
GEN3	27	26,7	16	15,8	17	16,8	41	40,6
GEN4	10	34,5	5	17,2	3	10,3	11	37,9

Source: Author.

Upon examining these data, we observe no significant differences as to the functions for which different generations utilize the marker (as confirmed by $\chi^2 = 2,27$; $p > 0,001$). More specifically, across age groups the proportion of cases involving attenuation is very similar – and even slightly higher – in the speech of GEN2. This indicates that the variant of *nada* used by younger individuals does not differ from that produced by adults.

As a result, a different type of explanation is needed, based on the innovative character of youth language. As previously mentioned, the younger generation actively seeks to differentiate themselves linguistically from their parents and teachers. This differentiation is exemplified by the adoption of unique linguistic markers such as *en plan*, which not only serves as a distinct feature of their communication style but also carries an attenuating function (Borreguero Zuloaga, 2020; De Smet; Enghels, 2020). To illustrate, in (4), the adolescent FP2M4, by attenuating his commitment to what is stated, first by *en plan*, and again by *sabes*, suggests that the content of his statement is merely approximate or not entirely certain, a strategy that allows him to shield himself from potential criticism or adverse responses from their interlocutors.

- (4) FP2M4 Aprendes mucho y te gusta la cuestión portuaria. Yo no la conocía y me parece la hostia. Pero ¿Cómo son ellos? **En plan**, son súper cercanos y hay un montón de confianza, **sabes**. ('You learn a lot and you like the port issue. I didn't know about it and it seems awesome. But what are they like? *I mean*, they are super approachable and there's a lot of trust, *you know*!')

To complete the picture, Table 8 provides the distribution of the functions of *sabes*. It confirms that also for this marker, apparent differences between generational language use are minimal; the metadiscursive function is a predominant feature across all generational groups.

Table 8 - Distribution of functions of *sabes* by age

	<i>interpersonal</i>		<i>personal/modal</i>		<i>metadiscursive</i>	
	fq	%	fq	%	fq	%
GEN1	1	33,3	2	66,7	-	-
GEN2	86	17,1	119	23,7	297	59,2
GEN3	28	15	49	26,2	110	58,8
GEN4	4	23,5	5	29,4	8	47,1

Source: Author.

3.2.3. PMs and gender

As a third and final sociolinguistic feature, we examine gender differences in the use of the four PMs. Extensive research has detailed the stereotypical linguistic behaviours attributed to female and male speech (cf. Holmes, 2000; Silva-Corvalán, 2001; Blas Arroyo, 2005; Hancock; Wilder Stutts; Bass, 2015; Park *et al.*, 2016; Acuña Ferreira, 2021, to name a few). Typically, it is posited that female speech is more affective and polite, oriented towards the (inter)locutors, and

contains elements that are more conciliatory and mitigating as well as more prestigious linguistic forms. In contrast, male speech often exhibits greater verbal aggressiveness and a direct style, and more likely includes vernacular language forms. Regarding the use of specific PMs, Andersen (2001) observes that the marker *like* is predominantly used by female rather than male speakers. Similarly, Beeching (2016) notes that expressions such as *I mean, well, and sort of* are more frequently employed by women. Finally, Holmes (1986) highlights that the PM *you know* serves different functions across genders. Drawing on these observations, I hypothesize the following about the use of the four Spanish PMs under study:

- Given that they carry various interpersonal functions, they will appear more frequently in women's speech;
- They will be employed predominantly for attenuation purposes in female discourse compared to male discourse.

Table 9 illustrates the distribution of PMs, showing both absolute (fq) and normalized (fq_n) token frequencies segmented by gender.

Table 9 - Frequency distribution by gender

	<i>nada</i>		<i>sabes</i>		<i>es que</i>		<i>en plan</i>		overall	
	fq	fq _n	fq	fq _n	fq	fq _n	fq	fq _n	total	average fn
female	153	4,8	444	13,9	3277	102,8	451	14,2	4325	33,9
male	52	3,5	271	17,9	1088	72,1	192	12,7	1603	26,6

Source: Author.

First, the average normalized frequency (average fq_n) suggests that women use PMs more extensively overall (fq_n: 33,9 vs. 26,6 for male). Secondly, the table indicates specific general preferences for certain markers, which might relate to a broader sociolinguistic pattern of communication. In concrete: women use *nada* more frequently than men (fq_n: 4,8 vs. 3,5), but the most significant gender

difference seems to relate to the use of *es que* (fq_n: 102,8 vs. 72,1). Conversely, men seem to use *sabes* more frequently compared to women (fq_n: 17,9 vs. 13,9). The marker *en plan* seems to be used comparatively by both genders. This observation stands in contrast to previous research, such as that conducted by Jørgensen (2009), which posited that this marker is predominantly utilized by girls from the upper-middle class. Still, despite the differences observed in the table, the Chi-Square Test of Independence ($\chi^2=2,62$; $p > 0,001$) indicate that there is an overall non-significant correlation in the normalized usage of the PMs between genders.

The second hypothesis posited above addresses the potential divergent functional use of the markers across genders. Distinct from earlier examined dimensions, both the data in Table 10 and statistical analyses ($\chi^2 = 113,7$; $p < 0,001$; Cramer's $V = 0,255$) reveal significant gender differences in the usage pattern of *nada*.

Table 10 - Distribution of functions of *nada* by gender

	<i>pragmatic At</i>		<i>semantic At</i>		<i>metadiscursive</i>		<i>filler</i>	
	fq	%	fq	%	fq	%	fq	%
female	47	31,8	21	14,2	19	12,8	61	41,2
male	9	17,6	19	37,3	7	13,7	16	31,4

Source: Author.

Notably, there is a divergence in the types of attenuation employed: semantic attenuation is predominantly observed in men's speech (37,3%), where the focus is primarily on the content being conveyed. Conversely, women's speech frequently exhibits pragmatic attenuation (31,8%), which emphasizes maintaining social harmony and politeness. This tendency is consistent with previous observations indicating that women's language often prioritizes affective, person-oriented, and conciliatory elements, aiming to protect the social image of both the speaker and the listener. Additionally, the

recurrent usage of *nada* as a filler in women's speech merits attention (41,2%). This pattern may stem from their inclination towards maintaining fluid communication and expressing themselves more dynamically. Such expressiveness is commonly linked to a need for 'improvisation' in speech, which likely explains the frequent insertion of these filler particles.

Contrary to the gender-specific usage observed with *nada*, the analysis presented in Table 11 reveals no significant differences in the functions of *sabes* ($\chi^2 = 2,59$; $p > 0,001$). In both male and female speech, its primary function remains as a filler, indicating its evolution into a highly grammaticalized, generalized, and semantically depleted form.

Table 11 - Distribution of functions of *sabes* by gender

	<i>interpersonal</i>		<i>personal/modal</i>		<i>metadiscursive</i>	
	fq	%	fq	%	fq	%
female	69	15,5	117	26,4	258	58,1
male	53	19,6	61	22,5	157	57,9

Source: Author.

3.3 INTERIM CONCLUSION

The preceding study's findings underscore the nuanced roles of PMs as sociolinguistic indicators, with their usage patterns partially linked to traditional sociolinguistic dimensions. While age emerges as the most pronounced dimension influencing the frequency and nature of PM usage, the effects of social class and gender are less uniform.

In concrete, the specific form of the PM serves as a primary indicator of age. The markers *en plan* and *sabes* distinctly mark the speech of the younger generation (GEN2), whereas *nada* is most

typically used by speakers of the third generation. *Es que* is quite commonly found in the speech of all generations. The empirical study also highlights how PMs differentiate along social class and gender lines, although the relationship is less pronounced. Some interesting tendencies that were observed are: *sabes* tends to be associated with lower socio-cultural classes and male speech, while *nada* is more frequently used by the upper-middle class and a bit more by women than by men. The distribution of *en plan* is notably uniform across socio-cultural classes and gender categories, indicating its widespread adoption across different sociolects. Similarly, *es que* also shows broad usage across these groups, though it exhibits a slightly higher frequency in female speech compared to male speech. Apart from *nada*, which exhibits distinct preferences for attenuating functions between male and female speech, there appears to be no significant correlation between sociolinguistic dimensions and differentiated functional usage of the markers. Table 12 summarizes the complexity of the four PMs as sociolinguistic tools, reflective of the linguistic and social dynamics of their speakers.

Table 12 - Summary of social variability in use of PMs

	<i>nada</i>	<i>sabes</i>	<i>es que</i>	<i>en plan</i>
age	GEN3 + all	GEN2 + all	all	GEN2 ++
gender	female + all	male + all	all	all
class	middle-upper + all + varied function	lower + all	all	all

Source: Author.

This overview indicates that *es que* is the most prevalently used PM. At the other end, *en plan* distinctly serves as a clear marker of youth speech. The other two markers *sabes* and *nada*, although

commonly used and widespread, appear to have developed complementary sociolinguistic profiles.

These findings lead to the hypothesis that the four markers in question occupy distinct levels of indexicality, as conceptualized by Silverstein (2003) amongst other (cf. supra 2.1). The 'first-order' indexicals, such as *es que* represent general features of a speaking style characteristic of orality with a low degree of specific social indexing. *Sabes* and *nada* are posited as 'second-order' indexicals, perceived as typical of certain in-group contexts, thus signalling group membership more explicitly. The marker *en plan* exemplifies a 'third-order' indexical, acting as a potent emblem that contributes significantly to the stylization of a specific sociolect and that facilitates metacommentary and humour.

However, the question arises whether the relationship between a marker and its indexical function is quite static or rather evolves and responds to both internal linguistic dynamics and external sociocultural influences. Therefore, the following section investigates to what extent the markers have undergone significant changes, reflecting shifts in societal norms, or language contact phenomena.

4. THE DYNAMIC NATURE OF PRAGMATIC MARKERS AS SOCIAL INDICES

From the previous analysis, it is evident that PMs are, to various degrees, used as social indices in contemporary Spanish. However, this finding prompts an inquiry into the generalizability of these results beyond the CORMA corpus, questioning the stability of these form-meaning relationships. Therefore, it is interesting to investigate to what extent they are subject to linguistic change, which, in turn, can be examined from two dimensions (cf. Eckert, 1997):

- Changes manifested in the linguistic practices of specific communities, such as younger generations, over time, which represent shifts in the cultural and historical 'Zeitgeist'. This approach involves a comparative analysis of linguistic phenomena across different generations, including Generation X, the Millennials, and Generation Z⁹ (Section 4.1).
- Changes in the linguistic expressions of individuals as they age, a process known as 'age-grading' (Section 4.2).

For practical reasons of space, the analysis will not provide a detailed reconstruction of the linguistic changes that the four PMs have undergone; instead, it will illustrate the importance of the dynamic nature of social indexicality in the use of PMs through a number of noticeable observations.

4.1 PRAGMATIC MARKERS AND CHANGING *ZEITGEIST*

To begin, this analysis explores how changes in historical context affect the social indexical values of the PMs examined in this study. The first two decades of the 21st century have indeed experienced significant sociocultural transformations that have undoubtedly impacted language use. Firstly, the advent of streaming platforms such as YouTube and Netflix has exposed Spanish speakers to foreign languages and cultures more than ever before (e.g. García Palacios *et al.*, 2016; Enghels; De Latte; Roels, 2020). Consequently, there has been a notable rise in the incorporation of loanwords, primarily from English. Secondly, traditional gender identities have evolved, with Generation Z – in particular girls – demonstrating an

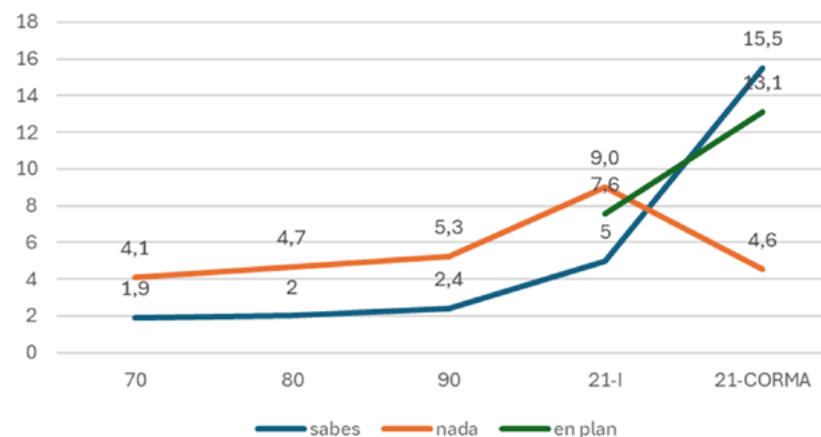
9 Generation X refers to individuals born approximately between the years 1965 and 1980; the Millennials (or Generation Y) are individuals born approximately between 1981 and 1996, and Generation Z (often referred to as Gen Z) consists of individuals born from 1997 through 2012. Each generation developed within a distinct cultural and social milieu, shaped by unique historical events, technological advances, and societal norms prevalent during their formative years.

increased awareness of their leadership potential (Acuña Ferreira, 2009). Finally, the rapid expansion of social networks (e.g., Instagram, Twitter, Facebook, Snapchat) has altered conversational norms in these mediated interactions, influencing strategies used in direct conversations and leading to a greater prevalence of informal language (Gutzmann, 2019). These sociocultural (r)evolutions suggest that the 21st century is a particularly pertinent period for observing contemporary linguistic changes.

First, globalization and language contact may exert a strong influence on the development of markers as social indices. In Section 3.2 it was observed that GEN2 in CORMA (corresponding to Gen Z) developed a strong preference for the use of the PMs *sabes* and *en plan*. It can be hypothesized that language contact has catalysed the adoption and diffusion of these markers, with the use of *sabes* mirroring the English *you know* and *en plan* being influenced by the highly productive marker *like*. These findings align with the general notion that younger speakers are particularly receptive to linguistic innovations influenced by global language trends. A micro-diachronic analysis of the token productivity of the markers seems to confirm this hypothesis (Figure 2)¹⁰.

10 Note that I only dispose of longitudinal frequency information of *en plan*, *sabes* and *nada*. Hence the data for *es que* is not included in this graph. The micro-diachronic analysis is based on data from a dataset of 10 corpora available for spoken Peninsular Spanish, documenting both the 20th and 21st centuries, with the earliest corpus covering the 1970s decade. All relevant tokens of the three PMs were collected from these corpora, after which the normalized frequencies per decade were calculated. The list of corpora and calculation methods are further detailed in Azofra; Enghels (2017, p. 114), Enghels (2018, p. 116) and Enghels; Roels (2024, p. 65).

Figure 2 - Micro-diachronic analysis of token f_{q_n} (/10.000) of PMs



Source: Author.

This graph indicates that the marker *nada* appears to be losing prevalence in the course of the 21st century (period between 21-I and data from 21-CORMA), possibly due to competition from *en plan*, whose token frequency is increasing significantly from that point. This might indicate a new trend that began precisely when young speakers were possibly more influenced by the English language on social media. The marker *sabes* has also spread remarkably since the beginning of the 21st century, likely due to its ongoing process of grammaticalization (Enghels, 2018). Still, this process may be accelerated by the overall ‘colloquialization of discourse’ and the influence of the English marker *you know*.

As a second element, it is interesting to consider the potential influence of changing gender identities on the use of PMs as social indices. Indeed, the role of women, and particularly girls, has fundamentally changed over the last decade. Traditional notions of what is considered masculine and feminine have evolved, and women have become more empowered, leading to a weakening of classic social

roles (Acuña Ferreira, 2009; Hancock; Wilder Stutts; Bass, 2015; Sekścińska; Trzcińska; Maison, 2016). Consequently, the distinction between men and women has diminished. In terms of language, this shift can lead to two possible outcomes: (a) The emergence of new typical features in girls' speech, or (b) the neutralization of differences between boys' and girls' speech. To investigate this trend, data from representative speakers of the Millennial generation, as observed in the COLAm corpus recorded in the early 21st century, is compared with youth data from CORMA, which represents Generation Z.¹¹ Table 13 provides the normalized frequencies per gender (girls and boys) and for each generation (Millennials and Generation Z).

Table 13 - Comparison of normalized frequencies per gender and generation

	<i>nada</i>		<i>sabes</i>		<i>es que</i>		<i>en plan</i>	
	Mill	GenZ	Mill	GenZ	Mill	GenZ	Mill	GenZ
female	12	3,7	26,6	21,2	93,2	99,6	14,1	14,2
male	2,1	3,2	21,2	29,3	54,4	95	2,3	12,7

Source: Author.

Overall, as concerns the frequency of use of PMs, the data suggest a general trend towards more similarity in the speech patterns of boys and girls in Generation Z compared to Millennials, particularly with *nada* and *es que*. However, *sabes* shows a trend towards greater differentiation, with increased usage among males in Generation Z (f_{q_n} : 29,3 vs. 21,2). The marker *en plan* exhibits a significant convergence, with boys adopting it at a rate closer to that of girls in Generation Z (f_{q_n} : 12,7 vs. 14,2). These tendencies might suggest that PMs have developed more in terms of social indices of age, particularly in the case of *en plan*, independently of the sex of the

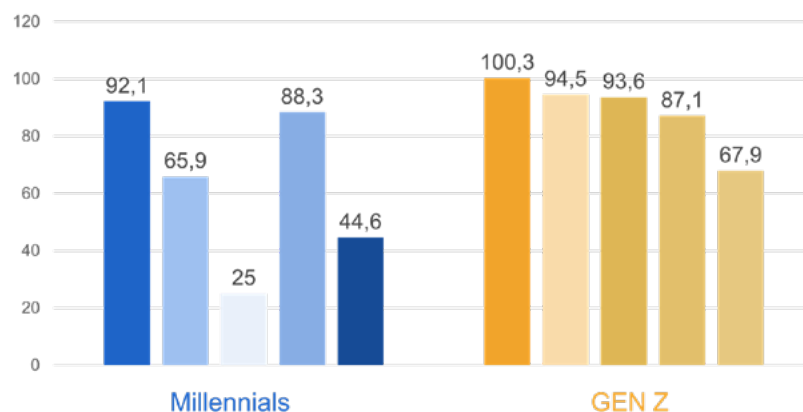
11

The COLAm corpus, designed by the University of Bergen, was collected between 2002 and 2007 (Jørgensen, 2009; 2019) and is thus representative of the speech of the Millennial generation.

speakers. However, *sabes* exhibits a distinct pattern that needs further detailed analysis to understand its current and future evolution.

Finally, regarding the growing impact of mediated interactions and social networks, it is important to consider the fundamental role that (changing) social networks play in understanding a speaker's linguistic behaviour. In the past, linguistic studies have focused on schools as the main factors in understanding the presence and diffusion of certain linguistic features among the younger generation (Kohn, 2014). Moving forward, more attention must be given to the influence of social networks in shaping and spreading linguistic practices, including PMs. As a brief illustration, Figure 3 compares the varying productivity (f_{q_n}) of the marker *es que* in different schools in the COLAm corpus (representing the language of the Millennial generation, on the left) with its varying distribution across schools as represented in CORMA (representing the language of the Gen Z, at the right) (Van Den Driessche, 2023).

Figure 3 - Frequency of use of *es que* in different school: Millennials vs. Gen Z



Source: Author.

While it appears that, for Millennials, school was a more decisive factor in understanding the variable use of *es que*, this is

less evident for Generation Z for which the observed frequencies are more equally balanced. This observation might be explained by the fact that for Generation Z, the concept of social networking extends beyond the school environment. In other words, the impact of social networking has significantly transformed the concept of networking in society, transcending the boundaries of school walls. Future research should explore the hypothesis that, due to the ubiquity of social media, youth slang is becoming more uniform than in previous generations (Gavilanes; Cianca, 2021, p. 680). This hypothesis should be verified for other PMs and linguistic features. Be it as it may, in relation to the theory of social indexicality, the increasing uniformity of youth slang due to social media networks could have significant implications, also for PMs. They may be undergoing a shift in how they represent social identity and group membership. Although this has not been analysed in detail in this paper, PMs could vary significantly based on local social networks and physical environments like schools. However, if youth slang becomes more uniform, it could mean that social indexicality is becoming less about local variation and more about broader, possibly global, youth identities facilitated by social media. Eventually, new social indices may emerge that reflect the shared experiences and values of a digitally connected generation. These indices could spread and evolve faster than ever before, highlighting the dynamic nature of online social interactions.

4.2 PRAGMATIC MARKERS AND AGE-GRADING

Finally, the question arises whether the use of PMs as social indices remains stable throughout a speaker's life or if it is subject to age-grading. Regarding linguistic change related to evolution over the lifespan, the literature presents two opposing perspectives. According to the first position, an individual's language patterns become fixed in adulthood, and is primarily determined by the features acquired during adolescence (Kerswill, 1996). This view implies

that the language used by older generations reflects the linguistic practices of an earlier period, a concept known as the apparent-time method. In contrast, the second position argues that language patterns are subject to continuous age-related changes throughout a person's life, influenced by various factors within the speech community (Eckert, 1997; Meyerhoff, 2006; Cheshire, 2006). This perspective is referred to as age-grading.

Against this background, the data in Table 14 compare the normalized token frequencies of the four PMs from a presumably longitudinal perspective. Specifically, it contrasts the data from the GEN2 Millennial generation in the COLAm corpus with the data from GEN3 in the CORMA corpus. This comparison is based on the assumption that it examines the evolution of their use of PMs with a time difference of ten to fifteen years, thereby reflecting their use of markers as adolescents and as (young) adults.

Table 14 - Comparison of productivity of PM use by Millennials¹²

	time	<i>nada</i>	<i>sabes</i>	<i>es que</i>	<i>en plan</i>
GEN2 COLAm	2002-2007	7,6	24,1	77,1	7,6
GEN3 CORMA	2016-2019	7,2	13,1	104,4	0,4

Source: Author.

The data indicate that, in general, the frequency of use of markers declines as individuals transition into adulthood, though not uniformly for all markers. First, the frequency of *nada* remains relatively stable over time, with a slight decrease from 7,6 in adolescence

12

I am aware that the comparison of the productivity use of PMs in the two corpora is based on data produced by speakers with comparable profiles, rather than by the exact same individuals. This methodological approach may introduce some variability in the findings, as individual linguistic behaviour can vary. Therefore, the results should be interpreted with some caution. However, the use of speakers with similar demographic and social characteristics helps to mitigate this issue and provides a reasonable basis for examining trends and patterns in PM use over time.

(GEN2 COLAm) to 7,2 in adulthood (GEN3 CORMA). This indicates that the use of *nada* as a PM is consistent and not significantly affected by age. Conversely, there is a notable decline in the use of *sabes* from 24,1 in adolescence to 13,1 in adulthood. This suggests that *sabes* is used more frequently by younger speakers and its usage decreases as they age. Noticeably, the frequency of *es que* increases significantly from 77,1 in adolescence to 104,4 in adulthood. This trend suggests that *es que* becomes more prominent in adult speech, possibly reflecting its increased utility in more formal or explanatory contexts that adults might encounter more frequently. Finally, the productivity of *en plan* drops dramatically from 7,6 in adolescence to 0,4 in adulthood indicating that the marker almost entirely disappears as individuals transition into adulthood. These trends suggest that certain markers are more closely associated with specific life stages (*en plan*, *sabes*) than others (*nada*, *es que*) and that PM usage evolves as individuals age, reflecting changes in social contexts and communication needs.

Based on the analyses presented in Sections 4.1 and 4.2, it can be hypothesized that the degree (and speed) of change of PMs – both from a diachronic and aging perspective – is influenced by their levels of indexicality, as distinguished by Silverstein (cf. supra Sections 2.1 and 3.3). First-order indexicals, such as *es que*, are observed as typical features of a speaking style in a general way and serve as inherent features of orality. These markers tend to remain stable over time, although their use might increase concurrent with the tendency towards colloquialization of speech. Moreover, given its quite neutral meaning, *es que* is frequently used by adult speakers. Second-order indexicals, such as *sabes* and *nada*, are recognized as typical features by in-group members and exhibit more rapid change. This variability may be influenced by external factors, reflecting the dynamic nature of social interactions and linguistic trends within the community. *Nada* becomes less frequent in colloquial speech overall, as opposed to *sabes* that spreads more rapidly (possibly due to

language contact). However, *nada* remains quite stable over the life of the Millennials, in contrast to *sabes* which is more emblematic of the current younger generation and thus tends to be used less by adults nowadays. Finally, third-order indexicals, such as *en plan*, are strongly associated with the particular GEN2 sociolect. Therefore they are quickly abandoned by speakers as they grow older, although their use might still become more diffused in the speech of new younger generations.

5. DISCUSSION AND CONCLUSIONS

This study analysed the intricate relationship between PMs and social indexicality within contemporary colloquial Spanish, particularly focusing on four markers: *nada*, *sabes*, *es que*, and *en plan*. By examining these markers across various sociolinguistic dimensions such as age, gender, and socio-cultural class, the analysis provides a comprehensive understanding of how these linguistic elements serve as indicators of social identity and how their usage evolves over time and throughout a speaker's life. The concept of social indexicality, as explored through the frameworks established by Silverstein and others, highlights how linguistic signs express social meaning and how speakers use these signs to perform and negotiate their identities. The findings indicate that PMs not only reflect but also actively shape social interactions and identities within specific linguistic communities.

First and foremost, the empirical study based on data from CORMA reveals significant generational differences in the use of PMs. Younger speakers, particularly those in Generation Z (GEN2), show a distinct preference for certain markers such as *en plan* and *sabes*. In contrast, markers like *es que* are more evenly distributed across age groups, while *nada* is slightly more prevalent among older

speakers (GEN3). However, the transition from adolescence to adulthood shows a marked decline in the use of some markers (in particular *sabes* and *en plan*) while others (*es que* and *nada*) remain more stable. This suggests that certain markers are closely associated with youth speech and may be abandoned as speakers age, while others are integrated into adult linguistic repertoires. Secondly, the analysis indicates that female speakers generally use PMs more frequently than male speakers. This is particularly evident for markers like *es que* and *nada*, which are used more often by women, reflecting their tendencies towards affective and conciliatory communication styles. In contrast, *sabes* is more frequently used by male speakers, aligning with a more direct communication style. The use of *en plan* appears relatively balanced between genders. Finally, socio-cultural class also modestly influences the use of PMs. The data show that *nada* is more prevalent among the middle-upper class, while *sabes* is more common in the speech of the lower socio-cultural class. Based on these observations it has been hypothesized that the four markers represent different levels of indexicality, which also influences their degree of change, both diachronically and across an individual's lifespan.

Indeed, first-order indexicals, like *es que*, tend to remain stable over time, serving as general features of informal orality. Second-order indexicals, such as *sabes* and *nada*, show more rapid change, influenced by dynamic social interactions and external factors like language contact. Third-order indexicals, such as *en plan*, are highly emblematic of specific sociolects and are subject to significant change over a person's lifetime, often abandoned as speakers age but potentially diffusing among new younger generations.

Moreover, some data pointed towards increasing uniformity of youth slang possibly due to the ubiquity of social media networks. This might pose some implications for the theory of social indexicality. Specifically, if youth slang becomes more uniform, it could suggest a shift towards broader, possibly global youth identities facilitated by digital communication. This uniformity might then lead to

new social indices that reflect the shared experiences and values of a digitally connected generation, spreading and evolving faster than traditional linguistic markers. Future research should further explore these dynamics, particularly focusing on the impact of mediated interactions and social networks on linguistic behaviour.

In conclusion, PMs serve as powerful tools for expressing and negotiating social identities. Their usage patterns are intricately linked to various sociolinguistic dimensions, and their evolution reflects broader societal changes. This study underscores the importance of considering both diachronic and synchronic perspectives in understanding the dynamic nature of language and its role in social interaction.

REFERENCES

- ACUÑA FERREIRA, Virginia. **Género y discurso:** las mujeres y los hombres en la interacción conversacional. Munich: Lincom Europa, 2009.
- ACUÑA FERREIRA, Virginia. Gender and expletives as discourse markers: some uses of Joder in young women's interactions in Spanish and Galician. **Feminismo/s**, v. 38, p. 53-83, 2021.
- AGHA, Asif. **Language and social relations**. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.
- ANDERSEN, Gisle. **Pragmatic markers and sociolinguistic variation:** A corpus-based study. Amsterdam: John Benjamins, 2001.
- AZOFRA SIERRA, María Elena; ENGHELS, Renata. El proceso de gramaticalización del marcador epistémico deverbal sabes. **Iberoromania**, v. 85, p. 1-25, 2017.
- AZOFRA SIERRA, María Elena; ENGHELS, Renata. La polifuncionalidad del marcador conversacional nada: Metadiscurso e intersubjetividad. In: HERRERO RUIZ DE LOIZAGA, Javier; AZOFRA SIERRA, María Elena; GONZÁLEZ PÉREZ, Rosario. **La configuración histórica del discurso:** Nuevas perspectivas en los procesos de gramaticalización, lexicalización y pragmaticalización. Madrid: Vervuert, 2022. p. 13-46.

BEECHING, Kate. **Pragmatic markers in British English**: Meaning in social interaction. Cambridge: Cambridge University Press, 2016.

BLAS ARROYO, José Luis. **Sociolingüística del español**: desarrollos y perspectivas en el estudio de la lengua española en contexto social. Madrid: Cátedra, 2005.

BLOMMAERT, Jan. **Discourse**: A Critical Introduction. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

BORREGUERO ZULOAGA, Margarita. Los marcadores de aproximación (en el lenguaje juvenil): esp. en plan vs. it. tipo. *In*: CUEVAS GÓMEZ, Miguel Ángel; MOLINA CASTILLO, Fernando; SILVESTRI, Paolo. **España e Italia**: un viaje de ida y vuelta. Studia in honorem Manuel Carrera Díaz. Sevilla: Editorial Universidad de Sevilla, 2020. p. 53-78.

BRINTON, Laurel J. **Pragmatic markers in English**: Grammaticalization and discourse functions. Berlin; New York: Mouton de Gruyter, 1996.

BRINTON Laurel J. **The comment clause in English**: Syntactic origins and pragmatic development. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.

BRIZ Gómez, Antonio. Los déficits de los corpus orales del español (y de algunos análisis). *In*: JIMÉNEZ JULIÁ, Tomás *et al.* **Cum corde et in nova grammatica. Estudios ofrecidos a Guillermo Rojo**. Santiago de Compostela: Servizo de publicacións e intercambio científico da Universidade de Santiago de Compostela, 2012. p. 115-137.

BUCHOLTZ, Mary. From stance to style: Gender, interaction, and indexicality in Mexican immigrant youth slang. *In*: JAFFE, Alexandra. **Stance**: Sociolinguistic perspectives. New York: Oxford University Press, 2009. p. 146-170.

CHESHIRE, Jenny. Age- and generation-specific use of language. *In*: AMMOND, Ulrich; DITTMAR, Norbert; MATTHEIER, Klaus J. **Sociolinguistics**: an International Handbook of the Science of Language and Society. Berlin: Walter de Gruyter, 2006. p. 1552-1563.

COUPLAND, Nikolas. **Style**: Language variation and identity. Cambridge University Press, 2007.

DE SMET, Emma; ENGHELS, Renata. Los datos en Twitter como fuente del discurso oral coloquial: estudio de caso del marcador discursivo en plan. **Oralia**, v. 23, n. 2, p. 199-218, 2020.

ECKERT, Penelope. Age as a sociolinguistic variable. *In*: COULMAS, Florian. **Handbook of sociolinguistics**. Oxford: Blackwell, 1997. p. 151-167.

ECKERT, Penelope. **Linguistic variation as social practice**: the linguistic construction of identity in Belten High. Malden: Blackwell Publishers, 2000.

ECKERT, Penelope. Three waves of variation study: The emergence of meaning in the study of sociolinguistic variation. **Annual review of Anthropology**, v. 41, p. 87-100, 2012.

ENGHELS, Renata. Towards a constructional approach to discourse-level phenomena: the case of the Spanish interpersonal epistemic stance construction. **Folia Linguistica**, v. 52, n. 1, p. 107-138, 2018.

ENGHELS, Renata; AZOFRA SIERRA, María Elena. On the nature of the corpus and the comparability of results in historical linguistics: Case study of the pragmatic marker you know. **Spanish in Context**, v. 15, n. 3, p. 465-489, 2018.

ENGHELS, Renata; AZOFRA SIERRA, María Elena. El marcador nada en el corpus CORMA: un enfoque integrador. *In*: HERRERO RUIZ DE LOIZAGA, Francisco Javier; ENGHELS, Renata; GONZÁLEZ PÉREZ, Rosario. **Cambio y variación en el discurso en español. Estudios sobre gramaticalización y lexicalización**. Madrid: Iberoamericana Vervuert, p. 129-168, 2024.

ENGHELS, Renata; DE LATTE, Fien; ROELS, Linde. El Corpus Oral de Madrid (CORMA): Materiales para el estudio (socio)lingüístico del español coloquial actual. **Zeitschrift für Katalanistik**, v. 33, p. 45-76, 2020.

ENGHELS, Renata; TANGHE, Sanne. On the interplay between historical pragmatics and sociolinguistics. The case of the Spanish pragmatic marker nada and its recent grammaticalization process. **Onomazein**, v. 44, n. 7, p. 132-165, 2019.

ENGHELS, Renata; ROELS, Linde. The apparent-time construct as a proxy to spoken conversational data in the 20th century. *In*: PONS BORDERÍA, Salvador; SALAMEH JIMÉNEZ, Shima. **Language Change in the 20th Century**: Exploring microdiachronic evolutions in Romance languages. Amsterdam: John Benjamins, 2024. p. 63-94.

ERMAN, Britt. Pragmatic markers revisited with a focus on you know in adult and adolescent talk. **Journal of Pragmatics**, v. 33, p. 1337-1359, 2001.

FRASER, Bruce. What are discourse markers? **Journal of Pragmatics**, v. 31, p. 931-952, 1999.

GARCÍA PALACIOS, Joaquín; DE STERCK, Goedele; LINDER, Daniel; MAROTO GARCÍA, Nava; SÁNCHEZ IBÁÑEZ, Miguel; TORRES DEL REY, Jesús. **La neología en las lenguas románicas**: recursos, estrategias y nuevas orientaciones. Frankfurt: Peter Lang, 2016.

GAVILANES FRANCO, Emilio; CIANCA AGUILAR, Elena. Rasgos del argot actual de los jóvenes y adolescentes españoles. *In*: REAL ACADEMIA ESPAÑOLA/ASOCIACIÓN DE ACADEMIAS DE LA LENGUA ESPAÑOLA. **Crónica de la lengua española 2021**. Madrid: Espasa, 2021. p. 677-694.

GEERAERTS, Dirk; KRISTIANSEN, Gitte; PEIRSMAN, Yves. **Advances in cognitive sociolinguistics**. Berlin: Mouton de Gruyter, 2010.

GHEZZI, Chiara. Social indexicality and pragmatic change in the late 20th century. Cioè and tipo in Italian radio phone-ins. *In*: PONS BORDERÍA, Salvador; SALAMEH JIMÉNEZ, Shima. **Language Change in the 20th Century: Exploring microdiachronic evolutions in Romance languages**. Amsterdam: John Benjamins, 2024. p. 158-187.

GUTZMANN, Daniel. **The grammar of expressivity**. Oxford: Oxford University Press, 2019.

HANCOCK, Adrienne; WILDER STUTTS, Holly; BASS, Annie. Perceptions of gender and femininity based on language: Implications for transgender communication therapy. **Language and Speech**, v. 58, n. 3, p. 315-33, 2015.

HOLMES, Janet. Functions of you know in women's and men's speech. **Language in Society**, v. 15, n. 1, p. 1-21, 1986.

HOLMES, Janet. **An introduction to sociolinguistics**. London; New York: Longman, 1992.

HOLMES, Janet. Women at work: Analysing women's talk at New Zealand Workplaces. **Australian Review of Applied Linguistics**, v. 22, n. 2, p. 1-17, 2000.

JAFFE, Alexandra. Indexicality, stance and fields in sociolinguistics. *In*: COUPLAND, Nikolas. **Sociolinguistics: Theoretical Debates**. Cambridge: Cambridge University Press, 2016. p. 86-112.

JOHNSTONE, Barbara. Enregisterment: How linguistic items become linked with ways of speaking. **Language and Linguistics Compass**, v. 10, n. 11, p. 632-643, 2016.

JØRGENSEN, Annette Myre. En plan used as a hedge in Spanish teenage language. *In*: STENSTRÖM, Anna-Brita; JØRGENSEN, Annette Myre. **Youngspeak in a multilingual perspective**. Amsterdam: John Benjamins, 2009. p. 95-115.

JØRGENSEN, Annette Myre. La función atenuante de la partícula discursiva ¿eh? en el lenguaje adolescente de Madrid. **BeLLS**, v. 10, n. 1. Disponível em: <https://bells.uib.no/index.php/bells/article/view/1435>, 2019.

KERSWILL, Paul. Children, adolescents, and language change. **Language Variation and Change**, v. 8, n. 2, p. 177-202, 1996.

KIESLING, Scott F. Dude. **American Speech**, v. 79, n. 3, p. 281-305, 2004.

KOHN, Mary E. 'The way I communicate changes but how I speak don't': a longitudinal perspective on adolescent language variation and change. Duke: DUP, 2014.

KRISTIANSEN, Gitte; DIRVEN, René. **Cognitive sociolinguistics**: Language variation, cultural models, social systems. Berlin; New York: Mouton de Gruyter, 2008.

LABOV, William. **Principles of Linguistic Change**: Volume 1: Internal Factors. Oxford: Blackwell, 1994.

LAKOFF, Robin. Language and woman's place. **Language in Society**, v. 2, n. 1, p. 45-79, 1973.

LANDONE, Elena. **Los marcadores del discurso y la cortesía verbal en español**. Bern; New York: Peter Lang, 2009.

LÓPEZ SERENA, Araceli; BORREGUERO ZULOAGA, Margarita. Los marcadores del discurso y la variación lengua hablada vs. lengua escrita. In: LOUREDA LAMAS Y ESPERANZA, Óscar. **Los estudios sobre los marcadores del discurso en español, hoy**. Madrid: Arco Libros, 2010. p. 415-493.

MEYERHOFF, Miriam. **Introducing sociolinguistics**. London: Routledge, 2006.

MILLS, Sara. **Gender matters**: Feminist linguistic analysis. London; Bristol: Equinox Pub, 2012.

MILLS, Sara. **English politeness and class**. Cambridge: Cambridge University Press, 2017.

NEWMAN, Matthew L.; GROOM, Carla J.; HANDELMAN, Lori D.; PENNEBAKER, James W. Gender differences in language use: an analysis of 14,000 text samples. **Discourse Processes**, v. 45, p. 211-236, 2008.

NIEDZIELSKI, Nancy; PRESTON, Dennis R. **Folk linguistics**. Berlin: Walter de Gruyter, 2000.

NIELSEN, Peter Juul; SANSIÑENA PASCUAL, María Sol. Indexes in language and linguistics. In: NIELSEN, Peter Juul; SANSIÑENA PASCUAL, María Sol. **Indexicality**: The role of indexing in language structure and language change. Berlin: Mouton de Gruyter, 2024. p. 1-56.

PARK, Gregory; YADEN, David; SCHWARTZ, Andrew; KERN, Margaret; EICHSTAEDT, Johannes; KOSINSKI, Michael; STILLWELL, David; UNGAR, Lyle; SELIGMAN, Martin. Women are warmer but no less assertive than men: Gender and language on Facebook. **PLoS One**, v. 11, n. 5, 2016.

SEKŚCIŃSKA, Katarzyna; TRZCIŃSKA, Agata; MAISON, Dominika A. The influence of different social roles activation on women's financial and consumer choices. **Frontiers in Psychology**, v. 7, página inicial e final, <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2016.00365>, 2016.

SILVA-CORVALÁN, Carmen. **Sociolingüística y pragmática del español**. Washington DC: Georgetown University Press, 2001.

SILVERSTEIN, Michael. Indexical order and the dialectics of sociolinguistic life. **Language and Communication**, v. 23, n. 3-4, p. 193-229, 2003.

SILVERSTEIN, Michael. Pragmatic indexing. In: MEY Jacob L.; Keith Brown. **Concise Encyclopaedia of Pragmatics**. Amsterdam: Elsevier, 2009. p. 756-759.

STENSTRÖM, Anna-Brita. **Teenage talk**: From general characteristics to the use of pragmatic markers in a contrastive perspective. London: Palgrave Macmillan, 2014.

STENSTRÖM, Anna-Brita; ANDERSEN, Gisle; HASUND, Ingrid Kristine. **Trends in teenage talk**: Corpus compilation, analysis and findings. Amsterdam: John Benjamins, 2002.

TANNEN, Deborah. **Talking from 9 to 5**: How women's and men's conversational styles affect who gets heard, who gets credit, and what gets done at work. New York: William Morrow and Company, 1994.

VAN DEN DRIESSE, Nele. **Los jóvenes y el cambio (socio-)lingüístico**: estudio de caso de es que. Talk presented at the conference of the Asociación de Jóvenes Lingüistas. Madrid, 2023.

VAN DEN DRIESSE, Nele; ENGHELS, Renata. El marcador pragmático es que en el lenguaje juvenil madrileño: productividad lingüística y descripción formal-funcional. **Revue Romane**, p. 1-22, doi: 10.1075/rro.20025.van, 2025.

VAN DEN DRIESSE, Nele; ENGHELS, Renata. **Análisis contrastivo de los marcadores pragmáticos de vaguedad es que y en plan en el español coloquial actual**: indexicalidad social y microhistoria, Signos, accepted, 2025.

ZELDES, Amir. **Productivity in argument selection:** From morphology to syntax. Berlin: Mouton de Gruyter, 2012.

Research funding: This work has been developed within the framework of the research project 'Lexicalization and Grammaticalization Processes in the History of Spanish: Change, Variation, and Survival in the Discursive History of Spanish' (PROLEGRAMS) (PID2020-112605GB-I00). The study also owes to the research conducted within the framework of the GLiMS research group at Ghent University (Belgium).

2

Renata Enghels

LOS MARCADORES PRAGMÁTICOS COMO SEÑALES DE IDENTIDAD SOCIAL EN EL ESPAÑOL COLOQUIAL CONTEMPORÁNEO

DOI: [10.31560/pimentacultural/978-85-7221-339-4.2](https://doi.org/10.31560/pimentacultural/978-85-7221-339-4.2)

Este capítulo investiga el papel de los marcadores pragmáticos como señales de identidad social en el español coloquial contemporáneo, centrándose particularmente en cómo estos elementos lingüísticos reflejan y modelan las interacciones sociales. El estudio examina cuatro marcadores específicos: *nada*, *sabes*, *es que* y *en plan*, analizando su uso a través de diversas dimensiones sociolingüísticas como la edad, el género y la clase sociocultural. Utilizando corpus orales, incluyendo el Corpus Oral de Madrid (CORMA) y el Corpus Oral de Lenguaje Adolescente (COLAm), la investigación explora cómo estos marcadores funcionan en diferentes contextos sociales y contribuyen a la construcción de la identidad. Los hallazgos resaltan la naturaleza dinámica de estos marcadores, especialmente en relación con el cambio lingüístico, y ofrecen perspectivas sobre su evolución a lo largo del tiempo y en distintas etapas de la vida.

La investigación comienza situando el estudio en el contexto más amplio de la sociolingüística, destacando la importancia de la indexicalidad social. La indexicalidad social postula que los signos lingüísticos llevan significado social, estrechamente ligado al contexto en el que se emplean. Este estudio explora en qué medida los marcadores pragmáticos seleccionados transmiten significado social en el discurso español contemporáneo.

La justificación de esta investigación reside en la brecha observada en los estudios empíricos que analizan de manera sistemática los marcadores pragmáticos en el español contemporáneo, en especial en relación con la indexicalidad social. La literatura existente ha reconocido la variabilidad sociolingüística de los marcadores pragmáticos, pero se hace necesario un examen exhaustivo de cómo estos marcadores funcionan como índices sociales. Además, el estudio aborda la evolución histórica de estos marcadores, explorando sus roles en el cambio lingüístico y su variación de uso entre generaciones.

El estudio combina análisis cuantitativos y cualitativos de los datos extraídos de los corpus CORMA y COLAm. El corpus CORMA, desarrollado por la Universidad de Gante en colaboración con la UNED, proporciona una rica fuente de español conversacional espontáneo de Madrid, cubriendo una amplia variedad de hablantes y contextos sociales. El análisis se centra en las frecuencias de ocurrencia y las frecuencias normalizadas de los marcadores pragmáticos seleccionados, examinando su distribución en diferentes dimensiones sociales. Asimismo, se adopta una perspectiva diacrónica, comparando datos de distintos periodos para rastrear la evolución de estos marcadores a lo largo del tiempo.

El análisis del uso de los marcadores pragmáticos en el español coloquial contemporáneo revela patrones sociolingüísticos significativos, demostrando que estos marcadores no solo son herramientas lingüísticas, sino que también portan un considerable significado social. Los resultados se discuten en tres dimensiones sociolingüísticas principales: edad, género y clase sociocultural, cada una de las cuales influye en el uso y la función de los marcadores pragmáticos de diversas maneras.

Primero, la edad emergió como el factor más significativo en la influencia sobre la frecuencia y el tipo de uso de los marcadores pragmáticos. Los datos indican claramente que los hablantes más jóvenes, particularmente aquellos pertenecientes a la Generación Z, muestran una marcada preferencia por ciertos marcadores pragmáticos, especialmente *sabes* y *en plan*. Estos marcadores cumplen diversas funciones, incluyendo la señalización de familiaridad, la gestión del discurso y la transmisión de un tono informal, muy valorado en los patrones de habla de los jóvenes. En contraste, marcadores como *es que* y *nada* se distribuyen de manera más uniforme entre los grupos de edad, aunque exhiben diferentes roles y frecuencias dependiendo de la cohorte generacional del hablante.

En segundo lugar, el género también desempeña un papel en el uso de los marcadores pragmáticos, aunque los patrones son más sutiles en comparación con los observados en la edad. Los datos revelan que las mujeres tienden a usar los marcadores pragmáticos con mayor frecuencia que los hombres, especialmente aquellos asociados con la cortesía (*nada*) y la gestión del discurso (*es que*).

Finalmente, la clase sociocultural influye, en cierta medida, en el uso de los marcadores pragmáticos, emergiendo patrones distintivos entre la clase media-alta (con un uso predominante de *nada*) y la clase sociocultural más baja (con cierta preferencia por *sabes*). Además, el uso de *es que* muestra poca variación entre las clases socioculturales, lo que sugiere que su función como herramienta de estructuración del discurso es reconocida y empleada ampliamente sin importar las diferencias de clase. Asimismo, *en plan* exhibe un uso uniforme entre las clases socioculturales, reflejando su fuerte asociación con el habla juvenil más que con el estatus socioeconómico.

La naturaleza dinámica de los marcadores pragmáticos se evidencia aún más en su papel en el cambio lingüístico. Los datos sugieren que ciertos marcadores, especialmente aquellos asociados con el habla juvenil, como *en plan* y *sabes*, son más susceptibles de cambio a lo largo del tiempo, ya que están estrechamente vinculados con la identidad generacional y las tendencias sociales.

En conclusión, los resultados de este estudio subrayan la importancia de los marcadores pragmáticos como herramientas sociolingüísticas que reflejan y modelan las identidades sociales. Su uso está intrínsecamente vinculado a factores como la edad, el género y la clase sociocultural, y su evolución a lo largo del tiempo destaca la naturaleza dinámica del lenguaje en respuesta a los cambios sociales y culturales.

3

Patricia Vanessa de Ramos

OS MARCADORES METADISCURSIVOS DE CONTROLE DE CONTATO EM UMA VARIEDADE NÃO-DOMINANTE DO ESPANHOL

DOI: [10.31560/pimentacultural/978-85-7221-339-4.3](https://doi.org/10.31560/pimentacultural/978-85-7221-339-4.3)

RESUMO

Este capítulo descreve as funções de *¿viste?* *¿no cierto?* *¿no?* *¿sí?* *¿entendés?* *¿me entendés?* e *ponele* com base em uma amostra oral selecionada de 25 entrevistas com indivíduos distribuídos por sexo, idade e nível de escolaridade. Na literatura especializada em espanhol, os seis primeiros são denominados *marcadores metadiscursivos de control de contacto*, *apelativos*, ou ainda, *apéndices comprobativos*. A pouca descrição linguística desses marcadores em Oberá-Misiones (Argentina), onde se fala uma variedade não-dominante do espanhol, justifica o estudo preliminar. A análise é realizada segundo os critérios empregados pelo grupo Val.Es.Co. e conforme os parâmetros da Sociolinguística Variacionista Laboviana. Nossos dados confirmam que essas partículas discursivas funcionam como fórmulas exortativas ou apelativas que implicam ativamente o interlocutor. Por sua vez, a função de *ponele* extrapola o valor hipotético, dado que aparece também como controlador de contato, uma função inovadora para este marcador.

Palavras-chave: Apelativos; Misiones; Variedade não-dominante; Sociolinguística.

SUMMARY

This chapter analyzes the functions of ¿viste? ¿no cierto? ¿no? ¿sí? ¿entendés? ¿me entendés? and ponele based on a selected oral sample of 25 interviews with individuals distributed by gender, age group, and educational level. In the specialized literature in Spanish, the first six are referred to as marcadores metadiscursivos de control de contacto, apelativos, or, apéndices comprobativos. The limited linguistic description of these markers in Oberá-Misiones (Argentina), where a non-dominant variety of Spanish is spoken, justifies the preliminary study. The analysis is conducted according to the criteria used by the Val.Es.Co Group and in line with the parameters of Variationist Sociolinguistics of Labov. Our data confirm that these markers perform as exhortative or appellative formulas that actively involve the interlocutor. The function of ponele goes beyond the hypothetical value since works as a contact controller, an innovative function for this marker.

Keywords: Appellatives; Misiones; Non-dominant variety; Sociolinguistics.

INTRODUÇÃO

Martín Zorraquino e Portolés Lázaro (1999, p. 4056) indicam que é muito difícil sistematizar os marcadores discursivos, pois não se trata de uma classe uniforme de palavras. Para os autores, são unidades linguísticas invariáveis – critério morfológico –, que não exercem uma função sintática no âmbito da predicação oracional – critério sintático –. Assim, podemos entender que os marcadores são elementos marginais que orientam ou regulam as inferências que ocorrem na comunicação. O interesse por essas partículas discursivas não é novo, Gili Gaya (1943, p. 326)¹³ as descreve como *enlaces extraoracionales*. Mantendo a distribuição culto-popular vinda do latim, o gramático distribui as formas entre aquelas que aparecem na língua literária, entendida como a língua culta (*sin embargo, no obstante, por consiguiente, luego*) e outras que são exclusivas da fala popular (*pues, así que, conque*). Ainda segundo o autor, são ‘muletillas,’ “Muchas de ellas constituyen *muletillas*, es decir, palabras o locuciones en que apoyan su elocución las personas no instruidas o poco dueñas de los recursos idiomáticos”¹⁴ (Gili Gaya, 1943, p. 326), uma vez que são usadas frequentemente na descrição da língua falada. Uma das primeiras gramáticas do espanhol também testemunha os marcadores. Trata-se da gramática de Alcina e Blecua (1975) para quem a versatilidade distribucional e a pluralidade de valores semânticos são também traços essenciais dos marcadores discursivos. Não obstante, nos últimos anos, o interesse por essas formas e suas funções teve um incremento significativo em vista da pluralidade de valores semânticos que apresentam. No presente capítulo, defendemos que a variação das formas e da função dos marcadores é multicausal e que os valores semânticos dependem fundamen-

13 Ver Curso superior de sintaxis española (1943).

14 “Muitas delas são ‘suportes,’ que dizer, palavras ou locuções nas que se apoiam as pessoas não instruídas ou pouco donas dos recursos idiomáticos” (Gili Gaya, 1988, p. 326), tradução minha.

talmente do significado situacional atribuído pelos indivíduos na interação comunicativa.

Os controladores de contato, objetos do presente estudo, tendem a ser elementos com uma estrutura reduzida breve, isto é, de uma ou duas sílabas. Pragmaticamente, encontram-se relacionados com a denominada cortesia verbal (Brown; Levinson, 1987). Formalmente, aparecem com frequência na segunda pessoa do singular, como podemos observar nos exemplos (1) e (2) retirados do nosso *corpus*.

- (1) C17 Le ponían los blocks se le pasaba un cable tensionado al medio o sea no solo uno eran muchos cables ¿**me entendés?** y se fueron rompiendo todos y este ya es más con vigas ... vigas de concreto (Homem, geração II, escolaridade II)
- (2) C7 Y violencia total // violencia demasiado violencia ¿**viste?** que la gente no se quieren más la gente acá no sé si es acá o en todos lados pero la gente no se quiere más ya no tiene más educación e: piensa que es una cosa sólo para ellos ¿**viste?** (Homem, geração III, escolaridade I)

Para descrever o conjunto de funções e o comportamento de *¿no?* *¿sí?* *¿viste?* *¿entendés?* *¿me entendés?* *¿no cierto?* e *ponele*, o presente estudo se centrará no uso dessas formas na fala de 25 indivíduos que moram em Oberá, um estado da província de Misiones, no nordeste argentino. Trata-se de entrevistas semidirigidas realizadas em 2015, 2019 e 2023. A variedade do espanhol dessa região faz parte do mosaico linguístico espanhol-guarani-português-línguas europeias de herança, o que dificulta qualquer descrição linguística. Contudo, o espanhol é a língua empregada nas interações sociais, tanto informais como formais, por isso consideramos que qualquer análise deve ter como ponto de partida essa língua.

Com base nessas concepções, o presente estudo tem como objetivos i) investigar quais são as formas selecionadas pelos falantes, ii) descrever o leque de funções e o comportamento dessas formas e iii) verificar em que *posição* – inicial, intermediária, final – ocorrem (Briz; Pons Bordería, 2010).

De acordo com os objetivos mencionados, o presente capítulo se organiza em quatro partes. Em §1 descrevemos o estado da questão sobre os controladores de contato. Em §2 descrevemos o *corpus* e o método de pesquisa. A análise funcional e formal das ocorrências observadas no *corpus* encontra-se em §3. Em §4, resumimos as principais conclusões.

OS MARCADORES METADISCURSIVOS DE CONTROLE DE CONTATO EM ESPANHOL: ESTADO DA QUESTÃO

Martín Zorraquino e Portolés Lázaro (1999, p. 4188), com base em Ortega (1985), apontam que expressões como *¿no?*, *¿verdad?*, *¿eh?*, entre outras, são partículas focadas na alteridade e estão à disposição do falante para obter do ouvinte certa confirmação em relação ao segmento do discurso ao qual se referem. Segundo os autores, os *apéndices comprobatorios*¹⁵ constituem meios expressivos de cortesia negativa, na medida em que buscam a participação, a colaboração, a compreensão ou a cumplicidade do ouvinte. Compartilham algumas características com as partículas modais deônticas, mas, diferentemente de *vale* e *de acuerdo*, a exigência de resposta àquilo que se pergunta, afirma ou solicita é menor. Segundo Briz (1998, p. 224), esse tipo de partículas são *marcadores metadiscursivos*

de controle de contato, denominação adotada no presente capítulo. Assim, *¿no?*, *¿eh?*, *¿ves?*, *¿sabes?*, *¿entiendes?*, *escucha*, *oye*, *fíjate*, *te lo digo*, *hombre*, *la verdad* e *¿verdad?* são "marcas constantes da oralidade que manifestam a relação entre os participantes na conversação bem como a relação dos participantes com seus enunciados" (Briz, 1998, p. 224). O autor acrescenta que essas são fórmulas *autor-reafirmativas* que reforçam ou justificam os raciocínios dos falantes perante seus interlocutores, sejam argumentos ou conclusões. Ainda, servem para chamar a atenção ou para manter ou comprovar o contato. Além disso, funcionam como fórmulas exortativas ou apelativas que implicam ativamente o interlocutor¹⁶. O legado de Antonio Briz é, sem dúvida, a referência fundamental de qualquer estudo sobre os marcadores do discurso, sobretudo no que se refere às formas que nos interessam no presente estudo. O fato de esclarecer que os marcadores de controle de contato fazem parte da língua oral e que visam a participação do interlocutor ou servem como reforço do que foi dito pelo falante corrobora nosso argumento. Uma referência igualmente relevante para o estudo sobre o tema é o *Diccionario de partículas discursivas del español* (DPDE)¹⁷, uma vez que várias das formas descritas na literatura especializada são nele analisadas e exemplificadas detalhadamente.

García Vizcaíno (2005, p. 89) aponta que, até a data do presente capítulo, eram escassos os estudos que visavam a analisar no discurso partículas como *¿no?* e *¿eh?*. A autora menciona os trabalhos de Ortega (1985), Martín Zorraquino e Portolés (1999), Briz (1998), Portolés (2001) e Ramírez (2003). Contudo, constatamos que o número de publicações que descrevem esse tipo de marcador aumentou nos últimos anos, o que certamente ajuda a entender o funcionamento dessas partículas em variedades do espanhol. Entre

16 Neste trabalho, a forma *interlocutor* é empregada de forma genérica.

17 O *Diccionario de Partículas discursivas en Español* está disponível online em: <http://www.dpde.es/-/entry/ehl>.

os mais recentes se encontram Guillén Escamilla (2023a), quem descreve o apêndice comprobatório *¿verdad?* no espanhol da Cidade do México com base na perspectiva sociopragmática. Destaca-se também o excelente estudo de Cestero Mancera (2019) que busca estabelecer as formas e o funcionamento das partículas empregadas por falantes de Madrid no âmbito do “Proyecto para el Estudio Sociolingüístico del Español de España y América (PRESEEA)”. Do mesmo modo, Orozco (2014) estuda o uso de *¿no?*, *¿he?* e *¿verdad?* em casos de entrevistas sociolinguísticas. Móccero (2010) estuda *¿no?* e *¿sí?* e considera que são marcadores de *posicionamiento intersubjetivo*; o estudo realizado com base no marco teórico da Teoria da Valoração traz uma contribuição relevante para os estudos sobre o tema. Por sua vez, *¿sabes?* é para Molina Martos (2005, 2017) um *apêndice interrogativo*. O estudo inicial de 2005 resultou em um estudo posterior, realizado em 2017. Os resultados das pesquisas de Molina Martos dão conta do prestígio ou do desprestígio atribuído a essa forma em dois bairros de Madrid, um central e um na periferia. Por sua vez, o trabalho de Lifszyc (2021) merece destaque por se tratar de um estudo sobre a variedade padrão da Argentina, ou seja, a variedade de Buenos Aires. É um dos poucos estudos que encontramos sobre essa variedade do espanhol até a produção do presente trabalho. A autora estuda a evolução diacrônica do significado de *¿viste?* no espanhol rioplatense e o seu uso como marcador discursivo. Discordamos de alguns pontos indicados pela autora, mas concordamos que é um dos marcadores mais frequentes nessa variedade. Finalmente, sublinhamos a grande contribuição de Santana Marrero (2018), quem faz um estudo quantitativo e qualitativo de cunho sociolinguístico de *¿no?*, *¿eh?*, *¿vale?*, *¿sabes?* e *¿verdad?* e chega à conclusão de que *¿no?* é a forma mais produtiva no espanhol em Sevilla. A autora sublinha, no entanto, que os demais fatores sociais possuem um papel determinante na variação.

A relevância dos estudos anteriormente citados se encontra no leque de formas analisadas, bem como na perspectiva de análise.

É possível afirmar que, em espanhol, as formas mais descritas são ¿no?, ¿sí?, ¿eh?, ¿verdad?, ¿sabes? e ¿ves?. No entanto, percebe-se que o conjunto de funções descritas varia entre os diferentes estudos. Entre os resultados que mencionamos neste estudo preliminar encontra-se o uso e a função de ¿verdad?. Esse marcador foi descrito na variedade mexicana (Orozco, 2014; Guillén Escamilla, 2023a), em Sevilla, com baixa frequência de uso (Santana Marrero, 2018) e em Madrid, com baixíssima frequência (Cestero Mancera, 2019). Por outro lado, ¿no? é a forma mais frequente em Sevilla, onde é empregado frequentemente com a finalidade de ratificar e verificar a continuidade da interação (Santana Marrero, 2018). A frequência de uso é também a mais elevada no espanhol de Madrid (Cestero Mancera, 2019) onde a função puramente fática, ou seja, aquela que serve para apelar ao interlocutor e manter a comunicação aberta é a que se destaca nos contextos em que é mais empregado. Também é o marcador mais utilizado na variedade mexicana (Orozco, 2014) e o mais frequente no estudo de García Vizcaíno (2005), com base nos dados do ‘espanhol peninsular’ extraídos do *Corpus Oral de Referencia del Español Contemporáneo* (COREC). Cabe mencionar que ¿sabes? foi estudado por Molina Martos em dois bairros de Madrid: Salamanca –bairro central – em 2005 e Vallecas – na periferia – em 2017. Em 2005, a autora concluiu que no bairro de Salamanca ¿sabes? goza de um prestígio aberto, uma vez que se identifica com valores de solidariedade e com níveis de prestígio social. Por outro lado, no estudo de 2017 aponta que “as mulheres o incorporam como um traço associado ao prestígio ostensivo ou oficial na cidade, enquanto para os homens é um elemento típico da linguagem juvenil marginal, relacionado ao prestígio grupal encoberto¹⁸” (Molina Martos, 2017, p. 14)¹⁹. (Tradução minha). Os resultados de Molina Martos evidenciam

18 Ver Labov (1966).

19 [...] las mujeres lo incorporan como un rasgo asociado con el prestigio abierto u oficial en la ciudad, mientras que para los hombres es un uso característico del lenguaje joven marginal, asociado al prestigio encubierto de grupo (Molina Martos, 2017, p. 14).

a importância de fazer estudos sociolinguísticos. Em outras palavras, considerar fatores sociais como sexo, escolaridade do indivíduo expande a análise, além de ratificar o caráter social da língua. Igualmente relevante são os estudos de cunho pragmático ou socio-pragmático, como descrevemos a seguir.

OS MARCADORES DE CONTROLE DE CONTATO E A CORTESIA

Vários são os estudos que afirmam que os marcadores de controle de contato expressam a denominada cortesia verbal (Martín Zorraquino; Portolés Lázaro, 1999; García Vizcaíno, 2005; Móccero, 2010; Orozco, 2014; Molina Martos, 2005). Lembrando que, segundo Goffman (1967), o indivíduo apresenta uma propriedade básica, isto é, a imagem pública (face), constituída por duas classes de desejos, que Brown e Levinson (1967, p. 60) denominam da seguinte maneira: i) a imagem negativa (ou território) é a reivindicação básica de territórios, reservas pessoais, direitos à não-distração, ou seja, direitos à liberdade de ação e à liberdade de imposição; ii) a imagem positiva é a busca de aprovação e valorização das intenções ou atos de cada indivíduo.

No que se refere à cortesia, não encontramos resultados para todas as partículas que nos interessam. As mais descritas são *¿no?*, *¿verdad?*, *¿eh?* e *¿sabes?*. Notável é a conclusão de García Vizcaíno (2005) sobre a função de *¿no?* com base em dados extraídos do COREC:

Em primeiro lugar, quando a partícula *¿no?* é utilizada após atos avaliativos e exortativos, mitiga-se muito mais a força ilocutória da opinião ou do mandato (que assim se converte em conselho) do que se ela fosse dispensada. Em segundo lugar, o efeito perlocutório sobre o

destinatário é que *¿no?* deixa mais aberta a possibilidade de participação do destinatário em aceitar ou não essa avaliação ou sugestão. Por último, a partícula *¿no?* contribui, nesses casos, para buscar o acordo com o interlocutor, funcionando, portanto, como uma estratégia de cortesia positiva com uma orientação clara de não querer impor-se à liberdade de ação do interlocutor e, assim, ameaçar sua imagem negativa (García Vizcaíno, 2005, p. 98-99)²⁰ (Tradução minha).

Além de *¿no?* descrita em variedades peninsulares, *¿verdad?* também funciona como estratégia de cortesia positiva nos casos em que desempenha uma função apelativa em atos de fala assertivos na variedade mexicana (Orozco, 2014, p. 661). No entanto, a autora recomenda um estudo mais aprofundado, pois os dados disponíveis baseiam-se apenas em uma pessoa. Por sua vez, em Salamanca – bairro de Madrid –, *¿sabes?* é uma estratégia de cortesia na fala das mulheres. “Quando as falantes acrescentam um *¿sabes?* no seu discurso, estão recorrendo à cortesia positiva, protegendo a imagem social do interlocutor e demonstrando que o consideram parte do grupo” (Molina Martos, 2005, p. 1054).

Em suma, percebemos que houve nos últimos anos um grande esforço em descrever formas como *¿no?*, *¿sí?*, *¿viste?*, *¿entiendes?*, *¿me entiendes?* e *¿no cierto?* a partir dos estudos da Pragmática. Notamos que a grande maioria dos trabalhos descreve variedades dominantes de língua espanhola, entre elas, variedades peninsulares, mexicanas e a de Buenos Aires. Não encontramos, entretanto, estudos

20

En primer lugar, cuando se utiliza la partícula *¿no?* después de actos evaluativos y exhortativos se mitiga mucho más la fuerza ilocutiva de la opinión o del mandato (que se convierte así en consejo) que si se prescindiera de ella. En segundo lugar, el efecto perlocutivo sobre el destinatario es que *¿no?* deja más abierta la posibilidad de participación del destinatario de aceptar o no esa valoración o sugerencia. Por último, la partícula *¿no?* contribuye en estos casos a buscar el acuerdo con el interlocutor, por lo que funcionaría como una estrategia de cortesia positiva con una orientación clara de no querer imponerse a la libertad de acción del interlocutor y amenazar así su imagen negativa (García Vizcaíno, 2005, p. 98-99).

sobre o nordeste argentino. Assim sendo, neste estudo preliminar, buscaremos apresentar as formas empregadas pelos falantes em contexto de entrevista sociolinguística em uma variedade de contato intenso espanhol-português, a de Oberá-Misiones (Argentina), onde o espanhol convive também com outras línguas não-românicas. Antes de passar à seguinte seção onde apresentamos o *corpus* e o método de pesquisa, vejamos os valores de *ponele* na Argentina.

PONELE NO PANORAMA LINGÜÍSTICO

Não encontramos estudos que considerem *ponele* um marcador metadiscursivo de controle de contato, o que não nega sua existência. Trata-se de uma forma verbal gramaticalizada a partir do imperativo afirmativo da segunda pessoa do singular de *poner* no voseo argentino, à qual se acrescenta o clítico *le*, altamente utilizado em Oberá como pronome de objeto indireto (OI) e também como objeto direto (OD).

Ponele foi descrito como uma marca de ironia (Loredo; Picone, 2012) e como um marcador de modalidade epistêmica (Checchi Ugrotte, 2018). Em relação ao uso irônico defendido por Loredo e Picone (2012, p. 1776), destacamos a afirmação que aponta sua capacidade de marcar distanciamento em relação ao enunciado. Isto é, sem a presença do marcador, a asserção poderia ser atribuída ao falante. Por outro lado, chama a atenção o valor epistêmico do marcador. Segundo Checchi Ugrotte (2019, p. 129), trata-se de um marcador relacionado ao grau de compromisso do falante com relação ao conteúdo proposicional. A autora faz um estudo de cunho semântico e menciona quatro funções: i) construção de mundos, ii) parentético, iii) final, iv) autônomo. Para a linguista, o marcador apresenta similitudes funcionais com *por ahí* e *capaz* que transmitem o valor de possibilidade quando estão em posição inicial, afirmação

com a qual concordamos. Quando funciona como 'construção de mundo' relaciona-se com *suponete/imaginate*; como parentético, com *por ejemplo*; como final tem alcance 'para trás' ou seja, sobre o que precede o marcador e possui semelhanças com *capaz* e *pos-sivelmente*; e como autônomo pode constituir um ato responsivo de uma pergunta total ou de um ato assertivo. Esta função é, segundo Checchi Ugrotte, a mais frequente em Buenos Aires e serve para acrescentar uma dose de descrença ao que foi dito ou ser parcialmente contraditório.

CORPUS E O MÉTODO DE PESQUISA: O CORPUS

O *corpus* que serve de base para o presente estudo preliminar está composto por 25 entrevistas sociolinguísticas com falantes que representam três níveis de educação: primário, secundário e universitário; três grupos etários: menos de 20 anos, entre 20 e 45 anos, entre 45 e 70 anos, e ambos os sexos. A amostra foi coletada em três momentos distintos, 2015, 2019 e 2023 pela autora deste capítulo em Oberá-Misiones. Sublinhamos que, por se tratar de um estudo preliminar, não fazemos uma análise quantitativa, mesmo assim, consideramos os fatores sociais em nossa análise qualitativa.

A VARIEDADE DO ESPANHOL

Misiones é a província ao norte da Argentina que fica incrustada entre o Brasil e o Paraguai. Nessa província, fala-se espanhol, como no resto do país. No entanto, a situação linguística peculiar da região requer que o linguista seja muito atento. Oberá é um dos 17

departamentos (municípios) da província. A proximidade geográfica com o Brasil faz com que a fronteira linguística seja porosa e dinâmica e o repertório linguístico das pessoas da região é diverso. O português é compreendido e falado como segunda língua, sendo a língua familiar em muitos lares, o que se explica historicamente²¹.

O espanhol convive também com variedades do tupi-guarani faladas dentro e fora das comunidades. Defendemos que o contato do espanhol com variedades dessa língua foi mais relevante no passado do que na atualidade, uma vez que no momento de formação do que hoje é conhecido como Misiones, os povos indígenas conviviam com os recém-chegados espanhóis e estiveram na base social e cultural da atual província. Portanto, é inegável a relevância do substrato guarani na variedade do espanhol falado na região. Mais uma peça para o mosaico linguístico é a segunda fronteira dinâmica localizada ao norte da província, ou seja, com o Paraguai, onde se fala espanhol, guarani e jogar. Acreditamos que esse contato é menos significativo em Oberá, assim, não o aprofundamos neste estudo. Menos estudada é a influência das línguas não-românicas que chegaram a Oberá durante o processo de povoamento²². Por meio de observações antropológicas e segundo historiadores, podemos afirmar que há grupos familiares que ainda falam alemão ou ucraniano em casa, em Oberá, e que os migrantes de primeira geração não têm o espanhol como língua 1, ou seja, a língua de interação em contexto familiar é aquela que trouxeram do antigo continente. Entre nossos entrevistados, há pessoas da segunda e da terceira gerações de famílias alemãs, ucranianas e brasileiras que chegaram à região durante o processo de repovoamento. Dentre as três, só o português passou da primeira para as seguintes gerações.

Podemos acrescentar que os indivíduos frequentemente manifestam um preconceito invertido em relação à variedade local,

21 Ver os trabalhos de Lipski (2016, 2017).

22 Ver os trabalhos de Galero e Krautstoftl (2010).

que é uma variedade não-dominante. Em outras palavras, há uma valorização encoberta da forma como se fala a língua na região. Há também um forte orgulho associado a outros componentes sociais. Assim sendo, vale a pena descrever brevemente as tensões sociais com o Brasil, com o Paraguai e com Buenos Aires. Em Oberá, há um prestígio associado ao Brasil, como evidencia a ênfase em se destacar a qualidade dos sapatos brasileiros no exemplo (3); enquanto o Paraguai é estigmatizado, pois acredita-se que tudo o que vem deste país tem baixa qualidade ou é irrelevante. Linguisticamente, a tensão vai na mesma direção. Ninguém demonstra orgulho ao apresentar características morfológicas, léxicas, sintáticas, prosódicas ou pragmáticas associadas ao Paraguai. Contrariamente, a tensão com a capital argentina é distinta. Os indivíduos em Oberá consideram o *portenho* – o residente de Buenos Aires – elitista. Embora a variedade linguística tenha o mesmo *status*, os indivíduos reconhecem sua importância. De qualquer modo, há uma tendência de afastamento linguístico, razão pela qual defendemos a existência do preconceito invertido.

MARCO TEÓRICO E MÉTODO DE ANÁLISE

Sem medo de ser redundantes, reiteramos que as línguas mudam porque existem falantes que vivem em sociedades complexas, hierarquizadas, heterogêneas e que mudam as línguas porque estas não existem de forma abstrata. Após tantos anos da publicação de *Padrões Sociolinguísticos* (Labov, 1972a), ainda é necessário destacar que é impossível desvincular os fatos da linguagem dos fatos sociais. A reiteração faz-se oportuna porque os estudos avançam, mas o leitor é outro. Assim sendo, resulta pertinente indicar que, segundo Labov (1972a, p. 183), a língua é uma forma de

comportamento social. Do mesmo modo, é necessário reforçar que em nenhum momento da história de uma comunidade existiu um grupo homogêneo, de estilo único, que realmente ‘falava a língua’²³ (Labov, 1972a, p. 203). Os espanhóis que chegaram a Misiones não eram um grupo homogêneo, por exemplo. Nunca houve um modelo sem variações que depois foi desviado de algum modo, seja pelo contato, seja pela pressão da escola. A heterogeneidade é inerente à língua. A partir dessa perspectiva realizamos o presente estudo (Weinreich, 1953; Weinreich; Labov; Herzog, 1968; Labov 1972a, b).

É do nosso interesse pesquisar quais fatores determinam que um falante use uma forma ou outra. A pragmática contribui, nesse sentido, para entender o uso das formas em variação. Especial atenção recebem os estudos que pesquisam a expressão da cortesia verbal por meio da língua, sobretudo da língua oral (Brown; Levinson, 1987; Culpeper, 1996; Briz, 1998; Escandell Vidal, 2006; Placencia; Bravo, 2009; Albelda Marco, 2004).

Com o objetivo de realizar uma breve análise que permita investigar os marcadores de controle de contato selecionados pelos falantes em Oberá, utilizaremos a proposta de unidades do Grupo Val.Es.Co. (Briz; Grupo Val.Es.Co., 2003; Grupo Val.Es.Co., 2014). Consideramos muito pertinente empregar os chamados ‘cortes sintáticos’ da conversação coloquial, “mais adequados ao seu caráter oral e de acordo com seu funcionamento pragmático” (Briz, 2018, p. 2). Embora o *corpus* seja fruto de coleta de dados de cunho socio-linguístico, as entrevistas mantêm uma estrutura mínima, permitindo a aplicação dos critérios. A proposta de unidades do discurso aparece representada na seguinte tabela (Tabela 1).

Tabela 1 - Proposta de unidades do discurso. A proposta do grupo Val.Es.Co

Plano	Unidades		
	Ordem estrutural (interno)	Ordem social (externo)	Ordem informativa
Dialógico	Diálogo Intercâmbio	Alternância de turno	
Monológico	Intervenção	Turno	
	Ato		Subato

Fonte: (Grupo Val.Es.Co., 2014; Briz, 2018).

Segundo os autores, o discurso oral (coloquial) se articula em dois níveis, o monológico e o dialógico. Do ponto de vista de sua estrutura interna, organiza-se hierarquicamente em atos e intervenções dentro do nível monológico, e em intercâmbios e diálogos no nível dialógico. Essa segmentação é o foco em nossa análise. Sublinhamos que os autores apontam que cada turno é uma intervenção, mas nem toda intervenção é um turno, pois para que assim seja caracterizada, precisa ser aceita pelo interlocutor, ou seja, deve gerar uma intervenção reativa. Por essa razão, esta pertence à ordem estrutural, enquanto o turno é uma unidade social.

No que se refere ao ato, do ponto de vista pragmático, possui uma única força *illocutória* (pergunta, resposta, aceitação, rejeição, ordem, oferta etc.), ou seja, o falante o emite com uma intenção determinada. Quanto à prosódia, se caracteriza por constituir uma unidade melódica, ou seja, tem um contorno melódico próprio. No que diz respeito à caracterização semântica, o ato geralmente é formado pelo conteúdo de uma proposição à qual podem ser adicionados constituintes informativos menores. Embora, na prática, não seja necessário cumprir os três requisitos, uma vez que é a identificação da intenção ou ação comunicativa – e o consequente funcionamento autônomo em uma intervenção – que evidencia que o constituinte em questão é isolável em relação ao ato anterior e que, portanto, é um ato. (Grupo Val.Es.Co., 2014, p. 38-41). Finalmente, as unidades

mínimas que compõem os atos são os subatos, ou seja, os segmentos mínimos em que um ato pode ser dividido.

A hipótese dos autores é que a variação funcional dos marcadores do discurso se encontra limitada por sua posição discursiva e pelo tipo de unidade na qual se integra. Concordamos com essa hipótese, mas destacamos que além de definir se as formas encontradas são metadiscursivas de controle de contato, é necessário analisar as microfunções, ou seja, os significados que expressam.

O *corpus* que serve de base para o estudo dos controladores de contato é o mesmo que serve de base para a realização da tese de doutorado da autora do presente capítulo. Ao longo dos anos de pesquisa e manipulação dos dados, chamou a nossa atenção o uso de algumas das formas aqui analisadas. Assim sendo, decidimos realizar um estudo qualitativo preliminar. Para tanto, lemos atentamente todas as entrevistas, selecionamos as formas empregadas por cada um dos falantes e as descrevemos considerando o perfil social de cada um deles. Empregamos o programa *AntConc* como suporte na busca das ocorrências. Os resultados são descritos na próxima seção.

OS RESULTADOS

Os resultados são muito interessantes. Por meio da análise das vinte e cinco (25) entrevistas sociolinguísticas, observamos que em Oberá os falantes empregam as seguintes formas: *¿viste?*, *¿no cierto?*, *¿no?*, *¿sí?*, *¿entendés?*, *¿me entendés?* e *ponele*, uma forma que consideramos inovadora e sobre a qual falaremos após a descrição das primeiras.

A distribuição entre os falantes chama muito a atenção. Podemos observar que, do repertório verbal do qual dispõe, cada falante seleciona formas distintas de acordo com o seu repertório

funcional. Alguns combinam duas ou três formas no máximo, outros usam uma única forma. O mais chamativo é que há três falantes que não empregaram nenhuma das partículas observadas. No que se refere à frequência de uso, podemos afirmar que *¿viste?* é o elemento mais empregado. Não dispomos dos valores absolutos, pois não fizemos um estudo quantitativo, mas as nossas observações nos permitem chegar a essa conclusão. A seguir, analisamos exemplos da forma mais produtiva.

¿VISTE?

O marcador *¿viste?* manifesta a gramaticalização de uma forma verbal a partir da segunda pessoa do singular do Pretérito Perfeito Simples do Indicativo, lembrando que há sincretismo entre as formas de *tú* e de *vos* na Argentina “*tú viste; vos viste*”. No exemplo (3), aparece na fala de uma mulher de 30 anos, que tem o segundo grau completo e trabalha em uma loja. Sublinhamos que a entrevistadora é de Oberá, mas reside em outro país há muitos anos, o que resulta muito interessante para a análise linguística, já que permite observar a atitude do falante em relação a uma pessoa com quem há um conflito de pertencimento. Embora faça parte do grupo social por ter família e amigos ainda na região, a entrevistadora está mais desvinculada do grupo por morar em outro país. Vejamos o primeiro exemplo.

- (3) E #²⁴¿Cuál es la importancia o los puntos positivos o negativos con relación a ese hecho/ a la localización de la provincia?#
- C14 #E::#
- E #Que limite con Brasil que limite con Paraguay#

C14 #Sí# #o sea más por las compras// ²⁵} {¿viste?↓}
{Paraguay}# #{o sea nosotros tenemos práctica-
mente todo de Paraguay# #vamos vamos a hablar
sincero ¿viste?# #a mí↑ a mí me conviene por lo
que hago por esto por vender me conviene sí toda
la vida Paraguay ¿viste?↓# #e: obviamente traigo
algunas cosas de de Buenos Aires ¿viste?} {pero
muy poco}# #{la mayoría entonces ¿viste?}# #o sea
Brasil↑ no es/sí Brasil↑ ahora está está bueno el
cambio# #y:: ¿viste::?↓} //{ropa brasileira y calzado
no hay no hay no hay mejor no hay mejor ¿viste?#
/// #y con el cambio igual↑ ¿viste?}{de la forma
que está nuestra plata nos conviene toda la vida
comprar en Brasil // los calzado↑ pero la ropa no
tanto} {pero los calzado sí↓}# (Mulher, geração II,
escolaridade II)

A intervenção de C14 é complexa, uma vez que é uma intervenção reativa seguida por outros atos (Briz; Pons Borderia, 2010, p. 310). Contabilizamos oito ocorrências do marcador. Uma primeira impressão nos levaria a pensar que *¿viste?* ocorre tanto em posição final “vamos vamos a hablar sincero *¿viste?*”, quanto em posição média de ato “e: obviamente traigo algunas cosas de de Buenos Aires *¿viste?* pero muy poco”. Entretanto, é preciso destacar que na segunda proposição, *¿viste?* aparece em posição final de subato. Vejamos novamente o exemplo, agora ilustrado em (4).

(4) #{²⁶e obviamente traigo algunas cosas de de Buenos Aires
¿viste?} {pero muy poco}#.

25 As pausas curtas são indicadas por meio de duas barras //. As pausas mais longas por meio de três barras ///.

26 Seguindo a proposta de unidades do grupo Val.Es.Co., o começo e o final de subato são indicados por meio de {}.

Entendemos que “*pero muy poco*” não pode ser resposta à intervenção iniciativa. Por isso o consideramos um subato adjacente, ou seja, um subato que não pode funcionar sem o primeiro. A partícula *pero* funciona como uma conjunção adversativa, assumindo um valor enfático. Dessa maneira, *¿viste?* ocorre também em posição final, mas de subato.

No que diz respeito às funções, primeiro destacamos que *¿viste?* é um focalizador da alteridade, uma vez que serve para marcar as relações interpessoais, isto é, a proximidade e a confiança. Em posição final de ato, aumenta a força diretiva do ato, como em “*vamos a hablar sincero ¿viste?*”. Percebemos uma tensão quando a falante implica ativamente a interlocutora por meio de *vamos*. Esse ato poderia afetar a imagem negativa da entrevistadora, já que a falante solicita sinceridade e possivelmente uma mudança nas avaliações sobre os hábitos locais. Portanto, defendemos que *¿viste?* em atos diretivos – pedido, sugestão, apelação –, podem afetar a imagem social do interlocutor.

Por outra parte, antes de uma descida no tom de voz como em “*y:: ¿viste::?↓//*”, a partícula funciona como estratégia para manter o turno de fala enquanto a falante organiza o raciocínio. O subato adjacente no qual ocorre aparece antes do subato principal delimitado por um alongamento da semivogal e uma pausa relativamente longa. Outra função que queremos destacar é a de reforço assertivo, como em “*ropa brasileira y calzado no hay no hay no hay mejor no hay mejor ¿viste?*”. Nessa proposição, C14 se compromete com a verdade do enunciado porque trabalha com a venda de roupa e acredita que é uma especialista no assunto.

Quando C14 emprega *¿viste?*, espera que a entrevistadora seja solidária com seu argumento, destacando o valor apelativo da partícula. Entendemos que a falante envolve ativamente a interlocutora e solicita que colabore com sua experiência e conhecimento compartilhados, como é possível observar em “*y con el*

cambio igual↑ ¿viste?”. A falante sabe que a interlocutora conhece bem a situação cambial.

Por último, não podemos deixar de mencionar a função fática de ¿viste?. Como vemos em (3), esse marcador serve para garantir a comunicação entre o emissor e o receptor e para manter o turno. A velocidade de fala e as subidas no tom de voz impossibilitam que a interlocutora interrompa a intervenção. É possível ouvir emissões como “hummm”, “ah” que manifestam atenção e/ou interesse no que está sendo dito, mas que não se constituem como turnos porque não são aceitos. A falante encerra a intervenção com uma descida tonal, indicada por uma seta para baixo ↓ “pero los calzado sí↓”, que marca *um lugar de transição pertinente*. Vejamos mais um exemplo.

- (5) E #Pero ¿por qué se por qué se por qué creé usted que hay tanto prejuicio tanta mala energía con relación a los tareferos?#
- C7 #¿Viste? porque los tareferos la mayoría son gente pobre sin cultura sin la educación} {porque el que va a tarefear//} {aparentemente ¿viste?} {no tiene un un: primaria nomás}# #{capaz que tiene primaria y capaz no tiene# #entonces esa gente no tiene cultura ¿viste?} {no tiene educación con lo demás esos son los tareferos# /// #por eso se le decretó ese TAREFERO# #ellos si tocan hacer una violencia ellos hacen y no tienen problema# (Homem, geração III, escolaridade I)

Em (5), ¿viste? aparece na fala de um homem com 62 anos, que tem ensino fundamental e trabalha na “chacra” –fazenda–. O tópico de conversação é o estigma em torno das pessoas que colhem erva-mate, que são chamadas de ‘tareferos’, palavra derivada do verbo *tarefear*. Em posição inicial de intervenção e de ato ¿viste?, em combinação com *porque*, reforça o raciocínio que irá proferir ao tempo que solicita o engajamento do falante. Entendemos que o primeiro *porque* corresponde à enunciação, assim, o falante justifica o

ato de fala assertivo no qual expressa sua opinião. Por outro lado, o segundo *¿viste?*, que se encontra em final de subato, combinado com *aparentemente*, serve como atenuador do ato de fala. Ainda, funciona como um reformulador da dedução que o falante irá apresentar, ou seja, a relação entre ‘tarefero’ e a falta de educação, no sentido de ‘não ter respeito com as demais pessoas’. Em Oberá, a alteridade é uma característica saliente e a falta de respeito é recriada. Defendemos que na última ocorrência em (5), *¿viste?* tem a função fática e funciona também como uma reafirmação do que foi dito. Vejamos o último exemplo de *¿viste?*.

- (6) E #¿El el hijo no respeta más al padre?#
C5 #No no respeta=#
E Bien
C5 {pero yo no sé si es porque: /// porque no respetan *¿viste?*}/ {o porque:}# #¿viste que ahora los padres no pueden más decir bueno yo tengo autoridad sobre mis hijos porque vos le maltrata al hijo el hijo va y te denuncia:}?# #En el colegio yo escuché chicos decir e:} {pero si}# #porque preguntaban si: *ahora²⁷ al final de trimestre vos llevá el boletín a tus padres y llevá seis rojos de las diez materias que hay ¿no cierto?*} {por ejemplo *¿no?*} {y tu papá te va a decir *bueno ya que vos no querés estudiar andá a trabajar y no te vas más al colegio y te vas a trabajar*}# #{una chica dijo si mi mamá me dice eso yo te/ yo le denuncio} {y yo creo que ahí es donde los padres están perdiendo la autoridad *¿viste?*}# #{no sé si es porque: los chicos saben más de ley o qué sé yo o: hay tanta ley así *¿viste?*}# #{pero yo creo que eso no debería/# #un hijo no podía pensar eso del padre# (Mulher, geração III, escolaridade I)

O fragmento ilustrado em (6) corresponde à emissão de uma mulher (C5) de 52 anos que tem ensino fundamental e cujo vínculo com a entrevistadora é muito próximo. O tema de conversação é o respeito dos filhos com relação aos pais. No fragmento, aparece um dos casos de *viste* que desconsideramos neste estudo. Trata-se do exemplo em que *viste* é um verbo que introduz uma pergunta retórica na qual a falante expressa indiretamente sua opinião “¿*viste* que ahora los padres no pueden más decir bueno yo tengo autoridad sobre mis hijos porque vos le maltrata al hijo el hijo va y te denuncia:?” Entendemos que, neste caso, *viste* possui o valor de ‘*darse cuenta de algo*’ (perceber algo ou dar-se conta de algo). Mas vejamos a relevância desse *viste* na intervenção. O turno de fala não é interrompido porque a interlocutora espera um esclarecimento ou uma exemplificação da opinião que foi apresentada. Tanto é que na sequência a falante apresenta um exemplo no qual aparecem ¿*no cierto?* e ¿*no?*, duas partículas que são, em nossa opinião, um apelativo do que será dito e uma pergunta comprobatória, respectivamente. C5 sabe que a interlocutora é uma pessoa que conhece bem o sistema de ensino, por isso, ao usar ¿*no cierto?* apela à sua ouvinte para que confirme que compartilha o que dirá na sequência. Em nossa opinião, aparecer em posição intermediária de ato indica que a intenção ainda não foi concluída. Percebe-se que a falante reproduz diretamente a pergunta que alguém faz, possivelmente um docente ou um adulto aos estudantes, a partícula ocorre no meio da pergunta com valor continuativo. É correto considerar que há um subato em “{por ejemplo ¿*no?*}”, que funciona como um inciso. Por meio da partícula ¿*no?*, a falante busca controlar se a interlocutora entendeu a intenção do enunciado, isto é, servir de exemplo. Funciona, portanto, como um controlador de contato entre o interlocutor e o enunciado. Opinamos que as ocorrências de ¿*viste?* em (6) servem para garantir a comunicação entre o emissor e o receptor e, sobretudo, para chamar a atenção do ouvinte.

Destacamos, neste momento, que os falantes com maior grau de escolaridade não empregam *¿viste?*. Os nossos dados parecem indicar que esse marcador está relacionado à atitude e ao grau de insegurança do falante perante o interlocutor, assim como à relevância e à pertinência do enunciado. Valeria a pena conduzir um estudo que verificasse a correlação entre frequência de uso e insegurança do falante. Passemos agora à segunda forma.

¿NO CIERTO?

A forma *¿no cierto?* é uma variante de *¿cierto?*, que não aparece em nosso *corpus*, embora saibamos que existe em Oberá. Os resultados apontam que o marcador precedido pela partícula de negação é a segunda forma mais frequente entre os entrevistados. Ocorre principalmente na fala dos homens, embora não seja exclusiva a eles. As mulheres também a utilizam, especialmente as da geração III com ensino fundamental I, como já vimos no exemplo (6). A frequência de uso é muito baixa ou então nula na fala das mulheres que trabalham com a educação ou com a saúde, isto é, pelas professoras do ensino fundamental e médio, e por uma dentista, que representam o grupo com maior grau de escolaridade na nossa amostra de fala. Como veremos mais adiante, as formas selecionadas por esse grupo são *¿sí?*, *¿no?* ou nenhuma das formas disponíveis no repertório linguístico da comunidade. Passemos então a observar o funcionamento de *¿No cierto?*.

- (7) E #¿Qué me contás de este accidente?#
C1 #Y nosotros habíamos ido fulana²⁸ **¿no cierto?** a a
 la casa de tu mamá cuando ocurrió el accidente de
 Singer ese día ¿o no?#

- Ex.²⁹ ((ruido))
- C1 #¿pero no habíamos ido a la mañana?#
- Ex. ((ruido))
- C1 #Ah: entonces yo no me acuerdo bien eso sí# #algo me acuerdo del accidente que después fuimos a mirar como quedó el puente# ((ruido)) #{y era una negligencia} {es una negligencia grande↑ ¿no cierto?} //{son cosas que/son evitables# #porq=
- E ¿Murió mucha gente?
- C1 Muchas veces si es evitable no es un accidente)# #o sea que ahí hay hay negligencia# // #sí murieron cuatro personas creo que murieron# (Homem, geração III, escolaridade IIII)

Chama a atenção a primeira ocorrência de *¿no cierto?* na intervenção reativa de C1. O falante começa a responder à pergunta, mas ao perceber que não lembra se esse mesmo dia havia ido à casa da sogra, muda de interlocutor e usa *¿no cierto?* com a pessoa referida aqui como ‘fulana’ para solicitar aberta e atenuadamente sua atenção e colaboração – valor apelativo –, já que não tem certeza do que irá a dizer. A partícula aparece após o vocativo – valor continuativo – em um ato de fala diretivo interrogativo que se encerra com *¿o no?* – valor epistêmico –. A curva melódica que indica pergunta começa no momento que o falante muda de interlocutor, ou seja, no vocativo. Defendemos que a força ilocutória está em toda a proposição, mas C1 busca uma resposta imediata e com conteúdo informativo, por isso usa *¿o no?* no final de ato. A forma *¿no cierto?* manifesta o valor continuativo e funciona como um mitigador do ato diretivo posterior. Destacamos também que o resultado demonstra que é possível a combinação de *¿no cierto?* com outro marcador apelativo.

Por outro lado, o segundo *¿no cierto?* serve para reafirmar o ato de fala assertivo e para manter o turno de fala, que é interrompido pela entrevistadora logo em seguida, mas ignorado nesse momento pelo falante. O turno é aceito somente após a conclusão do raciocínio de C1.

¿NO CIERTO? EM COMBINAÇÃO COM ¿VISTE?

Vejamos um exemplo em que os marcadores *¿no cierto?* e *¿viste?* aparecem na mesma intervenção reativa na fala de um homem de 66 anos, com ensino fundamental que mora na cidade faz pouco tempo. Antes, morava em uma 'chacra' muito perto da fronteira com o Brasil, mas ainda dentro de Oberá.

- (8) C27 #Criar muchas cosas muchos animales# #me gustó plantar mucho en la chacra # #e:: me vine a este lugar acá ¿viste? y: me hallo acá# #me hallo acá# si sería que::# #un lugar lindo un lugar hermoso acá **¿no cierto?** pero uno ya lleva el sistema el costumbre de la chacra // y: ya somos chacarero **¿no cierto?** y: por eso por eso que yo digo que /// yo↑ ahora me estoy como dice me estoy adaptando acá **¿no cierto?** por lugar lindo # #y: vivimos sobre ruta **¿no cierto?** entonces yo me hallo ahora acá ¿viste?# #me hallo ¿viste?# #pero los primeros tiempos cuando me vine recién como yo era solo de la chacra entonces yo no no me adaptaba **¿no cierto?**#
- E #Entiendo sí#
- C27 #Pero después sí después yo fui a: a:: ..me fui adaptando fui me acostumbrando=
- E Con cómo era

C27 con el movimiento ¿no cierto?# #y ahí...# (Homem, geração III, escolaridade I)

O exemplo (8) é importante porque demonstra a combinação dos dois marcadores mais produtivos em nossa amostra de fala. Defendemos que tanto *¿no cierto?* quanto *¿viste?* buscam basicamente garantir a recepção da mensagem –valor fático–. No diálogo, a entrevistadora fez uma pergunta de opinião sobre o bairro, mas ainda não havia ligado o gravador, por isso começa a se mexer e a arrumar o papel com as perguntas. O falante parece interpretar que ela não está prestando atenção no que ele diz, o que aumenta o número de ocorrências desses marcadores no início da entrevista. Embora o falante continue a usá-los ao longo da entrevista, o número de ocorrências por intervenção diminui.

Apesar da proximidade dos valores entre os dois marcadores, notamos que há uma pequena diferença. Em nossa opinião, *¿viste?* aponta ao interlocutor –focalizador de alteridade–, busca corroborar que este, o interlocutor, conhece a informação que o falante está proporcionando ao mesmo tempo em que procura algum tipo de concordância. Por sua vez, *¿no cierto?* busca proximidade e cumplicidade com o interlocutor, além de marcar continuidade discursiva. Pensamos que em situações como a descrita no exemplo (8) é possível observar que *¿viste?* não se encontra completamente gramaticalizado, dada a possibilidade de combinação com outro marcador de controle de contato.

¿NO? E ¿SÍ?

As formas *¿no?* e *¿sí?* em Oberá são mais frequentemente utilizadas por mulheres com maior grau de escolaridade, segundo os resultados. Não podemos afirmar que não ocorrem na fala dos

homens porque precisamos fazer uma análise ainda mais profunda, mas os primeiros resultados apontam que ocorrem em intervenções complexas e longas. Destacamos que observamos uma diferença entre os turnos de fala de mulheres e homens com ensino superior. Enquanto os intercâmbios com os homens são mais curtos, exigindo que a entrevistadora intervenha com frequência para manter a interação, os turnos de fala com as mulheres são longos, há menos truncamentos e o número de intervenções da entrevistadora é bem menor. Vejamos um exemplo onde aparecem os dois marcadores.

- (9) E #¿Qué hacen las mujeres en Villa Bonita?#
C11 #Bien# #e:: lo que puedo decirte es que↑ la mayoría de las que pueden estudiar acceder digamos al nivel terciario lo hacen ¿sí?# #si no↑ la opción que hay acá es trabajar como empleada doméstica} {como mucama ¿sí?}# #otra alternativa desgraciadamente para las mujeres no hay# #{es es una realidad triste porque eso hace que e::} {desde mi punto de vista ¿no?} {no quiero por ahí causar/ofender o;} {se casen muy jóvenes ¿sí?}# #{e: para/digamos porque en la casa no pueden estar más} {ya como que molesto entonces me voy y}# #{e: por ahí veo ese ese punto ¿no?}# #e:: porque yo sí quise ser independiente # e:: no# #entonces como que lo veo /lo veo negativo ¿no?# #para las mujeres hay...#
E #Hay más más dificultad tal vez#
C11 #Para conseguir trabajo sí muchísimo# (Mulher, geração II, escolaridade III)

A forma ¿sí? em (9) serve, principalmente, para reforçar o ato assertivo precedente, por isso aparece em posição final de ato. Ao mesmo tempo, afirma a atitude da falante perante a interlocutora e busca a valorização de suas intenções – imagem positiva –. C11 é uma professora de inglês no Ensino Médio, tem 25 anos no momento

da entrevista e é uma pessoa independente e culta. Assim, sente que tem autoridade suficiente para opinar sobre o perfil das mulheres da região e busca que a interlocutora considere que a proposição é verdadeira e acertada. Nesse sentido, não reafirma só o enunciado, mas também a imagem do falante perante o interlocutor. Lembramos que a entrevistadora é também uma professora com ensino superior, mas que mora fora da comunidade há muito tempo. Poderíamos defender que a entrevistada acredita que a entrevistadora tem menos autoridade para opinar sobre as mulheres da região do que ela.

Por outro lado, a função basilar de *¿no?* está ligada à cortesia, isto é, ao cuidado da imagem negativa do interlocutor. No subato “desde mi punto de vista *¿no?*”, a partícula serve como mitigador da opinião sobre o fato de que as mulheres se casam muito jovens e não procuram ser independentes. Esse argumento se vê reforçado pela presença de um segundo subato atenuador “no quiero por ahí causar/ofender o:” antes da conclusão da intenção principal. A função do segundo subato é mitigar a possível ofensa que pode causar a conclusão do raciocínio. A pessoa que acompanha a entrevistadora tem o perfil descrito por C11 e por isso acreditamos que a falante busca proteger a imagem de uma pessoa que está participando ativamente na interação e que pode se sentir aludida. Por sua vez, em “e:: por ahí veo ese ese punto *¿no?*”, a falante justifica o que acabou de dizer e reafirma que essa verdade depende do seu ponto de vista, permitindo a atuação do interlocutor, ou seja, outorga sua liberdade – imagem negativa –.

Portanto, consideramos que *¿sí?* está associado à imagem positiva do falante, enquanto *¿no?* está associado à imagem negativa do interlocutor. Em nossa opinião, essa é a diferença básica entre *¿no?* e *¿sí?* em Oberá. São controladores de contato, já que possuem valor fático – garantem a recepção da mensagem – e apresentam as funções expressiva e de reafirmação.

¿ENDENDÉS? E ¿ME ENTENDÉS?

Antes de mais nada, gostaríamos de destacar que não há nenhum erro de acentuação ou de ditongação nas duas formas aqui analisadas. Essas formas manifestam a gramaticalização de uma forma verbal a partir da segunda pessoa singular do Presente do Indicativo do paradigma *voseante argentino*. Em nosso *corpus*, não são muito frequentes. Aparecem na fala dos mais jovens com maior proximidade interpessoal com a entrevistadora. Vejamos um exemplo.

- (10) C13 #Incluso los para/los posadeños hablan así con una con una tonada paraguaya te dicen ¿VERDAD? ...# #es es diferente ¿entendés?# #{y acá por ejemplo acá en la provin/} {ahora yo estoy en Villa Bonita porque es mi casa donde yo vivo Oberá sería} {es diferente porque acá yo sí entiendo el portugués y puedo hablar en portugués incluso}# (Mulher, geração I, escolaridade III)

Em (10), *¿entendés?* serve para constatar entendimento. A falante explica que há uma diferença entre Oberá e Posadas, a capital da província. No ato de fala declarativo subsequente emprega *¿entendés?* para confirmar entendimento do que foi dito e implicado. Ao que tudo indica, C13 não identifica *¿verdad?* como uma das formas disponíveis no repertório de Oberá. Os nossos dados parecem corroborar essa hipótese. Vejamos um exemplo de *¿me entendés?*

- (11) E #¿Pero estaba permitido que el colectivo pasara?#
C17 #Estaba permitido#
E #¿Aun así con?#
C17 #Sí sí# #encima lo habían clausurado una mano# #estaba una mano sola# #o sea si está por caer el puente no está una mano sola se va a caer el puente entero ¿me entendés?↑#

E #Claro# #¿y ahí el colectivo pasó y se murió gente ahí?# (Homem, geração II, escolaridade II)

Em (11) o tema da conversa é um acidente que houve com uma ponte. C17 é um homem que tem 21 anos no momento da entrevista, possui o segundo grau completo e é muito próximo da entrevistadora. Entendemos que, diferentemente da forma não pronominal, a presença do pronome *me* na partícula intensifica os valores do marcador. Busca aclarar o raciocínio complicado do falante e, em combinação com os traços tonais, provoca uma resposta quase obrigatória de compreensão. Tanto é que a intervenção reativa da entrevistadora começa com *claro*, isto é, um ato de acordo. Em suma, entendemos que *¿me entendés?*, além da função fática, funciona também como um marcador de proximidade social e de *anticortesía*, ou seja, é uma estratégia conversacional que aparenta ameaçar a imagem do destinatário, mas que, de fato, é utilizada para manter e fortalecer as relações interpessoais. Vejamos, na sequência, o uso da partícula *ponele*.

PONELE

Em nosso *corpus*, *ponele* aparece sobretudo na fala de uma mulher de 31 anos, com ensino médio completo que trabalha no comércio no momento da entrevista. Parece que é a forma mais frequente em seu repertório linguístico, combinada com *¿viste?*. O grau de proximidade social com a entrevistadora é elevado. Observemos o exemplo mais contundente.

- (12) E #¿Vos creés que // que haya más opciones de ocio ayuda o no ayuda a los jóvenes?#
C8 #Ayuda#
E #¿En qué medida de qué forma?#

- C8 #Ayuda porque **ponele** que ocupan su tiempo en algo diferente ¿**viste?**## #{porque si si hay **ponele::** un salón de uso múltiple **ponele**## #{acá los chicos juegan al fútbol cuando no↑ llueve}## #{cuando llueve **ponele** ya no tienen que /// el salón ¿**viste?**## #{no le permiten jugar el fútbol en el salón} {juegan al vóley nomás}## #{si había un salón de usos múltiples} /// {**ponele** que sea libre que que haiga/haya profesores que enseñen **ponele**↓}///
- E #Iba a haber más chicos que se interesen por/#
- C8 {iba a haber más chicos que↓}## #sí# (Mulher, geração II, escolaridade II)

Contabilizamos seis (6) ocorrências de *ponele* na intervenção reativa complexa de C8. O marcador aparece i) em posição média e final de ato, ii) em posição inicial e final de subato e ainda iii) ocorre duas vezes no mesmo ato: em posição média e final de ato com descida no tom de voz e em posição média e final de ato sem descida no tom de voz.

Um aspecto que chama a nossa atenção é a dupla ocorrência em um mesmo ato. Em “porque si si hay *ponele::* un salón de uso múltiple *ponele*”, a primeira ocorrência tem valor continuativo porque marca a introdução de um exemplo, ao mesmo tempo em que serve para organizar o pensamento. O segundo caso tem valor apelativo. A falante apela para que a ouvinte colabore com seu raciocínio e demanda que ela retire do enunciado as implicaturas do que foi dito. Observamos aqui também o valor epistêmico, ou seja, se a falante não conclui abertamente o raciocínio, compromete-se menos com o conteúdo proposicional.

O seguinte caso vai na mesma direção. Entendemos que em “cuando llueve *ponele* ya no tienen que /// el salón ¿*viste?*” a falante pede à interlocutora a confirmação da implicatura do que acabou de

dizer para dar continuidade ao seu raciocínio. Como *ponele* está em posição média de ato, tem valor continuativo e por isso não marca um lugar de intervenção pertinente. Em nossa opinião, C8 entende que não precisa concluir o enunciado porque espera que a ouvinte conheça as consequências das chuvas. Tanto é que na sequência aparece *¿viste?*, mais enfático e mais apelativo por demandar da ouvinte a confirmação das experiências compartilhadas.

Finalmente, em "*ponele* que sea libre que que haiga/haya profesores que enseñen *ponele*", com descida no tom de voz e quase no final da intervenção complexa, o último *ponele* parece marcar um lugar de intervenção pertinente. Defendemos que mais uma vez funciona como um mecanismo orientado à confirmação das implicações do raciocínio que não foi concluído, tanto é que ao perceber a descida tonal seguida de uma pausa relativamente longa, a entrevistadora interrompe o turno de fala e continua abertamente o raciocínio. O que não podemos demonstrar por meio da transcrição é que C8 volta a se manifestar segundos depois da intervenção da interlocutora, provocando uma superposição. Percebemos que as duas intervenções são quase idênticas e que as duas ficam inconclusas "*¿iba a haber más chicos que se interesen por*", "*iba a haber más chicos que↓*", mesmo assim há uma confirmação do raciocínio implícito e compartilhado pelas participantes por meio do último ato de fala de C8 "*si*".

Por tudo o que foi dito, defendemos que *ponele* é um marcador metadiscursivo de controle de contato, uma vez que exerce uma função apelativa e fática, além de manifestar a relação de cumplicidade entre os participantes na conversação e a relação dos participantes com seus enunciados. Apesar de ser uma forma do Imperativo, o marcador contribui para buscar o acordo com o interlocutor, funcionando, portanto, como uma estratégia de cortesia positiva. Solicita a colaboração do interlocutor, mas não provoca uma

resposta quase obrigatória de compreensão das implicações. Nesse sentido, não ameaça a imagem do interlocutor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em conclusão, nossa análise das vinte e cinco entrevistas sociolinguísticas em Oberá revelou um repertório variado de marcadores metadiscursivos de controle de contato, incluindo *¿viste?*, *¿no cierto?*, *¿no?*, *¿sí?*, *¿entendés?*, *¿me entendés?* e *ponele*. Notamos também que a escolha dos marcadores varia conforme o repertório funcional de cada falante, alguns combinam até três marcadores, enquanto outros utilizam apenas um ou não fazem uso de marcadores.

Observamos que *¿viste?* é o marcador mais frequentemente utilizado. Aparece entre os falantes com mais idade, especialmente entre aqueles com menor grau de escolaridade. É um focalizador da alteridade. Em posição final de ato, aumenta a força diretiva do ato, podendo afetar a imagem social do interlocutor. Por outra parte, antes de uma descida no tom de voz, a partícula funciona como estratégia para manter o turno de fala enquanto o falante organiza o raciocínio. Não obstante, em posição inicial de intervenção e de ato, em combinação com “porque”, reforça o raciocínio que o falante irá proferir, solicitando o engajamento do ouvinte e serve como reforço de um ato assertivo concluído. Funciona como uma marca apelativa e fática. Contudo, destacamos que *¿viste?* serve para solicitar que o interlocutor colabore com sua experiência e conhecimento compartilhados, o que pode afetar também a imagem social deste. A última função pode evidenciar que esse marcador não está completamente gramaticalizado.

Não é evidente a diferença entre *¿viste?* e *¿no cierto?*, mas observamos que *¿viste?* aponta mais ao interlocutor e manifesta de maneira mais expressa e enfática que o interlocutor conhece a infor-

mação que o falante está proporcionando. Por outro lado, *¿no cierto?* marca continuidade e busca proximidade e cumplicidade com o interlocutor e parece exigir menos confirmação por parte do interlocutor. Por último, acreditamos que *¿viste?* está menos gramaticalizado não apenas em comparação com *¿no cierto?*, mas também em relação aos outros marcadores.

A associação com o cuidado da imagem, manifestada no uso de *¿sí?* e *¿no?*, constitui a diferença desses dois marcadores em relação aos demais. Em nossa opinião, *¿sí?* está mais associado à imagem positiva do falante, enquanto *¿no?* está associado à imagem negativa do interlocutor. Raramente aparece na fala do grupo que tem menor escolaridade, o que chama muito a atenção. Por sua vez, *¿entendés?* é utilizado para constatar entendimento do que foi dito e implicado. Defendemos que aponta mais ao interlocutor. Por sua vez, *¿me entendés?*, uma variante da anterior, funciona como um marcador de proximidade social e descortesia. Isto é, serve para manter e fortalecer as relações interpessoais. Aponta mais ao falante porque apela para uma resposta do interlocutor.

Finalmente, em Oberá, *ponele* se destaca também como um marcador metadiscursivo de controle de contato, pois exerce uma função apelativa e fática. A diferença que notamos diz respeito ao tipo de discurso. Enquanto os primeiros seis marcadores buscam a participação, a colaboração, a compreensão ou a cumplicidade do ouvinte em relação a enunciados concluídos, realizados foneticamente, *ponele* busca o mesmo, mas em relação a enunciados inacabados. O falante busca a participação do interlocutor com base nas crenças e opiniões inacabadas. O grau de envolvimento do interlocutor é ainda maior, pois deve compreender a mensagem transmitida a partir das implicaturas conversacionais, evidenciando a relevância das experiências e conhecimentos compartilhados. Embora *ponele* seja uma forma do Imperativo, contribui para buscar acordo com o interlocutor e atua como uma estratégia de cortesia positiva, sem ameaçar a imagem do interlocutor, pois a ação concreta do enunciado não exige uma confirmação do implicado.

A partir dos resultados, percebemos a necessidade de realização de estudos adicionais para explorar com maior profundidade o uso desses marcadores em Oberá-Misiones (Argentina), já que defendemos que os valores semânticos e pragmáticos dependem fundamentalmente do significado situacional atribuído pelos indivíduos na interação comunicativa.

REFERÊNCIAS

ALBELDA MARCO, Marta. Cortesía en diferentes situaciones comunicativas: la conversación coloquial y la entrevista sociológica semiformal. *In*: BRIZ, Antonio; BRAVO, Diana. **Pragmática sociocultural**: estudios sobre el discurso de cortesía en español. España: Ariel, 2004. p. 109-136.

ALCINA FRANCH, Juan; BLECUA, José Manuel. **Gramática Española**. Barcelona: Ariel, 1975.

BRIZ, Antonio. Los conectores pragmáticos en español coloquial (II): su papel metadiscursivo. **Español Actual**, n. 59, p. 39-56, 1993.

BRIZ, Antonio. **El español coloquial en la conversación**. Esbozo de pragmagramática. Barcelona: Ariel Lingüística, 1998.

BRIZ, Antonio. Los llamados "cortes sintácticos" de la conversación coloquial. **Anuari de Filologia. Estudis de Lingüística**, n. 8, p. 1-19, 2018.

BRIZ, Antonio; PONS BORDERÍA, Salvador; PORTOLÉS, José (coord.) **Diccionario de partículas discursivas del español**. Servei de publicacions de la Universitat de València [en línea]. <http://dpde.es>.

BRIZ, Antonio; GRUPO VAL.ES.CO. Un sistema de unidades para el estudio del lenguaje coloquial. **Oralia**, n. 6, p. 7-61, 2003.

BRIZ, Antonio; GRUPO VAL.ES.CO. ¿Cómo se comenta un texto coloquial? Barcelona: **Ariel**, 2004.

BRIZ, Antonio; PONS BORDERÍA, Salvador. Unidades, marcadores discursivos y posición. *In*: LOUREDA LAMAS, Oscar; ACÍN VILLA, Esperanza. **Los estudios sobre marcadores del discurso en español, hoy**. Madrid: Arco Libros, 2010. p. 327-357.

BROWN, Penelope; LEVINSON, Stephen. **Politeness**: Some universals in language usage. Cambridge: University Press, 1987.

CESTERO MANCERA, Ana María. Apéndices interrogativos de control de contacto: estudio sociolingüístico. **Cuadernos de Lingüística de El Colegio de México**, n. 6, v. 1, p. 1-65, 2019.

CHECCHI UGROTTE, Sofía Micaela. Un marcador de modalidad epistémica, ponele. **Exlibris**, n. 8, p. 128-139, 2019.

CULPEPER, Jonathan. Towards an Anatomy of Impoliteness. **Journal of Pragmatics**, n. 25, p. 349-367, 1996.

ECKERT, Penelope. **Meaning and linguistic variation**: the third wave in Sociolinguistics. Cambridge: Cambridge University Press, 2018.

ENGHELS, Renata. **El marcador pragmático es que en el lenguaje juvenil madrileño**: productividad lingüística y descripción formal-funcional. (inédito).

ESCANDELL VIDAL, María Victoria. **Introducción a la pragmática**. Barcelona: Ariel Lingüística, 2006 [1993].

GALLERO, María Cecilia; KRAUTSTOFL, Elena María. Proceso de poblamiento y migraciones en la Provincia de Misiones, Argentina (1881-1970). **Avá**, n. 16, p. 245-264, 2010.

GARCÍA VIZCAÍNO, María José. El uso de los apéndices modalizadores ¿no? y ¿eh? en español peninsular. *In*: LOFTI Sayahi; WESTMORELAND, Maurice. **Selected Proceedings of the Second Workshop on Spanish Sociolinguistics**. Somerville: Cascadilla Proceedings Project, 2005. p. 89-101.

GILI GAYA, Samuel. **Curso superior de sintaxis española**. Barcelona: Biblograf, 1880 [1943].

GOFFMAN, Erving. **Interaction ritual**: Essays on face-to-face behavior. New York: Anchor Books, 1967.

GRUPO VAL.ES.CO. Las unidades del discurso oral. **Estudios de Lingüística del Español**, n. 35, p. 13-73, 2014.

GUILLÉN ESCAMILLA, Josaphat Enrique. El apéndice comprobativo “¿verdad?” en el español de la Ciudad de México. Un estudio sociopragmático. **Dialectología**, n. 30, p. 45-69, 2023a.

GUILLÉN ESCAMILLA, Josaphat Enrique. Los apéndices comprobativos en la afasia fluente. **Revista de Investigación en Logopedia**, v. 13, n. 1, p. 1-13, 2023b.

LABOV, William. **The social stratification of English in New York City**. Cambridge: Cambridge University Press, 1966.

LABOV, William. **Sociolinguistic Patterns**. Oxford: Blackwell. 1972a.

LABOV, William. **Language in the Inner City**: Studies in the Black English Vernacular. Philadelphia: The University of Pennsylvania Press, 1972b.

LIFSZYC, Irina. El caso de "viste": ¿Un nuevo marcador discursivo rioplatense? **Signo y seña**, n. 39, p. 21-41, 2021.

LIPSKI, John. Portuguese or Portuñol? Language contact in Misiones, Argentina. **Journal of Linguistic Geography**, v. 4, n. 2, p. 47-64, 2016.

LIPSKI, John. La interfaz portugués-castellano en Misiones, Argentina: zona de prueba para la alternancia de lenguas. **Estudios filológicos**, n. 60, p. 169-190, 2017.

LOREDO, Rodrigo; PICONE, Muriel. Los marcadores discursivos en Twitter: el uso de ponele como marca de ironía. **Anais V Congreso Internacional de Letras**, p. 1773-1779, 2012.

MARTÍN ZORRAQUINO, María Antonia; PORTÓLES LÁZARO, José. Los marcadores del discurso. *In*: BOSQUE, Ignacio; DEMONTE, Violeta. **Gramática descriptiva de la lengua española**. Madrid: Espasa-Calpe, 1999. p. 405-4214.

MÓCCERO, María Leticia. Las preguntas confirmatorias como indicadores de posicionamiento intersubjetivo. **Estudios Filológicos**, n. 45, p. 67-78, 2010.

MOLINA MARTOS, Isabel. La moda del ¿sabes? en el barrio de Salamanca de Madrid: un análisis sociolingüístico. *In*: HERNÁNDEZ ALONSO, César. **Filología y Lingüística. Estudios ofrecidos a Antonio Quilis**. Madrid: CSIC / UNED / Universidad de Valladolid, 2005. p. 1045-1056.

MOLINA MARTOS, Isabel. El apéndice interrogativo ¿sabes? y su doble difusión en la estructura social de la periferia de Madrid (Vallecas). **LinRed Monográfico**, p. 1-17, 2017.

OROZCO, Leonor. El empleo de ¿no?, ¿eh? y ¿verdad? en situación de entrevista sociolingüística. *In*: MARTÍN BUTRAGUEÑO, Pedro; OROZCO, Leonor. **Argumentos cuantitativos y cualitativos en sociolingüística. Segundo coloquio de cambio y variación lingüística**. México: El Colegio de México, 2014. p. 643-668.

ORTEGA OLIVARES, Jenaro. Apéndices modalizadores en español: Los "comprobativos". *In*: MONTOYA, Jesus; PAREDES, Juan. **Estudios Románicos dedicados al profesor Andrés Soria Ortega**. Granada: Universidad de Granada, 1985. p. 239-255.

ORTEGA OLIVARES, Jenaro. Aproximación al mecanismo de la conversación: Apéndices 'justificativos'. **Verba**, n. 13, p. 269-290, 1986.

PLACENCIA, María Elena; BRAVO, Diana. **Actos de habla y cortesía en español**. Míchich: LINCOM-Europa, 2009.

PORTOLÉS LÁZARO, José. **Marcadores del discurso**. Barcelona: Ariel Practicum, 2001.

RAMÍREZ GELBES, Silvia. La partícula 'eh' y la Teoría de la Relevancia. Un ejemplo de contenido procedimental. **Estudios Filológicos**, n. 38, 157-177, 2003.

SANTANA MARRERO, Juana. Los apéndices interrogativos en el corpus PRESEEA-SEVILLA: sociolectos alto y bajo. **Oralia**, v. 22, n. 1, p. 143-160, 2018.

TOTTIE, Gunnel; HOFFMANN, Sebastian. Tag Questions in English. **Journal of English Linguistics**, v. 37, n. 2, p. 130-161, 2009.

WEINREICH, Uriel. **Languages in Contact**. Findings and Problems. The Hague: Mouton, 1968 [1953].

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. Empirical foundations for a theory of language change. *In*: Lehmann, WINFRED P, Lehmann; MALKIEL, Yakov. **Directions for Historical Linguistics**. Austin: University of Texas Press. 1968. p. 95-195.

Eu, Patricia Vanessa de Ramos, declaro que sou autora do texto. Também afirmo ser a autora do *corpus* que serve de base para a análise dos dados. Parte da coleta dos dados foi possível graças ao financiamento da Capes, a quem agradeço enormemente. Conteí também com fundos da Universität Augsburg, especificamente do *Frauenförderung aus Fakultätsmitteln* e do *Bayerisches Reisekosten-gesetz*, muito grata pela ajuda.

4

Patricia Vanessa de Ramos

LOS MARCADORES METADISCURSIVOS DE CONTROL DE CONTACTO EN UNA VARIEDAD NO-DOMINANTE DEL ESPAÑOL

DOI: 10.31560/pimentacultural/978-85-7221-339-4.4

El presente capítulo se centra en el análisis cualitativo de los denominados *marcadores metadiscursivos de control de contacto* y busca responder tres preguntas principales: i) ¿qué formas seleccionan los hablantes en el español en Oberá?, ii) ¿cuáles son los valores de las formas encontradas?, y iii) ¿en qué posición discursiva (inicial, intermedia o final) aparecen?

La perspectiva teórica-metodológica es la Sociolingüística Variacionista de Labov (Weinreich, 1953; Weinreich; Labov; Herzog, 1968; Labov, 1972a, b). Los denominados *cortes sintácticos de la conversación coloquial* funcionan de soporte teórico para el análisis pragmático de las formas encontradas (Briz; Grupo Val.Es.Co., 2003; Grupo Val.Es.Co., 2014).

El corpus que sirve de base para el análisis consta de 25 entrevistas sociolingüísticas realizadas en 2015, 2019 y 2023, con participantes distribuidos según el nivel educativo (primario, secundario y universitario), grupos etarios (menos de 20, entre 22 y 45, y entre 45 y 70 años) y sexo (hombre, mujer). El enfoque es principalmente cualitativo con consideraciones respecto a variables sociales y discursivas que buscan describir el uso y la distribución de las formas observadas en el habla de los individuos que forman la estructura social. La perspectiva que adoptamos en este artículo considera que el individuo es agente en la selección de una u otra forma a depender de sus necesidades comunicativas en el momento de la interacción.

La variedad de la lengua seleccionada para el análisis es muy relevante, considerando que la complejidad lingüística manifiesta en las variedades en contacto intenso e histórico contribuye a la descripción y comprensión de fenómenos que aún arrojan dudas. En pocas palabras, las situaciones de contacto de ese tipo permiten observar fenómenos como la adaptación de estructuras lingüísticas en nuevas configuraciones, la emergencia de formas híbridas y el desarrollo de innovaciones lingüísticas (Weinreich, 1953). En ese sentido, constituimos una muestra de habla de individuos que viven en

el departamento de Oberá, provincia de Misiones, ubicada al norte de Argentina, que se dibuja como una cuña entre Brasil y Paraguay. En Oberá, el español convive con el portugués como segunda lengua y como lengua materna en muchos hogares; también convive con el guaraní, hablado en Paraguay y por naciones indígenas en Misiones. El guaraní fue la lengua de comunicación en los momentos de repoblamiento (Gallero; Krautstoftl, 2010) de la provincia y, sin lugar a duda, posee un papel fundamental en la creación de la norma local³⁰. Es sabido que el guaraní ha perdido relevancia en contextos urbanos en Oberá, pero no se puede negar la importancia del sustrato guaraní. Además, Oberá alberga comunidades que preservan lenguas europeas como el alemán y el ucraniano, que no deben asimismo dejar de considerarse en cualquier estudio lingüístico en la región. En resumen, el mosaico lingüístico en Oberá hace que el análisis del lingüista sea más laborioso, al tiempo que enriquece la descripción de los fenómenos lingüísticos.

Reconocidos lingüistas han dedicado sus páginas en describir los *marcadores metadiscursivos de control de contacto*, en vista de su relevancia respecto al mantenimiento y comprensión de las interacciones interpersonales y por relacionarse con la cortesía – negativa y positiva (Goffman, 1967), como se describe en el artículo con base en los datos encontrados–. Martín Zorraquino y Portolés Lázaro (1999) los denominan *Apéndices comprobativos* e indican que se centran en la alteridad, facilitando la confirmación y colaboración del oyente en el discurso. Se consideran estrategias de cortesía negativa al minimizar la imposición y fomentar la interacción sin exigir una respuesta directa. Briz (1998) los clasifica como *marcadores metadiscursivos de control de contacto* y se emplean para reforzar argumentos, mantener el contacto y garantizar la atención del interlocutor. Además, según el autor, su uso está ligado a la oralidad y al refuerzo de la relación entre participantes en el acto comunicativo.

La literatura especializada más reciente se centra en el uso y la función de los marcadores ¿no?, ¿sí?, ¿eh?, ¿verdad?, ¿sabes? y ¿ves?. El marcador ¿verdad? ha sido descrito en México (Orozco 2014; Guillén Escamilla 2023a), en Sevilla, con baja frecuencia de uso (Santana Marrero, 2018), y en Madrid, con muy baja frecuencia de uso (Cestero Mancera, 2019). Por otro lado, ¿no? es la forma más frecuente en Sevilla, donde se emplea habitualmente con la finalidad de ratificar y verificar la continuidad de la interacción (Santana Marrero, 2018). La frecuencia de uso de ¿no? es alta en el español en Madrid (Cestero Mancera, 2019), donde la función puramente fática, –aquella que sirve para apelar al interlocutor y mantener la comunicación abierta– es la que predomina. También es el marcador más utilizado en la variedad mexicana descrita por Orozco (2014) y el más frecuente en el estudio de García Vizcaíno (2005), basado en los datos del ‘español peninsular’ extraídos del *Corpus Oral de Referencia del Español Contemporáneo* (COREC). El marcador ¿sabes? fue estudiado por Molina Martos en dos barrios de Madrid: Salamanca –barrio céntrico– en 2005 y Vallecas –en la periferia– en 2017. En 2005, la autora concluyó que en el barrio de Salamanca ¿sabes? goza de un prestigio abierto, ya que se asocia con valores de solidaridad y con niveles de prestigio social. Por otro lado, en el estudio de 2017 señala que “las mujeres lo incorporan como un rasgo asociado con el prestigio abierto u oficial en la ciudad, mientras que para los hombres es un uso característico del lenguaje joven marginal, asociado al prestigio encubierto³¹ del grupo” (Molina Martos, 2017, p. 14).

Nuestro trabajo busca contribuir al estudio de los *marcadores metadiscursivos de control de contacto* y se justifica por ser el primero con base en el español hablando en Oberá. Los resultados del análisis cualitativo revelan un repertorio variado de formas que regulan la interacción entre los hablantes. La elección depende del perfil sociolingüístico de cada hablante, como la edad o el nivel

educativo. Las formas observadas son *¿viste?*, *¿no cierto?*, *¿no?*, *¿sí?*, *¿entendés?*, *¿me entendés?* y *ponele*.

El marcador *¿viste?* emerge como la partícula más frecuente en el corpus, utilizada principalmente por hablantes mayores y con menor escolaridad. Cumple múltiples funciones: focaliza la alteridad, refuerza actos apelativos y permite mantener el turno de habla en conversaciones. En ciertos contextos, *¿viste?* intensifica la implicación del interlocutor, pero puede también amenazar su imagen social, especialmente en actos directivos “vamos vamos hablar claro”. Esto sugiere que no está completamente gramaticalizado, manteniendo una fuerte conexión con su función original como forma verbal. Por otro lado, *¿no cierto?* busca continuidad discursiva y promueve complicidad entre los interlocutores. Aunque menos enfático que *¿viste?*, marca proximidad social y no requiere una confirmación explícita del receptor. Las partículas *¿sí?* y *¿no?* muestran patrones diferentes: son más comunes entre mujeres con niveles educativos más altos. *¿Sí?* está asociado a la reafirmación de la imagen positiva del hablante, mientras que *¿no?* protege la imagen negativa del interlocutor, mitigando posibles conflictos. En cuanto a *¿entendés?* y *¿me entendés?*, su uso es más frecuente entre jóvenes y en contextos de mayor proximidad interpersonal. *¿Entendés?* verifica la comprensión del mensaje, mientras que *¿me entendés?*, al incluir un pronombre, enfatiza la relación social de mayor proximidad interpersonal y, en ocasiones, fuerza una respuesta afirmativa. Finalmente, *ponele*, una forma innovadora y peculiar del español de Oberá, actúa como marcador apelativo y fático. Deriva del imperativo del verbo *poner* y ha desarrollado una función pragmática que solicita colaboración del interlocutor sin amenazar su imagen social. Su versatilidad incluye usos hipotéticos y organizativos, convirtiéndose en un recurso discursivo destacado en el corpus.

Los resultados confirman que las partículas observadas funcionan como estrategias de cortesía positiva y fática, orientadas a reforzar la interacción y la cohesión social en el discurso.

Sin embargo, su uso varía según factores como edad, género y nivel educativo. En particular, las diferencias entre formas como *¿viste?* y *¿no cierto?*, o entre *¿sí?* y *¿no?*, evidencian matices en su asociación con la imagen social del hablante y del interlocutor.

Como pasos futuros indicamos la necesidad de profundizar en el estudio de estas partículas para entender mejor su papel en el español hablado en Oberá, donde los valores semánticos y pragmáticos están intrínsecamente ligados al contexto situacional y sociolingüístico. Lo que debe destacarse es que los individuos que constituyen las comunidades lingüísticas utilizan sus recursos discursivos para negociar identidades y relaciones sociales en contextos plurilingües y de diversidad cultural.

REFERENCIAS

ALBELDA MARCO, Marta. Cortesía en diferentes situaciones comunicativas: la conversación coloquial y la entrevista sociológica semiformal. *In*: BRIZ, Antonio; BRAVO, Diana. **Pragmática sociocultural**: estudios sobre el discurso de cortesía en español. España: Ariel, 2004. p. 109-136.

ALCINA FRANCH, Juan; BLECUA, José Manuel. **Gramática Española**. Barcelona: Ariel, 1975.

BRIZ, Antonio. Los conectores pragmáticos en español coloquial (II): su papel metadiscursivo. **Español Actual**, n. 59, p. 39-56, 1993.

BRIZ, Antonio. **El español coloquial en la conversación**. Esbozo de pragmagramática. Barcelona: Ariel Lingüística, 1998.

BRIZ, Antonio. Los llamados "cortes sintácticos" de la conversación coloquial. **Anuari de Filologia. Estudis de Lingüística**, n. 8, p. 1-19, 2018.

BRIZ, Antonio; PONS BORDERÍA, Salvador; PORTOLÉS, José (coord.) **Diccionario de partículas discursivas del español**. Servei de publicacions de la Universitat de València [en línea]. <http://dpde.es>.

BRIZ, Antonio; GRUPO VAL.ES.CO. Un sistema de unidades para el estudio del lenguaje coloquial. **Oralia**, n. 6, p. 7-61, 2003.

BRIZ, Antonio; GRUPO VAL.ES.CO. ¿Cómo se comenta un texto coloquial? Barcelona: **Ariel**, 2004.

BRIZ, Antonio; PONS BORDERÍA, Salvador. Unidades, marcadores discursivos y posición. *In*: LOUREDA LAMAS, Oscar; ACÍN VILLA, Esperanza. **Los estudios sobre marcadores del discurso en español, hoy**. Madrid: Arco Libros, 2010. p. 327-357.

BROWN, Penelope; LEVINSON, Stephen. **Politeness**: Some universals in language usage. Cambridge: University Press, 1987.

CESTERO MANCERA, Ana María. Apéndices interrogativos de control de contacto: estudio sociolingüístico. **Cuadernos de Lingüística de El Colegio de México**, n. 6, v. 1, p. 1-65, 2019.

CHECCHI UGROTTE, Sofía Micaela. Un marcador de modalidad epistémica, ponele. **Exlibris**, n. 8, p. 128-139, 2019.

CULPEPER, Jonathan. Towards an Anatomy of Impoliteness. **Journal of Pragmatics**, n. 25, p. 349-367, 1996.

ECKERT, Penelope. **Meaning and linguistic variation**: the third wave in Sociolinguistics. Cambridge: Cambridge University Press, 2018.

ENGHEL, Renata. **El marcador pragmático es que en el lenguaje juvenil madrileño**: productividad lingüística y descripción formal-funcional. (inédito).

ESCANDELL VIDAL, María Victoria. **Introducción a la pragmática**. Barcelona: Ariel Lingüística, 2006 [1993].

GALLERO, María Cecilia; KRAUTSTOFL, Elena María. Proceso de poblamiento y migraciones en la Provincia de Misiones, Argentina (1881-1970). **Avá**, n. 16, p. 245-264, 2010.

GARCÍA VIZCAÍNO, María José. El uso de los apéndices modalizadores ¿no? y ¿eh? en español peninsular. *In*: LOFTI Sayahi; WESTMORELAND, Maurice. **Selected Proceedings of the Second Workshop on Spanish Sociolinguistics**. Somerville: Cascadilla Proceedings Project, 2005. p. 89-101.

GILI GAYA, Samuel. **Curso superior de sintaxis española**. Barcelona: Biblograf, 1880 [1943].

GOFFMAN, Erving. **Interaction ritual**: Essays on face-to-face behavior. New York: Anchor Books, 1967.

GRUPO VAL.ES.CO. Las unidades del discurso oral. **Estudios de Lingüística del Español**, n. 35, p. 13-73, 2014.

GUILLÉN ESCAMILLA, Josaphat Enrique. El apéndice comprobativo "¿verdad?" en el español de la Ciudad de México. Un estudio sociopragmático. **Dialectología**, n. 30, p. 45-69, 2023a.

GUILLÉN ESCAMILLA, Josaphat Enrique. Los apéndices comprobativos en la afasia fluente. **Revista de Investigación en Logopedia**, v. 13, n. 1, p. 1-13, 2023b.

LABOV, William. **The social stratification of English in New York City**. Cambridge: Cambridge University Press, 1966.

LABOV, William. **Sociolinguistic Patterns**. Oxford: Blackwell. 1972a.

LABOV, William. **Language in the Inner City**: Studies in the Black English Vernacular. Philadelphia: The University of Pennsylvania Press, 1972b.

LIFSZYC, Irina. El caso de "viste": ¿Un nuevo marcador discursivo rioplatense? **Signo y seña**, n. 39, p. 21-41, 2021.

LIPSKI, John. Portuguese or Portuñol? Language contact in Misiones, Argentina. **Journal of Linguistic Geography**, v. 4, n. 2, p. 47-64, 2016.

LIPSKI, John. La interfaz portugués-castellano en Misiones, Argentina: zona de prueba para la alternancia de lenguas. **Estudios filológicos**, n. 60, p. 169-190, 2017.

LOREDO, Rodrigo; PICONE, Muriel. Los marcadores discursivos en Twitter: el uso de ponele como marca de ironía. **Anais V Congresso Internacional de Letras**, p. 1773-1779, 2012.

MARTÍN ZORRAQUINO, María Antonia; PORTÓLES LÁZARO, José. Los marcadores del discurso. *In*: BOSQUE, Ignacio; DEMONTE, Violeta. **Gramática descriptiva de la lengua española**. Madrid: Espasa-Calpe, 1999. p. 405-4214.

MÓCCERO, María Leticia. Las preguntas confirmatorias como indicadores de posicionamiento intersubjetivo. **Estudios Filológicos**, n. 45, p. 67-78, 2010.

MOLINA MARTOS, Isabel. La moda del ¿sabes? en el barrio de Salamanca de Madrid: un análisis sociolingüístico. *In*: HERNÁNDEZ ALONSO, César. **Filología y Lingüística**. Estudios ofrecidos a Antonio Quilis. Madrid: CSIC / UNED / Universidad de Valladolid, 2005. p. 1045-1056.

MOLINA MARTOS, Isabel. El apéndice interrogativo ¿sabes? y su doble difusión en la estructura social de la periferia de Madrid (Vallecas). **LinRed Monográfico**, p. 1-17, 2017.

OROZCO, Leonor. El empleo de ¿no?, ¿eh? y ¿verdad? en situación de entrevista sociolingüística. *In*: MARTÍN BUTRAGUEÑO, Pedro; OROZCO, Leonor. **Argumentos cuantitativos y cualitativos en sociolingüística**. Segundo coloquio de cambio y variación lingüística. México: El Colegio de México, 2014. p. 643-668.

ORTEGA OLIVARES, Jenaro. Apéndices modalizadores en español: Los "comprobativos". *In*: MONTOYA, Jesus; PAREDES, Juan. **Estudios Románicos dedicados al profesor Andrés Soria Ortega**. Granada: Universidad de Granada, 1985. p. 239-255.

ORTEGA OLIVARES, Jenaro. Aproximación al mecanismo de la conversación: Apéndices 'justificativos'. **Verba**, n. 13, p. 269-290, 1986.

PLACENCIA, María Elena; BRAVO, Diana. **Actos de habla y cortesía en español**. Míchica: LINCOM-Europa, 2009.

PORTOLÉS LÁZARO, José. **Marcadores del discurso**. Barcelona: Ariel Practicum, 2001.

RAMÍREZ GELBES, Silvia. La partícula 'eh' y la Teoría de la Relevancia. Un ejemplo de contenido procedimental. **Estudios Filológicos**, n. 38, 157-177, 2003.

SANTANA MARRERO, Juana. Los apéndices interrogativos en el corpus PRESEEA-SEVILLA: sociolectos alto y bajo. **Oralia**, v. 22, n. 1, p. 143-160, 2018.

TOTTIE, Gunnel; HOFFMANN, Sebastian. Tag Questions in English. **Journal of English Linguistics**, v. 37, n. 2, p. 130-161, 2009.

WEINREICH, Uriel. **Languages in Contact**. Findings and Problems. The Hague: Mouton, 1968 [1953].

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. Empirical foundations for a theory of language change. *In*: Lehmann, WINFRED P, Lehmann; MALKIEL, Yakov. **Directions for Historical Linguistics**. Austin: University of Texas Press. 1968. p. 95-195.

5

Konrad Szcześniak

THREE PARADOXES OF A LOSSLESS MEMORY: LEARNING FROM AN UNPREDICTABLE INPUT

DOI: [10.31560/pimentacultural/978-85-7221-339-4.5](https://doi.org/10.31560/pimentacultural/978-85-7221-339-4.5)

ABSTRACT

This paper focuses on three paradoxes of human memory: the unused storage paradox, the single exposure paradox, and the generalization over specifics paradox. Despite the vast capacity of long-term memory, only some information is retained long-term, but this does not mean that short-term memory should erase its content. The single exposure paradox highlights that even brief encounters with information must be retained for reinforcement through repetition. Finally, generalizations are built from specific instances without erasing them, challenging traditional assumptions about memory optimization. These paradoxes offer insights into the mechanisms that underpin learning, memory consolidation, and the formation of mental representations.

Keywords: *Lexical memory; Memory trace; Usage frequencies; Variation.*

INTRODUCTION

Human memory presents three interesting paradoxes, each discussed in the following three sections. They have profound implications for language learning, especially when it comes to learning language forms whose usage exhibits variation.

THE UNUSED STORAGE PARADOX

First, long-term memory is practically limitless (e.g. Sweller, 2024), as is eloquently captured in Fodor's (1975, p. 150) observation that "computing memory is expensive, but long-term memory is cheap." The following is a recent estimate of the storage capacity of human memory:

A morsel of cortex one cubic millimeter in size—about the size of a grain of sand — could hold two thousand terabytes of information, enough to store all the movies ever made, trailers included, or about 1.2 billion copies of this book. Altogether, the human brain is estimated to hold something on the order of two hundred exabytes of information, roughly equal to "the entire digital content of today's world" (Bryson, 2019, p. 57).

Such immense capacity is more than sufficient to allow us to retain "limitless amounts of information" (Divjak, 2019, p. 107), at least in theory. However, in practice, memory is highly selective. As is well known, not all information makes it to long-term storage. This has been treated as a sign of the "fallibility of human memory" (Dąbrowska, 2009), which means that, as far as language learning is concerned, a considerable amount of information encountered in the input and processed in the brain is *not* available for active recall.

Note that the purpose of this selectivity is not to conserve storage space. As should be clear from the above, the capacity of memory is such that it would be quite literally impossible to exceed it. In fact, when human memory is not selective, it does not seem to suffer from overload. This has been observed in people with so called *Highly Superior Autobiographical Memory* (HSAM), a condition first described two decades ago by Parker, Cahill and McGaugh (2006). Individuals with HSAM can recall vast amounts of detail, such as entire books they read, after only a single exposure. They can quote verbatim any sentence from any page of a book, days, months, and even years after reading it. For them, memory operates non-selectively, allowing nearly³² all information to be retained long-term.

The real rationale behind the selectivity of ordinary memory is the need to filter the information we encounter. While HSAM patients hoard all information regardless of its potential utility, the rest of us retain only what is likely to be relevant and adaptive. This filtering process operates through two key mechanisms: repetition and emotional significance.

The first mechanism, repetition, is straightforward. Any information found to recur is likely to be encountered again and is therefore worth preserving. More generally, this is in line with the rationale of adaptive memory, under which memory serves to prepare the organism for the future. Specifically, memory is a prediction system, helping organisms anticipate future events based on past experiences. Therefore, among other things, it prioritizes repeating information, because it can be expected to repeat again.

The second mechanism involves emotional impact. Memories tied to highly emotional events — known as flashbulb memories (Brown; Kulik, 1977) — can be vividly imprinted on the brain after a single, intense experience. These memories, like remembering where one was during a dramatic event such as the 9/11 attacks,

32

HSAM individuals recall events in great detail, but they don't necessarily retain all information at the same rate across domains.

often feel exceptionally detailed and enduring. However, emotional events do not have to reach the high-water mark of globally impactful flash-bulb events “to be more memorable than our day-to-day mundane experiences.” (Madan, 2024, p. 162) Emotions can be triggered by more private experiences, especially if they are personally relevant, which also contributes to better retention (Dąbrowska, 2009). In a similar fashion, a degree of emotional involvement can be induced by the unexpectedness of an event, what has been called the surprisal effect, which can also capture attention more effectively and consequently enhance memory retention (Jaeger; Snider, 2007).

Here, it is interesting to point out that the persistence of these emotional memories is not solely due to the intensity of the moment. What truly preserves these memories is the process of mental replay occurring for hours or days following the original emotional experience. Most likely triggered by the emotional impact, mental replay can take place in the form of conscious reflection or entirely unconsciously during periods of wakefulness or sleep. One important consequence of the mental replay process is that it allows memories to be reactivated and consolidated over time, even when we are not consciously recalling them (Paller, 2024).

Thus, whether through repeat encounters of a piece of information or through the replay of an emotionally charged experience, the cornerstone of memory consolidation is repetition. It is this process — whether in daily life or during sleep — that enables memories to be preserved long-term.

THE SINGLE EXPOSURE PARADOX

Repetition itself conceals another paradox. Consolidation and long-term retention of information requires extended activations of the memory trace underlying that information, which is achieved through recurring encounters or mental replay. This idea

can be found in studies on language learning, such as González-Fernández and Schmitt (2017, p. 288), who attempt to estimate how many exposures are sufficient to guarantee effective learning. It is tempting to conclude that if an insufficiently consolidated memory trace does not attain long-term status, it is therefore not retained in memory. That is, unless they have passed a specific threshold of encounters (witnessed or replayed frequently enough), expressions are erased. Goldberg (2019) admits that she herself made this very claim and goes on to say

this assumption is nonsensical, since 'sufficient frequency' cannot involve some number, n , unless speakers retain some memory trace of an instance that has occurred with a frequency of $n-1$ so that the frequency can be increased upon subsequent exposure; by the same reasoning, a phrase with frequency $n-1$ cannot be recorded unless a frequency of $n-2$ was recorded. (Goldberg, 2019, p. 54).

Thus, to count repeated encounters, the brain must retain some trace of the first experience. If the first encounter were erased, subsequent exposures would always be perceived as the first and they too would have to be erased, preventing reinforcement of memory. The same point is found in Divjak (2019, p. 151) and Szcześniak (2024, p. 3). Therefore, some memory trace from the first encounter is necessary, even if fleeting, to strengthen the memory upon subsequent exposures.

THE GENERALIZATION OVER SPECIFICS PARADOX

The last paradox has to do with building generalizations from specific examples encountered in the input. The consensus view is that learners abstract patterns and rules from individual instances,

creating mental representations that generalize over these instances (e.g. Goldberg, 2006). The key question here is how such generalizations are developed. It is natural to assume that as a generalization is being developed, the instances that support it can eventually be discarded. In fact, this assumption has traditionally been made by structural and generative models, and it was accepted by most authors in the twentieth century.

Among the first to challenge this position were Jackendoff (1975) and Langacker (1987), who argued that forming a generalization requires the accumulation and retention of specific examples in memory. Importantly, once the generalization is made, there is no necessity to discard the specific examples that informed it. If linguistic memory functions similarly to memory in other domains, it is unlikely that these specific instances are completely forgotten.

There are several reasons why it is tempting to suppose that instances are erased. First, it is simply an irresistible impression that we do not recall most of the individual encounters consciously. Then, the idea of erasing memory traces also aligns with the notion that the human brain should optimize its storage by discarding redundant or predictable information. This efficiency model implies that once a generalization is formed, retaining specific examples would be wasteful since the generalization itself can stand in for those examples. Thus, once an abstract rule or pattern has been developed, it functions independently of the specific instances from which it was derived. In this view, memory serves primarily to create rules, and holding on to individual examples would clutter the system. After a generalization is made, the specific instances that led to it may seem irrelevant. Put another way, the brain naturally prioritizes the overarching rule or category over the individual examples, thus facilitating the idea that these traces are erased. Historically, linguistic theories like generative grammar have emphasized abstract rules and structures over individual instances. One example of this approach is Pinker's (1999) words and rules model. According to Pinker's model, lexical

memory should be minimally redundant; that is, information should not be listed more than once in the mental lexicon, especially if that information is predicted and generated by rule. What this means in practice is that regular forms like *worked* are not listed, since they can be assembled by applying the regular past tense *-ed* rule.

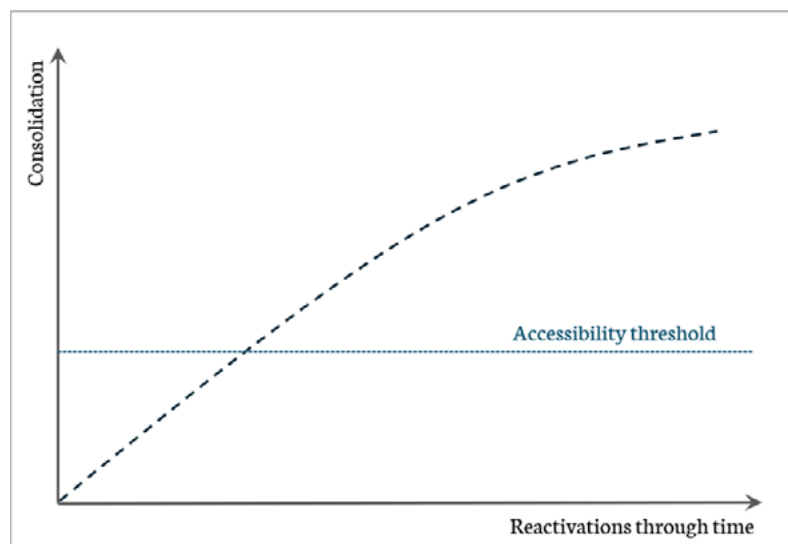
There are several problems with the view that memory traces are discarded once generalizations are formed. First, while redundancy may be costly in terms of memory storage, it has an important advantage in faster processing. Memory of specific instances makes it possible to retrieve them efficiently. Plag (2003) illustrates this through the example of the word *affordable*, which a non-redundant memory would not list, as it can be generated by rule that attaches the morpheme *-able* to the root *afford*. On the other hand, a redundant memory, where *affordable* is listed, is faster: “only one item has to be retrieved from the lexicon, and no rule has to be applied.” (Plag, 2003, p. 49).

Another problem with the erasure view is that it is predicated on the premise that in the cortical substrates of memory, generalizations are superordinate mental structures developed separately from the instances, as if “on top of them.” However, as Szcześniak and Řeřicha (2024) show, generalizations not only emerge out of the memory traces of specific individual instances, but they are part of those traces. In a nutshell, generalizations are neuronal networks shared by the diverse memory traces of similar instances. Erasing the traces would mean erasing the generalization itself. This new account of the formation of generalizations is especially relevant to usage-based approaches of language knowledge. In language acquisition, usage-based models show that linguistic patterns emerge from repeated exposure to specific language examples. Generalizations about grammar or syntax are not created separately

from these instances but arise directly from them through frequent usage, with the stored examples continuing to shape language use throughout life. Generalizations are essentially patterns of similarity across multiple experiences, and these patterns are encoded in the shared neural activity across various memory traces. Thus, erasing the memory traces of individual experiences would dismantle the very structure upon which the generalization rests.

Thus, under the lossless memory view being proposed here, both repetition and generalization presuppose persistent memory traces, which are crucially not erased even after one single activation. The process of consolidation contingent on traces being preserved in anticipation of future reactivations is illustrated in Figure 1. Initially, following the first activation, the memory trace begins to form but may not yet be sufficient for active recall. Initially we may not be able to access or actively retrieve the information: that is, we may be under the impression that the trace is lost. However, at some point, following additional activations, the trace reaches the accessibility threshold necessary for active recall, as indicated by the horizontal dotted line. The moment the trace has surpassed this accessibility threshold can be taken to roughly correspond to the transfer of information (such as a new word) to long-term memory.

Figure 1 - A schematic representation of the consolidation of a memory trace through repeat reactivations



Source: Author.

MEMORY FOR VARIABILITY

The above discussion makes a case for a robust memory, where each trace is preserved, even before it attains long-term status. While the notion of such memory persistence may appear implausible at first glance, it is in fact necessary for the development of mental representations of constructions whose usage exhibits variation.

Take phrases such as *salt and pepper* or *mom and pop*. While these orderings (*salt* before *pepper*, *mom* before *pop*) represent the most frequently encountered (dominant) forms, their use is variable, with the variants *pepper and salt* and *pop and mom* being

occasionally found in the input. From the learner's perspective, this situation presents a challenge in that in the mental representations, a model must be built that will accommodate the skewed usage patterns. If the learner's mental model treats *pepper and salt* as a variant of the same construction as *salt and pepper*, equivalent in terms of meaning and usage purpose, it is reasonable to assume that the two variants are stored together under one mental entry linked to a generalization capturing their usage probabilities. More specifically, according to the British National Corpus (BNC, Davies 1980-1993), the relative usage frequencies of the ordering *salt and pepper* stand at 82.16% and 17.84 for *pepper and salt*. The figures vary depending on the corpus, as can be seen in Table 1, but there is a clear preference for the ordering *salt and pepper*. Table 1 shows data from the Corpus of Contemporary American English (COCA) (Davies, 2008), News on the Web Corpus (NOW) (Davies, 2013), The Intelligent Web-based Corpus (iWEB) (Davies, 2017), and British National Corpus (BNC) (Davies, 1980, 1993).

**Table 1 - Relative usage frequencies for the phrases
salt and pepper and *pepper and salt***

	COCA 1 billion words	NOW 18.8 billion words	iWEB 14 billion words	BNC 100 million words
<i>salt and pepper</i>	98.56	97.95	97.94	82.16
<i>pepper and salt</i>	99.15	99.79	99.94	100

Source: Szczesniak, 2024.

The significance of these numbers is that while they are not exactly identical, the tendencies are clearly convergent, which means that if one given ordering is dominant according to one corpus, that fact is reflected in the remaining corpora. This can be taken to indicate that speakers' mental representations of the phrases are

roughly similar. This in turn can be assumed to result from people's experiences with usage patterns: Given that one variant is dominant, it is encountered more often than its competitor, and that results in its stronger entrenchment in the mind.

The crucial fact to be pointed out here is that the relative entrenchment strengths developed through tracking the frequencies of the two variants are only possible if each encounter with either of the two variants is recorded in the lexical representations in some way. This point has been made by others (e.g. Ellis, 2001; Bybee, 2010; Taylor, 2012; Toranzos, 2024) and it will not be belabored further here.

What is quite remarkable is that usage frequencies have an effect on not only native speakers' mental representations, but also on foreign learners' knowledge of such phrases. In a study of over a dozen of binomials, Szcześniak (2024) found that Polish and Czech students of English also exhibit very strong preferences for the dominant variants of binomials. Table 2 below shows the usage frequencies for 13 existing binomial phrases in the four corpora compared to student preferences (first column CZPL). Additionally, also included in the table are four non-established phrases without a clear dominant pattern, and their random distribution correlates with equally random preferences in students (the red rows at the bottom of the table).

Table 2 - Percentages of correct answers correlated with usage percentages of dominant forms according to corpus data

	CZPL	COCA 1 billion words	NOW 18.8 billion words	iWEB 14 billion words	BNC 100 million words
<i>black and white</i>	99.36	89.66	91.71	92.80	95.56
<i>sooner or later</i>	98.09	99.98	99.86	99.94	100
<i>yes or no</i>	96.812	99.63	99.15	99.99	100
<i>life and death</i>	96.18	95.35	95.59	94.17	96.37

	CZPL	COCA 1 billion words	NOW 18.8 billion words	iWEB 14 billion words	BNC 100 million words
<i>he or she</i>	95.54	95.61	97.04	97.67	96.94
<i>love and hate</i>	94.90	92.11	92.16	91.57	92.31
<i>all or nothing</i>	94.27	99.91	99.99	99.99	100
<i>peace and quiet</i>	94.27	98.53	98.97	98.90	98.63
<i>right or wrong</i>	92.36	94.15	95.30	94.69	100
<i>salt and pepper</i>	92.36	98.56	97.95	97.94	82.16
<i>more or less</i>	90.45	99.11	99.26	99.76	99.53
<i>mom and pop</i>	85.99	99.15	99.79	99.94	100
<i>husband and wife</i>	82.80	98.29	97.55	98.24	97.82
<i>beer or wine</i>	66.88	46.72	79.76	50.41	52.94
<i>lakes and rivers</i>	66.88	51.61	48.64	54.56	63.77
<i>ice and sand</i>	56.69	50	48.57	48.68	--
<i>rhythm and rhyme</i>	51.59	72.41	55.24	63.36	50

Source: Szcześniak (2024).

It should be stressed that without the ability to track frequencies, the mental representations of native speakers and foreign learners alike would be expected to look more balanced. If usage frequencies had no effect on people's representations, there would be no clear dominant form and the corpus data would consequently also show a roughly 50-50 split.

On the contrary, not only is there no random distribution, but in some cases, the distributions evolve in very specific directions, such that one dominant variant decreases in frequency yielding to its competitor which gradually becomes the new dominant variant.

This is, in fact, what happened in the case of *salt and pepper* and *mom and pop*, which reversed their original ordering. Initially they were used more often in the variants *pepper and salt* and *pop and mom*. Figure 2 shows this gradual process taking places over the span of two centuries. Up until the end of the 19th century, *pepper and salt* was significantly more frequent than *salt and pepper*, but ever since that point, the new dominant ordering kept rising in frequency.

Figure 2 - The relative usage frequencies of the variants *pepper and salt* and *salt and pepper* according to Google Books N-grams



Source: Google Books N-grams.

Concerning the phrase *salt and pepper*, it is interesting to point out one more curious fact. Toward the end of the 20th century, the usage frequencies of the dominant pattern start rising steadily to triple the original level. One possible reason behind this accelerated increase may be the popularity of the band *Salt'n'pepa* founded in 1985. The recurring presence of the name in the media (at the time, only on the television, radio and in the press) meant that speakers of English were exposed to the dominant ordering even more often, which obviously contributed to its growing entrenchment in their minds. If I may be permitted to offer a speculation at this point, it is safe to suppose that that entrenchment resulted not only from the increased exposure (i.e. pure repetition), but also from the emotional factor mentioned in Section 2. That is, music fans hearing the name were not merely registering a neutral stimulus, but were invested

emotionally in the subject matter, which almost certainly guaranteed to strengthen the memory trace responsible for the linguistic form and ordering *salt and pepper*.

Examples of non-random variation are legion, and they can be found in any language (e.g. Travassos; Machado Vieira, 2019). In Brazilian Portuguese, reflexive verbs allow variable usage of the pronoun, which can either precede the verb (1a), appear after it (1b), or it can be dropped altogether (1c).

(1)	a. Minha irmã <u>se vestiu</u> de verde. (Kari Paulsen, <i>Contra as Expectativas</i>) b. Mas Blanche era bastante ingênua e tontinha: (...) <u>vestiu-se</u> de princesa quando quis (...) (Carlos Fonseca, <i>Umseteum: Entre mentiras de verdade</i>) c. (...) então ele <u>vestiu</u> de palhaço para iludir. (José Abílio Perez, <i>Nos passos da estrela guia</i>)
-----	---

The variability in question is not random. It depends on specific verbs, registers, and contexts. For example, the verb *vestir* is more likely to be used with the reflexive pronoun than without it, while *escovar* has a preference for uses without the pronoun. This means that learners' mental representations must be constructed on a case-by-case basis, for each verb separately. These representations can be imagined as a probabilistic understanding of how each verb is used, whether it sounds better with or without the pronoun.

CONCLUSIONS

It seems natural to suppose that without sufficient consolidation, a memory trace does not attain long-term status and must therefore be forgotten. This is, in fact, not only a popular belief but also a common assumption made in linguistic studies. However, as was argued here, forgetting in the sense of complete erasure of a memory trace would make the very consolidation impossible in the

first place. That is because memory retention relies on repetition, a process that presupposes an implicit counter of prior experiences. The brain simply must retain a trace of the initial exposure to reinforce memory through subsequent exposures. Further, discarding traces of specific encounters would prevent generalizations and abstract patterns forming, as these are subserved by the same neuronal networks that are shared by the traces of individual instances. Erasing individual traces would simply result in the loss of the corresponding generalizations. Finally, without some record of infrequent encounters, mental representations would not capture different frequency patterns characteristic of language forms, especially those that exhibit variable use.

REFERENCES

- BROWN, Roger; KULIK, James. Flashbulb memories. **Cognition** v. 5, p. 73-99, 1977.
- BRYSON, Bill. **The Body: A Guide for Occupants**. New York: Doubleday, 2019.
- BYBEE, Joan. **Language, usage and cognition**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.
- DĄBROWSKA, Ewa. Words as constructions. In: EVANS, Vyvyan; POURCEL, Stephanie. **New directions in cognitive linguistics**. Amsterdam: John Benjamins, 2009, p. 201-223.
- DAVIES, Mark. **British National Corpus (BNC)**. Available online at. Brigham Young University <https://www.english-corpora.org/bnc/>. (Accessed 3 March 2024), 1980-1993.
- DAVIES, Mark. **The Corpus of Contemporary American English (COCA)**. Available online at. Brigham Young University <https://www.english-corpora.org/coca/>. (Accessed 3 March 2024), 2008.
- DAVIES, Mark. **The News on the Web Corpus (NOW)**. Available online at. Brigham Young University <https://www.english-corpora.org/now/>. (Accessed 3 March 2024), 2013.
- DAVIES, Mark. **The Intelligent Web-based Corpus (iWeb)**. Available online at. Brigham Young University <https://www.english-corpora.org/iweb/>. (Accessed 3 March 2024), 2017.

DIVJAK, Dagmar. **Frequency in language. Memory, attention and learning.** Cambridge: Cambridge University Press, 2019.

ELLIS, Nick C. Frequency effects in language processing. A review with implications for theories of implicit and explicit language acquisition. **Studies in Second Language Acquisition** v. 24, p. 143-188, 2002.

FODOR, Jerry. **The Language of Thought.** Hassocks: Harvester Press, 1975.

GOLDBERG, Adele E. **Constructions at work:** The nature of generalization in language. Oxford: Oxford University Press, 2006.

GOLDBERG, Adele E. **Explain me this:** Creativity, competition, and the partial productivity of constructions. Princeton: Princeton University Press, 2019.

GONZÁLEZ-FERNÁNDEZ, Beatriz; SCHMITT, Norbert. Vocabulary acquisition. /n: LOEWEN, Shawn; SATO, Masatoshi. **The Routledge Handbook of Instructed Second Language Acquisition**, New York: Routledge, 2017. p. 280-298.

JACKENDOFF, Ray. Morphological and semantic regularities in the lexicon. **Language** v. 51, p. 639-671, 1975.

JAEGER, Tim Florian; SNIDER, Neal. Implicit learning and syntactic persistence: Surprisal and cumulativity. /n: WOLTER, Lynsey; THORSON, Jill. **University of Rochester Working Papers in the Language Sciences** 3, 2007. p. 26-44.

LANGACKER, Ronald. **Foundations of cognitive grammar:** theoretical prerequisites, Vol. I. Stanford: Stanford University Press, 1987.

MADAN, Christopher R. **Memories That Matter. How We Remember Important Things.** London: Routledge, 2024.

PARKER, Elizabeth S., CAHILL, Larry; MCGAUGH, James L. A case of unusual autobiographical remembering. **Neurocase** v. 12, n. 1, p. 35-49, 2006.

PINKER, Steven. **Words and Rules:** The Ingredients of Language. New York: Basic Books, 1999.

PLAG, Ingo. **Word-Formation in English.** Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

SWELLER, John. Cognitive load theory and individual differences. **Learning and Individual Differences** v. 110, 102423, 2024.

SZCZEŚNIAK, Konrad. The noticing hypothesis and formulaic language. Learnability of non-salient language forms. **Acta Psychologica** v. 248, 104372, 2024.

SZCZEŚNIAK, Konrad; ŘEŘIČHA, Václav. From engrams to schemas. Implications of engram research for usage-based models of language. **Lingua** v. 308, 103788, 2024.

TAYLOR, John R. **The mental corpus. How language is represented in the mind.** Oxford: Oxford University Press, 2012.

TORANZOS, Romina Leonor. **Estudo Geolinguístico Sobre O Espanhol Da Terra Del Fuego Com Vista à Construção De Um Atlas.** 2024. Dissertation (PhD em Linguística) – State University of Londrina, 2024.

TRAVASSOS, Pâmela Fagundes; MACHADO VIEIRA, Márcia Santos. Uma análise construcionista da variação entre construções com verbo-suporte DAR no PB. **Soletras** v. 37, p. 272-298, 2019.

6

Konrad Szcześniak

TRÊS PARADOXOS DE UMA MEMÓRIA SEM PERDAS:

APRENDENDO A PARTIR
DE UMA ENTRADA IMPREVISÍVEL

RESUMO

Este capítulo se concentra em três paradoxos da memória humana: o paradoxo do armazenamento não utilizado, o paradoxo da exposição única e o paradoxo da generalização sobre especificidades. Apesar da vasta capacidade da memória de longo prazo, apenas uma parte da informação é retida a longo prazo. No entanto, isso não significa que a memória de curto prazo deva apagar seu conteúdo. O paradoxo da exposição única destaca que mesmo encontros breves com a informação devem ser retidos para reforço através da repetição. Finalmente, as generalizações são construídas a partir de instâncias específicas sem apagá-las, desafiando suposições tradicionais sobre otimização da memória. Esses paradoxos oferecem insights sobre os mecanismos que sustentam a aprendizagem, a consolidação da memória e a formação de representações mentais.

Palavras-chave: Memória lexical; Rastros de memória; Frequências de uso; Variação.

RESUMEN

Este artículo se centra en tres paradojas de la memoria humana: la paradoja del almacenamiento no utilizado, la paradoja de la exposición única y la paradoja de la generalización sobre lo específico. A pesar de la inmensa capacidad de la memoria a largo plazo, solo cierta información se retiene a largo plazo, lo cual no implica que la memoria a corto plazo deba borrar su contenido. La paradoja de la exposición única destaca que incluso los encuentros breves con la información deben ser retenidos para su refuerzo a través de la repetición. Finalmente, las generalizaciones se construyen a partir de instancias específicas sin eliminarlas, desafiando las suposiciones tradicionales sobre la optimización de la memoria. Estas paradojas ofrecen perspectivas sobre los mecanismos que sustentan el aprendizaje, la consolidación de la memoria y la formación de representaciones mentales.

Palabras clave: memoria léxica; huella de memoria; frecuencias de uso; variación.

PARADOJA DEL ALMACENAMIENTO NO UTILIZADO

Se sabe que, aunque la memoria a largo plazo tiene una capacidad prácticamente ilimitada, solo una fracción de la información procesada parece ser retenida. Esto no ocurre para ahorrar espacio, ya que el cerebro podría almacenar mucha más información de la que se encuentra en el input al que está expuesto un ser humano. En su lugar, esta selectividad sirve para filtrar información relevante, priorizando aquella que presenta repeticiones o está asociada a experiencias emocionalmente significativas.

Esta selectividad de la memoria y la capacidad aparentemente ilimitada del cerebro son evidentes cuando se considera el ejemplo de personas con memoria autobiográfica altamente superior (Highly Superior Autobiographical Memory, HSAM), una condición rara en la que una persona puede recordar, con detalles extraordinarios, prácticamente todos los eventos de su vida personal. En lo que respecta al aprendizaje de una lengua, personas con HSAM son capaces de memorizar el texto de todos los libros que leen, palabra por palabra, después de solo una lectura. Sin embargo, esta habilidad no se considera un talento y, de hecho, la retención de todos los detalles en la memoria a largo plazo no presenta ventajas en el aprendizaje de una lengua.

Por el contrario, en el caso de la mayoría de los individuos, la memoria emplea un filtrado para separar información potencialmente significativa de la aparentemente menos relevante. El principal mecanismo consiste en reforzar información encontrada con mayor frecuencia en el input; es decir, cuanto más frecuentemente se procesa una información, más fuerte queda su rastro en la memoria. Por otro lado, el cerebro de una persona con HSAM no usa el mecanismo de repeticiones, y en su lugar, confiere permanencia a largo plazo

a toda la información. Es importante destacar que los cerebros de las personas con HSAM no difieren de los cerebros del resto de la población en términos de capacidad de retención. La única diferencia parece estar relacionada con el modo de filtrado por frecuencia. Este filtrado explora el principio de que la información repetida suele ser más significativa en el sentido de tener más probabilidades de ser encontrada con frecuencia en el futuro. Esto puede considerarse una manifestación de la llamada memoria adaptativa, cuyo objetivo es predecir eventos futuros.

PARADOJA DE LA EXPOSICIÓN ÚNICA

La consolidación de una memoria (de una información) a largo plazo requiere activaciones repetidas del rastro de memoria detrás de esa información. Es fácil concluir, con base en este hecho, que los rastros de exposiciones únicas son olvidados. Esta es, de hecho, no solo una creencia popular, sino también una suposición común hecha en estudios lingüísticos. Sin embargo, la consolidación mediante reactivaciones implica precisamente lo contrario: incluso las exposiciones únicas no son totalmente descartadas. Esto es necesario para que nuevos contactos con usos puedan reforzar la memoria inicial. Si las memorias fueran borradas, las reactivaciones serían imposibles. Como señaló Adele Goldberg, el cerebro necesita registrar y retener la primera exposición, aunque sea de manera efímera, para que futuras activaciones puedan fortalecer el rastro de memoria. Un rastro débil en la memoria que surge como resultado de la primera exposición puede ser insuficiente para el recuerdo activo, pero a pesar de ello sirve como un comienzo en una serie de reactivaciones. Así, la retención de memorias depende de una especie de contador implícito de experiencias previas, garantizando que las repeticiones sean percibidas y registradas.

PARADOJA DE LA GENERALIZACIÓN SOBRE ESPECIFICIDADES

El funcionamiento de la memoria humana permite el desarrollo de generalizaciones a partir de instancias específicas. Tradicionalmente, se solía presumir que al crear una generalización, la memoria descartaba los recuerdos individuales que la originaron. El argumento principal de tal razonamiento era la necesidad de evitar redundancia al almacenar la misma información en representaciones repetidas en el cerebro. Sin embargo, modelos cognitivos como los de Jackendoff y Langacker argumentan que las generalizaciones se forman y mantienen con base en los ejemplos específicos que son retenidos en la memoria. La redundancia, frecuentemente vista como ineficiente, en realidad acelera el procesamiento al permitir accesos más rápidos a la información. Además, las generalizaciones emergen de las redes neuronales que comparten rastros de memoria específicos. Borrar estos recuerdos resultaría en la pérdida de la propia generalización. Esta paradoja es especialmente relevante en enfoques basados en el uso del lenguaje, donde los patrones gramaticales emergen de la repetición de ejemplos concretos.

Más importante aún, el almacenamiento de información en forma de rastros con diferentes niveles de consolidación permite una representación flexible de formas que presentan variación formal. Por ejemplo, expresiones como blanco y negro pueden almacenarse como rastros que también incluyen la variante alternativa negro y blanco. La variante dominante (blanco y negro) puede verse como un rastro con mayor nivel de consolidación como resultado de usos más frecuentes con esa forma.

CONCLUSIÓN

Las paradojas discutidas revelan que la memoria es más robusta y menos descartable de lo que muchas teorías sugieren. Cada rastro de memoria se conserva, incluso antes de alcanzar un estado a largo plazo, garantizando el refuerzo mediante repeticiones y la construcción de representaciones mentales complejas. Además, estas características de la memoria son fundamentales para lidiar con la variabilidad lingüística, como se ve en expresiones que presentan diferentes órdenes preferenciales (por ejemplo, en portugués *vai e vem* versus *vem e vai* o en español blanco y negro versus negro y blanco), reflejando frecuencias de uso tanto en la lengua materna como en el aprendizaje de lenguas extranjeras.

Parece natural suponer que, sin una consolidación suficiente, un rastro de memoria no alcanza el estatus de largo plazo y, por lo tanto, debe ser olvidado. Sin embargo, el olvido en el sentido de borrar completamente un rastro de memoria haría imposible la propia consolidación. Esto ocurre porque la retención de la memoria depende de la repetición, un proceso que presupone un contador implícito de experiencias previas. El cerebro simplemente necesita retener un rastro de la exposición inicial para reforzar la memoria mediante exposiciones posteriores. Además, descartar los rastros de contactos con usos específicos impediría la formación de generalizaciones y patrones abstractos, ya que estos dependen de las mismas redes neuronales compartidas por los rastros de instancias individuales. Borrar los rastros individuales resultaría simplemente en la pérdida de las generalizaciones correspondientes. Por último, sin algún registro de usos infrecuentes, las representaciones mentales no captarían diferentes patrones de frecuencia característicos de las formas del lenguaje, especialmente aquellas que presentan uso variable.

7

*Marcos Luiz Wiedemer
Maria Eduarda Oliveira da Silva*

CONSTRUÇÃO DE CONCERNÊNCIA:

RETOMADA TODO-PARTE
E ARTICULAÇÃO TEXTUAL

RESUMO

A partir do arcabouço teórico da Gramática de Construções Baseada no Uso (Goldberg, 2006; Diessel, 2023) e da Abordagem Socioconstrucionista (Machado Vieira; Wiedemer, 2020), neste capítulo, centramos-nos na investigação da construção gramatical representada pelo esquema $[[X_{(\text{referente construtor})} [\text{Preposição}_{(\text{em})} + \text{Mostrativo anafórico}_{(\text{o})}]_{\text{NO}} \text{ Pronome Relativo}_{(\text{que})} Y_{[\text{SN}(\text{referente especificador})]}]$, que denominamos “construção de concernência”. Para tanto, nosso foco recai sobre as microconstruções “no que diz respeito a”, “no que se refere a”, “no que tange a” e “no que concerne a”, no português brasileiro. Para a análise, são considerados dados extraídos da Amostra *Now*, do *Corpus* do Português. Os resultados gerais apontam que a construção de concernência ocorre na retomada de um determinado referente entre as duas porções textuais que envolvem a microconstrução, denominada de “retomada todo-parte especificada”, que envolve a retomada de um referente (X) por meio de outro (Y) para especificá-lo.

Palavras-chave: Língua Portuguesa; Gramática de Construções Baseada no Uso; Construção de Concernência; Paradigma Discursivo; Abordagem Socioconstrucionista.

INTRODUÇÃO

Neste capítulo, a temática de análise recai sobre as micro-construções “no que diz respeito a”, “no que se refere a”, “no que tange a” e “no que concerne a”, no português brasileiro (PB), que desempenham um papel coesivo na malha textual ao retomar e especificar um objeto de discurso. Nosso foco de investigação são os contextos de uso da construção gramatical representada pelo esquema $[[X_{(\text{referente construtor})} [\text{Preposição}_{(\text{em})} + \text{Mostrativo anafórico}_{(\text{o})}]_{\text{NO}} \text{ Pronome Relativo}_{(\text{que})} Y_{[\text{SN}(\text{referente especificador})]}]$, a qual denominamos “construção de concernência”, conforme exemplificado em (01).

- (01) *“A delação de Pallocci, como é de notório conhecimento, foi recusada pelo Ministério Público por ausência de provas. No que tange à delação de Ricardo Saud, e de pessoas vinculadas a JBS, a própria PGR pediu a revogação dos acordos. (...)”*

Fonte: <https://politica.estadao.com.br/blogs/fausto-macedo/palocci-delator-relata-r-30-mi-da-jf-para-compra-de-apoio-do-mdb-a-dilma-em-2014>.

Em (01), “no que tange a Y” exerce papel de conexão entre as porções textuais apresentadas, adquirindo a função de uma locução conjuntiva, características das orações hipotáticas. Portanto, essa expressão insere-se no padrão [conector]. Dessa forma, auxilia na progressão textual através do papel de retomada do termo “delação”. Essa função conjuntiva é essencial para a coesão do texto, pois permite a relação lógica entre diferentes partes do discurso. Além disso, “no que tange a Y” atua como um mecanismo de anáfora textual, retomando um elemento mencionado anteriormente e introduzindo uma nova proposição que está vinculada a ele. Esse mecanismo desempenha um papel significativo na organização textual, conectando partes do discurso e estruturando a relação hierárquica entre elas. A função de retomada não apenas reitera o termo “delação”, mas também estabelece uma relação de continuidade temática. Assim,

não só conecta duas ideias, mas também direciona o foco do leitor para um aspecto específico da relação, suas implicações jurídicas.

Nossa hipótese é de que essas microconstruções desempenham um papel fundamental na retomada de referentes introduzidos na primeira porção textual (referente construtor) e na projeção de uma especificação desses referentes na segunda porção textual (referente especificador). Em outras palavras, essas estruturas linguísticas, ao retomarem um referente previamente mencionado e, simultaneamente, fornecer informações adicionais ou mais específicas sobre esse referente, contribuem para a coesão e a coerência textuais, permitindo uma transição entre as informações apresentadas.

Segundo Camacho *et al.* (2008), o ato de referir, em termos pragmáticos, é uma atividade cooperativa do falante, na qual ele utiliza um termo para referir uma entidade ao interlocutor. Essa referência pode ser: (i) uma referência construtora, quando um termo introduz uma entidade no modelo mental do interlocutor; ou (ii) uma referência identificadora, quando um termo ajuda o interlocutor a identificar um referente já disponível no seu modelo mental.

Para observar a hipótese indicada, adotamos a metodologia de pesquisa qualitativa, com os dados coletados a partir de ocorrências extraídas do *Corpus* do Português, subamostra *Now*, disponível no endereço eletrônico <https://www.corpusdoportugues.org>, que contém textos produzidos no período de 2012 a 2019. Como critérios de análise, adotamos: (i) a classificação do referente após a microconstrução (Y); (ii) classificação do tipo de relação oracional (intraoracional e interoracional); e (iii) classificação do gênero textual. Além disso, a amostra de pesquisa é composta por 366 ocorrências das seguintes microconstruções inseridas no esquema $[[X_{\text{(referente construtor)}} [\text{Preposição}_{\text{(em)}} + \text{Mostrativo anafórico}_{\text{(o)}}]_{\text{NO}} \text{Pronome Relativo}_{\text{(que)}} Y_{\text{[SN(referente especificador)]}}]$: “no que concerne a Y”, “no que diz respeito a Y”, “no que se refere a Y” e “no que tange a Y”.

BASE TEÓRICA: A GRAMÁTICA DE CONSTRUÇÕES BASEADA NO USO

A Gramática de Construções Baseada no Uso abarca um conjunto de teorias linguísticas que convergem a partir de princípios fundamentais: a existência independente de construções como unidades simbólicas (Goldberg, 2006); a representação uniforme da informação gramatical (Croft, 2001); e a organização taxonômica das construções na linguagem (Diessel, 2023). Assim, à luz dessa teoria, o conceito de “construção” adquire o *status* teórico de unidade básica do conhecimento linguístico, que representa uma relação simbólica de pares de forma<->significado, bem como é um constructo mental (Gestalt), que se estabelece na comunidade linguística e é armazenado nas mentes dos falantes como estruturas holísticas (Goldberg, 2019). Isso resulta na composição da linguagem por meio de um sistema de construções interconectadas e armazenadas no *constructicon* (Goldberg, 1995), estruturando-se em redes taxonômicas.

Assim, as generalizações linguísticas são representadas em construções, que são retratadas em diferentes graus de abstração, incluindo morfemas, palavras, expressões idiomáticas, padrões parcialmente preenchidos lexicalmente e padrões linguísticos totalmente gerais. Dessa forma, qualquer padrão linguístico é reconhecido como uma construção desde que algum aspecto de sua forma ou função não seja estritamente previsível a partir de suas partes componentes ou de outras construções reconhecidas como existentes. Além disso, as construções são unidades que combinam informações sintáticas e fonéticas (forma) com informações semânticas, contextuais ou discursivas (função), conforme a representação oferecida por Croft (2001).

Quadro 1 - Esquema da construção



Fonte: Croft (2001, p. 18).

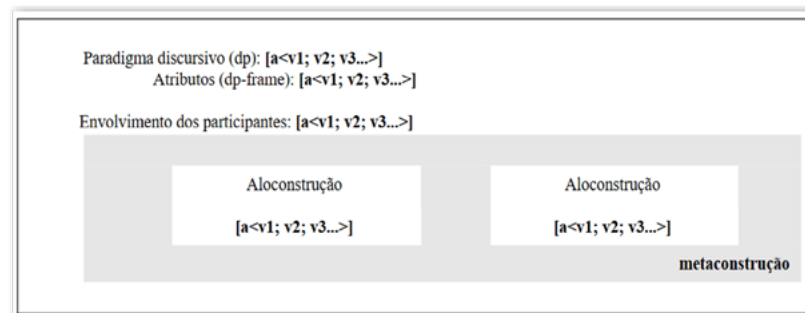
De acordo com Goldberg (2006), a principal vantagem da abordagem construcionista é sua “adequação descritiva”, que permite abranger tanto generalizações linguísticas quanto idiosincrasias. Sob essa perspectiva, a língua é vista como uma entidade holística na qual nenhum dos níveis da linguagem é autônomo ou “nuclear”; em vez disso, todos os níveis operam simultaneamente em uma construção.

Assim, assume a concepção de uma rede de construções organizadas hierarquicamente em uma estrutura chamada “*constructicon*”, na qual as construções são distribuídas a partir das propriedades de esquematicidade, produtividade e composicionalidade. A esquematicidade é vista pelo grau de abstração e generalização, ou seja, da convencionalidade do pareamento forma-sentido da construção, que assume um significado mais geral ou específico. Já a produtividade está relacionada ao grau de generalidade, regularidade e extensibilidade (Barðdal, 2006); e a composicionalidade, relacionada à associação transmodal entre a forma e função. Essas propriedades são avaliadas em *match/mismatch* entre a correspondência entre forma<->função. Além disso, os processos de analogização e neoanálise são mecanismos que atuam na mudança linguística (Traugott; Trousdale, 2013), os quais são capturados em relações de herança.

De igual modo, apoiamo-nos na Abordagem Socioconstrucionista (Machado Vieira; Wiedemer, 2020), que integra a análise de tipos de variação no arcabouço teórico da GCBU. Como consequência, a abordagem prevê tipos de variantes, que são vistos a partir da: (i) variação por aloconstruções e metaconstrução (Wiedemer; Machado Vieira, 2018); (ii) variação por semelhança simbólica (Machado Vieira; Wiedemer, 2020); e (iii) variação por paradigma/padrão discursivo (Wiedemer; Machado Vieira, 2022). Eles são capturados a partir de duas premissas teóricas: (i) variação/alinhamento de construções independentes; e (ii) variação por compatibilização de (co)lexemas a *slots* de construção.

Machado Vieira e Wiedemer (2020) propõem que a área subespecificada seja vista como uma metaconstrução (inspirados na concepção de *constructeme*, cf. Perek, 2015). Essa metaconstrução é concebida, por meio da analogia e da conceptualização dos elementos que a compõem, em um espaço de generalização comum. Isso pode ocorrer tanto por similaridade configuracional entre aloconstruções (inspirado em Cappelle, 2006) quanto por semelhança simbólica entre padrões construcionais distintos decorrente de um evento analógico. Além disso, Machado Vieira e Wiedemer (2020) associam às aloconstruções a noção de valores e atributos (cf. Leino; Östman, 2005). Isso implica que a compreensão das variações nas construções depende não apenas da estrutura subespecificada, mas também dos valores de atributos específicos que cada construção tem mais sistemática e frequentemente associados, sobre os quais ainda opera o ambiente social-discursivo-pragmático em que o pareamento entre esses valores de atributos se atualizam/processam, haja vista o fato de que relações forma-função têm potencial de se (re)configurarem na experiência de uso. Esses valores de atributos, que, em Sociolinguística, aparecem sob a rubrica de fatores de grupos de fatores/variáveis, são essenciais para compreender como diferentes construções e são mais probabilisticamente ou menos usadas em contextos específicos, conforme ilustrado no esquema (01).

Esquema 1 - Representação da variação - Abordagem Socioconstrucionista



Fonte: adaptado de Machado Vieira e Wiedemer (2020) e Wiedemer e Machado Vieira (2022).

No esquema (01), temos o retângulo no espaço em cinza, de representação da metaconstrução. Adicionalmente, são identificadas as aloconstruções, cujos valores associados são indicados entre colchetes (em "[a < v1; v2; v3 >]", onde "a" significa "atributo" e "v" é usado para "valor"). Acrescenta-se que, os autores associam a representação à noção de paradigma discursivo (cf. Wiedemer; Machado Vieira, 2022), representado por (dp), que evoca um cenário (dp-frame). Nesse contexto, a expectativa de um ou outro padrão construcional também opera a relação com construção textual, caracterizada, prototipicamente, por determinados gêneros ou tipos textuais (dentre outras possibilidades, cf. Machado Vieira; Wiedemer; Cavalcante, 2024). Esses gêneros ou tipos textuais são representados também por atributos (a) e valores (v).

CARACTERIZAÇÃO DA CONSTRUÇÃO DE CONCERNÊNCIA

A construção aqui analisada, conforme já indicamos, atua na relação fórica e, com isso, na relação textual entre as partes, além

de ser interpretada também como uma conexão textual. Vejamos o enunciado (02), a seguir, onde se percebe esse caráter coesivo da contração “no” [em (preposição) + o (mostrativo)]:

- (02) *"Uma pesquisa divulgada nesta quinta-feira (27) pelo CNI-Ibope mostrou que a popularidade do presidente Jair Bolsonaro caiu entre abril e junho de 2019. O percentual dos que avaliaram o governo como ruim ou péssimo subiu de 27% para 32%, enquanto os que classificaram como ótimo ou bom diminuiu de 35% para 32%.*

***No que diz respeito à** maneira de governar do presidente, o percentual de desaprovação cresceu de 40% para 48%, enquanto a aprovação recuou de 51% para 46%. A confiança em Bolsonaro também diminuiu de 51% para 46%, enquanto os que responderam que não confiam aumentou de 45% para 51%."*

Fonte: <https://jovempan.com.br/noticias/brasil/ibope-popularidade-de-bolsonaro-diminui-e-atinge-menor-indice-desde-a-posse.html>.

Em (02), temos, na primeira porção textual a construção do referente “pesquisa sobre a popularidade de x”. Já na segunda parte, iniciada pela microconstrução “no que diz respeito à”, temos o mostrativo “o”, que se encontra na contração que inicia o período, auxiliando na retomada do referente do parágrafo anterior. Dessa forma, estabelecemos uma relação entre a referência na primeira parte e a referência a ser construída na segunda parte textual. Na sequência, a microconstrução passa a operar essa informação, mas que possui relação com o referente, promovendo uma especificação da informação, agora, sobre a maneira de governar.

De acordo com Castilho (1993), os mostrativos ou demonstrativos são palavras que indicam ou especificam, de forma dêitica ou anafórica, a que entidades o falante se refere em seu discurso. Assim, o lexema “o” pode ser classificado como um mostrativo, já que aponta para algo (termo, ideia, assunto). Conforme o autor, os mostrativos têm a função de “mostrar”, em certos contextos discursivos, objetos relevantes, sejam eles presentes no entorno do falante e/ou do ouvinte, apontando para um objeto do mundo, ou no próprio universo do discurso, fazendo referência a um termo mencionado em outra parte do texto.

Dessa forma, esses termos mostrativos podem operar na esfera dêitica e na da referencialidade, desempenhando uma função contextual, com implicações semânticas fóricas e um papel dêítico. Essa ideia já defendida por Lyons (1977), que aponta que os pronomes podem atuar tanto na retomada de um referente como de conteúdo.

Além disso, temos a ocorrência do pronome relativo “que”, estabelecendo a relação entre o mostrativo e o referente especificador. Neves (2000, p. 365) comenta que “os pronomes relativos introduzem uma oração de função adnominal, isto é, uma oração adjetiva”. Isso ocorre porque essas palavras preenchem a posição que seria ocupada pelos termos aos quais se referem. A autora aponta que, quando um pronome relativo inicia uma oração adjetiva restritiva, a informação trazida auxilia o leitor a identificar um subconjunto de um conjunto já conhecido, o que parece ocorrer em nossos dados.

Nos dados analisados, percebe-se que os pronomes relativos são utilizados – geralmente, iniciando as orações – para estabelecer uma relação direta e específica entre o termo, ideia ou assunto antecedente e a informação nova que está sendo fornecida. Ou seja, a partir da retomada iniciada pelas microconstruções estudadas, o pronome ajuda a restringir o conjunto geral, criando uma categoria mais precisa, um subconjunto. No exemplo (03), a seguir, o conjunto seria a “Pinheiros de Roma, composição de Ottorino Respighi”, e o subconjunto o “estilo de composição” da obra artística.

(03) *“O encerramento virá com “Pinheiros de Roma”, composição de Ottorino Respighi, que se dedica, com grande sucesso, apenas à música instrumental.*

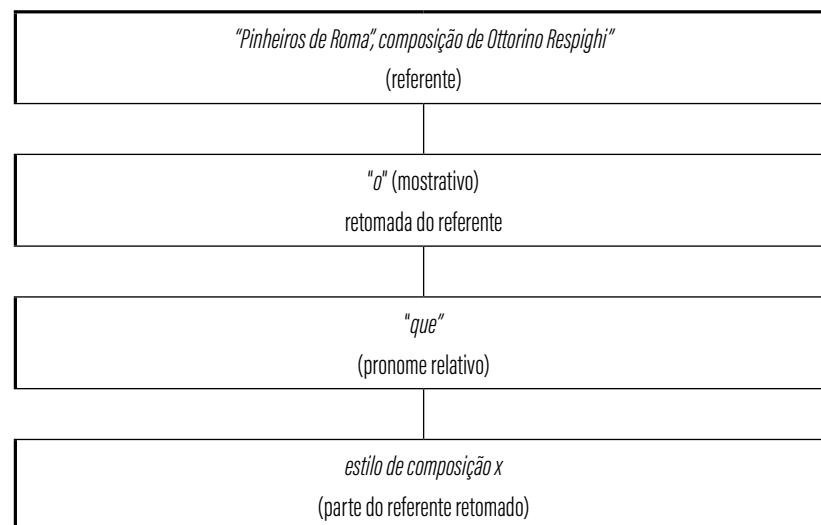
***No que se refere ao** seu estilo de composição, a peça alinha-se ao pós-romantismo, tendência que agrega compositores que, já no século XX, dedicavam-se à composição dentro dos padrões do século XIX”.*

Fonte: <http://www.osmc.com.br/novo/noticias/1039/concerto-da-orquestra-sinfonica-tera-participacao-de-baritono-chileno.aspx>.

Com base em (03), percebe-se que o uso do “que” retoma o mostrativo “o”, que possui a função de nome, pois está retomando

o referente “peça Pinheiros de Roma, composição de Ottorino Respighi”, evitando a repetição deste antecedente na oração subordinada adjetiva iniciada pela microconstrução destacada. Vejamos a representação no quadro (02) tanto da representação do mostrativo como do pronome relativo.

Quadro 2 - Mostrativo e pronome relativo na atuação da especificação



Fonte: adaptado de Oliveira da Silva (2024).

Castilho (2010, p. 367) indica que “o conjunto dos pronomes relativos vem sofrendo séria restrição no PB, com a conseqüente generalização de que”. Além disso, o autor indica que o pronome “que” relativo desempenha simultaneamente dois papéis: enquanto pronome, recebe funções argumentais ou de adjunção do verbo da sentença que ele encabeça; enquanto conjunção, liga a adjetiva ao núcleo do sintagma da matriz. Ainda sobre o assunto, o autor afirma que as sentenças adjetivas – ou relativas – “são sentenças encaixadas num sintagma nominal, em que atuam como complementadores” (p. 366). A saber, o autor denomina como “complementado-

res” os “sintagmas adjetivais, sintagmas preposicionais e sentenças adjetivas” (p. 510).

Ao especificarem o sentido do sintagma nominal em que estão inseridas e adicionando informações relevantes, como exemplificado, as orações adjetivas restritivas desempenham um papel crucial na comunicação. Neves (2000, p. 375) esclarece que a “especificação do sentido do sintagma nominal” ocorre que nas restritivas: “a informação introduzida serve para identificar um subconjunto dentro do conjunto [expresso pelo núcleo desse sintagma]”. Mira Mateus *et al.* (2003, p. 655) destacam que “as restritivas contribuem para a construção do valor referencial da expressão nominal”. Quando operam como um aposto do sintagma nominal, explicitam “um comentário do locutor acerca da entidade denotada por um sintagma nominal, o antecedente da relativa” (Mira Mateus *et al.*, 2003, p. 671). É importante salientar que, nesse contexto, o termo “comentário” refere-se ao fato de as orações adjetivas explicativas não identificarem nenhum subconjunto dentro de um conjunto, conforme apontado por Neves (2000, p. 375).

Do ponto de vista cognitivo, é possível perceber que a organização textual se dá na relação “figura/fundo”. As noções de plano discursivo e de saliência perceptual são fundamentais para compreender a organização estrutural do texto. As dimensões de figura e fundo, cuja formulação original se deve à Gestalt, relacionam-se à percepção e à cognição. Dessa forma, as entidades que aparecem em primeiro plano, as mais salientes, são mais fáceis de serem percebidas, enquanto aquelas que aparecem em segundo plano são menos aparentes. Essa diferenciação entre figura e fundo influencia a maneira como interpretamos e processamos as informações textuais, direcionando nossa atenção para os elementos mais relevantes e destacados, enquanto os elementos em segundo plano complementam ou contextualizam a figura principal.

A distinção entre figura e fundo, segundo Givón (1995), está relacionada ao critério de frequência da marcação. Para ele, por ser menos frequente, o elemento marcado apresenta maior relevo perceptual e, portanto, corresponde à figura. O fundo corresponde ao que é textualmente mais abundante, por isso, constitui o caso não marcado. Assim, no plano da figura, estão as informações mais importantes que o falante quer expressar, o plano que melhor representa os propósitos que o falante tem com aquela expressão (é o plano em que as informações são mais salientes). Já no plano fundo, estão as partes que apenas ampliam, comentam ou embasam a informação que está no plano de figura.

Como é possível observar em (03), são abordadas algumas opções de programas de entretenimento. O lexema “Pinheiros de Roma” (figura) é citado e, posteriormente, inicia-se um período com a microconstrução “no que se refere a”. Neste, o foco recai sobre a questão do “estilo de composição” (fundo, inserido pela utilização da microconstrução), uma característica específica referente ao todo, que foi apresentado anteriormente – o espetáculo, o que é reforçado pelo uso do pronome “seu”, que desenvolve um apontamento dêitico ao referente já apresentado.

CONSTRUÇÃO DE CONCERNÊNCIA: RETOMADA TODO-PARTE ESPECIFICADA

Acreditamos que a retomada e especificação da construção de concernência ocorram no formato “retomada todo-parte especificada”, que passamos a explorar. Entre os contextos de uso das microconstruções aqui analisadas, o mais recorrente é a retomada de um constituinte ou uma ideia já inserida na malha textual

[X_(referente construtor)], seguida de sua especificação [SN_(referente especificador)].
Vejaamos o exemplo em (04).

- (04) *"A realidade social das famílias da Lomba do Pinheiro, em sua grande maioria, é de convivência com ciclos de desemprego e vulnerabilidade social, cultural, econômica e política. Segundo dados do Observa POA, a taxa de analfabetismo é de 4,03%. **No que concerne às matrículas do Ensino Médio** em números absolutos de 2016, foi de 668 alunos, com índice de aprovação de 44% e um percentual de abandono de 14%. A Lomba do Pinheiro conta com 75% dos responsáveis por domicílios sob uma renda média de até 2,07 salários-mínimos".*

Fonte: <https://www.brasildefato.com.br/2019/05/10/pre-vestibular-kilomba-leva-esperanca-a-jovens-da-lomba-do-pinhoiro-em-porto-alegre>.

Em (04), o texto traz informações específicas sobre a realidade social, econômica e cultural dos habitantes da cidade de Lomba do Pinheiro, no Rio Grande do Sul. Para reforçar a tese do autor, utilizam-se dados obtidos a partir de uma pesquisa, inserindo no texto uma nova informação sobre essa realidade: "Segundo dados do Observa POA, a taxa de analfabetismo é de 4,03%". Na sequência, temos o uso da microconstrução "No que concerne a", que retoma a expressão "dados do Observa POA", porém apresenta uma nova informação, que estamos denominando de especificadora: "as matrículas do Ensino Médio". Dessa forma, temos, ao mesmo tempo, uma retomada do referente anterior e a introdução de uma nova informação discursiva.

Além disso, temos a introdução do tópico discursivo "A realidade social das famílias da Lomba do Pinheiro", seguido de um subtópico: "a taxa de analfabetismo é de 4,03%". Na sequência, a microconstrução "No que concerne a", na qual temos o demonstrativo "o", que apresenta caráter pronominal demonstrativo, promovendo a função anafórica do tópico discursivo/subtópico, bem como dêitica. Além do mais, temos a atuação do pronome relativo "que", desempenhando um papel na correlação entre duas partes do texto, conforme se observa no exemplo. Dessa forma, fornece-se uma especificação

desse referente, característica das adjetivas restritivas. Podemos resumir esse desenvolvimento no esquema, conforme quadro (4).

Quadro 3 - Retomada todo-parte especificada

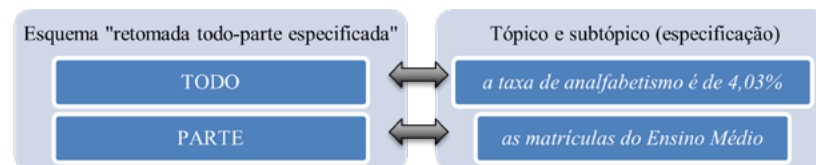
Referente Tópico/Subtópico	Localização/Ponto de referência (preposição)	Mostrativo (anafórico)	Correlação entre os referentes (pronomes relativos)	Referência especificadora
"A realidade social das famílias da Lomba do Pinheiro" "a taxa de analfabetismo é de 4,03%."	Em	O	Que	concerne as matrículas do Ensino Médio

Fonte: adaptado de Oliveira da Silva (2024).

Assim, a microconstrução “no que concerne a” introduz um complemento em relação ao assunto discutido. Nesse caso, ela introduz uma informação adicional sobre as matrículas do Ensino Médio em números absolutos de 2016, mencionando dados específicos, como o número de alunos, o índice de aprovação e o percentual de abandono. Em termos de desenvolvimento de argumentação, é possível perceber que a expressão é usada para direcionar a atenção ou para introduzir um ponto específico dentro de um contexto mais amplo. Com isso, ajuda a segmentar o discurso, indicando uma transição para um novo tópico ou uma explanação mais detalhada sobre um ponto específico.

Como vimos em (04), o referente “a taxa de analfabetismo é de 4,03%” constitui o tópico discursivo na primeira porção textual. Na segunda porção textual, temos uma especificação, um subtópico, “as matrículas do Ensino Médio”, que retoma um constituinte ou uma ideia já inserida na malha textual, especificando esse objeto de discurso. Estamos denominando esse tipo de ocorrência como “retomada todo-parte especificada”, seguindo o seguinte esquema.

Esquema 2 – Retomada todo-parte especificada



Fonte: adaptado de Oliveira da Silva (2024).

Ao observarmos o *slot* Y, identificamos uma correlação entre o tipo de SN e a modificação do significado da construção. Percebemos que a relação especificadora desempenha um papel na correlação desse lexema na construção. Acreditamos que essa restrição do referente Y, por ser um especificador, indica um objeto discursivo, que estamos denominando de referente. Ou seja, são as expressões referenciais sobre as quais operam os atos de referência, expressões normalmente representadas por SN. Além disso, os referentes de Y podem abranger desde os de primeira ordem (indivíduos) até os de segunda ordem (estado de coisas: ações, processos, estados e posições), e ainda os de terceira ordem (proposições: construtos mentais, crenças, expectativas e julgamentos) (cf. Hengeveld, 1988).

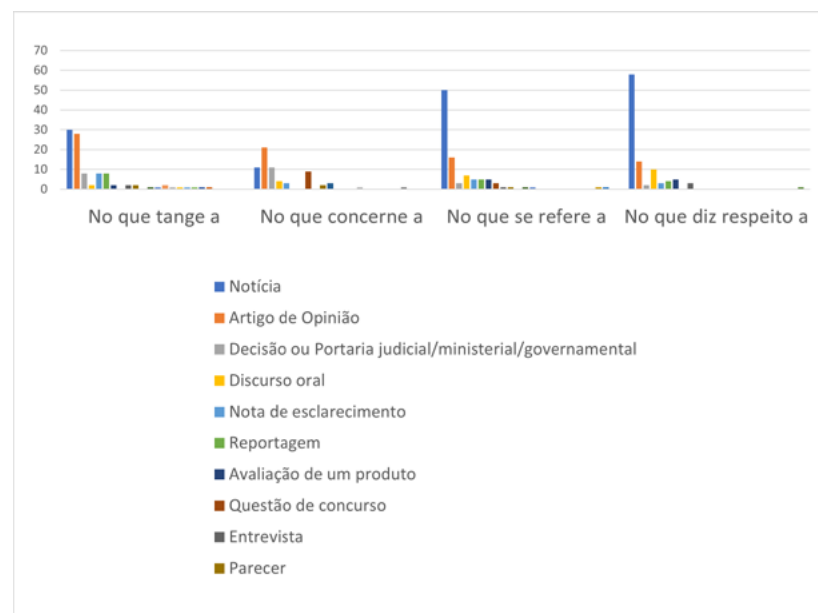
Se observamos as análises empreendidas, percebemos o papel relacional da construção, principalmente pelo lexema “que”, assim como o papel adjetival, tanto por essa relação quanto pelo papel especificador, algo característico das construções adjetivais. Por outro lado, também é possível deduzir o papel adverbial, ou seja, desempenha a função de organizar o texto ou orientar a argumentação (Givón, 2001).

CONSTRUÇÃO DE CONCERNÊNCIA E GÊNEROS DISCURSIVOS

Como já mencionado, os dados analisados neste capítulo foram retirados do banco de dados *Corpus do Português*, que abriga

exemplos retirados de textos pertencentes a diversos gêneros discursivos. Nossa etapa de análise se concentra, agora, em observar a possível correlação entre a microconstrução e o gênero discursivo. Inicialmente, vejamos a frequência de usos das microconstruções por gênero discursivo.

Gráfico 1 - Correlação entre as microconstruções e gênero discursivo



Fonte: adaptado de Oliveira da Silva (2024).

Conforme se observa no gráfico (01), entre os gêneros analisados, identificamos nove gêneros discursivos que são mais recorrentes (notícia, artigo de opinião, decisão ou portaria judicial, discurso oral, nota de esclarecimento, reportagem, avaliação de produto, questão de concurso e entrevista). Este resultado já evidencia uma correlação com o discurso mais formal e as microconstruções aqui analisadas, especialmente nas esferas jornalísticas e jurídicas.

Vale apontar que os gêneros discursivos/textuais estão embutidos em paradigmas discursivos, ou seja, refletem convenções

associadas a características linguísticas específicas, situando-as em paridade com os padrões convencionais reconhecidos como ‘gramática’, pelo menos no que tange à expressão do conhecimento dos falantes da linguagem enquanto sistema simbólico (cf. Östman, 2005).

Observemos, agora, a correlação os gêneros discursivos por microconstrução, conforme gráfico (02), a seguir.

Gráfico 2 - Correlação entre gêneros textuais por microconstrução



Fonte: adaptado de Oliveira da Silva (2024).

A microconstrução “no que tange a” é a mais usada em diferentes tipos de gêneros, com uma correlação de uso em dezoito tipos. Já a microconstrução “no que diz respeito a” é a microconstrução que apresenta menor variação em relação aos gêneros textuais nos quais ela estava presente, mesmo sendo “no que concerne a” que possui menor frequência de uso. Aqui é importante ter em mente que o aumento da frequência de ocorrência/espraiamento aprofunda entrincheiramento (relativo à memória); e o aumento do entrincheiramento pode levar a diferenças qualitativas na representação. Assim, os objetos linguísticos são reconhecidos mais rapidamente e com mais precisão quando acompanhados de informações contextuais.

Nascimento (2022) também aponta em seu estudo uma possível correlação entre as orações adjetivas e o gênero artigo de opinião. Segundo o estudioso, “as construções sintáticas adjetivas só se realizam como fenômenos do discurso, através da esco-

lha discursiva dentro dos enunciados concretos, que são o próprio palco para os gêneros do discurso” (p. 69). Ou seja, há uma inseparável relação entre a opinião do autor de um texto e a utilização das orações adjetivas.

De acordo com Wiedemer e Machado Vieira (2022, p. 239):

Para buscarmos uma caracterização do discurso em termos de um constructo teórico e uma conceituação, é necessário compreendermos que a coerência textual-discursiva deve ser vista em termos de compreensão sociocognitiva: textos e discursos estão relacionados, são utilizados e transmitidos por uma determinada cultura ou comunidade linguística.

Ao observarmos os resultados empreendidos, há uma predominância de uso dos gêneros notícia e artigo de opinião em todas as microconstruções. Acreditamos que esse resultado esteja relacionado ao teor argumentativo desses tipos de gêneros. Como estamos diante de uma construção que tanto desempenha um papel de relação entre as partes textuais, principalmente, na retomada e especificação de um referente, há também a necessidade, nestas retomadas, da explicação de novas informações, o que possivelmente gere o valor adjetival. Vejamos o exemplo (05).

(05) “Vereador tenta - de novo - regulação de FLANELINHAS e lavadores

*O vereador Paulo Sérgio Martins apresentará, nesta terça-feira, projeto que regula o exercício da atividade de flanelinhas e lavadores de carros em Jundiá. **No que se refere aos guardadores,** Martins tentou aprovar proposta semelhante em 2015. Não conseguiu. Segundo a proposta, os guardadores e lavadores dependerão de registro junto à Prefeitura, como profissional autônomo. Quem for flagrado atuando sem o registro será enquadrado nas penalidades previstas no código Tributário e levado para uma delegacia de polícia.*

Fonte: https://jundiagora.com.br/flanelinhas-lavadores/#google_vignett.

Em (05), temos a manchete que aponta para dois referentes “flanelinhas” e “lavadores. A microconstrução “no que se refere” é utilizada para introduzir uma explicação ou especificação da temática

introduzida na manchete, ou seja, o referente “guardadores”. Assim, essa porção textual especificada indica a informação que segue e constrói um argumento para o tema discutido, que é a regulação da atividade de flanelinhas e lavadores de carros em Jundiá.

Os resultados obtidos neste estudo ressaltam a relevância do contexto na interpretação das microconstruções linguísticas, demonstrando que o significado e o uso desses elementos são influenciados pelo paradigma discursivo em que estão inseridos. Além disso, observa-se uma correlação entre o emprego de construções adjetivas e o registro formal da linguagem, sugerindo que essas estruturas são mais frequentemente utilizadas em contextos acadêmicos ou jornalísticos formais.

Destaca-se também a predominância dos gêneros textuais notícia e artigo de opinião nas análises realizadas, o que se associa de maneira significativa ao caráter argumentativo inerente a esses tipos de textos. Essa observação reforça a importância das construções adjetivas na construção de argumentos.

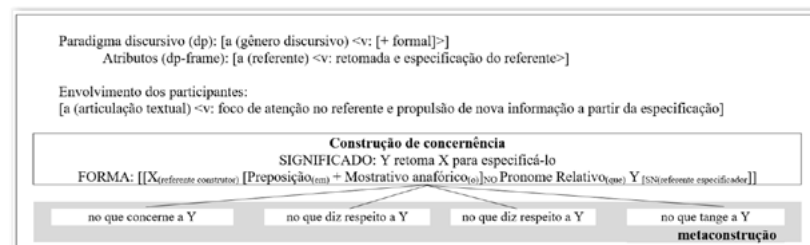
DISCUSSÃO

Após termos oferecido uma análise das microconstruções “no que diz respeito a”, “no que se refere a”, “no que tange a” e “no que concerne a” no PB, vimos que elas desempenham um papel coesivo ao retomar e especificar um objeto de discurso. Dessa forma, destaca-se a função coesiva e relação fórica da construção de concernência. Vimos também que o mostrativo “o” e a conjunção “que” desempenham papéis fundamentais nesta construção.

Acrescenta-se que há uma correlação de alguns gêneros discursivos com a construção de concernência, em que temos um

maior uso em textos formais e argumentativos, como notícias e artigos de opinião. Procuramos representar no esquema esses achados.

Esquema 3 – Construção de concernência – representação do paradigma discursivo e metaconstrução



Fonte: os autores.

Outro aspecto relevante é a relação entre o referente construtor e o referente especificador, que contribui para a organização textual. Essa interação ocorre na relação figura/fundo, na qual a figura representa as informações mais salientes, enquanto o fundo complementa ou contextualiza essa figura, oferecendo suporte para essa interpretação. Isso é crucial para a compreensão e o processamento das informações textuais, uma vez que a hierarquização das informações permite ao leitor ou ouvinte identificar os elementos principais e os detalhes que os sustentam.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise empreendida buscou demonstrar que as micro-construções “no que diz respeito a”, “no que se refere a”, “no que tange a” e “no que concerne a” desempenham um papel crucial na estruturação textual ao retomar referentes introduzidos na primeira parte do texto e especificá-los na segunda parte. Ou seja, a construção de concernência envolve a retomada de um referente (X) por

meio de outro (Y) para especificá-lo, denominação essa que chamamos de “retomada todo-parte especificada”.

Essas estruturas promovem uma conexão lógica e temática entre as informações na malha textual. Elas não apenas retomam um referente previamente introduzido (referente construtor), mas também o especificam (referente especificador) ao fornecer novas informações, o que contribui para a argumentação textual. Ao segmentar o discurso, essas construções destacam aspectos relevantes em um contexto mais amplo, proporcionando uma compreensão mais detalhada e organizada do tema abordado. Com isso, a análise revela que essas construções funcionam como elementos de transição e foco, orientando a atenção do leitor para pontos específicos dentro do tema em discussão.

REFERÊNCIAS

- BARÐDAL, J. Predicting the Productivity of Argument Structure Constructions, **BSL** 32, n. 1, Berkeley Linguistics Society and the Linguistic Society of America, 2006.
- CAMACHO, R. G.; DALL’AGLIO-HATTNER, M. M.; GONÇALVES, S. C. L. O substantivo. In: CASTILHO, A. T.; NEVES, M. H. M.; ILARI, R. (org.) **Gramática do português falado culto no Brasil**. v. 2: classe de palavras e construções. Campinas: Editora da Unicamp, 2008, p. 21-83.
- CAPPELLE, B. Particle placement and the case for “allostructions”. **Constructions** 1, 2006, p. 1-28.
- CASTILHO, A. T. Os mostrativos do português falado. In: **Gramática do Português Falado**. As abordagens, vol. 3. Campinas, 1993. p. 119-45.
- CASTILHO, A. T. **Gramática do Português Brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2010.
- CROFT, W. **Radical Construction Grammar**. Oxford: Oxford University Press, 2001.
- DIESSEL, H. **The Constructicon**: Taxonomies and Networks. (Cambridge Elements). Cambridge: Cambridge University Press, 2023.
- GIVÓN, T. **Functionalism and Grammar**. Amsterdam: John Benjamins, 1995.

GIVÓN, T. **Syntax**: an introduction. v. 1 e 2. Amsterdam: John Benjamins, 2001.

GOLDBERG, A. E. **Constructions**: A Construction Grammar Approach to Argument Structure. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

GOLDBERG, A. E. **Constructions at work**: The Nature of Generalization in Language. Oxford: Oxford University Press, 2006.

GOLDBERG, A. E. **Explain Me This**: Creativity, Competition, and the Partial Productivity of Constructions. Princeton, Oxford: Princeton University Press, 2019.

HENGEVELD, K. Illocution, Mood, and Modality in Functional Grammar of Spanish. **Journal of Semantics**, v. 6, p. 227-269, 1988.

LEINO, L.; ÖSTMAN, J. O. Constructions and variability. *In*: FRIED, M.; BOAS, H. C. **Grammatical Constructions**: back to the roots. Amsterdam, Philadelphia: John Benjamins Publishing Company. p. 192-213, 2005 (Constructional Approaches to Language).

LYONS, J. **Semantics**. Cambridge: Cambridge University Press, 1977. 2 vols.

MACHADO VIEIRA, M. dos S.; WIEDEMER, M. L. A variação no modelo construcionista da Linguística Funcional-Cognitiva. *In*: BRESCANCINI, C. R.; MONARETTO, V. N. O. (org.). **Sociolinguística no Brasil**: textos selecionados. Porto Alegre: Editora da PUCRS, 2020, p. 265-304.

MACHADO VIEIRA, M. dos S.; WIEDEMER, M. L. CAVALCANTE, S. A. S. Sociolinguística e gramática de construções: texto e discurso na perspectiva socioconstrucionista. *In*: PONTES, V. O.; COAN, M.; CAVALCANTE, S. A. S.; CARVALHO, H. M.; ARAÚJO, A. A. (org.). **Sociolinguística**: interfaces e aplicações. São Paulo: Pimenta Cultural, p. 14-54 2024.

MIRA MATEUS, M. H. *et al.* **Gramática da Língua Portuguesa**, 5ª ed. revista e aumentada. Lisboa: Caminho, 2003.

NEVES, M. H. M. **Gramática de Usos do Português**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

OLIVEIRA DA SILVA, M. E. **Construções de concernência**: retomada e especificação na articulação textual. 2024. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2024.

ÖSTMAN, J. O. Construction Discourse: a prolegomenon. *In*: FRIED, Mirjam (ed.). **Construction Grammars**: cognitive grounding and theoretical extensions. Amsterdam: John Benjamins, 2005, p. 121-144.

NASCIMENTO, S. F. G. **Construções sintáticas adjetivas como enunciados concretos no gênero artigo de opinião**. Monografia (Curso de Letras) – Universidade Federal de Campina Grande, 2022.

PEREK, F. **Argument Structure in Usage-Based Construction Grammar**: experimental and corpus-based perspectives. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2015.

TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. **Constructionalization and constructional changes**. Oxford: Oxford University Press, 2013.

WIEDEMER, M. L.; MACHADO VIEIRA, M. dos S. Sociolinguística e Gramática de Construções: o envelope da variação. *In*: FRANCESCHINI, L. T.; LOREGIAN PENKAL, L. (org.). **Sociolinguística**: estudos de variação, mudança e atitudes linguísticas. 1. ed. Guarapuava-PR: Editora da UNICENTRO, 2018. p. 41-78.

WIEDEMER, M. L.; MACHADO VIEIRA, M. dos S. Paradigma Discursivo como (proto) construção: alternância linguística via práticas sociocomunicativas. *In*: MACHADO VIEIRA, M. dos S.; MEIRELLES, V. (org.). **Variação em Português e em Outras Línguas Românicas**. São Paulo: Blucher, v. 01, 2022. p. 60-102.

Financiamento da pesquisa: FAPERJ e CNPq.

8

*Marcos Luiz Wiedemer
Maria Eduarda Oliveira da Silva*

CONSTRUCTION OF CONCERN: WHOLE-PART RESUMPTION AND TEXTUAL ARTICULATION

CONTEXTUALIZATION

Based on the theoretical framework of Usage-Based Construction Grammar (Goldberg, 2006; Diessel, 2023) and the Sociocconstructionist Approach (Machado Vieira and Wiedemer, 2020), we focus on the investigation of the grammatical construction represented by the scheme $[[X_{(\text{constructor referent})} [\text{Preposition}_{(\text{em})} + \text{Anaphoric}_{(\text{o})}]_{\text{NO}} \text{Relative Pronoun}_{(\text{que})} Y_{[\text{SN}(\text{specifier referent})]]$, which we refer to as the “construction of concern”. Our analysis centers on the microconstructions “no que diz respeito a”, “no que se refere a”, “no que tange a” and “no que concerne a” in Brazilian Portuguese, which play a cohesive role in the textual fabric by taking up and specifying an object of discourse, as exemplified in (01).

- (1) *A delação de Pallocci, como é de notório conhecimento, foi recusada pelo Ministério Público por ausência de provas. No que tange à delação de Ricardo Saud, e de pessoas vinculadas a JBS, a própria PGR pediu a revogação dos acordos. (...)”*

Fonte: <https://politica.estadao.com.br/blogs/fausto-macedo/palocci-delator-relata-r-30-mi-da-jf-para-compra-de-apoio-do-mdb-a-dilma-em-2014..>

In (01), “no que tange a Y” operates as a connector to the textual excerpts presented, acquiring the function of a conjunctive locution, characteristic of hypothetical clauses. Therefore, this expression falls into the [connective] pattern. In this way, it aids textual progression through its role as a coindexed of the term “delação”. This function allows for a logical relationship between different parts of the discourse. In addition, “no que tange a Y” acts as a textual anaphoric mechanism, taking up a previously mentioned element and introducing a new proposition that is linked to it. This mechanism plays a significant role in textual organization, connecting parts of the discourse and structuring the hierarchical relationship between them. The resumption function not only reiterates the term “delação”, but also establishes a relationship of thematic continuity. In addition to connecting two ideas, it directs the reader’s focus to a specific aspect of whistleblowing and, its legal implications.

Our hypothesis is that these microconstructions play a fundamental role in the resumption of referents introduced in the first textual portion (constructor referent) and in the projection of a specification of these referents in the second textual portion (specifier referent).

The research methodology is qualitative, with data collected from occurrences extracted from the Corpus do Português, subsample Now, available at <https://www.corpusdoportugues.org>. The analysis criteria are: (i) classification of the referent which follows the microconstruction (Y); (ii) classification of the type of orational relation (intra-clausal and inter-clausal); and (iii) classification of the textual genre. The research sample consists of 366 occurrences.

CHARACTERIZATION OF THE CONCERN CONSTRUCTION: SPECIFIED ALL-PART RESUMPTION

The concern construction operates within both the formulaic relationship and the textual relationship between the parts. We propose that the resumption and specification of the concern construction occur in the “specified all-part resumption” format. In this context, it involves the resumption of a constituent or an idea already embedded in the textual fabric $X_{(\text{constructor referent})}$, followed by its specification $[_{SN(\text{specifier referent})}]$. Consider the example in (02).

- (2) *“A realidade social das famílias da Lomba do Pinheiro, em sua grande maioria, é de convivência com ciclos de desemprego e vulnerabilidade social, cultural, econômica e política. Segundo dados do Observa POA, a taxa de analfabetismo é de 4,03%. **No que concerne às** matrículas do Ensino Médio em números absolutos de 2016, foi de 668 alunos, com índice de aprovação de 44% e um percentual de abandono de 14%. A Lomba do Pinheiro conta com 75% dos responsáveis por domicílios sob uma renda média de até 2,07 salários-mínimos”.*

Fonte: <https://www.brasildefato.com.br/2019/05/10/pre-vestibular-kilomba-leva-esperanca-a-jovens-da-lomba-do-pinheiro-em-porto-alegre>.

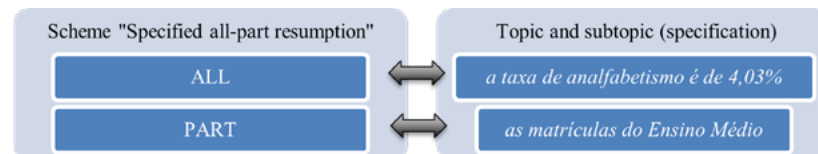
In example (02), the text provides specific information about the social, economic and cultural reality faced by people from the town Lomba do Pinheiro, in Rio Grande do Sul. In order to reinforce the author's thesis, data obtained from a survey, inserting new information about this reality into the text: "Segundo dados do Observa POA, a taxa de analfabetismo é de 4,03%". Subsequently, the microconstruction "no que concerne a", resumes the expression "dados do Observa POA", but introduces a new piece of information, which we refer to as specifier: "as matrículas do Ensino Médio". In this way, we have both a resumption of the previous referent and the introduction of new discursive information.

In addition, we have the introduction of the discursive topic "A realidade social das famílias da Lomba do Pinheiro", followed by a subtopic: "a taxa de analfabetismo é de 4,03%". The microconstruction "No que concerne a", in which we have the demonstrative pronoun "o", promoting the anaphoric function of the discursive topic/subtopic, as well as a deictic function. The relative pronoun "que" also plays a role in the correlation between two parts of the text, attested in the example. In this way, the referent is specified, a characteristic of restrictive adjectives.

On that account, the microconstruction "no que concerne a" introduces a complement to the subject, which carries additional information about secondary school enrollment in absolute numbers for 2016, mentioning specific data such as the number of students, the pass rate and the percentage of dropouts. In terms of argument development, it is possible to acknowledge that the expression is used to draw attention or to introduce a specific point within a broader context. As a result, the construction helps to segment the discourse, indicating a transition to a new topic or to a more detailed explanation of a specific point.

We are referring to this type of occurrence as a "specified all-part resumption", according to the following scheme.

Diagram 1 - Specified all-part resumption



Source: adapted from Oliveira da Silva (2024).

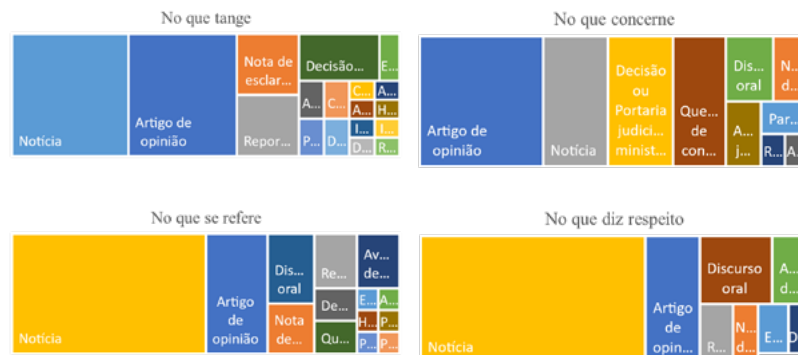
We identified a correlation between the type of SN and the modification of the meaning of the construction when we analysed the Y slot and realized that the specifier relation plays a role in the correlation of this lexeme in the construction. We believe that this restriction of the referent Y indicates a discursive object due to the specifier and, for that reason, we prefer to it as a referent. In other words, they are the referential expressions on which acts of reference operate, expressions normally represented by the NS.

We can see the relational role of the construction, mainly because of the lexeme "que", as well as the adjectival role, both due to this relationship and the specifying role, which is characteristic of adjectival constructions. On the other hand, it is also possible to deduce the adverbial role, i. e. it has the function of organizing the text or guiding the desired argument.

CONSTRUCTION OF CONCERN AND DISCURSIVE GENRES

The current stage of our analysis focuses on the observation of the possible correlation between microconstruction and discourse genre. Let's look at the results in graph (02) below.

Graph 1 - Correlation between textual genres by microconstructions



Source: adapted from Oliveira da Silva (2024).

We would also highlight the predominance of the textual genres news and opinion articles in the analyses, which is significantly associated with the argumentative nature inherent in these types of texts. This observation reinforces the importance of adjective constructions in building arguments and persuading the reader, since the choice and arrangement of adjectives have the potential to influence the perception and interpretation of the content presented.

In addition, we have seen a correlation between some discursive genres and the construction of concern, in which we have a greater use in formal and argumentative texts, such as news and opinion articles.

Another relevant aspect is the relationship between the constructing referent and the specifying referent, which also contributes to textual organization in the figure/ground relationship, where the figure represents the most salient information and the ground complements or contextualizes that figure. This is crucial for understanding and processing textual information.

FINAL CONSIDERATIONS

The general results show that the construction of concern occurs in the retaking of a given referent between the two textual portions that involve the microconstruction, called “specified all-part resumption”, which involves the retaking of one referent (X) by means of another (Y) in order to specify it.

These structures promote a logical and thematic connection among the information available in the text. They not only take up a previously introduced referent (constructor referent), but also specify it by providing new information, which contributes to textual argumentation. By segmenting the discourse, these constructions highlight relevant aspects within a broader context, providing a more detailed and organized understanding of the topic being addressed. In addition, the analysis reveals that these constructions function as elements of transition and focus, directing the reader’s attention to specific points within the topic under discussion.

REFERENCES

DIESEL, H. **The Constructicon**: Taxonomies and Networks. (Cambridge Elements). Cambridge: Cambridge University Press, 2023.

GOLDBERG, A. E. **Constructions at work**: The Nature of Generalization in Language. Oxford: Oxford University Press, 2006.

MACHADO VIEIRA, M. dos S.; WIEDEMER, M. L. A variação no modelo construcionista da Linguística Funcional-Cognitiva. In: BRESCANCINI, C. R.; MONARETTO, V. N. O. (org.). **Sociolinguística no Brasil**: textos selecionados. Porto Alegre: Editora da PUCRS, 2020, p. 265-304.

OLIVEIRA DA SILVA, M. E. **Construções de concernência**: retomada e especificação na articulação textual. 2024. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2024.

Apoio: CNPq/FAPERJ.

9

*Joedson dos Santos Azevedo
Valéria Viana Sousa*

VERBI SINTAGMATICI:

ANÁLISE DE UMA CONFLUÊNCIA
ENTRE O ITALIANO E O PORTUGUÊS
À LUZ DA GRAMÁTICA DE CONSTRUÇÕES

RESUMO

As construções VP, formadas pela justaposição de verbo e partícula, podem ter significado composicional ou idiomático. Neste trabalho, há a análise das construções verbo-partícula (VP) no português brasileiro em comparação com o italiano e o inglês, sob a perspectiva da Gramática de Construções. Para a análise dos dados, adotamos uma abordagem qualitativa e contrastiva, utilizando *corpora* da língua em uso a fim de identificar similaridades e diferenças entre essas construções nas três línguas, especificamente entre o italiano e o português. Os resultados indicam que, no português brasileiro, as construções VP operam de maneira similar aos *phrasal verbs* do inglês e aos *verbi sintagmatici* do italiano, evidenciando processos de construcionalização lexical. Concluímos que essas construções são *chunks* linguísticos e desempenham um papel relevante na variação e inovação da língua.

Palavras-chave: Construções verbo-partícula; Phrasal verbs; Verbi sintagmatici.

INTRODUÇÃO

As construções verbo-partícula (VP) são locuções formadas por um verbo e uma partícula³³ (prototipicamente, advérbio e/ou preposição) em que a justaposição desses constituintes configura uma relação sintagmática fixa que produz valor de sentido diferente da base verbal, seu constituinte principal. Tais construções se comportam semanticamente em um *continuum* que vai desde um significado mais transparente, ou composicional, até um significado mais opaco, ou idiomático. As construções VP admitem diversas nomenclaturas, como *multi-word-verbs* ou *phrasal verbs* na língua inglesa; ou *verbi sintagmatici*, no italiano, uma tradução literal de *phrasal verb*, conforme proposto inicialmente por Simone (1996) e adotado por Iacobini (2007, 2009), Masini (2007, 2008), e outros pesquisadores que também se dedicaram ao estudo desse fenômeno linguístico.

Usando como base uma abordagem teórica cognitivo-funcional aliada à gramática construcional, conforme defendido por Bybee (2003, 2010); Croft (2001); Diessel (1999, 2017, 2023); Goldberg (1995); Martelotta (2011); Brinton e Traugott (2005); Traugott e Trousdale (2013), realizamos uma análise qualitativa e contrastiva das construções VP no português brasileiro, investigando as similaridades e diferenças com o inglês e o italiano. Assumimos tais construções como pares de forma e significado nos usos contemporâneos e como construções conteudistas ou lexicais, a exemplo de *buttare fuori*, no

33

O termo "partícula", em sua aplicação linguística, deriva do alemão *partikel*, designa o elemento que se combina com um verbo nos *partikelverben*. Essa nomenclatura estende-se aos *phrasal verbs* ou *particle-verbs* da língua inglesa, nos quais as *particles* desempenham papel similar. Ao adotar esse termo, busca-se evitar uma categorização gramatical rígida do elemento pós-verbal, reconhecendo a natureza híbrida e o número de possíveis relações sintático-semânticas que podem se estabelecer entre o verbo e a(s) partícula(s), sendo ela(s), originalmente, um advérbio e/ou uma preposição.

italiano; de *jogar fora* no português; e de *throw out* no inglês³⁴, em contextos de uso, nos termos de Traugott e Trousdale (2013), como nos exemplos seguintes:

1. **Butto fuori** la spazzatura ogni mattina (italiano);
2. Eu **jogo fora** o lixo todas as manhãs (português);
3. I **throw out** the garbage every morning (inglês);

Como podemos observar, os três exemplos apresentam construções VP de carga semântica muito próxima, transmitindo a ideia de eliminação e descarte. De forma proposital, selecionamos esses três constructos para introduzir esta discussão, pois evidenciam a similaridade translingüística dessas construções dada sua equivalência morfossintática e semântica. Essa similaridade, porém, configura-se como exceção no panorama geral das construções VP para essas línguas.

Os itens lexicais destacados em (1), (2) e (3) – *butto fuori*, *jogo fora* e *throw out* – exemplificam construções VP, nas quais a combinação de verbo e advérbio transcende a mera composicionalidade, consolidando-se, dessa forma, como um *chunk* independente. Esse processo de *chunking*, conforme Bybee (2010), reflete a tendência cognitiva de agrupar elementos discretos em unidades significativas, otimizando o processamento e a análise linguística, em consonância com uma perspectiva holística da linguagem que abordaremos nas seções que seguem.

34

Destacamos que o presente estudo, embora se concentre na análise das construções verbo-partícula no italiano como um exemplo proeminente entre línguas românicas, também estabelecerá alguns contrastes com a língua inglesa. Essa escolha se justifica por dois motivos principais: (1) o inglês foi a língua germânica escolhida por Simone (1996) em seu estudo comparativo seminal, o qual serve como ponto de partida para a presente pesquisa; e (2) o inglês é objeto de uma pesquisa mais ampla, em andamento, no âmbito de um projeto de mestrado desenvolvido pelos autores deste trabalho.

Neste estudo, partimos da premissa de que as construções VP no português brasileiro, aqui denominadas verbos sintagmáticos³⁵, operam de forma análoga aos *phrasal verbs* do inglês e aos *verbi sintagmatici* do italiano, compartilhando propriedades dessa classe complexa em termos categoriais e exercendo influência no nível sintático-semântico da língua. Ademais, postulamos que os contextos de uso exemplificados em (1), (2) e (3) revelam a atuação de processos cognitivos de domínio geral, conforme Bybee (2010, 2016) e Diessel (2017).

Com base em pressupostos cognitivo-funcionais aliados à abordagem construcional da gramática, fundamentados em Croft (2001) e Traugott e Trousdale (2013), entre outros, consideramos que os verbos sintagmáticos do português brasileiro são construções, ou seja, unidades simbólicas convencionais, atuando no plano lexical, em particular no nível semântico.

O presente estudo se reconhece na condição de recorte da pesquisa de mestrado em andamento e visa identificar, descrever e analisar comparativamente as construções verbo-partícula formadas por Verbo + Advérbio e/ou Preposição³⁶, das línguas italiana e portuguesa brasileira em uma abordagem sincrônica. Para tal, adotaremos como base a proposta de classificação dessa categoria apresentada por Simone (1996), Iaccobini, Masini (2005), detalhada na seção subsequente sobre fundamentos teóricos.

35 Doravante, ao nos referirmos às construções (ou constructos) na configuração mínima verbo + advérbio neste trabalho, empregaremos a terminologia específica para cada língua: *verbi sintagmatici* para o italiano, *phrasal verbs* para o inglês e verbos sintagmáticos para o português brasileiro, seguindo a proposta terminológica de Simone (1996). No entanto, ao abordarmos a construção como um diassistema interlinguístico, utilizaremos o termo abrangente “construções verbo-partícula”.

36 Optamos por delimitar nossa análise às construções verbo-partícula compostas por verbo + advérbio, verbo + preposição, considerando sua predominância na língua italiana. Contudo, reconhecemos a existência de outras combinações no português brasileiro e trataremos com menos enfoque, como verbo + advérbio + preposição, presentes na língua inglesa e as relações sintagmáticas pronominais com verbo, presentes no italiano.

Do ponto de vista metodológico, adotamos uma abordagem qualitativa, fundamentada em Cunha Lacerda (2016), com ênfase na interpretação dos contextos de uso do português e do italiano. Para tanto, lançaremos mão de estudos que trataram, em algum nível, dessa relação sintagmática entre verbo e partícula no português brasileiro, ainda que em outro viés teórico-metodológico — a exemplo de Batoréo (2000) e Ferreira (2018). Como preconizam as pesquisas em linguística funcional, observaremos a língua em uso através dos *corpora* do Português Popular de Vitória da Conquista – *Corpus* PPVC (informantes com até 5 anos de escolaridade) e do Português Culto de Vitória da Conquista – *Corpus* PCVC (informantes com mais de 11 anos de escolaridade), cujo universo investigativo, composto de 48 (quarenta e oito) entrevistas, nos proporciona uma amostra representativa dos usos linguísticos do português brasileiro.

Em nossa análise, priorizamos o tratamento contrastivo das construções VP investigadas, considerando suas propriedades homólogas e próprias, em uma perspectiva translinguística que busca demonstrar que as características sintático-semânticas das construções VP no português, tal como no italiano, possibilitam que verbo e partícula(s) se constituam como novos nós na rede construcional, sendo processados holisticamente na mente do falante.

Para atender aos nossos propósitos, este capítulo está organizado em sete seções. Na primeira seção, de caráter introdutório, abordamos a definição e as propriedades das construções VP no italiano e no português, destacando a natureza prototípica e híbrida dessas construções, bem como a proposta de análise deste trabalho. Na segunda seção, apresentamos os fundamentos teórico-metodológicos que sustentam nossa pesquisa, utilizados para o tratamento funcional-construcional dos verbos sintagmáticos. A terceira seção é dedicada às construções VP no inglês e no italiano, com foco no reconhecimento das características principais dessas construções, especialmente no italiano, seguindo o caminho metodológico desenvolvido por Simone (1996) em sua análise contrastiva com as

construções VP do inglês. Na quarta seção, refletimos sobre a abordagem gramatical tradicional e os estudos linguísticos que envolvem o tema de nossa pesquisa, contribuindo, também, com argumentos para a nossa proposta de descrição construcional. A quinta seção apresenta nossa análise das construções em contexto, entrelaçando-a com a análise comparativa das demais línguas previamente discutidas a partir do viés construcional da língua, que embasa nosso estudo. Em seguida, nas duas últimas seções, trazemos a discussão acerca do tema e as considerações finais, analisando os resultados obtidos e o que a comparação entre os objetos estudados pode revelar sobre as tendências funcionais translingüísticas observadas. Por fim, listamos as referências utilizadas ao longo do trabalho.

GRAMÁTICA DE CONSTRUÇÕES

Esta seção se ocupa em apresentar conceitos basilares do modelo linguístico da Gramática de Construções com fim último de subsidiar a análise das construções VP do português sob o viés cognitivo-funcional da linguagem. Exploraremos como esses verbos sintagmáticos, compostos por verbos e partículas, funcionam como unidades lexicais especializadas, caracterizadas por sua idiomaticidade e esquematicidade. Analisaremos o papel do *chunking* na formação e armazenamento dessas construções, bem como a influência da composicionalidade e do *mismatch* em sua interpretação e na dinâmica da mudança linguística.

A Gramática de Construções, modelo linguístico funcionalista, fundamentada na Linguística Cognitiva, postula que a língua é composta por pareamentos de forma-significado, denominados construções, organizados em rede. Essa abordagem enfatiza a interdependência entre a estrutura linguística e seu uso em contextos comunicativos reais, moldando a gramática a partir do uso (Barlow; Kemmer, 2000; Bybee, 2010).

Para Croft (2001), a construção, enquanto unidade básica da gramática, pode ser caracterizada como uma rotina arraigada, convencional e simbólica. Essa rotina representa um padrão linguístico recorrente e reconhecível, enquanto o simbolismo reside no pareamento entre forma e significado. A convencionalidade, por sua vez, denota a ampla aceitação da construção na comunidade linguística (Croft, 2005). A construção, portanto, é constituída pela relação intrínseca entre forma e significado, com as relações sintáticas dela dependentes. A forma engloba as propriedades sintáticas, morfológicas e fonológicas, enquanto o significado abrange as propriedades semânticas, pragmáticas e discursivo-funcionais.

Outra definição de construção é apresentada por Bybee (2010), na qual a linguista complementa a primeira definição destacando a rotinização e a convencionalização das construções como *chunks* sequenciais da língua, frequentemente usados em conjunto e, por vezes, dotados de significados especiais. A convencionalização, dessa forma, ocorre através da repetição.

Uma construção pode ser analisada anatomicamente e classificada em um *continuum*, com posições extremas ou intermediárias, em relação a três dimensões principais: tamanho, especificidade fonológica e conceptualização. Essas dimensões, pertencentes aos eixos da Forma e do Significado, respectivamente, manifestam-se no pareamento forma-significado que constitui a construção como um todo.

De acordo com o modelo de análise da anatomia das construções proposto por Traugott e Trousdale (2013), podemos classificar os verbos sintagmáticos, doravante construções VP do português, construções lexicais de relações fixas (**VERBO + X^{PARTÍCULA(s)}**), representadas por [V + Prep], [V + Adv] e [V + Adv + Prep], caracterizando-se como complexas, esquemáticas e conteudistas. Complexa, pois múltiplos constituintes residem na sua formação, comportando-se como unidades analisáveis (*chunks*). É esquemática devido ao

alto grau de generalidade e abstração dessas construções e conteudistas pois situam-se mais próximas do léxico do que do domínio procedural em um cline entre os polos da gramática e do léxico, quando mais ou menos composicional.

Além das dimensões das construções, Traugott e Trousdale (2013) propõem a análise do grau de esquematicidade, composicionalidade e produtividade como fatores cruciais para a compreensão das construções. Esses fatores atuam como variáveis na análise dos processos de mudança linguística.

A esquematicidade, definida como uma propriedade de categorização que envolve abstração, representa um padrão abstrato, rotinizado e inconscientemente percebido pelo falante, intimamente ligado à rede construcional. A análise do grau de esquematicidade permite identificar sua gradação e organização hierárquica. A composicionalidade refere-se à transparência do elo entre forma e significado, sendo avaliada em termos semânticos (recuperabilidade do significado das partes e do todo) e sintáticos (preservação das propriedades gramaticais da categoria fonte). Por fim, a produtividade, também expressa em termos de gradiência, indica a extensão de padrões que podem gerar outras construções menos esquemáticas, sendo descrita em frequências *type* (produtividade de construções) e *token* (produtividade do construto) (Bybee, 2003).

Na abordagem construcional, compreende-se que o uso linguístico é regido por processos cognitivos de domínio geral (Bybee, 2010) e que a linguagem não se restringe a uma estrutura abstrata, mas se entrelaça profundamente com a cognição e a experiência humana. A mudança linguística, portanto, ocorre no uso, iniciando-se com uma nova representação mental no falante (Traugott; Trousdale, 2013).

A construcionalização, nesse contexto, é definida como um pareamento que resulta na criação ou combinação de novos signos

de forma e significado, gerando novos nós na rede construcional. Essa nova construção, composta por nova sintaxe ou morfologia e novo significado codificado, é homologada e rotinizada na comunidade linguística através de um processo gradual, que pode ser de natureza gramatical ou lexical.

Os processos cognitivos gerais de categorização, como *chunking*, analogia, projeção metafórica e metonímica, desempenham um papel crucial na organização linguística, tanto na produção quanto na compreensão. Entre os citados, focalizaremos, neste trabalho, o processo de *chunking*, que é compreendido como um mecanismo de organização da memória, resultando em sequências de palavras que formam unidades significativas, os *chunks*. Esse processo de encadeamento, impulsionado pela repetição, contribui para a estruturação hierárquica da língua. A frequência de uso influencia o *status* de um *chunk* na memória, formando um contínuo de armazenamento.

As construções, enquanto *chunks*, são, a rigor, parcialmente esquemáticas, apresentando partes fixas e *slots* (posição argumental) preenchíveis por itens semanticamente definidos em que novas construções emergem a partir de modelos exemplares preexistentes. Essa justificativa contribui para compreendermos o acoplamento presente em construções VP, formando uma única unidade lexical com valor de sentido especializado.

Diessel (2023), ao abordar as construções com verbo e partícula, ou seja, os sintagmas verbais analisados por Bybee (2007), destaca que os *phrasal verbs* funcionam como *chunks* lexicais quando as preposições se associam diretamente ao verbo, e não a sintagmas nominais, como ocorre na estrutura canônica das locuções prepositivas. Podemos observar isso comparando *walk in the park* (caminhar no parque), onde *in* se conecta ao sintagma nominal *the park*, criando um sintagma preposicional, com *give up smoking* (desistir/

parar de fumar), onde *up* (cima, para cima) se associa ao verbo *give* (dar), modificando seu significado para desistir.

Recordarmos agora o conceito de composicionalidade, que se refere ao nível de transparência no elo forma-significado. Sob a perspectiva construcional, a composicionalidade é compreendida como a relação de convergência (*match*) ou divergência (*mismatch*) entre os aspectos formais e semânticos de uma construção linguística. A convergência, ou *match*, ocorre quando a sequência sintática produzida pelo falante permite que o interlocutor, ao interpretar o significado de cada elemento individualmente, compreenda o sentido global da expressão. Por outro lado, a divergência, ou *mismatch*, se manifesta quando não há correspondência entre o significado de cada item isoladamente e o significado do todo. Para Traugott e Trousdale (2013), o *mismatch* atua como um catalisador para a inovação linguística, impulsionando a criação de novos nós e conexões dentro da rede construcional.

De acordo com Diessel (2023), a idiomaticidade dos *phrasal verbs* decorre da imprevisibilidade na associação entre partícula e verbo, configurando um *mismatch* entre forma e significado. Essa divergência se manifesta quando a combinação verbo-partícula gera um sentido figurado, não previsto na função original da construção.

Nesta seção, exploramos os conceitos basilares da Gramática de Construções, com foco na análise das construções VP do português. Abordamos a natureza dessas construções como *chunks* lexicais, o papel do *chunking* e da composicionalidade, e a influência do *mismatch* na mudança linguística. A próxima seção reunirá literatura relevante para a descrição das construções VP no inglês e italiano, línguas nas quais essas construções têm sido objeto de pesquisa aprofundada, tanto pela frequência de uso quanto pela robustez dos estudos linguísticos que se aproximam e subsidiam nossa investigação.

AS CONSTRUÇÕES VERBO-PARTÍCULA NO INGLÊS E NO ITALIANO

As construções VP de interesse neste estudo são aquelas denominadas *verbi sintagmatici*, investigadas por Simone (1996) no contexto da língua italiana. O linguista fundamentou sua análise no conceito de construções VP do inglês³⁷. Na língua inglesa, conforme amplamente documentado em gramáticas tradicionais³⁸, os *multi-word verbs* são formados pela combinação de um verbo e uma ou mais partículas, podendo ser classificados sintaticamente em três subcategorias: (i) verbo + advérbio (*phrasal verbs*), (ii) verbo + preposição (*prepositional verbs*) e (iii) verbo + advérbio + preposição (*phrasal-prepositional verbs*). Apesar dessa subcategorização, o termo *phrasal verb* é frequentemente utilizado em materiais didáticos e na literatura de forma generalizada, englobando as três categorias sem distinção.

Gardner e Davies (2007) afirmam que, historicamente, a análise dos *phrasal verbs* se concentrou em três características principais: (i) a possibilidade de substituição por um verbo simples com significado similar; (ii) a separabilidade entre o verbo e a partícula em algumas construções; e (iii) a distinção entre significados literais e figurativos.

A primeira característica de identificação de um *phrasal verb* é a possibilidade de substituí-lo por um verbo lexical³⁹ ou pleno,

37 As construções verbo-partícula são conhecidas por diferentes terminologias no inglês, como: *particle verbs*, *multi-word verbs*, *two-part word/verb* ou *three-part word/verb*, e, mais comumente, *phrasal verbs*.

38 Tais como "A Comprehensive Grammar of the English Language" (Quirk et al., 1985), a "The Cambridge Grammar of the English Language" (Huddleston; Pullum, 2002) e a "Longman Grammar of Spoken and Written English" (Biber et al., 1999).

39 Verbos lexicais, conforme Declerck (2006, p. 18), também chamados de verbos plenos, são aqueles que carregam um significado concreto, relacionado a ações, eventos, processos ou estados no mundo real. Eles se distinguem dos verbos gramaticais, que desempenham funções principalmente estruturais na frase.

que transmita um significado equivalente. Essa característica evidencia a natureza lexical dessas construções, a exemplo do *phrasal verb give up* (abandonar ou desistir), que pode ser substituído por *quit* ou *surrender*.

A segunda característica consiste no grau de idiomaticidade dessas construções, que podem ter significados literais ou figurativos. Para exemplificar melhor, usaremos o exemplo do *phrasal verb take off*, que admite, ora sentido literal, ora idiomático. O verbo *take* tem sentido de “pegar ou tomar” e o advérbio *off*, por sua vez, tem sentido principal de “fora ou distante”. A combinação literal de “pegar” e “fora” sugere a ação de remover algo de um lugar ou de si mesmo, como em *take off your shoes* (tirar seus sapatos). É possível usar *take off* em sentidos idiomáticos, a exemplo de “decolar”, como em *The plane is scheduled to take off at 7 am* (O avião está programado para decolar às 7 da manhã) e “tirar um tempo de folga”, como em *I usually take Saturdays off to visit my parents* (Eu costumo tirar os sábados de folga para visitar meus pais). Contudo, a polissemia não é um recurso exclusivo dos verbos lexicais, podendo ser observada também em *phrasal verbs*, (Thim, 2012, p. 11), o que evidencia a complexidade e a riqueza expressiva dessas construções.

Por fim, a separabilidade, uma característica sintática importante dos *phrasal verbs*. Em construções transitivas, ou seja, aquelas que exigem um objeto direto, alguns *phrasal verbs* permitem que esse objeto seja inserido entre o verbo e a partícula. Essa flexibilidade posicional contrasta com verbos lexicais, que geralmente mantêm uma ordem fixa em relação ao seu complemento. O exemplo *turn on the light* (acender a luz), que pode ser reescrito como *turn the light on*, demonstra essa propriedade. No entanto, é importante ressaltar que nem todos os *multi-word verbs* (referimo-nos às subclasses descritas anteriormente) são separáveis, bem como a transitividade do verbo desempenha um papel crucial na distinção de subclasses.

Retornando aos *verbi sintagmatici* do italiano, Simone (1996) observou, ao aplicar os critérios tradicionais sintático-semânticos de

classificação de *phrasal verbs* da língua inglesa, aqui brevemente descritos, um comportamento sintagmático similar em verbos italianos, como nos exemplos:

4. *fare fuori* (fazer fora): sentido idiomático de matar ou eliminar alguém;
5. *venire meno* (vir menos): sentido idiomático de desmaiar, perder os sentidos;
6. *buttare giù* (jogar/lançar para baixo): sentido idiomático de derrubar, escrever (rapidamente), desanimar ou deprimir alguém;

Os exemplos (4), (5) e (6) ilustram o comportamento sintático-semântico dos verbos com as partículas adverbiais ao formarem uma unidade semântica única. De forma detalhada, o *verbo sintagmatico fare fuori* (4) é formado pelo verbo *fare*, que significa "fazer", e o advérbio *fuori*, que significa "fora". Embora a tradução literal seja "fazer fora", seu sentido idiomático é bem distinto, de matar ou eliminar alguém. Isso ocorre de forma semelhante com os exemplos (5) e (6), em destaque para o último, com traços de polissemia.

É importante observar o que Simone (1996) destaca sobre os verbos sintagmáticos, que representam uma categoria lexical inovadora e dinâmica, com potencial para expansão e desenvolvimento. O autor argumenta que, entre as línguas românicas, esse fenômeno é predominantemente italiano, encontrando apenas casos isolados em outras línguas, como o espanhol, a exemplo de *quedarse afuera* (ficar/permanecer + fora, com sentido idiomático de exclusão ou falta de compreensão) e o francês, a exemplo de *aller dedans* (ir + dentro, com sentido idiomático de estar em um espaço limitado ou confinado). O pesquisador assume, contudo, que o seu levantamento sobre essas línguas foi superficial.

Ao introduzir o conceito de *verbi sintagmatici* no italiano, o autor reconhece a existência de subclasses adicionais que demandariam investigação, incluindo locuções verbais associadas a pronomes. No entanto, Simone (1996) limitou seu estudo, assim como faremos no presente trabalho, à análise da configuração mínima dessas construções, sem aprofundar as nuances das subclasses mencionadas:

[...] tratarei apenas dos *Verbi Sintagmatici* (VS) em sua configuração mínima, ou seja, aquela que tem o perfil lexical Verbo + Advérbio. O termo com o qual designo esta classe de verbos, VS, é obviamente um decalque dos *phrasal verbs* do inglês. Utilizo este termo porque os VS italianos formam (como tentarei demonstrar) uma classe muito próxima aos *phrasal verbs* ingleses (Simone, 1996, p. 49, tradução nossa)⁴⁰.

Simone (1996) estabelece, portanto, procedimentos metodológicos com o intuito de exemplificar essa analogia. Para tanto, o teórico adota os critérios de identificação dos *phrasal verbs* na língua inglesa, baseando-se na obra “Uma Gramática do Inglês Contemporâneo” de Quirk (1972), a saber:

- a. Os VS têm uma coesão e uma coerência particulares e não podem, portanto, ser reduzidos a meras somas de constituintes. Além disso,
- b. eles se situam em uma zona cinzenta entre morfologia e léxico: não parece que se possa formular uma regra morfológica (por exemplo, de formação de palavras) para gerá-los.

Posto isso, o autor apresenta uma lista de 131 (cento e trinta e uma) ocorrências compatíveis com classificação dos *phrasal verbs* da língua inglesa. Em suas primeiras constatações, o linguista pôde

40 Conforme o original: “[...] mi occuperò soltanto dei VS nella loro configurazione minima, cioè quella che ha il profilo lessematico Verbo + Avverbio. Il termine con cui designo questa classe di verbi, VS, è ovviamente un calco dell’inglese *phrasal verbs*. Adopero questo termine perché i VS italiani formano (come cercherò di mostrare) una classe molto prossima ai *phrasal verbs* inglesi”.

afirmar que maioria dos verbos listados é formado por verbos de movimento e estativos com advérbios que indicam posição, distância ou direção. Isso não surpreende o autor, justificado pelo fato de que línguas germânicas (como o inglês e o alemão) possuem essa característica lexical para sinalizar a direção do movimento. Simone (1996) conclui, então, que a função principal⁴¹ do perfil lexical dos *verbi sintagmatici* é complementar o significado de verbos de movimento, adicionando informações mais precisas sobre a ação. Além disso, o autor sugere que os VS podem atribuir ou realçar um traço de movimento a verbos que, por si só, não expressam essa ideia, utilizando o advérbio pós-verbal como um quase-afixo.

A seguir, Simone (1996) diferencia dois tipos de construções verbais: os verbos de regência e os *verbi sintagmatici*. Nos verbos de regência, a preposição serve principalmente para conectar o verbo ao objeto. A preposição não muda o significado central do verbo. Como exemplo, o autor diz que não podemos ter *Conto molto su* (Conto muito em/com), mas sim *Conto molto su di lui* (Conto muito com ele), dado que a preposição *su* liga o verbo *contare* ao objeto *lui*, mas o sentido principal de "confiar" ou "depende" permanece o mesmo e *contare su* (contar com), sozinho, não faz sentido completo. Já para os *verbi sintagmatici*, a partícula é fundamental para a construção do significado, que admite um novo sentido, frequentemente idiomático. Temos como exemplo *È uno che tira via* (literalmente "É alguém que puxa para fora/longe"), em que *tirare via* tem sentido de "se livrar de algo" e pode vir sem complemento, ocorrendo ser traduzido para o português como "É alguém que se livra das coisas" ou "É alguém que não se apegua às coisas".

O linguista, então, a partir dessas considerações, constrói argumentos de natureza analítica e sintática para sustentar a hipótese de que os verbos sintagmáticos constituem uma classe coesa

41

Nem todos são, no entanto, de acordo Simone (1996), verbos de movimento, a exemplo de "buttare giù" no sentido de "deprimir", citado anteriormente.

e, portanto, requerem uma análise sistemática e unificada. Neste trabalho, apresentaremos uma breve explanação geral dos argumentos de Simone (1996), recrutando os exemplos que nos são pertinentes a uma posterior análise constrastiva com o português.

O autor distingue três casos em que a semântica dos *verbi sintagmatici* se manifesta. O caso (a) envolve situações em que a partícula simplesmente repete ou intensifica o significado do verbo principal, como em *uscire fuori* (sair [para] fora). No caso (b), a partícula adiciona uma nuance de movimento a um verbo que já expressa movimento, especificando sua direção ou relação com o falante, como em *mettere su* (colocar [em] cima). Por fim, o terceiro caso (c) abrange os *verbi sintagmatici* cujo significado é completamente imprevisível a partir da combinação literal de suas partes, como em *buttare giù*, que pode significar "derrubar", "deprimir" ou "escrever (rapidamente)". Essa imprevisibilidade semântica, característica também dos *phrasal verbs* em inglês, ressalta a importância de analisar essas construções como unidades lexicais completas, e não apenas como a soma de um verbo e uma partícula.

Quanto aos argumentos sintáticos, Simone (1996) observou diferentes categorias em relação à separabilidade dos constituintes em exemplos como em *Ci ho pensato su molto* e *Ci ho pensato molto su* (Pensei muito sobre isso) bem como quanto a deslocamento dos constituintes e relação com os clíticos, a exemplo de *Mettila via la giacca* (Guarde a jaqueta) em que o pronome *la* (que se refere à jaqueta) está posicionado antes da partícula *via*, enquanto o substantivo *giacca* (jaqueta) vem depois. Já *Metti via la giacca* seria uma formação agramatical pela ausência do pronome. Em italiano, quando o complemento do verbo sintagmático é um substantivo, geralmente, deve vir antes da partícula, como em *Guarda via la bicicletta* (Guarde a bicicleta). Há também a possibilidade de construções como em *Mettila via* (Guarde-a), com apenas o pronome *la* (referindo-se à jaqueta) antes da partícula *via*.

Encerramos esta seção, dedicada ao tratamento precursor das construções VP em línguas românicas por Simone (1996), que prossegue sua análise abordando aspectos específicos dos verbos sintagmáticos do ponto de vista sintático e fonológico, além de apresentar argumentos sociolinguísticos que corroboram sua tese. No entanto, devido à natureza sucinta deste trabalho, não nos aprofundaremos nessas questões. Ademais, pesquisas posteriores ao trabalho de Simone (1996), como as desenvolvidas por Cini (2007), Iacobini (2007, 2009) e Masini (2007, 2008), apresentam reflexões aprofundadas quanto à relação interna dos constituintes, referente a sua semântica e o *aktionsart*⁴².

Após essa discussão teórica, a próxima seção se dedicará à apresentação do objeto de estudo desta pesquisa. Inicialmente, serão expostas as perspectivas da gramática tradicional sobre as relações verbo-partícula, seguidas pelas contribuições de estudos linguísticos relevantes para a compreensão do tema. Essa fundamentação teórica permitirá a análise dos exemplos de construções VP no português brasileiro, coletados em *corpora*, que será o foco da seção subsequente.

VERBO E PARTÍCULA EM CONTEXTO NO PORTUGUÊS

Após delinear a prototipia das construções VP na língua inglesa e na língua italiana, podemos, com mais segurança, fazer uma análise contrastiva com construções VP na língua portuguesa.

42

A categoria linguística de *aktionsart*, tradicionalmente, concerne à tipologia inerente de situações expressas pelos elementos constituintes de uma sentença. Essa tipologia engloba categorias como atividades, estados, eventos contínuos com limites definidos e eventos instantâneos, que podem ou não apresentar delimitação temporal.

Nesta quarta seção, apresentaremos uma breve descrição do que a tradição gramatical do português e o que os estudos linguísticos propõem como descrição dessas relações entre verbo e partícula(s).

A tradição gramatical do português brasileiro não trata especificamente da relação verbo + partícula, tal como na língua inglesa e italiana. As explicações desenvolvidas no âmbito da regência e transitividade verbal chegam próximo ao que apresentamos para a subcategoria dos *prepositional verbs* (verbo + preposição) na língua inglesa e à classificação de “verbo de regência” no italiano, apresentados na seção anterior, em que um verbo transitivo indireto necessita da mediação de uma preposição em relação ao seu complemento, tal como em “Eu gosto de música clássica”, enunciado no qual notamos a relação de dependência entre o verbo “gostar” e seu complemento, “música clássica”, no qual a preposição “de” é fundamental para estabelecer a relação adequada/necessária entre o verbo e seu complemento, indicando o alvo ou objeto do sentimento “gostar”.

Na língua em uso, é comum flagrarmos verbos que não preveem preposições, acompanhados por preposições ou verbos que preveem, em sua regência, preposições, sendo usados sem essas partículas, conforme os exemplos retirados dos *corpora* PPVC e PCVC:

- (1) “(...) Ai o que que acontece, tipo assim, eu... meu marido foi meu primeiro namorado, mas não foi o único, foi meu primeiro beijo mas também não foi o único beijo, eu **namorei com** ele com onze anos de idade, ele tinha do... ele ia fazer treze anos de idade, e eu tinha onze, fazia quinta série, do ensino é...” – D.F.P./PCVC;
- (2) “(...) agora eu gost’ mais de **assisti o** jornal agora assim o jornal eu assisto todo... todas as no... quas’ todas as noite quando eu tô em casa” – E.F.O./PPVC.

No excerto (7), em “eu namorei com ele”, o verbo “namorar”, que, segundo a prescrição gramatical, não necessita da preposição “com”, ilustra como o uso comum da preposição pode se justapor ao verbo, criando uma relação de dependência e, possivelmente, uma estrutura (parcialmente) fixa e, até mesmo, idiomática, no caso dos

verbos sintagmáticos. O mesmo processo acontece no caso contrário, observado no exemplo (8), em “assistir o jornal”, quando o verbo “assistir” que, segundo a gramática tradicional, requer a preposição “a”, foi empregado sem essa partícula, diferentemente do esperado “assistir ao jornal” (preposição “a” + artigo “o”).

Esses fenômenos indicam a fluidez da língua em uso, evidenciando a tendência de fixação que ocorre no nível sintático e semântico. Isso se alinha com o conceito de construcionalização, em que combinações verbais adquirem *status* de unidades independentes e fixas, seja pela adição ou pela exclusão de preposições. Esses exemplos mostram que, na prática, as regras de regência verbal podem ser desafiadas pelo uso cotidiano, nos quais os falantes, no uso efetivo da língua, criam novas formas linguísticas e ampliam, assim, o repertório gramatical de uma língua.

Cunha e Cintra (2016) observam que, em certos casos, o uso continuado associa preposições a palavras ou grupos de palavras de forma tão intrínseca que esses se tornam indissociáveis, formando uma unidade lexical com significado próprio. Nesses casos, a função relacional original da preposição e seu sentido individual se diluem, e o conjunto resultante dessa fixação sintática adquire preponderância tanto na estrutura da frase quanto em seu valor semântico.

Os autores ilustram a ideia da função relacional com o exemplo “dar com” em “Então, sigo em frente até dar com eles”, em que a preposição “com”, ao se fundir ao verbo “dar”, não apenas adiciona nuances conotativas, mas altera a própria denotação do verbo, agora com sentido de “topar” ou “encontrar”. Essa transformação exemplifica o processo de lexicalização, que, neste trabalho, chamaremos de construcionalização lexical, em que uma combinação de palavras, a partir de novos usos, se torna uma única unidade lexical, funcionando como uma parte indivisível do discurso. Em contraste com a função tradicional da preposição como elemento de conexão entre termos da oração, a ocorrência em “dar com” demonstra que a pre-

posição pode transcender essa função, integrando-se ao verbo e formando um novo item lexical.

De igual modo, Batoréo (2000), em sua pesquisa “Expressão do espaço no português europeu: Contributo psicolinguístico para o estudo da linguagem e cognição”, reconhece que preposições, canonicamente classificadas como “preposições simples”, têm caráter espacial e, em sua maioria, tiveram origem em advérbios de lugar, conforme Vilela (1995, p. 203). A linguista oferece uma lista, adaptada de Cunha e Cintra (1984), de preposições (ex.: a, ante, após, até, com, contra etc.) e locuções prepositivas (ex.: abaixo de, acima de, debaixo de, junto a etc.) e destaca a importância de se observar as ocasiões em que o uso associa o marcador espacial (a preposição) ao verbo a ele antecedente criando um grupo (parcialmente) fixo, formando-se, assim, um significado global novo em detrimento dos significados parciais, a exemplo de “ir ter com”, que admite sentido de “encontrar-se com alguém”.

Ainda segundo a linguista, a estrutura espacial estabelecida com base em verbos e satélites espaciais é o ponto de partida para a construção de um vocabulário espacial na língua portuguesa de modo que a combinação desses constituintes “permite a criação de novos itens, seja por meio de gramaticalização morfológicamente transparente, seja através de lexicalização, sendo ambos os processos produtivos no Português Europeu” (Batoréo, 2000, p. 460), destacando como exemplos:

[...] o verbo nuclear “ir” está na origem de um vocabulário, em que “ir à frente” dá origem a “guiar” (= ser guia) e “conduzir” (um grupo de pessoas), “ir para a frente” origina “avançar”, “ir para trás” está na origem de “recuar”, “ir-se embora” de “fugir, saltar de” (+ Deixis), enquanto “ir-se embora” no sentido (sic) “partir, sair”, dá origem a “deixar, abandonar, emigrar, exilar, expatriar”, etc. (Batoréo, 2000, p. 460).

O mesmo tipo de produtividade pode ser observado em outros verbos, segundo Batoréo (2000), a exemplo do verbo “meter”;

em “meter em” (colocar, introduzir), “meter entre” (interpor, intrrometer) e “meter dentro” (incluir, incorporar, embutir); e o verbo pôr em “pôr à frente” (adiantar, avançar), “pôr fora” (excluir, eliminar, retirar), entre outros. Adicionalmente, a autora destaca a possibilidade de ocorrência do fenômeno na forma pronominal com o uso do “-se” reflexivo. A título de ilustração, a linguista apresenta os verbos “meter” e “isolar” que, com sentido de “meter o nariz nos assuntos alheios” ou “isolar o doente da família”, surgem “meter-se” e “isolar-se”, comumente usado em construções como “meter-se num táxi” ou “isolar-se do grupo de amigos”.

Essas análises já nos permitem, preliminarmente, identificar traços homólogos entre as construções VP italianas investigadas por Simone (1996) e as construções equivalentes em português, embora com ressalvas. A literatura, a exemplo de Cunha e Cintra (2016) e Batoréo (2000), destaca a característica de aderência de partículas a verbos, resultando em unidades lexicais com graus de idiomaticidade. Essa combinação de constituintes impacta a transitividade e a regência, gerando comportamentos não canônicos. Simone (1996) e Batoréo (2000) também abordam a relação sintagmática de verbos com partículas pronominais, aspecto que, embora relevante, excede o escopo metodológico deste estudo, focado exclusivamente na configuração mínima de verbo + advérbio e/ou preposição. A próxima seção aprofundará a análise dessas similaridades de forma sistemática e detalhada.

Como contribuição relevante para nosso trabalho, destacamos a pesquisa de Ferreira (2018). O estudo empreendeu a identificação de similaridades translinguísticas entre o português e o inglês, com foco nos *phrasal verbs*. A pesquisa investigou, em particular, a percepção dessas similaridades por aprendizes brasileiros de inglês como língua estrangeira. Para tanto, Ferreira (2018) realizou um levantamento em dicionários de verbos e regência de língua portuguesa (Borba; Longo, 1990; Luft, 2009; Houaiss *et al.*, 2009;

Xatara *et al.*, 2013) de estruturas que se comportam tipologicamente como os *phrasal verbs*.

Ferreira (2018) baseou-se em três critérios fundamentais: a equivalência formal, que exige a correspondência estrutural entre as construções nas duas línguas; a unidade lexical, que pressupõe um significado idiossincrático para a combinação verbo-partícula em português, distinto do verbo em sua forma isolada; e a equivalência de uso, que requer a observância das mesmas regras de transitividade e posicionamento do objeto que caracterizam os *phrasal verbs* em inglês.

A sua análise revelou que, entre os 5730 (cinco mil, setecentos e trinta) verbos do *Dicionário Gramatical de Verbos do Português Contemporâneo do Brasil*, 386 (trezentos e oitenta e seis) apresentam combinações com partículas que satisfazem os critérios estabelecidos para similaridade com *phrasal verbs*. Essas combinações geram um total de 557 (quinhentos e cinquenta e sete) *phrasal verbs*⁴³ em português. Embora a frequência de uso dessas construções ainda demande investigação em *corpora*, sua existência e quantidade considerável evidenciam que os *phrasal verbs* não são um fenômeno raro na língua portuguesa.

Por fim, Ferreira (2018) sugere a importância de uma investigação mais aprofundada sobre os "*phrasal verbs* portugueses" em estudos de *corpora* mais detalhados, "a fim de identificar quais ainda estão em uso, quais são os mais frequentes e, inclusive, como novos *phrasal verbs* se formam." (Ferreira, 2018, p. 70). Nesse ponto, nossas pesquisas se intersectam, pois buscamos, a partir de uma pesquisa de viés funcionalista, sob o modelo linguístico da Gramática de Construções, descrever as propriedades internas dessa construção

43

Ferreira (2018) adota a nomenclatura *phrasal verbs* para fazer referência às três subcategorias de *multi-word verbs* (*prepositional verbs*, *phrasal verbs* e *phrasal-prepositional verbs*).

na sincronia do português brasileiro em análise contrastiva com as construções VP da língua italiana, como língua românica referencial.

Para encerrar esta seção, destacamos que a interação entre verbos e partículas pode gerar novas formas e significados, refletindo a flexibilidade da língua em uso. Esse fenômeno aproxima o português das tendências observadas no inglês e no italiano, no que se refere à criação de construções fixas com funções semânticas especializadas. A partir dessas reflexões, compreendemos que as construções analisadas aqui, ao incorporarem partículas, formam novas unidades lexicais e contribuem para a variação e inovação linguística.

Na próxima seção, abordaremos especificamente as construções VP no português que se comportam como verbos sintagmáticos, explorando mais detalhadamente as questões levantadas nos casos do inglês e do italiano e aplicando-as ao contexto da língua portuguesa.

OS VERBOS SINTAGMÁTICOS DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Nesta seção nuclear do nosso trabalho, retomamos, a partir dos exemplos coletados, os conceitos teóricos fundamentais da Gramática de Construções, discutidos na Seção 2, para compreender as construções VP no português, juntamente com a análise da categoria e prototipia dos *phrasal verbs* do inglês e dos *verbi sintagmatici* do italiano.

De forma interseccional, podemos sintetizar que as construções VP no inglês (*phrasal verbs*) e no italiano (*verbi sintagmatici*) incluem a forte presença de idiomaticidade e imprevisibilidade semântica. Em ambas as línguas, as combinações de verbo e partícula

frequentemente resultam em significados idiomáticos que não podem ser deduzidos a partir dos elementos isolados, como em *give up* (desistir) no inglês e *fare fuori* (eliminar) no italiano. Além disso, as duas línguas compartilham a característica de separabilidade em construções, permitindo que a partícula seja deslocada dependendo da estrutura sintática. Outro ponto comum é a tendência em usar verbos de movimento para formar essas construções, como *come in* (vir dentro = entrar) no inglês e *mettere su* (colocar [em] cima = colocar em, montar, construir) no italiano, adicionando nuances de direção ou posição. Ambos os tipos de construções funcionam como unidades semânticas, nas quais a partícula desempenha um papel crucial na modificação do significado do verbo.

Por outro lado, há divergências notáveis entre as duas línguas. No inglês, os *phrasal verbs* têm uma subcategorização sintática mais ampla, sendo divididos em "verbo + advérbio", "verbo + preposição" e "verbo + "advérbio + preposição"⁴⁴; enquanto, no italiano, os *verbi sintagmatici* se concentram principalmente em construções de verbo + advérbio. A separabilidade também é mais flexível no inglês, permitindo deslocamento mais frequente da partícula em relação ao verbo, como em *turn on the light* versus *turn the light on*. No italiano, essa separabilidade é mais limitada, ocorrendo principalmente em construções com pronomes clíticos, como em *Mettila via* (Guarda-a). Além disso, os *phrasal verbs* no inglês são mais produtivos e amplamente utilizados em uma variedade maior de contextos, enquanto, no italiano, a produtividade dos *verbi sintagmatici* é mais restrita e concentrada em verbos de movimento. Essas diferenças refletem a particularidade de cada língua em termos de flexibilidade sintática e frequência de uso.

Neste trabalho, selecionamos exemplos prototípicos de construções verbo-partícula, denominadas aqui de verbos sintagmáticos, devido ao paralelismo com os *phrasal verbs* do inglês e os *verbi sintagmatici* do italiano, que ilustram o comportamento sintático-semântico dessas construções no português brasileiro⁴⁵. Como base inicial, para o rastreamento de constructos nos *corpora* do PPVC e PCVC, utilizamos o estudo de Ferreira (2018), que catalogou uma quantidade significativa de construções em dicionários de regência, tomando as propriedades formais dessas construções no inglês como referência, levando em consideração suas três subcategorias. Adicionalmente, os estudos de Simone (1996) e trabalhos posteriores forneceram suporte para nossa análise dessas construções no contexto do italiano, uma língua românica.

Posto isso, apresentamos os verbos sintagmáticos do português brasileiro em relação a essas mesmas características pontuadas no inglês e no italiano, conforme Gardner e Davies (2007) e Simone (1996), exemplificando que essas construções ora se aproximam mais de um ou outro idioma. Faremos isso de forma sistematizada, observando as propriedades sintáticas e semânticas a partir de exemplos coletados nos *corpora* PPVC e PCVC.

- (1) "(...) nós 'tava assistindo o jogo no estádio, quando nós saiu mermo com a camisa por cima da ôta, eles fala: "Oh, aquele ali é palmêrense... oh lá, vamo pega"... e **correu atrás de** nós e nós oh {informante faz gesto com a mão} senão {ININT};" – S.A.A./PPVC;
- (2) "Eu acho muito interessante. E eu tô estudano pra isso, tô **correno atrás**, né, aí essa seria a área em que eu iria realmente me... com'ê que eu posso falá?, me realizá como pessoa." – O.S.R./PPVC;
- (3) "Era porque... que nem eu tava falando, né, que dependia de um dinheiro vamos supô seu pai não tinha condição de dá um estudo bom uma roupa boa né, então sempre você tem que **ta corrend' atrás**, né, então seus pais não podiam dá então você tinha que ir buscar, né, então cê colhia... cê ia trabalhar mais cedo, né?" W.S.O./PPVC;

45 O objetivo deste estudo não é estabelecer uma comparação direta entre os *phrasal verbs*, os *verbi sintagmatici* e os verbos sintagmáticos no português brasileiro. Os exemplos selecionados visam ilustrar o funcionamento dessas construções no português. Contudo, tais similaridades devem ser entendidas como ilustrativas, e não como representativas de uma forma literal, com baixa idiomatização, nas quais se pode

observar o sentido de “perseguir” em “correr atrás”, não somente indicando a posição de quem corre em relação a outrem. O falante descreve uma situação de perseguição concreta, em que indivíduos correram atrás do grupo identificado como torcedores adversários. Tal construção apresenta semelhante comportamento dos *verbi sintagmatici* com verbos de movimento no italiano, conforme apontado por Simone (1996), no qual os advérbios de direção ou locativos são frequentemente combinados com verbos de movimento.

Nos exemplos (10) e (11), “correr atrás” assume um sentido figurado, com alto grau de fixação semântica, representando esforço ou busca por algo, sem ligação com o ato físico de correr, apresentando esquema imagético de trajetória, uma busca intensa por um objetivo, que está à frente, no futuro, como resultado dos esforços. Ademais, essa construção comporta-se como um *chunk* idiomático, processado como uma unidade semântica fixa que significa “esforçar-se para alcançar algo”. A construção atua de forma semelhante às partículas no italiano, adicionando nuances de trajetória e direcionamento no sentido metafórico, como *buttare giù* (jogar/lançar para baixo = derrubar, escrever, desanimar) no italiano. Esses exemplos mostram como as construções VP podem estar entre significado [± literal] ou [± idiomático], dependendo do contexto de uso.

Podemos ainda comparar esse verbo sintagmático com um *phrasal verb* correspondente na língua inglesa, *run after* (correr + atrás de/depois de, posteriormente), que literalmente tem sentido de correr atrás de algo ou alguém, como em *The dog ran after the ball* (O cachorro correu atrás da bola). Além do sentido literal, *run after* possui duas interpretações idiomáticas principais: perseguir romanticamente, buscando atenção ou afeto de alguém, geralmente em contexto romântico ou sexual, como em *She’s always running after younger men* (Ela está sempre correndo atrás de homens mais jovens); e buscar algo com afincamento, caso que se assemelha sintática e semanticamente aos exemplos dados anteriormente, como em *He’s been running after that promotion for months* (Ele está correndo atrás daquela promoção há meses).

A discussão proposta neste trabalho provoca o questionamento sobre as características distintivas entre construções verbo-partícula e expressões idiomáticas. Quanto a essa questão, destacamos a flexibilidade semântica das primeiras em contraste com a fixidez lexical das segundas, onde, diferentemente das expressões idiomáticas, as construções VP não estão limitadas a uma única interpretação semântica ou a uma significação estável, conforme apontado por Xatara (1998), que caracteriza as expressões idiomáticas como uma "lexia complexa indecomponível, conotativa e cristalizada em um idioma pela tradição cultural", implicando que tais expressões são frases ou locuções cuja combinação de palavras forma uma unidade de significado estabelecida e invariável, resultante de um uso recorrente e reconhecido culturalmente.

Conforme Xatara (1998), as expressões idiomáticas atravessam um processo de cristalização que solidifica seu significado ao longo do tempo, reforçado pela frequência de seu uso, o que eventualmente leva à sua lexicalização e inclusão em dicionários. A autora também detalha a estrutura das expressões idiomáticas em termos de sintagmas verbais, ilustrando com exemplos como "pagar o pato", "pela saco", "enterrar o imbigu" para o sintagma verbal (V + SN), "tem carço nesse angu", "tem tatu na toca" para o sintagma verbal (V + SN + SN) e "tá de bucho cheio", "andando como pata choca" para o sintagma verbal (V + Prep + SN), exemplificando como as expressões idiomáticas são configuradas e como sua interpretação semântica transcende a soma literal de seus componentes, invocando um nível de abstração que distingue essas expressões de outras combinações lexicais que podem admitir níveis mais transparentes, como as construções verbo-partícula.

Com relação à transitividade, separabilidade e deslocamento dos constituintes, de forma análoga ao inglês e ao italiano, o português também permite a separação entre o verbo e a partícula em alguns casos, como no exemplo de "jogar fora" apresentado na intro-

dução deste trabalho. No trecho “(...) na primeira oportunidade ela me passou a rastêra e *me jogou fora*, fiquei muito triste (...)” (JVB/PCVC), podemos observar o alto grau de idiomaticidade, já que a expressão não se refere a lançar algo literalmente para fora, mas a “descartar”, com um sentido metafórico de abandono. Esse verbo sintagmático admite, no entanto, uma flexibilidade posicional (separabilidade), o que permite a intercalação de outros elementos entre o verbo e a partícula, como em “Ela me jogou, sem dó nem piedade, *fora* de sua vida”, evidenciando a dinâmica e a adaptabilidade dessas construções. Concordamos com Ferreira (2018), em que “jogar fora” apresenta prototipicamente a característica de separabilidade dessas construções, permitindo variações na ordem dos constituintes e no uso de pronomes átonos, exemplificados nos constructos a partir de [Vjogar + Advfora + SN]:

I. Estrutura Padrão:

- a. “Joe jogou fora algo” [V + Adv + Obj] – o verbo “jogar” é seguido pela partícula “fora”, que funciona como advérbio, e, logo após, pelo objeto direto “algo”;
- b. “Joe jogou algo fora” [V + Obj + Adv] – esta variante mostra o advérbio “fora” deslocado para depois do objeto direto “algo”, ilustrando a separabilidade do verbo e da partícula;

II. Com Pronome Objeto:

- a. “Joe jogou-o fora” [V + Obj (pron.) + Adv] – nesta estrutura, o objeto direto é substituído por um pronome átono “o”, que antecede a partícula “fora”, seguindo a norma padrão da língua portuguesa, em que o pronome átono deve vir antes do advérbio;
- b. “Joe jogou ele fora” [V + Obj (pron.) + Adv] – presente no uso coloquial, nessa construção, o pronome “ele” aparece depois do verbo e antes do advérbio;
- c. “Joe jogou fora ele” [V + Adv + Obj (pron.)] – possível em termos de uso popular, apesar de sua arbitrariedade em relação à tradição gramatical;

III. Próclise:

- a. "Joe o jogou fora" – a próclise, pronome átono "o" precedente o verbo, de acordo com as regras de colocação pronominal do português do Brasil, especialmente em contextos formais.

Retomamos, após a apresentação da análise sintática, o exemplo "(...) *me jogou fora* (...) (JVB/PCVC), em que a construção segue o mesmo padrão de pronomes oblíquos átonos em construções VP. Nesse caso, o pronome "me" (pronome oblíquo átono) funciona como objeto direto e antecede o verbo "jogar", resultando em uma próclise. Nesse contexto, "me jogou fora" mantém a transitividade característica dos verbos sintagmáticos: o pronome "me" atua como o objeto direto que recebe a ação.

Apesar das limitações impostas pela concisão típica do gênero artigo, que restringe a abrangência da análise a um número reduzido de construções, nosso estudo buscou exemplificar a interação entre partículas e verbos em suas configurações mínimas. Dessa forma, construções como jogar fora (verbo + advérbio), dar com (verbo + preposição) e deixar de fora (verbo + preposição + advérbio), encontradas em nossos *corpora*, corroboram com os achados de Ferreira (2018) acerca da produtividade dessas estruturas. Adicionalmente, nossa pesquisa identifica ainda novos usos para construções já conhecidas, como "dar com", anteriormente apresentada neste trabalho com o sentido de "topar" ou "encontrar". Observamos também uma aplicação distinta no contexto de relações interpessoais, exemplificada em "Minha mãe não dá (bem) com a vizinha", onde "dar com" adquire o sentido de "relacionar-se bem" ou "ter uma boa convivência". Esses resultados apontam para uma flexibilidade semântica considerável, reforçando a necessidade de investigações mais aprofundadas sobre a dinâmica e a variabilidade dessas construções verbais no português brasileiro.

Para o caso das formas pronominais, presentes no italiano e abordadas no português por Batoréo (2000)⁴⁶, observamos exemplos como (12) e (13) a seguir:

- (1) "tem que amar a si mesmo, por que não me amar e amar só os outros eu vou **me lascá**, porque um dia os outros vão me deixá, porque eu sei que nada... quase nada é pra sempre, eu num falo nada porque eu acredito que algumas coisas são pra sempre, mas tem coisas que não são" – P.U.G.B./PPVC;
- (2) É, cada um no seu ca::ntO/ tranquilo assim/ tranquilo, ninguém **se mete** na vida de ningue::m, nenhum vai na casa do oOtro, cabo (risos) – A.A.B./PPVC;

Em análise dos exemplos "me lascar" e "se meter" presentes nos excertos (12 e 13), em consonância com Batoréo (2000), podemos inferir que a formação de construções verbo-partícula, particularmente nas formas pronominais reflexivas, que também são comuns no italiano, conforme apontado por Simone (1996), podem assumir sentidos idiomáticos no português brasileiro. Essas construções envolvem a adesão de pronomes reflexivos ao verbo, modificando seu sentido original para expressar nuances de ação que transcendem o significado literal dos constituintes individuais. Em "me lascar", o verbo, em seu sentido fonte, significa "rachar, danificar ou partir algo". No entanto, quando combinado com o pronome reflexivo "me", o verbo assume um sentido idiomático e figurado, que indica "sofrer prejuízos ou passar por uma situação difícil e adversa". Já em "se meter", o verbo, em seu sentido fonte, significa "colocar" ou "inserir algo em algum lugar". No entanto, quando combinado com o pronome reflexivo "se", o verbo assume um sentido idiomático relacionado à interferência, intromissão ou envolvimento em situações que não dizem respeito ao falante.

Não pretendemos esgotar, neste trabalho, as análises concernentes a essas construções no português brasileiro. Pelo contrário, acreditamos na necessidade de uma descrição mais aprofundada dessas relações de forma a compreender melhor suas especificidades e generalizações. Compreendemos até aqui, no estudo

⁴⁶ Observamos que, como reconhecido por Simone (1996) no italiano, essa relação também pode ser denominada de construção verbo-partícula no português brasileiro, uma vez que sua relação possui sentido diferente do sentido literal do verbo. Apesar de reconhecermos em nossa pesquisa, não é o objeto central do estudo, que se concentra na configuração mínima de verbo + advérbio/ou preposição.

dos verbos sintagmáticos em análise construcional e translinguística, que o grau de integração dos constituintes de uma construção verbo-partícula é o resultado de processos metafóricos e que englobam o desenvolvimento de novos significados, bem como a modificação de estruturas e a descategorização das partículas, resultando em novas formas e novos significados, ou seja, construções que sofreram construcionalização, resultando em $FORMA_{nova}$ - $SIGNIFICADO_{novo}$. Com base nessa abordagem, compreendemos que as construções com o verbo + partícula (advérbio e/ou preposição), abordados nesse recorte de pesquisa, se comportam de modo a formar uma única unidade de análise, um *chunk* autônomo, aproximando-se do polo lexical.

DISCUSSÃO

A presente pesquisa contribui significativamente para o estudo das construções VP no português brasileiro, especialmente quando comparadas com fenômenos semelhantes no inglês e no italiano. Ao analisar essas construções a partir de uma abordagem cognitivo-funcional e da Gramática de Construções, este trabalho inova ao trazer uma reflexão sistemática sobre um fenômeno ainda pouco explorado na linguística do português. A literatura tradicional, muitas vezes trata as construções verbo-partícula de forma marginalizada, sem uma sistematização robusta. Contudo, os dados analisados nesta pesquisa evidenciam que essas construções são não apenas produtivas, mas também desempenham um papel fundamental na organização semântico-sintática da língua.

O crescente interesse de linguistas nas construções VP em línguas românicas nas últimas décadas, *a priori* no italiano, mas também em outras línguas românicas, levanta questões intrigantes

sobre a dinâmica da variação e mudança linguísticas. A influência do contato linguístico, cada vez mais intenso em um mundo globalizado, impõe-se como uma variável relevante. Uma questão central é se o aumento do uso dessas construções pode ser visto como um reflexo direto da expansão do inglês como língua franca, sugerindo um processo de calque e empréstimo linguístico. É possível que a significativa importância da língua inglesa e a busca por expressões e traduções mais concisas e eficientes estejam moldando o léxico e a gramática das línguas românicas, incluindo o português brasileiro. A globalização parece acelerar esses processos, criando um ambiente em que estruturas sintáticas e lexicais se difundem com mais rapidez, sobretudo em contextos multilíngues.

No entanto, outra perspectiva a ser considerada é que as construções VP podem estar emergindo nas línguas românicas como resultado de um desenvolvimento interno, impulsionado por mecanismos linguísticos, como a analogia e a gramaticalização, que, coincidentemente, produzem padrões semelhantes aos encontrados no inglês. Esse fenômeno sugere que, mesmo sem contato direto, línguas distintas podem seguir trajetórias de inovação paralelas, motivadas por princípios cognitivos gerais e tendências comuns no uso linguístico. Nesse sentido, as construções VP no português poderiam ser entendidas como idiosincrasias da própria língua, que se desenvolvem internamente e não necessariamente como produtos de uma simples influência externa. Vale lembrar que o próprio inglês foi historicamente influenciado por línguas românicas, como o latim e o francês, o que complica ainda mais a análise das influências mútuas.

A abordagem contrastiva entre o português, o inglês e o italiano, portanto, oferece um novo olhar para o estudo das construções VP em línguas românicas, destacando as similaridades e divergências entre essas línguas. Tal análise revela que, apesar de serem menos visíveis ou produtivas no português brasileiro em comparação com o inglês e o italiano, as construções VP apresentam traços funcionais e cognitivos similares, como o fenômeno de *chunking* e

a fixação idiomática, sendo tratadas aqui como parte integrante do repertório da língua, e não como exceções.

Além disso, o uso de *corpora* como ferramenta metodológica para coletar dados empíricos sobre o português brasileiro é outro aspecto relevante. Ao mobilizar entrevistas de falantes de diferentes registros linguísticos, a pesquisa garante um panorama mais abrangente e realista das construções VP na língua em uso. Isso reforça a importância da análise de *corpora* na linguística funcionalista, permitindo não apenas a descrição das construções, mas também a observação de variação linguística e uso efetivo. Essa abordagem metodológica também destaca a necessidade de futuras pesquisas explorarem quantitativamente a frequência e os contextos de uso dessas construções, ampliando o impacto empírico da discussão.

Em termos de desafios, a pesquisa enfrenta a limitação de sistematizar construções que variam consideravelmente em grau de idiomaticidade, composicionalidade e separabilidade. No entanto, essa variabilidade é, ao mesmo tempo, uma contribuição valiosa para o campo, pois aponta para a flexibilidade da língua portuguesa na adaptação de estruturas idiomáticas. A comparação com o italiano, por sua vez, reforça que, entre as línguas românicas, o português brasileiro tem potencial para desenvolver e sistematizar suas construções VP de forma mais elucidativa, nessa temática que, por vezes, é tida como cinza e complexa, contribuindo para o avanço da teoria em torno dessas unidades lexicais.

Em suma, esta seção de discussão nos leva a reafirmar que o presente trabalho, ao analisar essas construções de forma descritiva e contrastiva, propõe novos caminhos para a pesquisa linguística, especialmente no que diz respeito ao estudo da interface entre gramática, cognição e uso, além de lançar questões sobre os possíveis impactos do contato linguístico na formação de novas estruturas nas línguas românicas e o suas possíveis contribuições no ensino

dessas construções para falantes do inglês, italiano e/ou português como língua adicional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa analisou as construções VP no português brasileiro, a partir do italiano e inglês em uma abordagem cognitivo-funcionalista, com ênfase na Gramática de Construções. Ao longo do trabalho, foi possível observar que as construções VP em português compartilham importantes características com os *phrasal verbs* do inglês e os *verbi sintagmatici* do italiano, particularmente no que tange à formação de unidades lexicais convencionais que transcendem a composicionalidade dos seus constituintes. As construções investigadas se situam em um *continuum* de transparência semântica, variando entre significados mais literais e altamente idiomáticos, evidenciando um processo de *chunking* que rotiniza mais prontamente o processamento cognitivo dessas expressões pelos falantes.

No contexto do português brasileiro, verificou-se que as construções VP não são sistematicamente descritas pelas gramáticas tradicionais, sendo muitas vezes tratadas de forma superficial ou até mesmo ignoradas. Contudo, como demonstrado pela análise qualitativa contrastiva entre os exemplos das três línguas, essas construções desempenham um papel relevante na organização semântica e sintática da língua, especialmente no que diz respeito à inovação linguística e à formação de novos significados. A comparação com o italiano e o inglês mostrou que, apesar de algumas diferenças, como o grau de separabilidade e o deslocamento, o português brasileiro compartilha fenômenos semelhantes no que diz respeito à criação de novas formas lexicais a partir da combinação de verbo e partícula.

A pesquisa também revelou que o processo de construcionalização é central para entender como essas construções se fixam no uso cotidiano e se tornam unidades lexicais reconhecíveis pelos falantes. O fenômeno de *chunking*, ao agrupar constituintes discretos em unidades significativas, contribui para a formação dessas construções, refletindo a inter-relação entre gramática e cognição. Além disso, a análise dos dados coletados em *corpora* demonstrou que essas construções, quando idiomáticas, são processadas de forma holística, como *chunks*, o que reforça a ideia de que o uso repetido favorece a fixação de estruturas na memória linguística dos falantes.

Os resultados deste estudo sugerem que as construções VP do português brasileiro devem ser mais amplamente estudadas e sistematizadas, dada sua relevância para a análise da língua em uso. A análise contrastiva com outras línguas reforça a ideia de que essas construções não são isoladas ou esporádicas, mas representam um fenômeno recorrente, ainda que menos visível na tradição gramatical da língua portuguesa. Além disso, evidenciamos a necessidade de uma abordagem mais detalhada e sistemática dessas construções, considerando suas implicações teóricas para modelos como a Gramática de Construções.

Por fim, sugerimos que pesquisas futuras, tanto de caráter qualitativo quanto quantitativo, sejam conduzidas para aprofundar a compreensão sobre a produtividade dessas construções no português brasileiro. A utilização de *corpora* mais amplos e diversificados, bem como a inclusão de métodos quantitativos, poderá fornecer dados mais robustos sobre a frequência de uso, variabilidade e grau de idiomaticidade dessas construções em diferentes registros e variedades do português. Tais estudos serão fundamentais para expandir o conhecimento sobre o funcionamento das construções VP na língua portuguesa e seu papel na formação do léxico e na variação linguística.

REFERÊNCIAS

BATORÉO, H. **Expressão do espaço no português europeu**: Contributo psicolinguístico para o estudo da linguagem e cognição. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2000.

BIBER, D.; JOHANSSON, S.; LEECH, G.; CONRAD, S.; FINEGAN, E. **Longman grammar of spoken and written English**. London: Longman, 1999.

BORBA, F.; LONGO, B. (Org.). **Dicionário gramatical de verbos do português contemporâneo do Brasil**. 1. ed. São Paulo: Editora UNESP, 1990. 1373 p.

BRINTON, L.; TRAUGOTT, E. **Lexicalization and language change**. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

BYBEE, J. **Frequency of Use and the Organization of Language**. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

BYBEE, J. **Language, usage and cognition**. New York: Cambridge University Press, 2010.

BYBEE, J. **Língua, Uso e Cognição**. Tradução: Maria A. F. da Cunha. São Paulo: Editora Cortez, 2016. p. 384.

BYBEE, J. Mechanisms of change in grammaticization: the role of frequency. *In*: JOSEPH, B. D.; JANDA, J. (ed.) **The handbook of Historical Linguistics**. Oxford: Blackwell, 2003. p. 336–358.

CINI, M. I verbi sintagmatici in italiano: una proposta di descrizione. *In*: CINI, M. (ed.) **I verbi sintagmatici in italiano e nelle varietà dialettali. Stato dell'arte e prospettive di pesquisa**. Frankfurt am Main: Peter Lang, 2008. p. 41-60.

CROFT, W. **Radical construction grammar**: syntactic theory in typological perspective. Oxford: Oxford University Press, 2001.

CROFT, W. Logical and typological arguments for Radical Construction Grammar. *In*: ÖSTMAN, J.; FRIED, M. (ed.) **Construction Grammars**: Cognitive Grounding and Theoretical Extensions [Constructional Approaches to Language 3]. Amsterdam: John Benjamins, 2005. p. 273-314.

DECLERCK, R. **The grammar of the English tense system**: A comprehensive analysis. Berlin: Mouton de Gruyter, 2006.

DIESEL, H. **Usage-Based Linguistics**. *Oxford Research Encyclopedia of Linguistics*, 2017. Retrieved 15 Sep. 2024, from <https://oxfordre.com/linguistics/view/10.1093/acrefore/9780199384655.001.0001/acrefore-9780199384655-e-363>.

FERREIRA, R. **Similaridades translinguísticas entre português e inglês e os phrasal verbs: a percepção de aprendizes de inglês-LE**. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), Pelotas - RS, 2018.

GARDNER, D.; DAVIES, M. Pointing Out Frequent Phrasal Verbs: A Corpus-Based Analysis. *TESOL Quarterly*, v. 41, n. 2, p. 339-359, jun. 2007.

GOLDBERG, A. E. **Constructions**: A Construction Grammar Approach to Argument Structure. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

HOUAISS, A. *et al.* (Org.). **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. 1. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009. 1986 p.

HUDDLESTON, R.; PULLUM, G. K. **The Cambridge grammar of the English language**. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

IACOBINI, C.; MASINI, F. Verb-particle Constructions and Prefixed Verbs in Italian: Typology, Diachrony and Semantics. *In*: BOOIJ, G. *et al.* (Ed.) **On-line Proceedings of the Fifth Mediterranean Morphology Meeting (MMM5)**. Fréjus 15–18 September 2005, University of Bologna, 2007. URL <http://mmm.lingue.unibo.it/>, 2007.

IACOBINI, C. Phrasal verbs between syntax and lexicon. *Italian Journal of Linguistics*, vol. 21, p. 97-117, 2009.

KEMMER, S.; BARLOW, Michael (Org.). **Usage based models of language**. Stanford: CSLI Publications, 2000.

LACERDA, P. O papel do método misto na análise de processos de mudança em uma abordagem construcional: reflexões e propostas. *Revista Linguística*. Revista do programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro, volume Especial, 2016.

MARTELOTTA, M. E. **Mudança linguística**: uma abordagem baseada no uso. São Paulo: Cortez, 2011.

MASINI, F. Multi-Word Expressions between Syntax and the Lexicon: The Case of Italian Verb-Particle Constructions. *SKY Journal of Linguistics*, 18:2005, p. 145-173.

QUIRK, R.; GREENBAUM, S.; LEECH, G.; SVARTVIK, J. **A comprehensive grammar of the English language**. London: Longman, 1985.

QUIRK, R.; GREENBAUM, S.; LEECH, G.; SVARTVIK, J. **A Grammar of Contemporary English**. London: Longman, 1972.

SIMONE, R. Esistono verbi sintagmatici in italiano? **Cuadernos de Filología Italiana**, Madrid, v. 3, p. 47-61, 1996.

THIM, S. Phrasal Verbs: **The English Verb-Particle Construction and its History**. Berlin/Boston: De Gruyter Mouton, 2012.

TRAUGOTT, E.; TROUSDALE, G. **Constructionalization and constructional changes**. Oxford: Oxford University Press, 2013.

Vilela, M. **Ensino da língua portuguesa: léxico, dicionário, gramática**. Coimbra: Livraria Almedina, 1995.

XATARA, C. **Tipologia das expressões idiomáticas**. Alfa. São Paulo: Editora UNESP, 1998.

XATARA, C. *et al.* **Dicionário Multilíngue de Regência Verbal**. São Paulo: Disal, 2013.

10

*Joedson dos Santos Azevedo
Valéria Viana Sousa*

VERBI SINTAGMATICI:

AN ANALYSIS OF A CONFLUENCE
BETWEEN ITALIAN AND PORTUGUESE
WITHIN THE FRAMEWORK
OF CONSTRUCTION GRAMMAR

INTRODUCTION

Verb-particle constructions (VPCs) are an intriguing aspect of linguistic structure that reflects the interplay between form and meaning across languages. This study aims to analyze VPCs in Brazilian Portuguese in comparison with their counterparts in Italian and English through the lens of Construction Grammar. The focus on VPCs, which are formed by the juxtaposition of a verb and a particle (typically an adverb and/or a preposition), is crucial as these constructions often exhibit both compositional and idiomatic meanings. The understanding of how these constructions operate can shed light on the cognitive processes underlying language use and the ways in which different languages manifest similar syntactic phenomena.

In Brazilian Portuguese, VPCs share properties with English phrasal verbs and Italian *verbi sintagmatici*, indicating a complex relationship that warrants thorough investigation. By examining these constructions, we aim to reveal the underlying cognitive and functional aspects that govern their formation and use, contributing to a broader understanding of cross-linguistic similarities and differences. This study is particularly relevant in the context of the increasing globalization of language, where the influence of English on other languages is becoming more pronounced. As such, our analysis not only contributes to theoretical linguistics but also has practical implications for language learning and teaching in multilingual environments.

FOUNDATIONS

The theoretical framework for this study is rooted in Construction Grammar, which posits that language is composed

of form-meaning pairings known as constructions, organized into a network that reflects usage patterns in real communicative contexts. This approach is grounded in cognitive-functional linguistics and emphasizes the importance of understanding languages not just as an abstract system, but as a tool shaped by human cognition and social interaction.

In analyzing verb-particle constructions, we draw on key concepts from various scholars in the field. Bybee (2010) argues that constructions are conventionalized sequences that often develop unique meanings through repeated use, highlighting the importance of frequency in the formation of these constructions. Croft (2001) further supports this notion by asserting that constructions serve as entrenched patterns within a language, acting as fundamental building blocks of grammatical structure.

Simone (1996) introduces the concept of *verbi sintagmatici* in Italian, which closely parallels English phrasal verbs, thus providing a comparative framework for our analysis. Iacobini (2007, 2009) and Masini (2007, 2008) contribute to the understanding of how these constructions function in different languages, emphasizing the significance of idiomaticity and syntactic flexibility.

This study also aligns with the cognitive perspectives outlined by Traugott and Trousdale (2013), who discuss how constructions evolve through processes of constructionalization and change. By considering the roles of chunking, compositionality, and the cognitive mechanisms underlying language use, we aim to establish a comprehensive understanding of verb-particle constructions in Brazilian Portuguese and their counterparts in Italian and English.

METHODOLOGY(S)

This study adopts a qualitative and contrastive methodological approach to analyze verb-particle constructions (VPCs) in

Brazilian Portuguese, Italian, and English. We utilize a corpus-based analysis, drawing on data from spoken and written corpora to ensure a representative sample of the usage of these constructions across the three languages.

Our data collection involves two primary corpora: the Popular Portuguese Corpus from Vitória da Conquista (PPVC) and the Cultured Portuguese Corpus from Vitória da Conquista (PCVC). These corpora consist of interviews and dialogues that provide insight into the natural use of language in various contexts. The selection of these corpora allows for a comprehensive examination of how speakers utilize VPCs in everyday communication, reflecting both formal and informal registers.

The analysis is structured around a detailed examination of specific verb-particle constructions identified in the corpora. We categorize these constructions based on their semantic and syntactic properties, paying close attention to their compositionality and idiomatization. This categorization aligns with the theoretical foundations discussed earlier, enabling us to highlight the similarities and differences among the constructions in each language.

Additionally, we incorporate a comparative analysis of existing literature on VPCs in English and Italian, allowing us to contextualize our findings within the broader landscape of linguistic research. This combination of empirical data analysis and literature review strengthens our conclusions regarding the cognitive and functional aspects of verb-particle constructions.

RESULTS

The analysis of verb-particle constructions (VPCs) in Brazilian Portuguese revealed significant similarities and differences compared to their counterparts in Italian and English. The findings

indicate that while Brazilian Portuguese VPCs share several characteristics with English phrasal verbs and Italian *verbi sintagmatici*, they also exhibit unique features that reflect the distinct linguistic and cultural contexts in which they are used.

Concerning the structural similarities, the data showed that many VPCs in Brazilian Portuguese function similarly to English and Italian constructions. For example, constructions like “jogar fora” (to throw away) in Portuguese, “throw out” in English, and “buttare via” in Italian all convey the idea of disposal, demonstrating a shared semantic field. This suggests a translinguistic phenomenon where certain actions and concepts are expressed through analogous structures across languages.

The Idiomatic Usage. A notable finding was the extent of idiomaticity present in Brazilian Portuguese VPCs. Similar to English and Italian, many constructions exhibit meanings that are not directly deducible from their components. For instance, the expression “correr atrás” (to run after) transitions from a literal meaning of physically pursuing something to a metaphorical usage indicating effort or striving towards a goal. This pattern mirrors the behavior of idiomatic expressions in both English and Italian, where the combination of verb and particle creates a distinct meaning.

The Flexibility and Productivity: Brazilian Portuguese VPCs demonstrated flexibility in terms of separability and productivity, akin to English phrasal verbs. Many constructions allowed for the insertion of objects between the verb and particle, showcasing a degree of syntactic variation. For example, “Ela jogou ele fora” (She threw him out) exemplifies this flexibility. However, this flexibility appeared to be less prevalent in Italian, where such constructions were often more rigid.

The Constructionalization: The study found evidence of constructionalization processes in Brazilian Portuguese, where repeated

use of certain VPCs has led to their lexicalization, transforming them into fixed units within the language. This aligns with the cognitive theories of language use, suggesting that frequent exposure and usage patterns contribute to the establishment of these constructions as conventionalized expressions.

In conclusion, the results of this study indicate that verb-particle constructions in Brazilian Portuguese, while similar in many respects to their English and Italian counterparts, reveal unique characteristics shaped by linguistic and cultural factors. These findings contribute to a deeper understanding of how language functions across different contexts and highlight the importance of considering both structural and functional aspects of linguistic phenomena.

FINAL CONSIDERATIONS

This study provides valuable insights into verb-particle constructions (VPCs) in Brazilian Portuguese, drawing comparisons with similar structures in Italian and English through a cognitive-functional lens grounded in Construction Grammar. The findings highlight the intricate relationships between form and meaning in these constructions, demonstrating that while VPCs across languages share common characteristics, they also exhibit distinctive features influenced by cultural and linguistic contexts.

The analysis revealed that Brazilian Portuguese VPCs function similarly to English phrasal verbs and Italian verbi sintagmatici, particularly in their capacity for idiomaticity and semantic richness. This suggests a translinguistic phenomenon where certain linguistic patterns emerge independently in different languages, reflecting shared cognitive processes among speakers. Furthermore, the flexibility and productivity of these constructions in Portuguese indicate

an active engagement with language, where speakers adapt and innovate expressions based on their communicative needs.

Additionally, the study underscores the significance of using corpus data to examine real language use, providing a more nuanced understanding of how VPCs operate in everyday communication. The findings advocate for a more systematic approach to analyzing these constructions in Brazilian Portuguese, encouraging future research to explore their frequency, variability, and the cognitive mechanisms that underpin their use.

Overall, this research contributes to the growing body of literature on verb-particle constructions and offers a framework to help understand their role in language variation and innovation. It also invites further exploration into the pedagogical implications of these constructions for language teaching and learning, particularly in multilingual contexts where cross-linguistic influence is prevalent.

REFERENCES

BATORÉO, H. **Expressão do espaço no português europeu**: Contributo psicolinguístico para o estudo da linguagem e cognição. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2000.

BIBER, D.; JOHANSSON, S.; LEECH, G.; CONRAD, S.; FINEGAN, E. **Longman grammar of spoken and written English**. London: Longman, 1999.

BORBA, F.; LONGO, B. (Org.). **Dicionário gramatical de verbos do português contemporâneo do Brasil**. 1. ed. São Paulo: Editora UNESP, 1990. 1373 p.

BRINTON, L.; TRAUGOTT, E. **Lexicalization and language change**. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

BYBEE, J. **Frequency of Use and the Organization of Language**. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

BYBEE, J. **Language, usage and cognition**. New York: Cambridge University Press, 2010.

BYBEE, J. **Língua, Uso e Cognição**. Tradução: Maria A. F. da Cunha. São Paulo: Editora Cortez, 2016. p. 384.

BYBEE, J. Mechanisms of change in grammaticization: the role of frequency. *In*: JOSEPH, B. D.; JANDA, J. (ed.) **The handbook of Historical Linguistics**. Oxford: Blackwell, 2003. p. 336-358.

CINI, M. I verbi sintagmatici in italiano: una proposta di descrizione. *In*: CINI, M. (ed.) **I verbi sintagmatici in italiano e nelle varietà dialettali. Stato dell'arte e prospettive di pesquisa**. Frankfurt am Main: Peter Lang, 2008. p. 41-60.

CROFT, W. **Radical construction grammar: syntactic theory in typological perspective**. Oxford: Oxford University Press, 2001.

CROFT, W. Logical and typological arguments for Radical Construction Grammar. *In*: ÖSTMAN, J.; FRIED, M. (ed.) **Construction Grammars: Cognitive Grounding and Theoretical Extensions** [Constructional Approaches to Language 3]. Amsterdam: John Benjamins, 2005. p. 273-314.

DECLERCK, R. **The grammar of the English tense system: A comprehensive analysis**. Berlin: Mouton de Gruyter, 2006.

DIESEL, H. **Usage-Based Linguistics**. **Oxford Research Encyclopedia of Linguistics**, 2017. Retrieved 15 Sep. 2024, from <https://oxfordre.com/linguistics/view/10.1093/acrefore/9780199384655.001.0001/acrefore-9780199384655-e-363>.

FERREIRA, R. **Similaridades translingüísticas entre português e inglês e os phrasal verbs: a percepção de aprendizes de inglês-LE**. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), Pelotas - RS, 2018.

GARDNER, D.; DAVIES, M. Pointing Out Frequent Phrasal Verbs: A Corpus-Based Analysis. **TESOL Quarterly**, v. 41, n. 2, p. 339-359, jun. 2007.

GOLDBERG, A. E. **Constructions: A Construction Grammar Approach to Argument Structure**. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

HOUAISS, A. *et al.* (Org.). **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. 1. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009. 1986 p.

HUDDLESTON, R.; PULLUM, G. K. **The Cambridge grammar of the English language**. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

IACOBINI, C.; MASINI, F. Verb-particle Constructions and Prefixed Verbs in Italian: Typology, Diachrony and Semantics. *In*: BOOIJ, G. *et al.* (Ed.) **On-line Proceedings of the Fifth Mediterranean Morphology Meeting (MMM5)**. Fréjus 15–18 September 2005, University of Bologna, 2007. URL <http://mmm.lingue.unibo.it/>, 2007.

IACOBINI, C. Phrasal verbs between syntax and lexicon. **Italian Journal of Linguistics**, vol. 21, p. 97-117, 2009.

KEMMER, S.; BARLOW, Michael (Org.). **Usage based models of language**. Stanford: CSLI Publications, 2000.

LACERDA, P. O papel do método misto na análise de processos de mudança em uma abordagem construcional: reflexões e propostas. **Revista Linguística**. Revista do programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro, volume Especial, 2016.

MARTELOTTA, M. E. **Mudança linguística: uma abordagem baseada no uso**. São Paulo: Cortez, 2011.

MASINI, F. Multi-Word Expressions between Syntax and the Lexicon: The Case of Italian Verb-Particle Constructions. **SKY Journal of Linguistics**, 18:2005, p. 145-173.

QUIRK, R.; GREENBAUM, S.; LEECH, G.; SVARTVIK, J. **A comprehensive grammar of the English language**. London: Longman, 1985.

QUIRK, R.; GREENBAUM, S.; LEECH, G.; SVARTVIK, J. **A Grammar of Contemporary English**. London: Longman, 1972.

SIMONE, R. Esistono verbi sintagmatici in italiano? **Cuadernos de Filología Italiana**, Madrid, v. 3, p. 47-61, 1996.

THIM, S. Phrasal Verbs: **The English Verb-Particle Construction and its History**. Berlin/Boston: De Gruyter Mouton, 2012.

TRAUGOTT, E.; TROUSDALE, G. **Constructionalization and constructional changes**. Oxford: Oxford University Press, 2013.

Vilela, M. **Ensino da língua portuguesa: léxico, dicionário, gramática**. Coimbra: Livraria Almedina, 1995.

XATARA, C. **Tipologia das expressões idiomáticas**. Alfa. São Paulo: Editora UNESP, 1998.

XATARA, C. *et al.* **Dicionário Multilíngue de Regência Verbal**. São Paulo: Disal, 2013.

11

*Cecília de Almeida Ribeiro
Valéria Viana Sousa*

A DIVERSIDADE LINGUÍSTICA DO PORTUGUÊS BRASILEIRO:

**ANÁLISE DE CONSTRUÇÕES
COM O VERBO *BATER***

RESUMO

Nesta pesquisa, investigamos, em viés sincrônico da língua(gem), por meio de uma abordagem fundamentada no método misto (Cunha Lacerda, 2016), construções instanciadas pelo verbo *bater* no contexto linguístico do português brasileiro. Valemo-nos de dados provenientes de *corpora* nas modalidades oral (*corpus* do português culto e *corpus* do português popular de Vitória da Conquista, Bahia) e escrita (Twitter), com o propósito investigar o comportamento e as nuances do verbo *bater* em contextos reais de comunicação. Os resultados iniciais desta pesquisa revelam que o verbo *bater*, pode assumir o sentido prototípico de *atingir*, *colidir*, mas, a depender da intenção comunicativa, pode adotar diferentes funções. Nesse sentido, foi possível observar que o verbo *bater* pode se esvaziar semanticamente e assumir funções de verbo predicador não pleno, no qual assume o sentido de outro verbo pleno, como acontece em "bater um prato de macarrão" (comer), de verbo-suporte, no qual o núcleo passa a ser o seu complemento – bateu uma dúvida –, e de expressão cristalizada, no qual perde totalmente sua autonomia para formar uma unidade de sentido, como no caso de "bater as botas." Assim, notamos que o verbo *bater* incorpora novas formas e funções, que emergem da interação dinâmica dos falantes da língua portuguesa.

Palavras-chave: Língua(gem); Construções; Verbo *bater*; Novos sentidos; Linguística Funcional Centrada no Uso.

INTRODUÇÃO

A linguagem, como um fenômeno social e cognitivo, é moldada por processos dinâmicos de variação e mudança, resultantes das necessidades comunicativas dos falantes em contextos específicos. Nesse sentido, o estudo dos verbos de ação em construções variadas oferece um campo frutífero para observar como o uso da língua reflete as adaptações e inovações que emergem na interação diária. Entre esses verbos, o verbo *bater* no português brasileiro é um exemplo de como um elemento originalmente associado a uma ação física direta (*sentido de golpear/atingir*), com sujeito e objeto concretos, pode se expandir semanticamente para abranger uma ampla gama de funções e significados.

Os estudos linguísticos nos quais nos fundamentamos, sobretudo aqueles baseados na Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU) e na Gramática de Construções (GC), oferecem um aporte teórico coerente para analisar fenômenos como os que envolvem o verbo *bater*. A LFCU, que combina as teorias do Funcionalismo americano com princípios da Linguística Cognitiva, propõe que a língua não é um sistema rígido e imutável, mas sim um fenômeno flexível e adaptativo, moldado pelo uso e pela necessidade dos falantes (Rosário, 2022). Nesse sentido, devemos observar a língua como uma entidade não suficiente em si, na qual o uso e a situação de interação é parte fundamental (Neves, 2018).

A partir desse arcabouço teórico, torna-se essencial observar essas variações em situações reais de uso, o que justifica a escolha de metodologias empíricas baseadas em *corpora*. Dessa forma, a pesquisa se aprofunda não apenas na análise teórica, mas também na observação de dados empíricos, fruto de interações espontâneos da fala e da escrita para mapear o comportamento do verbo *bater* em diferentes registros linguísticos. Nesse contexto, esta pesquisa se beneficia da perspectiva funcionalista, que privilegia o uso real da

língua, e também das metodologias empíricas, que utilizam dados de *corpora* para analisar diferentes padrões de uso em diferentes.

O *corpus* utilizado nesta pesquisa inclui tanto a modalidade oral, com entrevistas do Português Culto e do Português Popular de Vitória da Conquista, que capturam o uso espontâneo da língua, quanto a modalidade escrita, com dados retirados do X (antigo Twitter), rede social de comunicação mais informal. Essa escolha metodológica reflete a preocupação com a coleta de dados em contextos autênticos de interação, respeitando o princípio de que a linguagem deve ser estudada em seu uso, conforme defendido pelos funcionalistas.

Com a análise dos dados tanto da modalidade oral quanto da modalidade escrita, esta pesquisa adota uma abordagem comparativa que permite observar como o verbo *bater* se comporta em diferentes contextos de uso. O *corpus* oral, composto por entrevistas, captura o uso espontâneo e cotidiano da língua falada, enquanto o *corpus* de tweets (mensagens do aplicativo X) oferece uma visão da língua escrita em contextos mais informais, menos controlado, que, muitas vezes, se aproxima da linguagem falada. A análise dessas duas modalidades permitirá uma compreensão mais abrangente sobre como o verbo *bater* é mobilizado pelos falantes em diferentes situações de interação.

A análise de dados empíricos permite não apenas uma descrição mais precisa do comportamento do verbo *bater*, mas também uma análise mais profunda dos processos cognitivos e sociais que motivam sua variação e mudança. Dessa forma, conforme mencionamos, em suma, o estudo visa mapear o comportamento do verbo *bater* em suas diversas construções, identificando como ele transita entre funções plenas, de suporte e metafóricas.

Ademais, a presente pesquisa contribui para os estudos de variação e mudança linguística ao integrar os princípios da

Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU) e da Gramática de Construções, realizamos uma análise detalhada de dados empíricos extraídos de *corpora* de diferentes modalidades da língua. Neste capítulo, o nosso foco está na análise da frequência *type* das construções envolvendo o verbo *bater*. Esta abordagem visa oferecer uma visão detalhada das diversas funções que o verbo pode assumir e como essas funções são representadas em diferentes contextos. No entanto, a análise quantitativa, que incluirá o levantamento da frequência *token*, será conduzida no decorrer da pesquisa de mestrado, permitindo uma compreensão mais abrangente e quali-quantitativa das variações do verbo *bater*.

A nossa análise inicial demonstra as diversas funções que o verbo *bater* pode assumir em diferentes contextos comunicativos. Nesse sentido, nossa pesquisa baseia-se na hipótese de que esse verbo opera em um gradiente de usos, conforme o conceito de *continuum* proposto pela LFCU. Esse *continuum* abrange desde seu uso como verbo pleno (mais concreto), passando por uma função semelhante à de verbo-suporte, até assumir usos mais metafóricos, em expressões cristalizadas.

O VERBO *BATER* NO PORTUGUÊS BRASILEIRO: UMA ANÁLISE INICIAL BASEADA EM *CORPORA*

Com base nos pressupostos teóricos da Linguística Funcional Centrada no Uso, a dinamicidade da língua(gem) é percebida como parte integrante do funcionamento da língua em contextos reais de interação. A gramática, portanto, não é um sistema fixo e imutável, mas sim um conjunto dinâmico de regras que se forma e se adapta

continuamente com base no uso cotidiano da língua pelos falantes. Esse processo de remodelação é impulsionado pelas experiências cognitivas e sociais dos indivíduos. Assim, a língua é constantemente aprendida e ajustada através da prática real, refletindo a interação dinâmica entre forma, função e contexto social. Como afirmam Cezário e Cunha (2013), à medida que o falante vai se comunicando é como ele aprende a usar a língua.

A Gramática de Construções (GC) – desenvolvida por pesquisadores como Goldberg (1995, 2006), Croft (2001) e Traugott e Trousdale (2013, 2021) – complementa essa ideia e defende que a língua é constituída por construções, que são pareamentos convencionais entre forma e função (Goldberg, 2006 *apud* Cunha Lacerda; Furtado da Cunha, 2017). Essas construções são armazenadas na mente dos falantes e são ativadas conforme as exigências do contexto comunicativo. Assim, a Gramática de Construções sustenta que as construções linguísticas, sejam elas morfemas, frases simples, expressões idiomáticas ou estruturas mais complexas, constituem unidades fundamentais da gramática, pois possuem tanto forma quanto função próprias (Ferrari, 2011).

Dessa forma, as construções, concebidas como combinações convencionais de forma e significado, desempenham um papel específico no sistema linguístico. Com base nesse pressuposto, Croft (2001, p. 18) propõe um modelo de estrutura simbólica para as construções, no qual forma e função são indissociáveis e interagem dinamicamente para produzir o significado desejado na comunicação. Tal modelo é ilustrado no quadro a seguir:

Quadro 1 - Modelo de estrutura simbólica da construção



Fonte: Croft (2001, p. 18).

Segundo o modelo proposto por Croft (2001), a construção abrange dois componentes principais: o aspecto formal, que envolve propriedades sintáticas, morfológicas e fonológicas; e o aspecto funcional, que inclui características semânticas, pragmáticas e discursivo-funcionais. Embora forma e função sejam inicialmente vistas em polos distintos, há uma correspondência simbólica que as conecta de maneira intrínseca, integrando, assim, esses dois aspectos de maneira inseparável no processo comunicativo.

Além dessa proposta construcional, um dos elementos centrais dessas teorias é o conceito de *continuum*. Nessa perspectiva, o verbo *bater* acaba por transitar entre um eixo de funções que vai desde usos concretos, como ações físicas, até funções mais abstratas e metafóricas. Essa variação contínua de usos exemplifica o funcionamento da língua como um sistema adaptativo, no qual os elementos linguísticos não pertencem a categorias fixas. Dessa forma, as construções que envolvem o verbo *bater* podem ser colocadas em um *continuum*, no qual, a princípio, acreditamos que haja

uma gradação entre sua função de verbo pleno, verbo-suporte e expressões cristalizadas.

A língua, assim, não é composta por categorias rígidas e estanques, mas por um conjunto de possibilidades dinâmicas que se moldam e se modificam conforme o uso. No caso do verbo *bater*, essa flexibilidade permite que ele assuma papéis variados nas interações linguísticas, a depender da intenção comunicativa. Por meio dessa abordagem teórica, buscamos, então, entender como os falantes do português brasileiro utilizam o verbo *bater* em suas interações diárias, e de que forma essa variação reflete um processo mais amplo de mudança linguística.

A escolha do verbo *bater* como objeto de estudo não é arbitrária. Sua alta frequência de uso e sua notável flexibilidade em termos de significado e função o tornam um relevante exemplo para investigar os processos de variação linguística em uma perspectiva sincrônica. Nesse contexto, o conceito chave para essa investigação é a construcionalidade, que foi introduzido pela LFCU e nos ajuda a entender como diferentes formas e significados de uma palavra se relacionam entre si dentro da língua em determinado período de tempo. O conceito de construcionalidade não contraria, mas complementa a ideia de construcionalização, que se concentra na mudança linguística ao longo do tempo, ou seja, sob uma perspectiva diacrônica.

Assim, a construcionalidade observa como as construções coexistem e se relacionam em um dado momento, no corte sincrônico (Rosário; Lopes, 2019). Com isso, é possível captar não apenas o processo diacrônico de mudança, mas também as variações simultâneas e produtivas que ocorrem no uso atual da língua pelos falantes. A investigação sincrônica, portanto, permite-nos verificar como os falantes negociam e ajustam os significados de *bater* em diferentes contextos, explorando as fronteiras da sua funcionalidade em construções com diferentes funções.

Na perspectiva da análise linguística da construcionalidade, também os fatores de esquematicidade, produtividade e composicionalidade são essenciais para a análise de construções linguísticas na Gramática de Construções. A esquematicidade refere-se ao grau de generalidade ou especificidade de uma construção: quanto mais esquemática, mais flexível e mais possibilidades de preenchimento. A composicionalidade diz respeito à transparência semântica de uma construção, ou seja, ao quão diretamente o significado da construção pode ser derivado do significado de seus elementos constituintes. Já a produtividade está relacionada à frequência com que uma construção pode ser utilizada ou expandida para novos contextos, refletindo sua capacidade de gerar novas combinações. Esses três fatores interagem para determinar o grau de flexibilidade, aplicabilidade e complexidade de uma construção dentro de um sistema linguístico.

Em termos práticos, a composicionalidade diz respeito à transparência semântica entre os elementos de uma construção. Em construções altamente composicionais, como “ele bateu o carro”, o significado pode ser decomposto diretamente a partir dos significados das palavras individuais. No entanto, conforme nos aproximamos de usos mais metafóricos, como em “bater as botas”, a composicionalidade se reduz, exigindo do falante um conhecimento prévio do sentido figurado para interpretar corretamente a construção. Esse aspecto é crucial para entender como diferentes construções com o verbo *bater* são processadas cognitivamente pelos falantes do português brasileiro.

O objetivo inicial deste estudo é entender como o verbo *bater* tem gerado novos pareamentos de forma e significado em contextos comunicativos reais. Esse processo, orientado pelo uso da língua, possibilita a formação de novas conexões dentro da rede de construções linguísticas. Seguindo a perspectiva de Bybee (2016), que concebe a língua como um sistema adaptativo e complexo, nossa abordagem reconhece que a linguagem apresenta uma estrutura

com padrões regulares, ao mesmo tempo em que exibe uma considerável variação em diversos níveis.

Os *corpora* utilizados neste estudo são provenientes do projeto “Estudo de fenômenos linguísticos na perspectiva (sócio) funcionalista, com base na descrição e análise da comunidade de fala de Vitória da Conquista.” Esses *corpora* incluem o *Corpus* do Português Popular de Vitória da Conquista (*Corpus* PPVC) e o *Corpus* do Português Culto de Vitória da Conquista (*Corpus* PCVC). No total, esses *corpora* são compostos por (quarenta e oito) entrevistas, cada uma com duração aproximada de uma hora. O *Corpus* PPVC contém falas de informantes com até cinco anos de escolaridade, enquanto o *Corpus* PCVC reúne falas de informantes que possuem mais de 11 anos de escolaridade.

O *corpus* escrito, por sua vez, é composto por tweets, mensagens curtas de até 280 (duzentos e oitenta) caracteres extraídos da rede social X, antigo Twitter, e que foi vetado do Brasil em 2024. Optamos por essa modalidade por entender que o Twitter oferece uma comunicação que se aproxima da linguagem oral, proporcionando um ambiente de interação mais espontâneo e dinâmico. A coleta de dados foi realizada a partir da busca do radical “bat-” na ferramenta de pesquisa da plataforma, resultando, até o momento, na análise de 100 (cem) ocorrências de construções envolvendo o verbo *bater*. Vale ressaltar que este estudo representa apenas uma parte inicial da nossa pesquisa de mestrado, que ainda está em desenvolvimento. No entanto, com o avanço da coleta de dados, já podemos apresentar algumas percepções e análises preliminares sobre as construções com o verbo *bater* no português brasileiro.

Baseando-nos nas teorias que orientam esta pesquisa, iniciamos a análise das construções que envolvem o verbo *bater*. Ressaltamos que consideramos a língua como uma rede composta por um conjunto de construções interligadas, que formam nós. Essa rede, por sua natureza dinâmica, está em constante expansão, com

novos elos surgindo conforme o uso (Langacker, 1987). Assim, adotando a perspectiva sincrônica da Linguística Funcional Centrada no Uso, nossa análise dos dados se concentra na observação da mudança linguística em tempo real, ou seja, o processo de construcionalidade do verbo *bater*.

O processo de construcionalidade do verbo *bater* pode ser analisado à luz das postulações de Traugott e Trousdale (2021[2013]) sobre mudança linguística, levando em consideração os fatores de esquematicidade, composicionalidade e produtividade. Nesse sentido, entendemos que as construções envolvendo esse verbo são parcialmente esquemáticas, uma vez que seguem o padrão geral [*bater* + (X)], no qual o *slot* X pode ser preenchido por diferentes sintagmas.

Além disso, as construções com *bater* podem variar em grau de composicionalidade, apresentando-se de forma mais composicional (quando o significado de cada parte é autônomo) ou menos composicional (quando o sentido da expressão é interpretado como um todo). No que diz respeito à produtividade, nossa pesquisa busca analisar tanto a variedade de tipos de construção (frequência *type*) quanto o número de ocorrências (frequência *token*) desse verbo nos *corpora* analisados.

Antes de iniciarmos nossa análise, é fundamental que tenhamos uma compreensão sólida das categorias que utilizaremos ao longo do estudo. Neste trabalho, exploraremos três categorias principais que são essenciais para a nossa investigação: o verbo pleno, o verbo-suporte e as expressões cristalizadas. Compreender essas categorias nos ajudará a estruturar nossa análise e a interpretar adequadamente os dados linguísticos que examinaremos.

O conceito de verbo pleno refere-se a verbos que desempenham uma função central e independente dentro da oração, atuando como o núcleo do predicado e carregando um significado completo e autônomo. Segundo Cunha e Cintra (2008), um verbo pleno é aquele

que possui a capacidade de expressar uma ação ou estado de forma direta e clara, sem depender de outros elementos para estabelecer seu sentido principal.

No caso do verbo *bater*, quando utilizado em sua função plena, ele exemplifica bem esse conceito. Por exemplo, na frase “*Ele bateu o martelo no prego*”, o verbo *bater* é o núcleo do predicado e transmite a ideia de uma ação concreta e completa, demonstrando seu papel essencial na construção da oração. O verbo *bater*, aqui, não apenas indica a ação, mas também define claramente os participantes envolvidos: o agente da ação (ele) e o objeto da ação (o martelo e o prego), ilustrando assim a função prototípica e a independência semântica do verbo pleno.

O verbo-suporte é uma categoria de verbo que, embora presente na estrutura da oração, não carrega o significado central da ação ou estado descrito. Em vez disso, ele auxilia na formação de construções gramaticais e na expressão de significados que não são diretamente atribuíveis ao verbo principal. Nesse sentido, os verbos-suporte são caracterizados “como verbos com sentido esvaziado” (Chishman; Abreu, 2014), uma propriedade que remonta à noção de verbo leve (Jespersen, 1942, p. 117), “um verbo insignificativo” (Picoli; Vale; Laporte, 2021, p. 208). Esses verbos, muitas vezes, têm um papel reduzido em termos semânticos e funcionam mais como um complemento gramatical.

No caso do verbo *bater*, sua função como verbo-suporte pode ser ilustrada em construções onde o verbo não expressa diretamente uma ação física ou concreta, mas ajuda a formar um significado mais abstrato ou figurado. Por exemplo, na expressão “*bateu a saudade*”, o verbo *bater* assume uma função de suporte, cuja ação de “bater” não se refere ao sentido literal de golpear, mas sim a um

sentimento de saudade que surge de forma repentina. Neves (2011) afirma que verbos-suporte “[...] podem ter um papel de atenuar a carga semântica do verbo principal, funcionando como um suporte para a construção do significado mais amplo” (Neves, 2011, p. 98). No exemplo dado, *bater* é utilizado para expressar um estado emocional (saudade) e não uma ação física direta, destacando o papel do verbo como suporte para o significado principal da expressão.

Por fim, no outro extremo do *continuum*, temos as expressões cristalizadas. Expressões cristalizadas são combinações de palavras cuja estrutura e significado se tornaram fixos e reconhecíveis na língua, frequentemente adquirindo um sentido que não pode ser diretamente derivado das partes individuais que as compõem. Essas expressões se tornam unidades autônomas de significado, e, dessa forma, a compreensão vai além da interpretação literal dos elementos que as formam. Segundo Vasconcellos (2009), expressões cristalizadas são “[...] frases ou construções que, ao longo do tempo, desenvolveram um significado específico e frequentemente metafórico, distinto da soma literal dos seus componentes” (Vasconcellos, 2009, p. 10).

No caso do verbo *bater*, ele pode formar expressões cristalizadas como “*bater as botas*”, que significa “morrer”. Nesse exemplo, *bater* não expressa a ação literal de golpear, mas faz parte de uma expressão cujo significado é interpretado como um todo. Esse uso figurado do verbo *bater* reflete a natureza cristalizada da expressão, cuja compreensão da construção não depende do sentido literal do verbo, mas de sua aceitação como uma unidade de significado fixo e reconhecido na língua.

Para ilustrar melhor a gradiência entre essas categorias, elaboramos a seguinte representação:

Figura 1 – *Continuum* representando funções assumidas pelo verbo *bater*



Fonte: Elaboração própria.

Com base nessas categorizações preliminares, é possível descrever e analisar as construções em que o verbo *bater* foi utilizado pelos falantes do português brasileiro em contextos reais de interação. A título de exemplo da dinamicidade de funções desse verbo, consideremos o seguinte trecho do poema de Cineas Santos (s.d)⁴⁷:

O amor bate à porta
e tudo é festa.
O amor bate a porta
e nada resta.

O verbo *bater*, nesse trecho, pode ser classificado como pleno quando desempenha a função de predicador na oração, ou seja, quando atua como o núcleo da estrutura oracional (Cunha; Cintra, 2008). Nesse uso, o verbo preserva sua função semântica original, expressando o sentido de “atingir” ou “golpear”, indicando uma ação concreta. Além disso, podemos perceber que a regência do verbo *bater* está condicionada ao seu sentido. Na primeira ocorrência, ele atua com a função de golpear a porta; enquanto na segunda, o sentido é de fechar – o que demonstra, ainda mais, a polissemia que engloba esse verbo. Por outro lado, em uma categoria intermediária, *bater* parece assumir a função de verbo-suporte, caracterizado por uma atenuação tanto de seu significado quanto de

sua função morfossintática (Neves, 2011). Esse fenômeno pode ser ilustrado no seguinte trecho:

Vem quando bate uma saudade
Triste, carregado de emoção
Ou aflito quando um beijo já não arde
No reverso inevitável da paixão (Paulinho da Viola, 1987)⁴⁸.

Nesse caso, o verbo *bater* perde parte de sua força semântica, e o núcleo da oração passa a ser o complemento abstrato *saudade*, que assume o papel principal na construção, transmitindo o sentido da oração. No extremo desse *continuum*, temos as expressões cristalizadas, que, conforme as proposições de Traugott e Trousdale (2021[2013]), estão ligadas ao grau de composicionalidade, já que seu significado depende da autonomia das subpartes que a compõem. Vejamos um exemplo:

O nosso santo **bateu**, o amor da sua vida sou eu. Tudo que é meu hoje é seu. (Santo Bateu – Matheus e Kauan, 2016)⁴⁹.

Nessa construção, observamos uma mudança no grau de transparência entre forma e função. Para compreender a expressão “o santo bateu”, o falante não analisa cada um dos elementos separadamente, mas sim a expressão como um todo. O significado só é acessível quando se interpreta a construção de forma unitária, referindo-se, nesse contexto, à ideia de afinidade com outra pessoa. Assim, percebemos que essa expressão cristalizada possui um caráter mais metafórico.

Diante disso, vamos à análise inicial dos corpora desta pesquisa, nos quais já é possível observarmos que o verbo *bater* desempenha funções variadas, de acordo com a intenção do falante e os

48 Disponível em: <https://www.letras.mus.br/paulinho-da-viola/48062/>.

49 Disponível em: <https://www.letras.mus.br/matheus-kauan/nosso-santo-bateu/>.

diferentes contextos de comunicação. Essa diversidade de usos pode ser evidenciada nos seguintes excertos:

- (1) Ele já chegou **batendo** em mim (*Corpus do X*)
- (2) **bateu** no meu bumbum com manguêra pra eu nunca mais robar [...] (*Corpus PCVC*)
- (3) [...] ele **batia** na minha mão com tábua de ferro [...] (*Corpus PCVC*)

A partir dessas construções, podemos identificar que o verbo *bater* foi utilizado com diferentes significados. No excerto (01), o verbo assume seu sentido mais pleno, de “atingir” ou “golpear”, selecionando um sujeito agente e um sujeito paciente. Nesse caso, o verbo apresenta uma transitividade indireta, com o objeto sendo preenchido pelo sintagma preposicional [*em mim*]. Trata-se, portanto, de uma construção parcialmente esquemática [*bater + X*] e de baixa composicionalidade, já que cada elemento contribui de maneira isolada para a construção do sentido — tanto o verbo quanto o complemento mantêm autonomia sintática e semântica.

No exemplo “*bateu no meu bumbum com manguêra pra eu nunca mais robar [...]*” (*Corpus PCVC*), o verbo *bater* atua como verbo pleno, expressando uma ação física concreta de golpear. A construção é caracterizada por uma transitividade indireta, com o objeto direto “bumbum” sendo complementado pelo sintagma preposicional “*com manguêra*”. A estrutura segue o padrão [*bater + X*] e é altamente composicional, pois o significado do verbo é diretamente compreendido a partir de sua função e forma na oração. O verbo *bater* aqui é utilizado de maneira literal e denotativa, sem implicações metafóricas, refletindo uma ação física específica com a finalidade de causar um impacto ou efeito direto.

No exemplo “[...] *ele batia na minha mão com tábua de ferro [...]*” (*Corpus PCVC*), o verbo *bater* atua como verbo pleno, expressando uma ação física concreta de golpear. Aqui, *bater* tem uma transitividade indireta, com o complemento “*na minha mão*” e o

instrumento “com tábua de forro”. A construção é parcialmente esquemática [*bater* + *X*] e bastante composicional, pois o significado do verbo é diretamente derivado da sua função na oração, sem metáforas ou implicações figuradas.

Agora, analisemos os exemplos a seguir:

- (4) [...] no terceiro ano do ensino médio me **bateu** a dúvida se... de... entre três cursos seria História, Matemática e Letras, mas acabou que assim o olho brilhou mais pro lado de Letras mesmo [...] (Corpus PCVC)
- (5) a depressão de domingo à noite tá começando a **bater** (Corpus do X)
- (6) Tem hora que até hoje **bate** uma saudade assim na gente [...] (Corpus do PPVC)

Na construção (04), o verbo *bater* é usado como verbo-suporte, ajudando a formar uma construção cujo verbo não expressa uma ação física direta, mas sim um estado mental ou emocional. O verbo *bater* aqui é empregado de maneira a indicar que uma dúvida surgiu ou apareceu, sem uma conotação literal de “golpear”. Neste sentido, a oração poderia ser substituída por “duvidei”, o que demonstra que é o complemento que carrega o sentido da construção. Essa construção é parcialmente esquemática [*bater* + *X*] e tem uma composicionalidade moderada, pois o significado do verbo é menos direto e mais dependente do contexto da frase.

No caso do exemplo (05), o verbo *bater* também funciona como verbo-suporte. O verbo perde sua força semântica original e não expressa uma ação física direta. Em vez disso, o verbo *bater* atua como um auxiliar para o complemento “a depressão”, que é o verdadeiro portador do significado da construção, exercendo a função de sujeito. A construção sugere que a depressão está começando a se manifestar ou aparecer, com o verbo *bater* apenas dá suporte ao seu complemento, pois não o seleciona diretamente. Na função prototípica, o verbo *bater* seleciona um sujeito agente (geralmente humano) e um sujeito paciente. Neste caso, o sujeito é abstrato, referindo-se a um sentimento que, de certa forma, “atingiu” o falante.

Assim como os exemplos anteriores, percebemos que no excerto (06) o verbo *bater* funciona como verbo-suporte. Neste contexto, *bater* não expressa uma ação física direta, mas apoia o significado do complemento "*uma saudade*", que é o principal portador do sentido na construção. Assim, em vez de selecionar um sujeito agente e um sujeito paciente como na função prototípica, o sujeito aqui é abstrato e refere-se a uma sensação emocional, a saudade. O verbo *bater* serve como suporte para o complemento saudade, mas não carrega a carga semântica principal da construção. A construção é, portanto, menos esquemática e mais dependente do complemento para expressar o sentido completo.

Por fim, temos as seguintes construções instanciadas pelo verbo *bater* que podem apoiar nossa hipótese são:

- (7) *Entre **bater** cabeça e ser feliz, eu escolhi SER FELIZ.* (Corpus do X)
- (8) *sábado à tarde, domingo... **bateno** bola, né?.* (Corpus PPVC)
- (9) *[...] eu vô na deles lá, a gente **bate** resenha, mostra logo como o projeto funciona.* (Corpus PCVC)
lamber botas de ditador é tudo igual (Corpus do X)

No exemplo "*Entre bater cabeça e ser feliz, eu escolhi SER FELIZ.*" (Corpus do X), o verbo *bater* faz parte de uma expressão cristalizada com um sentido metafórico. A expressão "*bater cabeça*" não deve ser interpretada literalmente como uma ação física de golpear a cabeça, mas sim como uma unidade fixa de significado que se refere a "estressar-se" ou "preocupar-se excessivamente". O verbo *bater* atua como verbo dentro da expressão, contribuindo para a construção de um significado que é compreendido globalmente, em vez de derivado dos significados individuais das palavras. A construção é menos esquemática e menos composicional, pois a interpretação do verbo é figurativa e faz parte de uma expressão estabelecida na língua, cujo sentido é fixo e não derivado diretamente das partes que a compõem.

Em “*sábado à tarde, domingo... bateno bola, né?*” (Corpus PPVC), o verbo *bater* faz parte da expressão cristalizada “*bater bola*”, que é usada para se referir a “jogar futebol”. Nessa construção, o significado da expressão não é recuperado por cada um de seus elementos, mas sim compreendido como uma unidade fixa. O verbo *bater* aqui contribui para a formação de um significado específico, como um todo. A expressão “*bater bola*” é uma forma consolidada de se referir ao ato de jogar futebol, mostrando que o verbo *bater* em combinação com *bola* adquire um significado distinto e estabelecido. A construção é menos esquemática e menos composicional, pois o sentido completo da expressão é entendido como um todo e não pode ser deduzido diretamente dos significados das partes que a compõem.

No excerto (09), “[...] eu vô na deles lá, a gente bate resenha, mostra logo como o projeto funciona.” (Corpus PCVC), o verbo *bater* faz parte da expressão cristalizada “*bater resenha*”, que significa “conversar” ou “fazer uma conversa informal”. Nesta construção, o verbo *bater* contribui para a formação de um significado idiomático específico, onde o sentido não é derivado literalmente do verbo *bater* e do substantivo *resenha*, mas sim compreendido como uma unidade fixa. A expressão “*bater resenha*” é entendida como um todo, refletindo uma interação social informal em que se conversa sobre diversos assuntos. A construção é menos esquemática e menos composicional, pois o significado da expressão é fixo e não pode ser deduzido diretamente das palavras individuais, mas do entendimento da expressão como um bloco de significado estabelecido.

Por meio dessa análise, observamos que o verbo *bater* demonstra um *continuum* de funções, que variam conforme a intenção comunicativa. Em contextos diferentes, o verbo pode atuar como verbo pleno, verbo-suporte ou como parte de expressões cristalizadas, refletindo uma alternância entre formas e significados. Seja em *corpora* orais ou escritos, identificamos a presença das três frequên-

cias *type* — verbo pleno, verbo-suporte e expressões cristalizadas — indicando a versatilidade do verbo *bater*. Essa constância na variedade de funções, independentemente do tipo de *corpus*, destaca a capacidade do verbo de adaptar seu significado e papel em função do contexto comunicativo. Isso reafirma a complexidade e a flexibilidade do verbo *bater* na língua portuguesa.

Com essa análise qualitativa inicial dos corpora, observamos o funcionamento do verbo *bater* em diferentes contextos, revelando suas variadas funções como verbo pleno, verbo-suporte e expressão cristalizada. A divisão dos exemplos por categoria permitiu uma compreensão mais detalhada das funções do verbo em diferentes situações comunicativas. A continuação da pesquisa permitirá uma análise quantitativa aprofundada, complementando os resultados qualitativos e contribuindo para uma proposta de rede taxonômica que melhor reflete a versatilidade e a complexidade do verbo *bater* no português brasileiro.

CONSIDERAÇÕES NÃO FINAIS

O presente estudo, embora a pesquisa ainda esteja em andamento e reflita, assim, apenas a análise qualitativa da frequência *type*, constatamos que o verbo *bater* no português brasileiro revela, desde já, a sua dinamicidade e a variedade de funções que ele pode desempenhar em diferentes contextos comunicativos. Apesar das percepções iniciais sobre a flexibilidade do verbo e suas construções, ainda precisamos aprofundar nossa compreensão dos pareamentos entre forma e função para identificar com precisão as possíveis categorias de transição que o verbo pode assumir e apresentar os dados relativos à frequência *token*.

Nosso objetivo é, ao final da pesquisa, elaborar uma proposta de rede taxonômica que contemple as diversas funções e significados do verbo *bater*. Destarte, este estudo permitirá uma visão

mais abrangente e detalhada das construções em que o verbo se manifesta e contribuirá para uma melhor compreensão do papel versátil que ele desempenha na língua portuguesa. Continuaremos a explorar novos registros de dados e a analisar as características das construções para aprimorar nossa proposta e fornecer uma análise mais robusta e refinada.

Nossa análise evidencia a complexidade e a dinamicidade do fenômeno linguístico em estudo, mostrando que as fronteiras entre as funções do verbo *bater* são fluidas. As construções instanciadas por esse verbo podem se adaptar de forma surpreendente, dependendo do contexto e da intenção comunicativa dos falantes. Nesse sentido, seguimos aprofundando nossas investigações, explorando novos registros de dados e examinando com mais precisão as características dessas construções a fim de descrever de forma mais precisa o papel versátil que o verbo *bater* desempenha na língua portuguesa em uso.

REFERÊNCIAS

BYBEE, J. L. **Língua, uso e cognição**. Tradução Maria Angélica Furtado da Cunha; revisão técnica Sebastião Carlos Leite Gonçalves. São Paulo: Cortez, 2016.

CEZARIO, M. M.; CUNHA, M. A. Furtado da. **Linguística Centrada no Uso**: uma homenagem a Mário Martelotta. 1ª ed. Rio de Janeiro: Maud X: FAPERJ, 2013.

CUNHA, C.; CINTRA, L. F. L. **Nova gramática do português contemporâneo**. 5. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008.

CUNHA LACERDA, P. F. A. da; FURTADO DA CUNHA, M. A. Gramática de construções: princípios básicos e contribuições. In: OLIVEIRA, M. R.; CEZÁRIO, M. M. C. (Org.). **Funcionalismo linguístico**: diálogos e vertentes. 1. ed. Niterói: Eduff, 2017. p. 1746.

CROFT, W. **Radical construction grammar**: syntactic theory in typological perspective. Oxford: Oxford University Press, 2001.

FERRARI, Lilian. **Introdução à Linguística Cognitiva**. São Paulo: Contexto, 2011.

FURTADO DA CUNHA, M. A.; BISPO, E. B.; SILVA, J. R. Linguística funcional centrada no uso: conceitos básicos e categorias analíticas. *In*: CEZARIO, M. M.; CUNHA, M. A. F. (org.).

Linguística centrada no uso: uma homenagem a Mário Martelotta. Rio de Janeiro: Mauad X; FAPERJ, 2013.

LANGACKER, R. W. **Foundations of cognitive grammar**: theoretical prerequisites. Stanford, CA: Stanford University Press, 1987. v. 1.

NEVES, M. H. M. **Gramática Funcional**: interação, discurso e texto. São Paulo: Contexto, 2018.

PICOLI, L.; VALE, O. A.; LAPORTE, E. Aspecto verbal nas construções com verbo-suporte.

Revista do GEL, v. 18, n. 1, p. 204-229, 2021. Disponível em: <https://revistadogel.gel.org.br/>. Acesso em: 15 ago. 2024.

ROSÁRIO, I. da C. do. **Introdução à linguística funcional centrada no uso**: teoria, método e aplicação. Niterói: Eduff, 2022.

ROSÁRIO, I. da C.; LOPES, M. G. Construcionalidade: uma proposta de aplicação sincrônica. **Soletras**, no. 37, v. 1, 2019, p. 83-102.

TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. **Construcionalização e mudanças construcionais**.

Tradução Taísa Peres de Oliveira e Angélica Furtado da Cunha. Editora Vozes. Petrópolis, RJ, 2021 [2013], p. 25-40.

VASCONCELLOS, Z. Expressões cristalizadas e construção de significados. **Anais do ABRALIN**, 2009. Disponível em: https://www.leffa.pro.br/tela4/Textos/Textos/Anais/ABRALIN_2009/PDF/Zinda%20Vasconcellos.pdf. Acesso em: 07 de junho de 2024.



12

*Cecília de Almeida Ribeiro
Valéria Viana Sousa*

THE LINGUISTIC DIVERSITY OF BRAZILIAN PORTUGUESE:

**AN ANALYSIS OF CONSTRUCTIONS
WITH THE VERB “BATER”**

DOI: 10.31560/pimentacultural/978-85-7221-339-4.12

INTRODUÇÃO

Language, as a social and cognitive phenomenon, is shaped by dynamic processes of variation and change, resulting from speakers' communicative needs in specific contexts. In this sense, the study of action verbs in varied constructions offers a fruitful field to observe how the use of language reflects the adaptations and innovations that emerge in daily interaction. Among these verbs, the verb *bater* (to hit) in Brazilian Portuguese is an example of how an element originally associated with direct physical action (in the sense of striking/impacting) with concrete subjects and objects can expand semantically to encompass a wide range of functions and meanings.

The linguistic studies on which we base our research, particularly those grounded in Usage-Based Functional Linguistics (UBFL) and Construction Grammar (CG), offer a coherent theoretical framework for analyzing phenomena like those involving the verb *bater*. UBFL, which combines functionalist theories with principles of Cognitive Linguistics, asserts that language is not a rigid and immutable system but rather a flexible and adaptive phenomenon shaped by speakers' usage and needs (Rosário 2022). According to these theories, language should be viewed as an entity not sufficient unto itself, where use and interactional situations are fundamental parts (Neves 2018).

From this theoretical framework, it becomes essential to observe these variations in real-life use, justifying the choice of empirical methodologies based on corpora. Thus, the research delves not only into theoretical analysis but also into practical application, using spontaneous speech and writing data to map the behavior of the verb *bater* in different linguistic registers. In this theoretical context, the research benefits not only from the functionalist perspective, which emphasizes real language use, but also from empirical methodologies that use corpus data to analyze usage patterns in different linguistic registers.

The corpus used in this research includes both oral data, with interviews from the *Português Culto* and *Português Popular* of Vitória da Conquista, capturing the spontaneous use of language, and written data, extracted from X (formerly Twitter), a more informal communication social network. This methodological choice reflects the concern with collecting data in authentic interactional contexts, respecting the principle that language should be studied in its use, as defended by functionalists.

Our initial analysis demonstrates the various functions that the verb *bater* can assume in different communicative contexts. In this sense, our research is based on the hypothesis that this verb operates along a gradient of uses, according to the concept of a continuum proposed by UBFL. This continuum ranges from its use as a full verb (more concrete), through a function similar to that of a support verb, to more metaphorical uses in crystallized expressions.

Based on this theoretical framework, the present article aims to present our initial studies of constructions with the verb *bater* in Brazilian Portuguese, showing its possible functional variations along a continuum that demonstrates a shift from a concrete to a more metaphorical function. Thus, this study seeks to map the occurrences of the verb *bater* in oral and written corpora, analyzing how Brazilian Portuguese speakers use these constructions in different communicative contexts and how these constructions reflect processes of linguistic variation and change.

THE VERB *BATER* IN BRAZILIAN PORTUGUESE: AN INITIAL CORPUS-BASED ANALYSIS

Based on the theoretical assumptions of Usage-Based Functional Linguistics (UBFL), linguistic change is seen as an integral

part of language functioning in real interaction contexts. Grammar, therefore, is not a fixed and immutable system but rather a dynamic set of rules that continually forms and adapts based on the everyday usage of language by speakers. This remodeling process is driven by individuals' cognitive and social experiences. Thus, language is constantly learned and adjusted through actual practice, reflecting the dynamic interaction between form, function, and social context. As Cezário and Cunha (2013) state, as a speaker communicates, they learn how to use the language.

Construction Grammar (CG) – developed by researchers such as Goldberg (1995, 2006), Croft (2001), and Traugott and Trousdale (2013, 2021) – complements this idea by asserting that language consists of constructions, which are conventional pairings of form and function (Goldberg, 2006, *apud* Cunha Lacerda; Furtado da Cunha, 2017). These constructions are stored in speakers' minds and are activated according to the communicative context's demands. Thus, Construction Grammar maintains that linguistic constructions, whether they are morphemes, simple phrases, idiomatic expressions, or more complex structures, constitute fundamental units of grammar, as they possess both their own form and function (Ferrari, 2011).

From this perspective, the verb *bater* shifts across a range of functions, from concrete uses like physical actions to more abstract and metaphorical functions. This continuous variation of uses exemplifies how language operates as an adaptive system, where linguistic elements do not belong to fixed categories. Therefore, constructions involving the verb *bater* can be placed on a continuum, which we initially believe reflects a gradation between its role as a full verb, support verb, and crystallized expressions.

Thus, the initial goal of this study is to understand how the verb *bater* has generated new pairings of form and meaning in real communicative contexts. This process, driven by language use, allows the formation of new connections within the network of linguistic constructions. Following Bybee's (2016) perspective,

which considers language as an adaptive and complex system, our approach recognizes that language presents a structure with regular patterns while also exhibiting considerable variation at various levels.

Based on the theories guiding this research, we began analyzing the constructions involving the verb *bater*. We emphasize that we consider language as a network composed of interconnected constructions, forming nodes. This network, in accordance to its dynamic nature, is in constant expansion, with new links emerging through use (Langacker, 1987). Thus, adopting the synchronic perspective of Usage-Based Functional Linguistics, our data analysis focuses on the observation of linguistic change in real-time, that is, the process of the construcionalization of the verb *bater*.

The process of construcionalization of the verb *bater* can be analyzed in light of Traugott and Trousdale's (2021 [2013]) propositions on linguistic change, taking into account the factors of schematicity, compositionality, and productivity. In this sense, we understand that constructions involving this verb are partially schematic since they follow the general pattern [*bater* + (X)], in which the slot X can be filled by different syntagms.

Based on these preliminary categorizations, it is possible to describe and analyze the constructions in which the verb *bater* was used by speakers of Brazilian Portuguese in real interaction contexts. As an example of this verb's dynamic functions, consider the following excerpt from a song by Bezerra da Silva:

Na boca do forno a bala assobia, quem **bateu** esqueceu,
quem levou lembrou" (Bateu levou – Bezerra da Silva, ano).

The verb *bater* in this excerpt can be classified as a full verb when it works as the predicate of the sentence, that is, when it acts as the core of the sentence structure (Cunha; Cintra, 2008). In this usage, the verb retains its original semantic function, expressing the meaning of "to strike" or "to hit" indicating a concrete action.

On the other hand, in an intermediate category, *bater* seems to assume the role of a support verb, characterized by both a weakening of its meaning and its morphosyntactic function (Neves, 2011). This phenomenon can be illustrated in the following excerpt:

Quando **bate** a saudade, é o canto da cidade (Canto da cidade – Daniela Mercury, ano).

In this case, the verb *bater* loses part of its semantic strength, and the core of the sentence shifts to the abstract complement *saudade* (longing), which assumes the main role in the construction, conveying the meaning of the sentence. At the extreme end of this continuum, we have crystallized expressions, which, according to Traugott and Trousdale's propositions (2021[2013]), are linked to the degree of compositionality, as their meaning depends on the autonomy of the subparts that compose them. Let's look at an example:

O nosso santo **bateu**, o amor da sua vida sou eu. Tudo que é meu hoje é seu. (Santo Bateu – Matheus e Kauan, ano).

In this construction, we observe a shift in the degree of transparency between form and function. To understand the expression "our connection clicked" (*o santo bateu*), the speaker does not analyze each element separately but instead interprets the expression as a whole. The meaning is only accessible when the construction is understood in its entirety, referring in this context to the idea of affinity with another person. Thus, we perceive that this crystallized expression has a more metaphorical character.

With this initial qualitative analysis of the corpora, we observe the functioning of the verb *bater* in different contexts, revealing its various functions as a full verb, support verb, and crystallized expression. The division of the examples by category allowed for a more detailed understanding of the verb's functions in different communicative situations. The continuation of the research will enable a more in-depth quantitative analysis, complementing the qualitative results and

contributing to a proposed taxonomic network that better reflects the versatility and complexity of the verb *bater* in Brazilian Portuguese.

PRELIMINARY CONSIDERATIONS

Although the research is still in progress and thus reflects only a qualitative analysis of type frequency, we have already observed that the verb *bater* in Brazilian Portuguese demonstrates its dynamism and the variety of functions it can perform in different communicative contexts. Despite the initial perceptions regarding the flexibility of the verb and its constructions, we still need to deepen our understanding of the pairings between form and function to precisely identify the possible transition categories the verb may assume and present data related to token frequency.

Our goal by the end of the research is to develop a taxonomic network that encompasses the various functions and meanings of the verb *bater*. Thus, this study will provide a more comprehensive and detailed view of the constructions in which the verb appears and contribute to a better understanding of the versatile role it plays in the Portuguese language. We will continue to explore new data records and analyze the characteristics of the constructions to refine our proposal and offer a more robust and refined analysis.

Our analysis highlights the complexity and dynamism of the linguistic phenomenon under study, showing that the boundaries between the functions of the verb *bater* are fluid. The constructions instantiated by this verb can adapt in surprising ways, depending on the context and the communicative intention of the speakers. In this regard, we will continue deepening our investigations, exploring new data records, and examining the characteristics of these

constructions more precisely to describe more accurately the versatile role that the verb *bater* plays in the Portuguese language in use.

REFERÊNCIAS

BYBEE, J. L. **Língua, uso e cognição**. Tradução Maria Angélica Furtado da Cunha; revisão técnica Sebastião Carlos Leite Gonçalves. São Paulo: Cortez, 2016.

CEZARIO, M. M.; CUNHA, M. A. Furtado da. **Linguística Centrada no Uso**: uma homenagem a Mário Martelotta. 1ª ed. Rio de Janeiro: Maud X: FAPERJ, 2013.

CUNHA, C; CINTRA, L. F. L. **Nova gramática do português contemporâneo**. 5. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008.

CUNHA LACERDA, P. F. A. da; FURTADO DA CUNHA, M. A. Gramática de construções: princípios básicos e contribuições. /n: OLIVEIRA, M. R.; CEZÁRIO, M. M. C.. (Org.). **Funcionalismo linguístico**: diálogos e vertentes. 1. ed. Niterói: Eduff, 2017. p. 1746.

CROFT, W. **Radical construction grammar**: syntactic theory in typological perspective. Oxford: Oxford University Press, 2001.

FERRARI, Lilian. **Introdução à Linguística Cognitiva**. São Paulo: Contexto, 2011.

FURTADO DA CUNHA, M. A.; BISPO, E. B.; SILVA, J. R. Linguística funcional centrada no uso: conceitos básicos e categorias analíticas. /n: CEZARIO, M. M.; CUNHA, M. A. F. (org.). **Linguística centrada no uso**: uma homenagem a Mário Martelotta. Rio de Janeiro: Mauad X; FAPERJ, 2013.

LANGACKER, R. W. **Foundations of cognitive grammar**: theoretical prerequisites. Stanford, CA: Stanford University Press, 1987. v. 1.

NEVES, M. H. M. **Gramática Funcional**: interação, discurso e texto. São Paulo: Contexto, 2018.

PICOLI, L.; VALE, O. A.; LAPORTE, E. Aspecto verbal nas construções com verbo-suporte. **Revista do GEL**, v. 18, n. 1, p. 204-229, 2021. Disponível em: <https://revistadogel.gel.org.br/>. Acesso em: 15 ago. 2024.

ROSÁRIO, I. da C. do. **Introdução à linguística funcional centrada no uso**: teoria, método e aplicação. Niterói: Eduff, 2022.

ROSÁRIO, I. da C.; LOPES, M. G. Construcionalidade: uma proposta de aplicação sincrônica. **Soletras**, no. 37, v. 1, 2019, p. 83-102.

TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. **Construcionalização e mudanças construcionais**. Tradução Taísa Peres de Oliveira e Angélica Furtado da Cunha. Editora Vozes. Petrópolis, RJ, 2021 [2013], p. 25-40.

VASCONCELLOS, Z. Expressões cristalizadas e construção de significados. **Anais do ABRALIN**, 2009. Disponível em: https://www.leffa.pro.br/tela4/Textos/Textos/Anais/ABRALIN_2009/PDF/Zinda%20Vasconcellos.pdf. Acesso em: 07 de junho de 2024

13

Rubens Lacerda Loiola

VARIAÇÃO DE ASPECTO TERMINATIVO NO PORTUGUÊS BRASILEIRO DOS SÉCULOS XIX E XX

DOI: 10.31560/pimentacultural/978-85-7221-339-4.13

RESUMO

Este estudo tem por objetivo central analisar a variação de uma construção de aspecto terminativo no português brasileiro. A pesquisa se insere no quadro teórico da Linguística Funcional Centrada no Uso, doravante LFCU, (GOLDBERG, 1995, 2006; BYBEE, 2010, 2015). Considero como variável o verbo da posição V1 da construção, que apresenta duas variantes: *acabar* e *terminar*, em [acabar de Vinf.] e [terminar de Vinf.]. Utilizo a perspectiva metodológica que vai da função para a forma. Os resultados sugerem que há muitas semelhanças entre as duas formas de V1 da construção, com as mesmas propriedades sintático-semânticas: são instâncias terminativas, dinâmicas, télicas, de sujeito agentivo, humano e controlador, durativas e perfectivas/imperfectivas. Com esse resultado, é possível que estejamos diante de um exemplo de construção que contraria o princípio da não sinonímia das formas gramaticais, defendido por Givón (1985), Goldberg, (1995) e Croft (2001).

Palavras-chave: Variação; Aspecto terminativo; Português brasileiro.

INTRODUÇÃO

Este estudo tem por objetivos (i) analisar a variação de uma construção para expressar aspecto terminativo no português brasileiro e (ii) verificar a possível intercambialidade entre as formas verbais dessa construção, ou seja, a possibilidade de que elas ocorram no mesmo contexto. Considero como variável o verbo da posição V1 da construção terminativa, que apresenta duas variantes: *acabar* e *terminar*, em [acabar de Vinf.] e [terminar de Vinf.], como nos exemplos a seguir:

- (1) O caso é que concluí o soneto. A bem dizer não o concluí no bonde: acabei de concluir na repartição, apesar de um parecer urgente que me atenazou o dia (CP, XX, Amadeu Amaral. Memorial de um passageiro de bonde, Fic, 1921).
- (2) O depoente presenciou quando a vítima, ao terminar de tomar cerveja, pegou, deu uma golada no resto da cerveja e cuspiu para fora, quando passava pelo local um desconhecido do declarante que foi atingido por aquela cuspidinha de cerveja (CP, XX, Maria Inês Caetano Ferreira. Homicídios na periferia de Santo Amaro, Ac, SD).

Admitindo que as diferentes formas de V1 sejam variantes da mesma função, discuto em que medida essa construção contraria o princípio da não sinonímia das formas gramaticais, já proposto por Givón (1985) e retomado por Goldberg (1995) e por Croft (2001) como princípio do contraste.

Compartilho a visão da LFCU, conforme Langacker (1991, 2011), Goldberg (1995, 2006), Barlow e Kemmer (2000), Bybee (2010, 2013, 2015), que conjuga pressupostos de modelos funcionalistas, principalmente americanos, e da gramática cognitiva. Essa perspectiva compartilha a hipótese defendida, por exemplo, por Givón (1995), de que a descrição das línguas não pode ser feita adequadamente caso a gramática seja considerada um sistema autônomo. O autor propõe que, para compreender a gramática e porque ela se configura de uma maneira ou de outra, é necessário se referir aos

parâmetros naturais que dão forma à linguagem e à gramática, quais sejam, a cognição e a comunicação, o cérebro e o processamento da linguagem, a interação social e a cultura, a mudança e a variação, a aquisição e a evolução.

Hilpert (2013) observa que as mudanças na forma e no significado podem ser estudadas através de medidas de frequência das formas variantes. Uma variante de uma construção pode se tornar mais frequente ao longo do tempo, alterando assim o protótipo dessa construção. Conforme Olbertz (1998), no Espanhol Peninsular, os verbos *acabar* e *terminar*, como semi-auxiliares e como auxiliares, são intercambiáveis. A hipótese aqui proposta é a de que essa mesma situação ocorra no português brasileiro. Embora essa construção apresente variação na forma, parece manter a mesma função semântica.

A hipótese de que [acabar de Vinf.] e [terminar de Vinf.] sejam variantes para a expressão de aspecto terminativo nos leva à seguinte questão: a construção em análise viola o princípio do contraste (Croft, 2001), o princípio da não sinonímia das formas gramaticais, formulado por Givón (1985), e retomado por Langacker (1985), Goldberg (1995) e outros? Conforme (Croft, 2001, p. 111), “se duas estruturas gramaticais ocorrem na mesma língua para descrever a “mesma” experiência, elas vão diferir na conceitualização dessa experiência, de acordo com a diferença nas duas estruturas”. Em outros termos, como defende Goldberg (1995, 2006), duas construções sintaticamente distintas devem ser semântica ou pragmaticamente distintas. Nos casos em que a intercambialidade das formas de V1 é possível, especialmente na construção terminativa, porque existiriam duas formas com a possibilidade de exercer a mesma função, contrariando, aparentemente, o princípio da não sinonímia das formas gramaticais (Goldberg, 1995) e o princípio do contraste (Croft, 2001)?

Com o intuito de alcançar os objetivos propostos e responder às questões desta pesquisa, é analisada a relação entre as pro-

priedades formais e semânticas dessa construção. Os textos analisados, de língua falada e de língua escrita, foram obtidos por meio do PEUL (Programa de Estudos sobre o Uso da Língua), sediado na Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, e do *Corpus* do Português, organizado por Davies; Ferreira (2006). Utilizo principalmente a perspectiva metodológica que vai da função para a forma. Isso quer dizer que a abordagem da pesquisa parte do domínio funcional de aspecto para identificar os padrões relacionados à construção que expressa as noções de aspecto terminativo. Os resultados sugerem que há muitas semelhanças entre as instâncias dessa construção, com as mesmas propriedades sintático-semânticas, dentre as que foram consideradas na análise: são instâncias terminativas, dinâmicas, télicas, de sujeito agentivo, humano e controlador, durativas e perfectivas/imperfectivas.

VARIAÇÃO E MUDANÇA LINGÜÍSTICA

As pesquisas linguísticas na área de variação e mudança remontam, especialmente, a William Labov. No livro *Padrões sociolinguísticos* (*Sociolinguistic patterns*, 1972), o autor, ao tratar da variação, apresenta os métodos de análise utilizados, a estrutura e a natureza das regras variáveis e as implicações entre linguagem e estrutura social para a mudança linguística.

Se o uso é variável, já que depende das experiências do falante, necessariamente as línguas naturais se caracterizam pela variação e pela gradiência, como defendido por Bybee (2010) e Aarts (2007), dentre outros. Opondo-se ao pressuposto de categorias linguísticas como unidades discretas, a LFCU defende que as categorias linguísticas são de difícil distinção, não apresentam fronteiras rígidas e se distribuem, na maioria dos casos, em um *continuum*. Nesta pesquisa, os verbos *acabar* e *terminar* se apresentam como V1

do esquema [V1 de V2 inf.] e são verbos auxiliares ou semi-auxiliares, mas são verbos plenos em outros contextos de uso da língua.

Bybee (2010) explica que a gradiência está ligada ao fato de muitas das categorias linguísticas apresentarem traços que as tornam difíceis de distinguir uma da outra. Essa dificuldade envolve diferenças entre flexão e derivação, entre palavras e afixos, entre construções produtivas e não produtivas. Assim, a gradiência e a variação constituem a principal razão para se considerar a língua como um sistema complexo e maleável (Bybee, 2010), em constante adaptação às necessidades comunicativas dos falantes.

Goldberg (2013), ao discutir as abordagens construcionistas, identifica quatro princípios presentes em todas essas abordagens. Numa delas, afirma que a variação é um dos aspectos fundamentais das línguas naturais, e é um dos fatores a determinar a produtividade de uma construção.

Na proposta de Bybee (2010, 2015), a forma dos sistemas linguísticos, assim como os processos de mudança, é resultado da ação de processos cognitivos de domínio geral, tais como categorização, *chunking*, armazenamento mnemônico rico, analogia e associação transmodal.

O fenômeno da mudança, que ocorre nas línguas ao longo de sua história, é natural e constante e envolve o grupo em geral que constitui a comunidade de fala de uma determinada língua ou de línguas em contato. Conforme Naro:

todos sabemos que as línguas mudam com o tempo. Basta compararmos o português com o latim, ou até com o próprio português da época medieval para notarmos diferenças em todos os níveis, desde a semântica até a sintaxe, passando pela fonologia, pelo léxico, pela morfologia, etc (Naro, 2004, p. 43).

Labov (2007) afirma que, na história da linguística, dois modelos de mudança linguística coexistiram: o modelo de árvore

genealógica e o modelo de ondas, sendo o primeiro o principal deles, que se utiliza de termos como 'língua mãe', 'língua filha', 'parentesco', 'família linguística' e 'descendência'. A sequência ininterrupta de aquisição da linguagem nativa pelas crianças é definida por Labov como *transmissão*. Dessa forma, esse processo é visto pelo autor como o produto da aquisição da linguagem pelas crianças, que exercem um papel fundamental na continuidade da reprodução das línguas naturais utilizadas pelas gerações anteriores ao longo de sua história.

Diessel (2012) afirma que, embora exista um paralelo entre aquisição e mudança, há também diferenças, que são importantes para a compreensão da relação existente entre elas. Para o autor, crianças não são responsáveis pelas mudanças que ocorrem numa língua, mas as mudanças ao longo do tempo e a aquisição caminham juntas porque são conduzidas pelos mesmos princípios. Adultos e crianças têm participação semelhante no processo de mudanças porque o comportamento linguístico dos dois grupos tem como base os mesmos mecanismos psicológicos, como analogia e categorização.

Na visão de Bybee (2010), o uso da linguagem como propulsor das mudanças linguísticas é mais importante do que o processo de aquisição. A autora reforça que na perspectiva funcionalista, que tem como base a experiência, todos os tipos de dados são levados em consideração, por constituírem a *performance* e não a *competência*. Assim, evidências de como a linguagem da criança, experimentos psicolinguísticos, intuições dos falantes, distribuição em *corpora* e mudança linguística são todos considerados fontes relevantes para as representações cognitivas. A autora explica que, nas teorias baseadas no uso, as mudanças ocorrem conforme as línguas são usadas, que existem algumas similaridades e diferenças entre a linguagem da criança e o desenvolvimento diacrônico das línguas, mas isso não é motivo para que as mudanças sejam atribuídas ao processo de aquisição, ou seja, as similaridades existem não porque as crianças sejam as responsáveis pelas mudanças, mas porque a experiência,

a atividade humana com o uso da linguagem envolve as mesmas situações, para crianças e adultos.

Uma consequência do fato de que a linguagem é sempre situada em contexto é a indissociabilidade entre mudança linguística e uso (Fried, 2013). Nesse aspecto, Fried considera a gramaticalização como um fenômeno sintagmático de identificação de mudanças, que deve ser investigado a partir de construções, visto que estas constituem o *locus* das mudanças. Nessa mesma linha de pensamento, Hilpert (2013, p. 459) observa que “as mudanças na forma e no significado podem ser estudadas através de medidas de frequência das formas variantes. Uma variante de uma construção pode se tornar mais frequente ao longo do tempo, alterando assim o protótipo dessa construção”⁵⁰.

O PRINCÍPIO DA NÃO SINONÍMIA DAS FORMAS GRAMATICAIS

A hipótese de que [acabar de inf.] e [terminar de inf.] sejam variantes para a expressão de aspecto terminativo nos leva à seguinte questão: a construção em análise viola o princípio do contraste (Croft, 2001), o princípio da não sinonímia das formas gramaticais, formulado por Givón (1985), e retomado por Langacker (1985), Goldberg (1995) e outros? Conforme (Croft, 2001, p. 111) “se duas estruturas gramaticais ocorrem na mesma língua para descrever a “mesma” experiência, elas vão diferir na conceitualização dessa experiência, de acordo com a diferença nas duas estruturas”⁷⁰. Em outros termos, como defende Goldberg (1995, 2006), duas construções sintaticamente

50

Changes in form and meaning can be studied through frequency measurements of variant forms. One variant of a construction may become more frequent over time, thus altering the prototype of that construction (Hilpert, 2013, p. 459).

distintas devem ser semântica ou pragmaticamente distintas. Croft (2001) acrescenta que o princípio do contraste se baseia na hipótese de que os falantes, diante de palavras ou construções contrastantes, irão tentar identificar alguma diferença de significado ou de contexto social. Numa nota explicativa, Goldberg (1995) alerta para o fato de que não há como provar de maneira conclusiva a aplicabilidade do princípio da não sinonímia porque, para isso, seria necessário investigar todas as construções, em todas as línguas.

Uma outra questão que se coloca é a seguinte: nos casos em que a intercambialidade das formas de V1 é possível, porque existiriam duas formas com a possibilidade de exercer a mesma função, contrariando, aparentemente, o princípio da não sinonímia das formas gramaticais (Givón, 1985; Goldberg, 1995) e o princípio do contraste (Croft, 2001)?

DISCUSSÃO

Nesta seção, discuto os resultados relativos à construção terminativa, a partir da análise de dados das modalidades falada e escrita. Inicialmente, apresento os dados gerais da construção com os verbos acabar e terminar na posição V1 do esquema [V1 de V2 inf.] ao longo dos séculos XIX e XX. Logo em seguida, considero a distribuição dessa duas construção de acordo com os grupos de fatores referentes às propriedades de V2, quais sejam: telicidade, controle do sujeito, tipo de processo e item lexical.

Com o objetivo de obter evidências que permitam discutir a intercambialidade das construções deste estudo, analiso nesta seção algumas propriedades semânticas dos V2 da construção terminativa com V1 acabar e terminar e destaco as semelhanças entre as suas propriedades. Para tanto, utilizo amostras de escrita dos séculos XIX

e XX e amostras de fala e de escrita do século XX. A análise dos dados mostra que a expressão do aspecto terminativo se faz preferencialmente pela instância [acabar de inf.]. No entanto, é constatado um aumento de frequência da instância [terminar de inf.] no século XX.

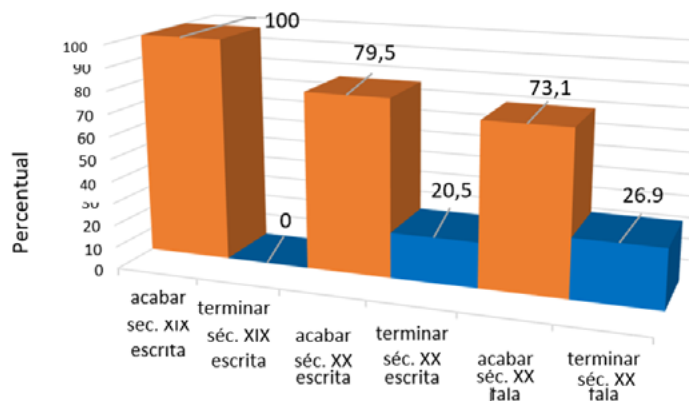
A ocorrência com o verbo terminar na posição V1 da construção em análise, conforme os dados utilizados nesta pesquisa, é posterior à do verbo acabar. Há indicações, portanto, de que as ocorrências com o verbo acabar, como expressão do aspecto terminativo, são mais antigas, o que explica, em parte, a prevalência do uso desse verbo na formação de aspecto terminativo. Embora Travaglia (2010) ateste a ocorrência de acabar como verbo auxiliar apenas no século XVI, uma pesquisa na base de dados do CIPM – *Corpus Informatizado do Português Medieval*⁵¹, permite identificar registros da construção terminativa com acabar no século XIV, como se pode observar no trecho a seguir, da Crônica Geral de Espanha: “Depois que esto acabou de dizer, levantousse o Cide e foilhe beyjar a ma~a~o e depois todollos outros que hi estava~ por ele”.

Considerando a frequência da construção de aspecto terminativo, a forma acabar é significativamente mais frequente do que a forma terminar, como mostra o gráfico 1:

51

<http://cipm.fcsh.unl.pt/gencontent.jsp?id=4>.

Gráfico 1 - Distribuição da construção de aspecto terminativo com [acabar de inf.] e [terminar de inf.]



V1	SÉCULO XIX	SÉCULO XX	
		ESCRITA	FALA
Acabar	241	97	19
Terminar	0	25	7
TOTAL	241	122	26

Fonte: o próprio autor.

A distribuição da construção de aspecto terminativo, como pode ser observado no gráfico 1, varia significativamente do século XIX para o século XX, não apenas quantitativamente, mas também qualitativamente. Na amostra do *Corpus* do Português, século XIX, não há um único registro com o verbo *terminar* na posição V1, o que sugere que essa forma verbal teria sido recrutada para a posição V1 do esquema [V1 de V2 inf.] somente no século XX.

Uma explicação plausível para o recrutamento de *terminar* na posição V1 dessa construção pode ser encontrada no âmbito da LFCU, visto que a analogia (Boas, 2003; Bybee, 2010; Bybee; Eddington, 2006) é um processo altamente produtivo, que permite o surgimento de novos itens e desempenha um papel fundamental na aquisição e na mudança linguística, baseando-se em similaridade

entre instâncias já existentes. Assim, a construção terminativa com V1 acabar deve ter recrutado o verbo terminar, ampliando a frequência e a produtividade da construção.

No século XX, o verbo terminar é recrutado pelo esquema [V1 de V2 inf.], e passa a preencher o *slot* V1, na mesma posição em que já havia o verbo acabar em séculos anteriores. Não obstante, tanto na escrita quanto na fala, a expressão do aspecto terminativo continua a se manifestar preferencialmente com o verbo acabar na posição V1 da construção.

TELICIDADE

Telicidade é uma propriedade que distingue uma situação que, obrigatoriamente, necessita de um fim para ter existência, situação télica, da situação que não necessita de um fim para ter existência, situação atélica. Esse grupo de fatores estabelece uma relação de muita proximidade com o aspecto terminativo. A diferença é que o aspecto terminativo indica uma situação que envolve os momentos finais ou o término de uma situação, enquanto a telicidade envolve uma situação que é tendente ou não a um fim. De tal modo que uma situação pode ser télica e outra pode ser atélica independentemente de terem chegado ao fim. Assim, as situações expressas pelos exemplos (1) e (2) já chegaram ao fim, mas é télica a situação descrita em (1) e atélica a situação descrita em (2):

- (1) O caso é que concluí o soneto. A bem dizer não o concluí no bonde: acabei de concluir na repartição, apesar de um parecer urgente que me atenazou o dia (CP, XX, Amadeu Amaral. Memorial de um passageiro de bonde, Fic, 1921).
- (2) O depoente presenciou quando a vítima, ao terminar de tomar cerveja, pegou, deu uma golada no resto da cerveja e cuspiu para fora, quando passava pelo local um desconhecido do declarante que foi atingido por aquela cuspidinha de cerveja (CP, XX, Maria Inês Caetano Ferreira. Homicídios na periferia de Santo Amaro, Ac, SD).

Em (1), “acabar de concluir um soneto” indica uma situação télica, tendente a um fim. É uma situação que se realiza somente quando o soneto for concluído. Por outro lado, em (2), a situação não necessita chegar ao fim para ter existência. Posso estar no processo de tomar cerveja, não ter chegado ao fim, mas já ter tomado a bebida.

Os exemplos acima mostram que a telicidade não está ligada apenas ao verbo, comprovando a observação de Comrie (1976), ao dizer que as situações ou os verbos não são naturalmente télicos ou atélicos, porque a descrição das situações envolve, além dos verbos, os seus argumentos (sujeitos, objetos).

CONTROLE DO SUJEITO

A construção em análise impõe restrições na natureza do sujeito. Algumas formas verbais exigem um sujeito controlador, ou seja, nos termos de Dik (1989), um sujeito que tem a possibilidade de decidir se um estado de coisas irá ocorrer, como no exemplo (3). Outros verbos, por sua vez, não exigem sujeitos controladores do estado de coisas descrito, conforme o exemplo (4):

- (3) A gente numa viagem daqui pra São Paulo de duas horas e meia - quando você - termina de almoçar você chega em São Paulo - né? (CP, XX, Or:Br:LF:Recf).
- (4) Aí faz aquele molho grossinho, aí bota a carne seca ali, aí boto a abóbora junto, ela não tá cozida, né? ela tá crua, aí você deixa cozinhar junto e a carne seca já deu uma fervura, já tirou aquela gordura, entendeu? Aí já deu uma desfiada nela, aí bota ali, ela acaba de cozinhar, junto com a abóbora, a abóbora tá cozinhando (PEUL, Amostra Censo 2000, Entrevista 18).

Em (3), o sujeito de ‘almoçar’, representado pelo pronome de segunda pessoa ‘você’, tem o poder de decisão a respeito de querer ou não querer ‘almoçar’. Ele exerce a função de controlador do estado de coisas. Em (4), por outro lado, o sujeito de ‘cozinhar’, pronominalizado

por 'ela', que retoma 'a carne seca', não dispõe de nenhum poder de decisão, de nenhum controle sobre o processo de cozinhar⁵².

Nos dados do século XIX, a maior parte das ocorrências da construção com *acabar* apresenta sujeitos controladores, com 86,7%, e apenas 13,3% apresentam sujeitos não controladores, com diferença de 73,4 pontos percentuais a favor das instâncias com o traço controle. Essa diferença se mantém semelhante nos dados de escrita e de fala do século XX. Tanto nos dados de escrita quanto de fala do século XX, a construção com *terminar* é categoricamente associada a sujeitos controladores, figurando em 100% das ocorrências.

Esse resultado ocorre, provavelmente, porque o processo de mudança de controle do sujeito ainda não se intensificou nessas construções, diferentemente do que ocorre com as construções cessativas, conforme Loiola (2018), em que a diferença de frequência do traço de controle entre os dois séculos é significativa.

Pelos resultados obtidos para o traço de controle, não é possível saber se está havendo aumento da frequência de instâncias da construção com V1 *acabar* em que o sujeito é não controlador, dada a semelhança de frequência entre os séculos XIX e XX. Com base na diferença de frequência entre sujeito controlador e sujeito não controlador para as instâncias com V1 *acabar* e na ausência de instâncias com V1 *terminar*, com sujeito não controlador, é possível pressupor que essa construção estivesse mais restrita a sujeito controlador e tenha se expandido, progressivamente, para V2 com o traço de não controlador.

ITEM LEXICAL

Uma questão central na perspectiva da LFCU é a de que um exemplar constituído por um item lexical específico pode representar o ponto de partida para a formação de novos itens. Esta possibilidade é examinada nesta seção a partir da análise do item lexical que preenche o slot V2 da construção. Essa análise, ao verificar a frequência do item lexical da posição V2, possibilita e reforça uma explicação mais apurada dos resultados relativos a outros grupos de fatores.

Admito a possibilidade de que, do século XIX para o século XX, tenha ocorrido expansão dos itens lexicais que podem preencher a posição V2 da construção em análise. O primeiro passo para a verificação dessa hipótese é a consideração do número de itens lexicais distintos que ocupa a posição V2 e sua proporção em relação ao número de tokens da construção, como mostrado na tabela 1:

Tabela 1 - distribuição de itens lexicais distintos que preenchem a posição V2 da construção terminativa

SÉCULO	XIX	SÉCULO XX ESCRITA		SÉCULO XX FALA	
V2	Acabar	Acabar	Terminar	Acabar	Terminar
Total de itens lexicais distintos	106	56	21	9	7
Tokens	241	97	25	19	7

Fonte: o próprio autor.

No século XIX, a proporção itens lexicais/tokens da construção com acabar é de 1/2,27, ou seja, para cada item lexical há 2,27 tokens. Nos dados de escrita do século XX, essa proporção é de 1/1,73 nas instâncias com acabar, enquanto nas ocorrências de fala, a proporção itens lexicais/tokens é de 1/2,11. Isso mostra que, nos dados

de escrita desta pesquisa, do século XIX para o século XX, houve um aumento aproximado de 30% da frequência dos itens de V2 das ocorrências com acabar, de acordo com o resultado mostrado acima.

A proporção de itens lexicais/tokens das instâncias com terminar nos dados de escrita é de 1/1,19. A proporção é quase de 1/1, o que mostra um número elevado de itens lexicais. Na modalidade de fala, a proporção de itens lexicais/tokens é de 1/1, a mais alta de todos.

Comparando as ocorrências de V1 acabar com V1 terminar, tanto nos dados de escrita quanto nos dados de fala do século XX, observa-se que a frequência de itens lexicais das ocorrências com terminar é bem mais elevada do que a frequência daquela com o V1 acabar. A proporção itens lexicais/tokens com acabar é de 1/1,73, enquanto com terminar a proporção é de 1/1,19, ou seja, aumento aproximado de 45% da frequência dos itens lexicais. Uma análise mais detalhada permite verificar, no entanto, diferenças significativas na frequência de ocorrência dos itens lexicais que preenchem a posição V2, como mostra a tabela 2. Examinei apenas as formas verbais com no mínimo três tokens, pois este é um critério usado, em geral, nos estudos de *corpora* que consideram a frequência como um critério relevante.

**Tabela 2 - distribuição de itens lexicais mais frequentes
de acordo com V1 da construção terminativa**

SÉCULO XIX		SÉCULO XX ESCRITA			SÉCULO XX FALA		
Item lexical	V1 acabar	Item lexical	V1 acabar	V1 terminar	Item lexical	V1 acabar	V1 terminar
Ler	43 17,8%	Falar	10 10,3%	—	Fazer	6 31,5%	—
Falar	22 9,1%	Ler	7 7,2%	1 4,0%	Pagar	5 26,3%	1 14,3%
Jantar	15 6,2%	Escrever	5 5,2%	1 4,0%	Rodar	2 10,5%	1 14,3%
Almoçar	14 5,8%	Dizer	5 5,2%	—	Almoçar	1 5,2	1 14,3%
Pronunciar	7 2,9%	Beber	4 4,1%	1 4,0%	Cozi nhar	1 5,2%	—
Proferir	6 2,5%	Vestir	4 4,1%	3 12,0%	Esfriar	1 5,2%	—
Ouvir	6 2,5%	Arrumar Fazer Fechar	3 3,1% cada	—	Asfaltar	1 5,2%	—
Dizer Fazer Tomar Vestir	4 1,66% cada	Comer	—	2 8,0%	—	—	—
Atravessar Cantar Comer Convencer	3 1,24% cada	Costurar	—	2 8,0%	—	—	—

Fonte: o próprio autor.

Nos dados do século XIX, destaca-se a frequência mais elevada do verbo ler, com 17,8%. Em seguida, temos o verbo falar, com 9,1% das ocorrências. O verbo jantar é o terceiro mais recorrente, com 5,8% das ocorrências. É um dado relevante porque essa forma aparece apenas duas vezes nos dados de escrita do século XX e não é atestada nos dados de fala. Nos dados de escrita do século XX com V1 acabar, o verbo falar se destaca igualmente como o mais frequente, com 10,3% dos dados. As ocorrências com o verbo ler, com 7,2% da frequência, figuram em segundo lugar, enquanto as ocorrências com o verbo escrever apresentam 5,2% do total de dados.

Nas ocorrências com o verbo terminar, nos dados de escrita, o item mais recorrente, com três tokens, é o verbo proferir, que representa 12,0% das ocorrências. Nos dados de fala, cada item lexical equivale a um token, uma consequência natural do baixo número de dados dessa construção na fala.

Quando se comparam os dados do século XIX com os dados de escrita do século XX, percebe-se que há uma inversão de frequência desses verbos, pois o verbo ler sai da primeira colocação no século XIX para a segunda no século XX, enquanto o verbo falar sai da segunda para a primeira colocação. Ainda assim, continuam sendo as duas formas verbais mais frequentes. Nos dados de fala, no entanto, as duas formas que mantêm a liderança nas instâncias com V1 acabar são os verbos fazer e pagar.

SEMELHANÇAS ENTRE AS INSTÂNCIAS COM ACABAR E TERMINAR

Os resultados já discutidos nas subseções anteriores sugerem que há muitas semelhanças entre as instâncias da construção analisada, como se pode observar nos exemplos (5) e (6):

- (5) Alfinete caminha para um deles, Dito fica mais atrás. Bate na porta, a mulher ainda jovem bota a cabeça. - Vamos entrando. Manda que Dito sente. Tem olhos tristes, rosto magro, cabelos longos. Está terminando de vestir-se. - Sueli foi chamar Carla. - E seu nome, como é? - indaga Dito. - Sou Beth. (CP, XX, José Pixote Louzeiro. Infância dos mortos, Fic, 1977).
- (6) Novamente no sofá de couro, Flávia tirou do porta-jornais o Correio da Manhã do último domingo, e deu com o Presidente Kubitschek carregado pelo povo, no centro da primeira página, ao mesmo tempo que a Cacilda dizia, alvoroçada, acabando de vestir-se: - Vem comigo, Flávia. O Juscelino vai embarcar para o exílio (CP, XX, Josué Montello. O silêncio da confissão, Fic, 1980).

Os exemplos (5) e (6) apresentam as mesmas propriedades sintático-semânticas, dentre as que estão sendo consideradas na análise, ou seja, são instâncias terminativas, dinâmicas, télicas, de sujeito agentivo, humano e controlador, durativas, imperfectivas, de processo material, com V1 na forma de gerúndio e V2 com a mesma forma lexical⁵³.

As mesmas semelhanças observadas entre os exemplos (5) e (6), com V2 vestir-se, podem ser constatadas no exemplo (7) e (8), com V2 despir-se:

- (7) Sem lhe falar, ele a prendeu pelos ombros, com um sopro apagou a lamparina, que lhe tirou das mãos; depois, passando o braço sobre os seus ombros, a foi levando para o outro lado do mirante. Ali, ao pé da cama, segurou-lhe a barra do vestido, e foi ela que acabou de despir-se, tirando a roupa pelo decote. Em seguida, como envergonhada, escondeu na concha das mãos os seios duros, de grandes mamilos, sempre a dizer: - Ocê é doido, ocê não tem mesmo juízo (CP, XX, Josué Montello. A noite sobre Alcântara, Fic, 1978).
- (8) Ela não teve qualquer pejo em se despir, ali mesmo. Tirou a roupa calmamente, sem pressa. Ele ficou olhando. Lúcia era bonita e esbelta. Morena clara, cabelos castanhos, olhos vivos, e uma boca larga, carnuda, de lábios sensuais. Seu corpo era jovem, saudável, perfeito. Ela terminou de se despir e mergulhou na água cristalina e inigualável daquele recanto paradisíaco, perdido na selva. Quando voltou à tona, nadou para junto dele (Pedro Corrêa Cabral. Xambioá: Guerrilha do Araguaia, Fic, 1993).

Os exemplos (7) e (8) apresentam propriedades dinâmicas, télicas, de sujeito agentivo, humano e controlador, durativas, perfectivas, de processo material, com V1 na forma de pretérito perfeito, e V2 com a mesma forma lexical. Como se observa, a única diferença perceptível entre esses exemplos é a colocação do pronome reflexivo, em forma de ênclise em (7), e de próclise em (8), o que reflete apenas a possibilidade de variação na posição do pronome nos dois casos.

Vejamos o que ocorre com os exemplos (9) e (10):

53

Por questão de espaço, nem todos esses grupos de fatores foram desenvolvidos nas subseções anteriores.

- (9) Pretextei um pouco de dor de cabeça, com o balanço do navio, e vim me refugiar no camarote. Aqui, acabei de ler o romance que a Louise me deu no meu aniversário, com a recomendação de que não o mostrasse a ninguém: *Madame Bovary*. Gostei muito (CP, XX, Josué Montello. *A noite sobre Alcântara*, Fic, 1978).
- (10) Hélió Gordo apareceu na porta do gabinete do redator-chefe, gritou meu nome: - Jorge Elias! Sobre a atravancada mesa do dr. Veiga de Castro havia um longo telex que ele terminava de ler. Puxei uma cadeira. - Como anda o caso do helicóptero? - indagou. - Meio difícil. O medo é geral (CP, XX, José Louzeiro. *Devotos do ódio*, Fic, 1987).

A diferença mais significativa existente entre (9) e (10) é a de perfectividade, visto que a primeira instância expressa aspecto perfectivo e a segunda expressa imperfectivo. Essa configuração é, no entanto, apenas uma circunstância do arranjo morfossintático do V1 das duas instâncias, sendo a primeira constituída por um V1 na forma de pretérito perfeito, e a segunda, por uma forma de pretérito imperfeito.

Assim como nos dados de escrita, nos dados de fala há diversas semelhanças entre as instâncias da construção com os V1 acabar e terminar, como é o caso dos exemplos (11) e (12):

- (11) E realmente os equipamentos modernos de aviação hoje são muito confortáveis - já o conforto do indivíduo passar o tempo ou comendo ou ouvindo música - né? a gente numa viagem daqui pra São Paulo de duas horas e meia - quando você - termina de almoçar você chega em São Paulo - né? e: nesse: ínterim você ouviu música você tomou drinque você / realmente eles fazem o (CP, XX, Or:Br:LF:Ref).
- (12) Depende da festa. Se for do grupo é, né? porque você um monte de gente diferente, dança, canta, brinca, não sei o que, de fora que é tudo a mesma coisa, todo mundo sabe quem é, aí fica cada grupinho conversando sobre um assunto, aí por exemplo almoço, vinha todo mundo, acaba de almoçar vai todo mundo dormi, ou então uns vão jogá ou então vê televisão, mas daqui a pouco tá todo mundo dormindo (PEUL, Amostra Censo 2000, entrevista 22).

Da mesma forma que ocorre com os exemplos (5) e (6), da escrita, os exemplos (11) e (12), da fala, apresentam as mesmas

propriedades sintático-semânticas, constituindo, ambos, instâncias terminativas, dinâmicas, télicas, com sujeito agentivo, humano e controlador, durativas, imperfectivas, de processo material, com V1 na forma de presente do indicativo e V2 com a mesma forma lexical almoçar.

Vejamos mais um caso de semelhanças entre as instâncias terminativas na modalidade de fala, os exemplos (13) e (14):

- (13) Eu nem comuniquei à Caic e ao Lacerda que estava fazendo um filme diferente do que tinha ganhado o concurso. Filmávamos sem parar. Guido Cosulich viajou no dia em que acabamos de rodar. Ele fez uma luz muito moderna, em cima de Godard e de Raoul Cotard. Estado - Do ponto de vista formal, o filme pretendia inovar. Saraceni - Pensei em fazer um filme- manifesto do Cinema Novo, uma idéia na cabeça e uma câmera na mão (CP, XX, Or:Br:Intrv:ISP).
- (14) Eu carregava a câmera e tudo mais por aí a fora. Essa época eu tinha uma energia incrível, não é? Aí, papai dizia assim: "Mas meu filho, você sabe onde você está se metendo? O cinema aqui no Brasil é uma loucura! Não tem nenhum futuro!" Terminamos de rodar e aí o Paulo César viajou, veio a tal bolsa lá da Itália, e eu fiquei acabando a montagem do "Arraial do Cabo". Ficou com 25 minutos e eu achei que estava comprido, muito grande. (CP, XX, Or:Br:Intrv:Web).

Os exemplos (13) e (14) parecem ser os mais representativos das amostras de fala quanto à semelhança entre as propriedades analisadas. Além de apresentarem as mesmas propriedades sintático-semânticas, ainda se inserem no mesmo contexto pragmático, que envolve a linguagem da produção cinematográfica, como filme, cinema, câmera, rodar, presente nos dois exemplos.

Assim, os diversos exemplos sugerem que as instâncias da construção terminativa com V1 acabar e terminar são similares quanto aos significados que apresentam, visto que há uma série de contextos em que elas são intercambiáveis. Logo, é possível sugerir que essa construção contraria o princípio da não sinonímia das formas gramaticais, proposto por Givón (1985) e o princípio do contraste, proposto por Croft (2001).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste capítulo, apresentei os resultados de uma pesquisa a respeito da expressão da categoria de aspecto por meio de uma construção representada pelo esquema [V1 de V2 inf.], em que o V1 é preenchido pelos verbos *acabar* e *terminar*, seguidos da preposição *de*, e o V2 é preenchido por verbos diversos no infinitivo.

Considerando a observação de Hilpert (2013), segundo à qual a frequência seria um fator relevante para as mudanças na forma e no significado, poderíamos pensar na possibilidade de estar havendo uma mudança na construção analisada, visto que essa construção não apresentava no século XIX o V1 com *terminar*, e passar a apresentar com frequência significativa essa forma no século XX. Não creio que esteja havendo uma substituição de formas de V1, mas apenas uma alternância de variantes no uso da língua, visto que uma nova forma foi recrutada pelo processo de analogia, devido às similaridades semânticas entre as formas de V1, conforme já observara Bybee (2010).

Acredito que este capítulo tem o potencial de trazer uma contribuição relativamente significativa para a pesquisa linguística, notadamente no que se refere à discussão a respeito do princípio da não sinonímia das formas gramaticais, visto não haver um número expressivo de trabalhos que tenham se debruçado sobre essa questão. Creio que a construção em análise viola tal princípio, com base na análise desenvolvida no capítulo, que mostra a existência de duas variantes de V1 da construção, idênticas em diversas categorias de significado, conforme os exemplos analisados.

Finalmente, este estudo não tem a pretensão de esgotar as possibilidades de análise da construção terminativa em discussão. Outros estudos que venham a tratar dessa demanda poderiam trazer novas informações que poderiam alumiar melhor a teoria a respeito

do princípio da não sinonímia, particularmente sobre o aspecto, uma categoria que envolve um ponto de vista, porque só a curva muda o curso da estrada e nos leva a outra visão.

REFERÊNCIAS

- AARTS, Bas. **Syntactic Gradience**: The Nature of Grammatical Indeterminacy. Oxford: Oxford University Press, 2007.
- BARLOW, Michael; KEMMER, Suzanne. Introduction: a usage-based conception of language. *In*: BARLOW, Michael; KEMMER, Suzanne. (eds) **Usage based models of language**. Stanford: CSLI Publications, 2000.
- BOAS, Hans. **A constructional approach to resultatives**. (Stanford Monographs in Linguistics). Stanford, CA: CSLI Publications, 2003.
- BYBEE, Joan. **Language, usage and cognition**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.
- BYBEE, Joan. Usage-based theory and exemplar representation of constructions. *In*: HOFFMAN, Thomas; TROUSDALE, Graeme. (ed.). **The Oxford Handbook of Construction Grammar**. Oxford: University Press, 2013. p. 49-69.
- BYBEE, Joan. **Language change**. Cambridge: Cambridge University Press, 2015.
- BYBEE, Joan; EDDINGTON, David. A usage-based approach to Spanish verb of 'becoming'. **Language**, v. 82, No. 2, p. 323-355, 2006. Disponível em https://www.researchgate.net/profile/David_Eddington/publication. Acessado em 17 de julho de 2024.
- COMRIE, B. **Aspect**: an introduction to the study of verbal aspect and related problems. Cambridge: Cambridge University Press, 1976.
- CROFT, William. **Radical construction grammar**: syntactic theory in typological perspective. Oxford: The Oxford University Press, 2001.
- DAVIES, Mark; FERREIRA, Michael. **Corpus do Português**: 45 million words, 1300s-1900s. Disponível em <http://www.corpusdoportugues.org>, 2006.

DIESEL, Holger. Language Change and Language Acquisition. *In*: BERGS, Alex; BRINTON, Laurel. (ed.). **Historical Linguistics of English: An International Handbook**. Berlin: Mouton de Gruyter, v. 2, p. 1599-1613, 2012. <http://www.personal.uni-jena.de/~x4diho/publi.html>. Acessado em 15 de julho de 2024.

FRIED, Mirjam. Principles of constructional change. *In*: HOFFMAN, Thomas; TROUSDALE, Graeme. (ed.). **The Oxford Handbook of Construction Grammar**. Oxford: University Press, p. 419-437, 2013.

GIVÓN, Talmy. Function, Structure, and Language Acquisition. *In*: SLOBIN, D. I. **The Crosslinguistic Study of Language Acquisition**. Hillsdale, N.J.: Lawrence Erlbaum Associates, v. 2, p. 1005-1028, 1985.

GIVÓN, Talmy. **Functionalism and Grammar**. John Benjamins Amsterdam/Philadelphia, 1995.

GOLDBERG, Adele Eva. **Constructions: a construction grammar approach to argument structure**. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

GOLDBERG, Adele Eva. **Constructions at work: the nature of generalization in language**. Oxford: Oxford University Press, 2006.

GOLDBERG, Adele Eva. Constructionist approaches. *In*: HOFFMAN, Thomas; TROUSDALE, Graeme. (eds.). **The Oxford Handbook of Construction Grammar**. Oxford: Oxford University Press, 2013. p. 15-31.

HILPERT, Martin. Corpus-based approaches to constructional change. *In*: HOFFMAN, Thomas; TROUSDALE, Graeme. (ed.). **The Oxford Handbook of Construction Grammar**. Oxford: University Press, 2013. p. 458-475.

LABOV, William. **Padrões sociolingüísticos**. Trad. de Marcos Bagno; Maria Marta Pereira Scherre; Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].

LABOV, William. **Transmission and diffusion**. Disponível em: www.ling.upenn.edu/~wlabov/Papers/TD.pdf. Acessado em 20 de agosto de 2024.

LANGACKER, Ronald. Observations and Speculations on Subjectivity. *In*: HAIMAN, John. ed., **Iconicity in Syntax**. Amsterdam: John Benjamins, 1985. p. 109-150.

LANGACKER, Ronald. **Concept, image and symbol: the cognitive basis of grammar**. Berlin: Mouton de Gruyter, 1991.

LANGACKER, Ronald. Grammaticalization and cognitive grammar. *In*: NARROG, Heiko & HEINE, Bernd. **The Oxford handbook of grammaticalization**. Oxford: The Oxford University Press, 2011. p. 79-91.

LOIOLA, Rubens Lacerda. **Construções de aspecto terminativo e cessativo no português brasileiro**. 2018. Tese (Doutorado em Linguística) – Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro. Faculdade de Letras, 2018.

NARO, Anthony Julius. Modelos quantitativos e tratamento estatístico. *In*: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza. (org.). **Introdução à sociolinguística**: o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2004.

OLBERTZ, Hella. **Verbal periphrases in a functional grammar of Spanish**. Berlin: Mouton de Gruyter, 1998.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. Uma gramaticalização em cadeia para indicação de aspectos? *In*: VITRAL, Lorenzo; COELHO, Sueli (org.). **Estudos de processos de gramaticalização em português**: metodologias e aplicações. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, p. 75-104, 2010.

14

Rubens Lacerda Loiola

VARIATION OF TERMINATIVE ASPECT IN BRAZILIAN PORTUGUESE IN THE 19TH AND 20TH CENTURIES

DOI: 10.31560/pimentacultural/978-85-7221-339-4.14

This study aims to (i) analyze the variation of a construction to express terminative aspect in Brazilian Portuguese and (ii) verify the possible interchangeability between the verbal forms of this construction, that is, the possibility that they occur in the same context. I consider as a variable the verb in position V1 of the terminative construction, which has two variants: finish and terminate, in [*acabar* de Vinf.] and [*terminar* de Vinf.]. Admitting that the different forms of V1 are variants of the same function, I discuss to what extent this construction is in contradiction with the the principle of non-synonymy of grammatical forms, already proposed by Givón (1985) and taken up by Goldberg (1995), then by Croft (2001) as principle of contrast.

I share the vision of Usage-Centered Functional Linguistics, hereinafter UCFL, according to Langacker (1991, 2011), Goldberg (1995, 2006), Barlow; Kemmer (2000), Bybee (2010, 2013, 2015), which combines assumptions from functionalist models, mainly American, and cognitive grammar. This perspective shares the hypothesis defended, for example, by Givón (1995), that the description of languages cannot be done adequately if grammar is considered an autonomous system. The author proposes that, to understand grammar and why it is configured in one way or another, it is necessary to refer to the natural parameters that shape language and grammar, namely, cognition and communication, the brain and the language processing, social interaction and culture, change and variation, acquisition and evolution. Hilpert (2013) notes that changes in form and meaning can be studied by measuring the frequency of variant forms. A variant of a construct may become more frequent over time, thus changing the prototype of that construct. According to Olbertz (1998), in Peninsular Spanish, the verbs *acabar* and *terminar*, as semi-auxiliary and auxiliary verbs, are interchangeable.

The hypothesis proposed here is that this same situation occurs in Brazilian Portuguese. Although this construction presents variation in form, it appears to maintain the same semantic function. The hypothesis that [*acabar* de Vinf.] and [*terminar* de Vinf.] are

variants for the expression of terminative aspect leads us to the following question: Does the construction under analysis violate the principle of contrast (Croft, 2001), the principle of non-synonymy of grammatical forms, formulated by Givón (1985), and taken up by Langacker (1985), Goldberg (1995) and others? According to Croft (2011: 111), "if two grammatical structures occur in the same language to describe the "same" experience, they will differ in the conceptualization of that experience, according to the difference in the two structures". In other words, as Goldberg (1995, 2006) argues, two syntactically distinct constructions must be semantically or pragmatically distinct. In cases where the interchangeability of V1 forms is possible, especially in the terminative construction, why would there be two forms with the possibility of performing the same function, apparently in contradiction with the principle of non-synonymy of grammatical forms (Goldberg, 1995) and the principle of contrast (Croft, 2001)? If use is variable, as it depends on the speaker's experiences, natural languages are necessarily characterized by variation and gradiency, as defended by Bybee (2010) and Aarts (2007), among others.

Opposing the assumption of linguistic categories as discrete units, UCFL argues that linguistic categories are difficult to distinguish, do not present rigid boundaries and are distributed, in most cases, on a continuum. Bybee (2010) explains that gradient is linked to the fact that many linguistic categories have features that make them difficult to distinguish one from another. This difficulty involves differences between inflection and derivation, between words and affixes, between productive and non-productive constructions. Thus, gradiency and variation constitute the main reason for considering language as a complex and malleable system (Bybee, 2010), constantly adapting to the communicative needs of speakers. Goldberg (2013), when discussing constructionist approaches, identifies four principles present in all of these approaches. In one of them, he states that variation is one of the fundamental aspects of natural languages and is one of the factors that determine the productivity of a construction. In Bybee's proposal (2010, 2015), the form of linguistic

systems, as well as change processes, is the result of the action of domain-general cognitive processes, such as categorization, chunking, rich memory storage, analogy and cross-modal association.

The phenomenon of change, which occurs in languages throughout their history, is natural and constant and involves the group in general that constitutes the speech community of a given language or languages in contact. Labov (2007) states that, in the history of linguistics, two models of linguistic change coexisted: the family tree model and the wave model, the first being the main one, which uses terms such as 'mother tongue', 'language daughter', 'kinship', 'linguistic family' and 'descent'. The uninterrupted sequence of native language acquisition by children is defined by Labov as transmission. Thus, this process is seen by the author as the product of language acquisition by children, who play a fundamental role in the continued reproduction of natural languages used by previous generations throughout their history. The hypothesis that [*acabar* de inf.] and [*terminar* de inf.] are variants for the expression of terminative aspect leads us to the following question: the construction under analysis violates the principle of contrast, the principle of non-synonymy of grammatical forms? In other words, as Goldberg (1995, 2006) argues, two syntactically distinct constructions must be semantically or pragmatically distinct.

Croft (2001) adds that the principle of contrast is based on the hypothesis that speakers, faced with contrasting words or constructions, will try to identify some difference in meaning or social context. On an explanatory note, Goldberg (1995) warns that there is no way to conclusively prove the applicability of the principle of non-synonymy because, to do so, it would be necessary to investigate all constructions, in all languages. Another question that arises is the following: in cases where the interchangeability of V1 forms is possible, why would there be two forms with the possibility of performing the same function, apparently in contradiction with the principle of non-synonymy of grammatical forms? In order to achieve the proposed objectives

and answer the questions of this research, the relationship between the formal and semantic properties of this construction is analyzed. The analyzed texts, spoken and written, were obtained through the PEUL (Program of Studies on the Use of Language), based at the Faculty of Letters of the Federal University of Rio de Janeiro, and the Corpus of Portuguese, organized by Davies; Ferreira (2006).

I mainly use the methodological perspective that goes from function to form. This means that the research approach starts from the functional aspect domain to identify patterns related to the construction that expresses the notions of terminative aspect. The occurrence of the verb terminate in position V1 of the construction under analysis, according to the data used in this research, is later than that of the verb finish. There are indications, therefore, that the occurrences with the verb finish, as an expression of the terminative aspect, are older, which explains, in part, the prevalence of the use of this verb in the formation of the terminative aspect. In this chapter, I have presented the results of research regarding the expression of the aspect category through a construction represented by the scheme [V1 *de* V2 inf.], in which V1 is filled by the verbs “finish” and “terminate”, followed by the preposition *de*, and V2 is filled with different verbs in the infinitive.

Considering Hilpert’s (2013) observation, according to which frequency would be a relevant factor for changes in form and meaning, we could think about the possibility that there is a change in the construction analyzed, since this construction did not present in the 19th century the V1 with terminate and began to present this form with significant frequency in the 20th century. I do not believe that there is a replacement of V1 forms, but only an alternation of variants in the use of the language, since a new form was recruited through the analogy process, due to the semantic similarities between the V1 forms, as Bybee had already observed (2010). I believe that this chapter has the potential to make a relatively significant contribution to linguistic research, notably regarding the discussion on the principle

of non-synonymy of grammatical forms, as there is not a significant number of works that have focused on this question.

I believe that the construction under analysis violates this principle, based on the analysis developed in the chapter, which shows the existence of two variants of V1 of the construction, presented as identical in different categories of meaning, according to the examples analyzed. The results suggest that there are many similarities between the instances of this construction, with the same syntactic-semantic properties, among those that were considered in the analysis: they are terminative, dynamic, telic, agentive, human and controlling subject, durative and perfective/imperfective instances. Finally, this study does not intend to exhaust the possibilities for analyzing the terminative construction under discussion. Other studies that address this demand could bring new information that could better illuminate the theory regarding the principle of non-synonymy, particularly regarding aspect, a category that involves a point of view, because only the curve changes the course of the road and takes us to another view.

15

Gildaris Ferreira Pandim

COLOCAÇÕES COM OS VERBOS FAZER E PÔR:

ESTUDO A PARTIR
DO *CORPUS* ÁFRICA

RESUMO

Este trabalho faz parte de um projeto intitulado “Estudo lexical do português com base no *corpus* África”, cujo objetivo consiste em identificar e descrever particularidades linguístico-culturais específicas das variedades do português registradas nos PALOP. Dentre os fraseologismos em português, são frequentes, de acordo com estudos quantitativos, aqueles formados por substantivos que designam partes do corpo ou ainda locuções contendo verbos de estado. Em pesquisa anterior (Pandim, 2024), contudo, comprova-se que verbos-suporte se revelam significativos para a observação de fraseologismos em português, como aqueles com os verbos fazer e pôr, objetos de estudo aqui explorados. Objetivando perceber e descrever usos socioculturais próprios a essas realidades, proceder-se-á ao levantamento das colocações contendo esses verbos. Tenciona-se contribuir para caracterização do patrimônio linguístico-cultural do idioma, com a análise das colocações que revelam elementos socioculturais dos PALOP: (i) fazer candonga, fazer candongazinha; (ii) fazer machamba; (iii) fazer kumbosadia; (iv) pôr os mambos; e (v) pôr estigas.

Palavras-chave: Fraseologismo; Cultura; Português dos PALOP.

INTRODUÇÃO

Nota-se no *corpus* África (Centro de Linguística e Centro de Física teórica e computacional da Universidade de Lisboa) uma frequência importante dos verbos-suporte *fazer*, *dar*, *ter*, *pôr* ou *tomar*. A observação das palavras em contexto de uso, de extensão variável, uma das ferramentas disponibilizadas na plataforma CQPweb (outubro de 2019), que aloja o referido *corpus*, revela, por exemplo, que a forma *dar** aparece 1,649 vezes em 590 textos diferentes.

Tais dados quantitativos somam-se aos qualitativos nesta pesquisa, uma vez que o objetivo principal consiste no levantamento e na descrição sincrônica das colocações formadas com os verbos *fazer* e *pôr* em português, observadas em documentos autênticos orais e escritos, provindos dos Países africanos de língua oficial portuguesa (PALOP). Com efeito, por ser um *corpus* comparável das cinco variedades do português, composto de 3.200.124 palavras e de 3.082 textos, o *corpus* África permite aos usuários consultarem os valores semânticos, os registros de língua e os valores sociolinguísticos, disponibilizando ferramentas como o concordanciador, a lista de frequências e análises manuais do contexto expandido de uma palavra ou grupo de palavras.

Sabe-se que, nas construções com verbos-suporte, não é o verbo que cumpre a função de predicado da frase, mas sim um elemento que exerce a função de predicado, como, por exemplo, nominal: *dar semba* (Angola), *pôr riso* (Angola), *dar uma gata* (Cabo Verde), *dar terra* (Cabo Verde) ou *pôr kizomba* (Angola). É esse predicado que determinará, aliás, a eventual necessidade de complementos.

"O verbo-suporte pode enquadrar combinações de "verbos gerais [...] + sintagma nominal em que os verbos apresentam um certo grau de esvaziamento do sentido lexical, mas que conservam uma acepção cuja contribuição para o significado total pode ser explicitada" (Monetto Flores Da Silva, 2009, p. 177).

Ao pesquisar os verbos fazer e pôr no *corpus* África, encontram-se construções frequentes no português brasileiro ou europeu, como:

- com o verbo fazer: fazer visita, fazer parte, fazer falta, fazer negócio, fazer apelo, fazer fé, fazer (uma) vênua, fazer olhinhos, fazer a monda, fazer jogo duro, fazer figas, fazer morada, fazer claue, fazer batota, fazer zaragata, fazer razias, fazer macumba, fazer troça, fazer festas ou fazer festinhas, fazer tábua rasa;
- com o verbo pôr: pôr de fora, pôr termo, pôr o dedo na ferida, pôr em causa, pôr em perigo, pôr fim, pôr em prática, pôr-se de pé, pôr em risco, pôr entrave, pôr à frente, pôr a mão no fogo (por alguém), pôr-se em pranto, pôr em marcha, pôr em jogo, pôr a nu, pôr à disposição.

Em pesquisa anterior, com o verbo dar (Pandim, 2024), constatou-se que esse aparece frequentemente aparece na sua forma infinitiva no *corpus* África, associando-se a substantivos que:

- I. podem ter origem latina, como é caso de “dar fala”, mas que apresentam um sentido específico empregado, nesse caso, na realidade cabo-verdiana;
- II. são provenientes de línguas coexistentes nos territórios dos PALOP, por exemplo, “dar chamboco” ou “dar bacela” (Moçambique).

Percebe-se então que as colocações encontradas no *corpus* África, nomeadamente aquelas formadas com verbos-suporte, traduzem uma realidade que evidencia o contato linguístico em contextos bi- ou plurilíngues, permitindo a observação de processos morfológicos, por exemplo: de extensão semântica, com “fala” em “dar fala”; de redução por apócope, como é o caso de “bofa”, em “dar bofa”; ou ainda de empréstimo, como é o caso de “dar cham-

boco”, em que chamboco vem do niungue “xambo” (pau) ou “dar bacela”, em que “bacela” vem do tsonga “bàselà” (brinde, gratificação) (Porto Editora, on-line),

Esta pesquisa tem como objetivo principal identificar, levantar e descrever, numa perspectiva sincrônica, as colocações formadas a partir dos verbos pôr e fazer em português, extraídas do *corpus* África. Para tal, a metodologia de trabalho consiste em:

- a. elaborar uma lista das colocações formadas com os verbos pôr e fazer;
- b. descartar colocações que apresentem sentido semelhante ao português europeu ou brasileiro, recorrendo ao *corpus* de exclusão, composto de dicionários monolíngues de português, e ao *Corpus* do português, disponível on-line;
- c. compilar as frequências e os contextos de uso das colocações selecionadas;
- d. compreender de que forma essas unidades expressam e traduzem as realidades locais onde são usadas.

ALGUNS PRESSUPOSTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

A fraseologia da língua geral abrange o estudo das unidades caracterizadas por sua complexidade: provérbios, ditados, expressões idiomáticas, colocações e locuções, que se agrupam sob o mesmo hiperônimo, embora seu valor semântico permita a formação de estruturas sintáticas diferentes. Como qualquer palavra na linguagem comum, algumas dessas unidades podem, além disso, ser compreendidas em um sentido literal ou figurado.

Vieira (2014) entende que, se a idiomaticidade mantém uma relação com a irregularidade e a imprevisibilidade lexical, morfossintática e semântico-pragmática, os fraseologismos situam-se no contínuo entre o léxico e a gramática. Nesse sentido, Sorba (2022) considera que uma abordagem apenas lexicológica para o tratamento e o estudo dessas unidades revela-se incompleta. Baseando-se em Mel'čuk (2013), para a pesquisadora, o contínuo entre o léxico e a gramática dessas expressões revela uma certa continuidade, uma graduação, indo do mais fixo ao menos fixo.

Dessa forma, "le critère sémantique ne suffit pas à identifier un fait lexical relevant du figement : c'est l'absence de libre actualisation de chaque élément lexical qui est déterminante"⁵⁴ (Gross, 1996 *apud* Sorba, 2022, p. 27).

Um frasema caracteriza-se por sua particularidade de não ser construído de acordo com as regras gerais da língua. "Un phrasème ne peut pas être librement construit par le locuteur : il doit donc être stocké dans sa mémoire"⁵⁵ (Mel'čuk, 2013, p. 3). Por isso, baseando-se em Sorba (2022), considera-se que as colocações estudadas no âmbito desta pesquisa apresentam graus de fixação variáveis, em função das construções linguísticas.

O CORPUS ÁFRICA E OS GÊNEROS TEXTUAIS

O *corpus* África possui um total de 3.597.231 palavras e 3.082 textos de diferentes gêneros, dos quais 19% são compostos por

54 "o critério semântico não basta para identificar um fenômeno lexical decorrente da combinação fixa: é a ausência de flexibilidade de cada elemento lexical que é determinante (Tradução nossa, Gross, 1996 *apud* Sorba, 2022, p. 27).

55 "um frasema não pode ser elaborado livremente pelo locutor: ele deve ser, assim, memorizado" (Tradução nossa, Mel'čuk, 2013, p. 3).

textos literários, 52% por textos jornalísticos e 25% por textos variados. Composto por cinco corpora orais e escritos das cinco variedades africanas do português, cada um desses corpora possui 640.000 palavras e reúne textos produzidos a partir dos anos 2000. Embora a língua escrita represente a maioria das produções escolhidas para compor o *corpus* África (cerca de 96%), os 4% restantes dedicados à língua oral dizem respeito essencialmente ao discurso informal.

Ao explorar a relação entre gênero textual e fraseologia, estudiosos podem investigar como em certos gêneros (como jornalísticos, acadêmicos, literários, orais, entre outros) recorre-se a determinadas colocações, observando as variações e padrões de uso dessas expressões em diferentes contextos de comunicação (Kilian; Loguercio, 2015; Lameira, 2017; Silva, 2016).

Em estudo anterior, constata-se que a maior parte das colocações formadas a partir do verbo-suporte “dar” no *corpus* África aparece em textos literários (cerca de 60%), e a seguir em textos jornalísticos (Pandim, 2024, p. 197). Ter acesso a esses dados permite a exploração e a análise mais apropriada da unidade fraseológica estudada, uma vez que ajuda a compreender como diferentes formas de comunicação são estruturadas e utilizadas em contextos sociais específicos.

Cada gênero textual possui uma função específica dentro de um contexto social: informar, persuadir, entreter ou instruir. As situações nas quais são inseridas as colocações revelam como a linguagem é usada para atingir esses objetivos. Gêneros textuais, além disso, apresentam estruturas e convenções próprias que influenciam a escolha de palavras, a organização das ideias e o estilo de escrita (Marcuschi, 2008, p. 30-45). Ao identificar e repertoriar as lexias do português com base no *corpus* África, nomeadamente as fraseologias, tenciona-se perceber se há ou não alguma variação de uso e frequência em relação ao gênero do texto do qual são extraídas.

As variedades do português na realidade africana ainda carecem de descrições e estudos. A língua portuguesa é um valor que foi construído ao longo do tempo e continua a ser moldado por diversas formas de expressão e representação. Isso gera, para a comunidade política que a utiliza, a necessidade de integrá-la dentro de um sistema de valores. Descrever e analisar os gêneros textuais permite aos linguistas investigarem como a identidade, as normas sociais e os padrões culturais são expressos e transmitidos através da linguagem.

Assim, ao explorar a relação entre fraseologia e gênero textual, pesquisas apontam que “essas fraseologias, assim como a estruturação dos textos, conferem ao conjunto dos textos (dos corpora) uma prototipicidade, um “ar de família” típico a textos do mesmo gênero” (Kilian; Loguercio, 2015, p. 264).

No contexto do português dos PALOP, em que os gêneros textuais também mostram como a língua varia e muda em diferentes contextos, tenciona-se perceber como a linguagem funciona em contextos sociais específicos e como os fraseologismos são utilizados para moldar e refletir a experiência humana.

RESULTADOS: AS COLOCAÇÕES COM OS VERBOS PÔR E FAZER

As etapas metodológicas deste trabalho incluíram:

- a. elaboração de uma lista das colocações formadas com os verbos pôr e fazer, de um total de 79;
- b. eliminação das colocações que apresentassem sentido semelhante ao português europeu ou brasileiro, com a ajuda

do *corpus* de exclusão composto de dicionários e ao *Corpus* do português, disponíveis on-line, chegando a 39 colocações, uma vez que o objetivo da pesquisa consistiu na identificação de colocações usadas sobretudo nos PALOP;

- c. compilação das frequências e dos contextos de uso das 39 colocações selecionadas;
- d. compreensão dos sentidos dessas colocações, com a verificação em fontes dicionarísticas, bem como a consulta a textos acadêmicos.

Devido à irregularidade verbal de pôr e fazer, a pesquisa incluiu, além das formas *faz** e *pôr**, as formas irregulares *fiz**, *fez**, *far**, *faç** e *ponh**, *põe**, *pus**, *pos**, *pori**, *pom** e *punh**. Os números mais expressivos em relação aos resultados obtidos referem-se, contudo, à forma *faz**, que apresentou 5.695 ocorrências em 1.129 textos diferentes (em 3.597.231 palavras [3.082 textos]; frequência: 1.583,16 ocorrências por milhão de palavras). *Fiz** também apresentou uma frequência relevante, com 680 ocorrências em 277 textos diferentes (em 3.597.231 palavras [3.082 textos]; frequência: 189,03 ocorrências por milhão de palavras).

A consulta de *pôr** retornou 468 ocorrências em 198 textos diferentes (em 3.597.231 palavras [3.082 textos]; frequência: 130,10 ocorrências por milhão de palavras), enquanto *ponh** apresentou 88 ocorrências em 40 textos diferentes (em 3.597.231 palavras [3.082 textos]; frequência: 24,46 ocorrências por milhão de palavras). Assim, à semelhança da pesquisa com o verbo-suporte *dar* (Pandim, 2024), as formas no infinitivo são mais frequentes, como demonstrado nas imagens a seguir:

Imagem 1 - Lista de frequências com a forma "faz"

Frequency list: Word frequencies in entire "Corpus Africa (CRPC subset)", starting with "faz"		
< << >> New Frequency List Go!		
No.	Word	Frequency
1	fazer	2,904
2	faz	1,041
3	fazem	457
4	fazia	317
5	fazendo	241
6	fazenda	197
7	faziam	112
8	fazê	89
9	fazerem	75
10	fazemos	49

Fonte: Corpus África - CPQweb.

Imagem 2 - Lista de frequências com a forma "pôr"

Frequency list: Word frequencies in entire "Corpus Africa (CRPC subset)", starting with "pôr"		
< << >> New Frequency List Go!		
No.	Word	Frequency
1	pôr	449
2	pôr-de-sol	6
3	pôrto	5
4	p'ra	2
5	pôrem	2
6	pôr-clá	1
7	pôr-de-sol	1

Fonte: Corpus África - CPQweb.

Das 79 colocações inicialmente identificadas, 40 colocações formadas com os verbos-suporte "fazer" e "pôr" foram descartadas com ajuda do *corpus* de exclusão, formado pelo *Corpus* do português bem como dicionários de língua geral, disponíveis on-line.

Como referido, o objeto de estudo desta pesquisa consiste em colocações que ainda não haviam sido repertoriadas no português brasileiro ou no europeu, e, portanto, revelam traços específicos às variedades do idioma utilizadas nos PALOP. Seguem dois quadros com algumas das colocações descartadas, com os verbos fazer e pôr, respectivamente:

Quadro 1 - Exemplos de colocações com o verbo fazer no *corpus* África

	Colocação em português	Contexto <i>corpus</i> África	Fonte
(1)	fazer negócio	Ah, vais arranjar os duros? Vou. Vai, fazem o negócio, depois de tantos dias. Ah professor, o "business", o "business" estão fechado.	OAN015
(2)	fazer (o) apelo	Aliás, ao defender que é político não quero fazer o apelo à violação da legalidade.	J10695
(3)	fazer fé	A fazer fé nas explicações prestadas ao nosso jornal por um dos médicos da Clínica da Endiama que acudiram o malgrado deputado, foi a conjugação de duas circunstâncias [...].	J140391_6
(4)	fazer jogo duro	Roberval manda Helinho fazer jogo duro com uma garota e ela derrete-se.	J140392
(5)	fazer zaragata	A Phati anda doída de ciúme e já ameaça abandonar o lar, faz zaragata com toda a gente e, antes de ontem, envolveu-se em cenas de pancadaria com três das nossas irmãs.	L1037
(6)	fazer morada	Por outro lado, os espectáculos de massas voltaram a fazer morada entre nós, e mais importante do que isso, estenderam-se às províncias.	J155994
(7)	fazer tábua rasa	Ao fazer tábua rasa à Carta de Transição Política, o próprio STJ condiciona a sua própria existência [...].	V4596

Fonte: Corpus África – CPQweb.

Quadro 2 - Exemplos de colocações com o verbo pôr no corpus África

	Colocação em português	Contexto <i>corpus</i> África	Fonte
(1)	pôr em causa	Os cidadãos têm o direito de, livremente e sem dependência de qualquer autorização, constituir associações, desde que não sejam contrárias à lei penal ou não ponham em causa a Constituição e a independência nacional.	D1551
(2)	pôr em risco	Se os médicos tiverem descoberto antecipadamente tal facto (muitas mães ocultam esse facto) a criança poderá ser tratada logo a partir do nascimento; não o sabendo o médico, o recém-nascido poderá entrar imediatamente num estado de privação que porá em risco a sua vida.	J10702
(3)	pôr a mão no fogo	Se não fosse o apego deste ao livro verde de Kadafhi até poderia haver quem pusesse a mão no fogo por ele.	J161417
(4)	pôr em marcha	[...] acabou por abordar as autoridades e representantes da sociedade civil em discussões consagradas a um programa económico monitorado que, com o Governo, a instituição porá em marcha, em Angola, no próximo ano.	J140359
(5)	pôr em jogo	Zeca, você mesmo diz que tem lábia... Não quer dizer que precisemos pôr em jogo habilidades e espertezas.	L0384
(6)	pôr o dedo na ferida	O jornalismo moçambicano esse que põe o dedo na ferida vive de excepções.	R7422
(7)	pôr em prática	Na sua óptica, a Câmara tem posto em prática o programa de actividades que fora "chumbado" pela Assembleia Municipal na última sessão de Fevereiro.	J10689

Fonte: Corpus África – CPQweb.

Nota-se nos quadros 1 e 2 apresentados que as colocações ocorrem em diferentes gêneros: literário e jornalístico, mas também em registros orais (entrevistas) ou legislativos. Ao cabo do estudo das colocações com os verbos-suporte, tenciona-se estabelecer as frequências das colocações identificadas e estudadas por tipo de gênero textual, a fim de verificar se haveria predominância

de um ou outro em função do verbo, pesquisa que fará objeto de publicação posterior.

DISCUSSÃO

Escolhe-se, para fins de análise neste artigo, as seguintes colocações: (i) fazer candonga, fazer candongazinha; (ii) fazer machamba; (iii) fazer kumbosadia; (iv) pôr os mambos; (v) pôr estigas.

FAZER CANDONGA, FAZER CANDONGAZINHA

“Candonga” é uma palavra que pode apresentar diferentes significados dependendo do contexto em que é usada: (i) contrabando ou comércio ilegal: em alguns países de língua portuguesa, “candonga” refere-se ao contrabando, ou seja, ao comércio ilegal de mercadorias. Trata-se de uma prática que envolve a venda de produtos que não foram devidamente tributados ou que são proibidos; (ii) fofoca ou intriga: em outros contextos, como no Brasil, “candonga” pode ser usada de forma coloquial para se referir à fofoca ou à intriga. Nesse sentido, é sinônimo de “mexerico”, indicando conversas maldosas ou rumores espalhados sobre alguém.

O dicionário da Porto Editora indica duas entradas para essa palavra, apontando que candonga designa, na primeira entrada: (1) lisonja, bajulação; (2) ardil, artimanha; (3) carinhos fingidos; (4) intriga, mexerico; (5) Brasil - pessoa querida, namorada. E, na segunda entrada, designa: (1) contrabando de gêneros alimentícios ou de outros produtos; (2) mercado negro; (3) Cabo Verde, Guiné-Bissau - bebida alcoólica cuja produção é proibida, feita com ponche ou água, misturados com álcool puro e mel de cana-sacarina; (4) Guiné-Bissau - veículo de transporte misto (mercadorias e passageiros).

Segue um trecho no *corpus* África em que consta a colocação referida (registro oral, do tipo entrevista):

- (I) "ARR" - aqui está muito difícil.
 "XXX" - aqui, como é que a pessoa faz? Que ganha por exemplo vencimento, não vive do vencimento, não é? O que é que tem que fazer? Faz a sua candongazinha em casa?
 "ARR" - aqui tem que fazer candonga.
 "XXX" - hum.
 "ARR" - se você não foi fazer candonga os filhos vão dormir com fome.
 "XXX" - vão, hum, hum.
 "ARR" - e também como aquele tempo de chuvoso, você tem que ir, tem que se meter mesmo naquela chuva para ir na praça vender, você está mesmo assim com o teu pano assim, se tapaste, mas a chuva sempre está no teu corpo para arranjar a sua comida para as crianças comer (*Corpus* África, OANOTIO, Angola).

Fazer candonga, nesse caso, designa o ato de venda de produtos em locais públicos, parte essencial da economia e da vida cotidiana em países africanos. Vários fatores propiciam a venda ilegal de produtos em espaços públicos. Trata-se de um fenômeno complexo que reflete tanto a resiliência quanto os desafios enfrentados em algumas das comunidades dessas sociedades. Vale lembrar ainda que o comércio informal em alguns desses locais consiste numa prática cultural e tradicional de longa data.

O desemprego e o subemprego são um desses fatores, uma vez que a economia formal, muitas vezes, não consegue absorver a força de trabalho disponível, especialmente entre jovens e migrantes rurais, nos espaços urbanos. Como resultado, pessoas em situação vulnerável recorrem ao setor informal, como a venda de produtos alimentícios nas praças públicas, como uma forma de sobrevivência econômica.

Em algumas regiões, ainda, há uma falta de regulamentação ou fiscalização para gerenciar as atividades de comércio informal.

Isso pode ocorrer devido a limitações de recursos do governo ou de empenho político de lidar com o setor informal, uma fonte econômica e empregatícia significativa. Assim, as praças públicas são locais de fácil acesso e normalmente não requerem altos custos para a instalação de um ponto de venda.

Os vendedores ilegais, muitas vezes mulheres, como, em Cabo Verde, chamadas de “rabidante”, são pequenos comerciantes que operam em uma economia de subsistência diária familiar, vendendo produtos como alimentos, roupas, eletrônicos e outros bens.

A colocação “dar bacela”, por exemplo, utilizada em Moçambique, faz alusão às pequenas gratificações que as vendedoras oferecem para convencer o/a cliente a comprar seus produtos. Assim, a colocação “fazer candonga” ou “fazer candongazinha”, no contexto analisado, refere-se à situação econômica e cultural de uma mulher, muito provavelmente numa família monoparental, que deve, para além do trabalho formal (“viver do vencimento”, do salário obtido mensalmente) recorrer à venda informal.

FAZER MACHAMBA

“Machamba” é um termo utilizado, especialmente em Moçambique e Angola, para referir-se a uma área de cultivo ou plantação. Mais especificamente, uma machamba é uma pequena parcela de terra, geralmente familiar, onde pequenos agricultores cultivam alimentos como milho, mandioca, batata-doce, feijão, e outros produtos alimentícios para consumo próprio ou para venda em mercados locais. A machamba consiste em parte fundamental da economia rural e da subsistência de muitas famílias em algumas das regiões desses países.

O dicionário da Porto Editora aponta que o termo vem do changana “machamba” ou do suaíli “mashamba”, plural de *shamba*,

“plantação, terreno cultivado”. Indica o verbo machambar. A obra “Moçambicanismos: para um léxico de usos do português moçambicano” registra também o termo, apontando que se trata de “campo agrícola, terra de cultivo, plantaço, extensão de terra para fins agrícolas” (Lopes; Siteo; Nhamuende, 2002). Segue os contextos com essa colocação no *corpus* África:

- (2) Maria pega na roupa, veste uma, mete outra na mala. Ele diz-lhe: - Levanta-te! Põe-te de pé! Maria levanta-se, põe-se de pé, ele corta-a com a faca. Maria morre. Djiuau toma outra mulher e avisa os vizinhos de que vai fazer nova machamba. Diz: - Vão, chamem o António para que ele venha cavar os meus campos (*Corpus* África, L1042, Moçambique).
- (3) Chegados a casa, o homem disse à mulher: - Mulher, penso que devíamos procurar um lugar onde não vivesse ninguém para construirmos a nossa casa e vivermos bem. A mulher aceitou a sugestão e assim fizeram. Andaram mais de quinhentos quilómetros até encontrarem o sítio ideal, onde construíram uma casa, fizeram machamba e iniciaram uma nova vida (*Corpus* África, L1042, Moçambique).

“Fazer machamba” reveste-se de um significado específico a essas realidades, porque, como se pode notar nos contextos (2) e (3), indica que o cultivo agrícola, para além dos aspectos económicos, sociais, culturais e ambientais aos quais está relacionado, designa o assentamento familiar num novo local, com devida autossuficiência, incluindo a garantia de uma fonte de renda. Nesses contextos, percebe-se que, nessas comunidades, a agricultura é mais do que uma atividade económica, tornando-se parte integral da identidade cultural, pois permite coesão social.

FAZER KUMBOSADIA

O termo “kumbosadia” não está presente nos dicionários consultados no âmbito dessa pesquisa, e nem no Vocabulário Ortográfico Comum da Língua Portuguesa (VOC). Por sua relevância no contexto identificado no *corpus* África, de um texto provindo

da Guiné-Bissau, resolvemos mantê-lo nas análises desta pesquisa. “Kumbosa” ou “kumboça” em crioulo guineense quer dizer com-borça ou rival, mas também coesposa. Designa as várias mulheres do mesmo marido e que vivem na mesma casa (Semedo, 2010). O dicionário da Porto Editora indica que comborça é amante de homem casado ou de homem com outra amante.

Decidimos manter essa colocação, pois o termo está relacionado às “mandjuandadi”, relativo às narrativas cantadas da tradição oral guineense. Nesse contexto, especialmente nas cantigas de mulher, há uma necessidade de entender seu papel e importância na cultura local, destacando as cantigas de mandjuandadi como um exemplo significativo dessa memória cultural:

Assim, dentre as cantigas de mandjuandadi distinguem-se as cantigas de dito por dito e as de harmonia. Nas cantigas de dito por dito, encontram-se as de kumbosadia [rivalidade], as de inimigos(as), de lamento, amor não correspondido. Nessas cantigas, as cantadeiras valem-se por vezes do equívoco para escarnecer ou satirizar da pessoa cantada, quando por meio de antonomásia se referem a quem se deseja criticar. Nas cantigas de dito por dito, ao proceder à crítica social, à censura às rivais e aos inimigos e mentirosos, as cantadeiras encontram na sátira formas jocosas de admoestar pessoas e situações consideradas absurdas no âmbito da família ou mesmo da sociedade (Semedo, 2010, p. 85).

Segue o contexto (4), extraído do *corpus* África:

- (4) O primeiro, vestido de vermelho, apresentou-se como sendo o das vítimas da ambição e da corrupção, do desleixo e do desgoverno, que permitiam que se gastasse mais na repressão que na educação. O segundo disse que o amarelo dos uniformes que traziam vestidos era a cor da cólera, que lhes ceifara a esperança, naquele ano ainda não muito distante, em que os Patrols expulsaram os Volvos e começaram a fazer kumbosadia com os Pajeros nas garagens dos Altos Dignitários da Nação (*Corpus* África, L1075, Guiné-Bissau).

“Fazer kumbosadia”, nesse caso específico, significa opor-se a concorrentes no âmbito político, mas de forma satírica, com escárnio, entoando melodias e letras com objetivo de criticar social e politicamente o outro. A história de instabilidade política guineense, com frequentes mudanças de liderança e governo, é marcada por conflitos internos significativos, muitas vezes envolvendo facções políticas rivais.

Além disso, como se percebe no contexto (4), a presença e influência dos militares na política podem ocorrer, uma vez que são considerados, às vezes, como árbitros finais nas disputas políticas. Ainda, alguns líderes políticos dependem de seu apoio para se manterem no poder.

Essa atmosfera tem como consequência um descontentamento e uma decepção social por parte da população, que se traduzem em protestos e movimentos de oposição, que, por sua vez, enfrentarão retaliações, como se pode notar no trecho do contexto (4): “gastasse mais na repressão do que na educação”.

PÔR OS MAMBOS

Das 5 entradas no dicionário da Porto Editora apresentadas para o termo mambo, três são relevantes para esta pesquisa:

- a. (1) Angola - doutrina; (2) Angola - regra; (3) Angola - conversa sigilosa e (4) Angola - coloquial – coisa;
- b. Angola - conversa; conversação;
- c. Angola - causa de disputa; disputa; questão.

Num primeiro momento, entendemos que mambo seria “coisa”, de uso relativamente frequente na variedade angolana do português, como se pode notar no *Corpus* do português:

- (5) Como consequência, acabei por deixar algumas "imbambas" lá no apartamento. Três dias depois, apercebo-me de a falta de os meus pertences e comunico ao Varanda, o meu cicerone, para ver se conseguia reaver-los. Qual quê! A Irina não atendeu as insistentes chamadas de o rapaz, mostrando claramente que queria ficar com os meus "mambos", arriscando-se a ter problemas com a polícia, caso eu apresentasse uma reclamação (*Corpus* do Português, AO (18-06-27)).
- (6) No entanto, O Presidente Samakuva estava convicto de o melhor quando afirmou. - As eleições... é uma festa! As nossas anteriores experiências deixaram sempre azedumes e muitos mambos piores e os augúrios de a sua própria vitória eram tão patentes que se calhar por isso, manifestou estranheza sobre as reportagens de a TPA, sobre o estado organizativo de a nossa Polícia e Exército (*Corpus* do Português, AO (17-02-28)).
- (7) Os mecanismos de a mudança por vezes são grosseiramente obliterados porque se esquece que o novo nasce sempre de o velho. em o enterramento de Lúcio Lara, esses mambos ocorreram aqui e ali, através de a memória de a sua trajectória como homem e político (*Corpus* do Português, AO (16-03-07)).

A palavra "coisa" é um termo genérico na língua portuguesa e possui traços semânticos que a tornam flexível e ampla em seu uso, podendo se referir a uma vasta gama de objetos, conceitos, situações, eventos ou até mesmo ideias.

Na semântica, sabe-se que esses traços ajudam na formação de categorias e no entendimento de como os conceitos se relacionam entre si no pensamento humano, muitas vezes influenciando a forma como compreende-se significados em diferentes contextos e como forma-se inferências sobre novos conceitos.

Segue o contexto do *corpus* África desta colocação:

- (8) Jáí sentiu um arrepio lhe chegar nos cabelos até com gosto de mel na boca e um trovão arrebentou no ar dos ouvidos deles todos e o puto, naquele silêncio de depois do espanto, mais baixinho na voz dele grave, repetiu mais outra vez pra retirar as dúvidas. Ti Burkina, juro mesmo: o mono mexeu! Morte matada, de cão Múkua-káfua ôfua, o káfua ni kâbue (provérbio kimbundu [Tem que morrer o defeituoso, para que o defeito acabe]). A kota, em vez de pôr logo os mambos, quer dizer, assim que viu que ela é que detinha as informações todas, e mesmo quando o Gadinho lhe avisou que era melhor a explicação dela dos sangues incluir os actuais paradeiros do morto, ela insistiu mesmo em começar mais a falar do sonho dela (*Corpus* África, L1037, Angola).

Entende-se, pelo contexto (8), que “pôr os mambos” não indicaria apenas “falar alguma coisa”, mas apresenta traços semânticos que refletem sua natureza figurativa e coloquial. No caso, a personagem idosa (a *kota*), ao ser solicitada para fornecer as informações necessárias, abordou outro assunto, mesmo ciente e devidamente avisada sobre a importância de revelar o paradeiro do suposto morto.

A colocação apresenta, assim, alto grau de abstração, pois tanto “pôr” quanto “mambos” são utilizados de forma metafórica, perdendo sua literalidade. O uso do advérbio “logo” marca a intensidade da expressão. A mensagem é transmitida com mais veemência, dada a urgência e a impaciência dos outros interlocutores de obter a informação requerida. Pode-se estabelecer o paralelismo com as expressões “abrir o jogo”, ou “soltar o verbo”, ou ainda “botar para fora”.

Expressões coloquiais e metáforas frequentemente carregam características culturais ou regionais específicas. Pode-se notar, inclusive, na referência à expressão idiomática do contexto (8): “Múkua-kâfua ûfua, o kâfua ni kâbue”, provérbio utilizado em kimbundu, uma das línguas regionais da Angola, falada em Luanda e outras províncias. Seu uso pode despertar um sentimento de pertencimento ou identidade cultural no interlocutor, especialmente se ele compartilha as mesmas referências culturais ou regionais.

PÔR ESTIGAS

O dicionário da Porto Editora aponta que estigar é uma deturpação de instigar, trazendo as seguintes acepções: Angola (1) ridicularizar de forma bem-humorada; (2) estimular pela ironia (informal). Já o dicionário Priberam da Língua Portuguesa (on-line, 2008-2024) indica que se trata de frase ou resposta espirituosa, geralmente curta, com a qual se faz troça ou se ironiza sobre alguém ou alguma coisa (ex.: os meninos fizeram uma batalha de estigas na escola).

Segue o contexto no *corpus* África:

- (9) Estigas dele? Ofensas! Se eu tou ta dizer podes acreditar: vi muita gente chorar na boca daquele muadiê, estigas dele mesmo algumas curtas já te acabavam foste roubar pecado na igreja com carro de mão! E mesmo podiam lhe pôr estigas fortes o muadiê ficava parado, riso dele irritante na tua cara, ias já ficar nervoso, e ele só a te esperar estiga mais, estiga mais então... (*Corpus* África, L1081, Angola).

A colocação pôr estigas, nesse caso, é usada, pelo contexto, com o mesmo sentido do verbo estigar, o que se nota inclusive no uso imperativo desse (“estiga mais”).

O termo estiga designa um desafio verbal, ou seja, uma troca de argumentos, provocações ou tentativas de persuadir, impressionar ou derrotar verbalmente o oponente. Implica uma intenção clara de desafiar ou testar as habilidades de comunicação, persuasão ou inteligência de alguém, recorrendo a palavras. Usado especialmente pela camada jovem em Luanda, revela um marcador social que distingue quem pertence ou não a certos círculos culturais ou geracionais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As colocações identificadas com os verbos-suporte fazer e pôr, objeto de estudo desta pesquisa, traduzem formas de pensar e conceber a realidade dos PALOP. Sua observação e descrição contribuem na identificação de elementos que caracterizam o patrimônio linguístico e cultural das variedades do português.

O contato linguístico presente nesses locais muito provavelmente explica alguns dos usos, embora um estudo mais aprofundado, sobretudo no plano diacrônico, revela-se adequado para conclusões desse tipo. Por ora, o estudo dessas colocações limita-se ao plano sincrônico, sabendo que dentre as colocações identificadas, poucas se encontram repertoriadas em obras lexicográficas do por-

tuguês. Assim, reforça-se a necessidade de pesquisas diacrônicas, a serem realizadas em momento oportuno.

As 39 colocações levantadas neste estudo provêm de textos literários (cerca de 46%), em seguida de textos jornalísticos (35%), registros orais (10%) e textos variados, como legislativos (9%). Mesmo que o *corpus* África seja composto de 52% de textos jornalísticos e de 19% de textos literários, o gênero literário apresenta mais construções desse tipo, como demonstrado em estudo anterior, com o verbo-suporte dar.

As colocações analisadas - (i) fazer candonga, fazer candongazinha; (ii) fazer machamba; (iii) fazer kumbosadia; (iv) pôr os mam-bos; e (v) pôr estigas revelam alguns elementos socioculturais dos PALOP, alguns deles já observados em estudo anterior: expressões utilizadas no comércio informal; nos meios familiares nos quais cultura de subsistência prevalece; na esfera política, em que se fazem presentes, por vezes, conflitos regionais e/ou étnicos; nas relações informais entre certas camadas populacionais, em que o uso da linguagem coloquial consiste em uma das formas de identificá-las e, sobretudo, particularizá-las.

Calvet (2002, p. 51-55), ao analisar o caso das línguas crioulas, entende que seu modo particular de emergência não legitima sua condição de língua inferior, com frequência atribuída socialmente. Este estudo apoia-se em pesquisas variacionistas e sociolinguísticas para demonstrar como as variedades do português utilizadas nos PALOP revestem-se de dinamismo. Sua descrição só tenderá a legitimar a posição de seus falantes, sendo sua fala reconhecida não só em termos linguísticos, mas principalmente sociais, para além do âmbito político.

"As políticas das línguas, calcadas apenas nos valores sociais que se tem sobre elas, silenciam o contexto-fonte do aprendiz, ou seja, de onde ele se alimenta para a sua construção identitária"

(Pandim, 2020, p. 1107). Assim, a contribuição desta pesquisa consiste na identificação, na descrição e na análise de elementos linguísticos registrados em textos produzidos nos PALOP, com o intuito de perceber como a linguagem funciona nestes contextos sociais plurilíngues, onde o português coexiste com línguas como o crioulo cabo-verdiano ou guineense, o quimbundo, o umbundo e o suaíli.

Nas colocações estudadas no âmbito deste artigo, a inovação e a criatividade linguística no português usado nos PALOP fazem-se notar, posto que a linguagem evolui e adapta-se às necessidades comunicativas e culturais locais. Perceber como se dá o fenômeno de hibridização linguístico-cultural latente nessas sociedades consiste numa das contribuições para refutar estigmas e preconceitos sociolinguísticos.

REFERÊNCIAS

- CALVET, Louis-Jean. **Sociolinguística. Uma introdução crítica**. São Paulo: Parábola, 2002.
- KILIAN, Cristiane Krause; LOGUERCIO, Sandra Dias. Fraseologias de gênero em resumos científicos de Linguística, Engenharia de Materiais e Ciências Econômicas. **TradTerm**, v. 26, p. 241-267, dez. 2015.
- LAMEIRA, Vivian Meurer. **Proposta de análise linguística para a identificação de fraseologias de gênero e fraseologias de gênero da área extraídas de um corpus de abstracts da medicina**. 2017. Monografia em Letras – Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2017.
- LOPES, Armando Jorge; SITO, Salvador Júnior; NHAMUENDE, Paulino José. **Moçambicanismos: para um léxico de usos do português moçambicano**. Maputo: Livraria universitária UEM, 2002.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.

MEL'ČUK, Igor. Tout ce que nous voulons savoir sur les phrasèmes, mais.... **Cahiers de lexicologie**, n. 102, p. 129-149, 2013.

MONETTO FLORES DA SILVA, Hilda. Verbos-suporte ou expressões lexicalizadas? **Soletras**, Supl. São Gonçalo, n. 17, p. 175-182, 2009.

PANDIM, Gildaris Ferreira. Les collocations avec le verbe donner en portugais. In: MEIRELLES, Vanessa; VIEIRA, Márcia Machado (Ed.). **Diversité et stabilité dans les langues romanes**. São Paulo: Pimenta cultural, 2024. p. 201-238.

PANDIM, Gildaris Ferreira. O valor das línguas na realidade de ensino-aprendizagem em Cabo Verde. **Domínios de Lingu@gem**, v. 14, n. 4, p. 1087-1110, 5 maio 2020.

SEMEDO, Maria Odete da Costa. **As mandjuandadi**: cantigas de mulher na Guiné-Bissau: da tradição oral à literatura. 2010. Tese (Doutorado em Literaturas de Língua Portuguesa) – Belo Horizonte: Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, 2010.

SILVA, Francisca Andreia Ribeiro. Provérbios: fraseologias sob a ótica de gênero. **Grau Zero - Revista de Crítica Cultural**, v. 4, n. 2, p. 151-165, 2016.

SORBA, Julie. **Phraséologie et genres textuels. Perspectives synchroniques et diachroniques. Mémoire de synthèse présenté pour l'obtention de l'Habilitation à diriger des recherches**. Linguistique. Grenoble: Université Grenoble Alpes (UGA), 2022.

VIEIRA, Márcia Machado. Idiomaticidade com verbos-suporte do português. **Soletras**, n. 28, p. 99-125, 2014.

16

Gildaris Pandim

**LES COLLOCATIONS AVEC
LES VERBES *FAZER* (FAIRE)
ET *PÔR* (METTRE)
EN PORTUGAIS :**

ÉTUDES À PARTIR DU CORPUS AFRICA

L'objectif principal de cette recherche est la description syn-chronique des collocations formées avec les verbes « *fazer* » (faire) et « *pôr* » (mettre) en portugais, observés dans des documents authentiques oraux et écrits, provenant des Pays africains de langue officielle portugaise (PALOP). Ces collocations ont été repérées à partir du corpus Africa (centre de linguistique et centre de physique théorique et computationnelle de l'université de Lisbonne) présentant une fréquence importante des verbes supports « *fazer, dar, ter, pôr* ou *tomar* » (faire, donner, avoir, mettre ou prendre). L'observation des mots dans le contexte d'utilisation, de longueur variable, l'un des outils disponibles sur la plateforme CQPweb (octobre 2019) révèle, par exemple, que le verbe « *dar* » (donner) apparaît 1 649 fois dans 590 textes différents.

En effet, étant donné qu'il s'agit d'un corpus comparatif des cinq variétés du portugais, composé de 3 200 124 mots et de 3 082 textes, le corpus Africa permet aux utilisateurs d'y accéder afin de consulter les valeurs sémantiques, les registres de langue et les valeurs sociolinguistiques des mots consultés au moyen d'outils tels que le concordancier, la liste des fréquences et la consultation du contexte élargi d'un mot ou groupe de mots.

La méthodologie de travail de cette recherche consiste à : (i) élaborer une liste des collocations formées avec les verbes faire et mettre; (ii) écarter les collocations présentant un sens similaire au portugais européen ou brésilien, en recourant au corpus d'exclusion composé de dictionnaires et au « Corpus do Português », disponible en ligne; (iii) compiler les fréquences et les contextes d'utilisation des collocations sélectionnées; (iv) comprendre comment ces unités expriment et traduisent les réalités locales où elles sont utilisées.

En recherchant les verbes faire et mettre dans le corpus Africa, on trouve des constructions fréquentes en portugais brésilien ou européen, telles que : (i) avec le verbe « *fazer* » : « *fazer visita, fazer parte, fazer falta, fazer negócio, fazer apelo, fazer fé, fazer (uma) vênica,*

fazer olhinhos, fazer a monda, fazer jogo duro, fazer figas, fazer morada, fazer claque, fazer batota, fazer zaragata, fazer razias, fazer macumba, fazer troca, fazer festas ou fazer festinhas, fazer tábua rasa »; (ii) avec le verbe « pôr » : « pôr de fora, pôr termo, pôr o dedo na ferida, pôr em causa, pôr em perigo, pôr fim, pôr em prática, pôr-se de pé, pôr em risco, pôr entrave, pôr à frente, pôr a mão no fogo (por alguém), pôr-se em pranto, pôr em marcha, pôr em jogo, pôr a nu, pôr à disposição ».

Un phrasème se caractérise par sa particularité à ne pas être construit selon les règles générales de la langue : « il ne peut pas être librement construit par le locuteur : il doit donc être stocké dans sa mémoire » (Mel'čuk, 2013). C'est pourquoi, en se basant sur Sorba (2022), on considère que les collocations étudiées dans le cadre de cette recherche présentent des degrés de fixation variables, allant du plus fixe au moins fixe, en fonction des constructions linguistiques.

Les variétés du portugais dans la réalité africaine nécessitent encore des descriptions et des études. La langue portugaise est une valeur qui s'est construite au fil du temps et continue à être façonnée par diverses formes d'expression et de représentation. Cela engendre, pour la communauté politique qui l'utilise, la nécessité de l'intégrer dans un système de valeurs. Décrire et analyser les genres textuels permet aux linguistes d'examiner comment l'identité, les normes sociales et les modèles culturels sont exprimés et transmis dans les actes communicatifs de la langue.

Le corpus Africa contient un total de 3 082 textes de différents genres, dont 19 % sont composés de textes littéraires, 52 % de textes journalistiques et 25 % de textes variés. Composé de cinq corpus oraux et écrits des cinq variétés africaines du portugais, chacun de ces corpus comprend 640 000 mots et rassemble des textes produits à partir des années 2000. Bien que la langue écrite représente la majorité des productions choisies pour composer le corpus Africa (environ 96 %), les 4 % restants consacrés à la langue orale concernent essentiellement le discours informel.

Sachant que les genres textuels montrent comment la langue varie et change dans différents contextes, l'intention de cette recherche est de comprendre comment la langue fonctionne dans des contextes sociaux spécifiques et comment les phraséologies sont utilisées pour façonner et appréhender l'expérience humaine.

En explorant la relation entre le genre textuel et la phraséologie, les chercheurs peuvent examiner comment certains genres (comme les genres journalistiques, académiques, littéraires, oraux, entre autres) utilisent certaines collocations, en observant les variations et les modèles d'utilisation de ces expressions dans différents contextes de communication (Kilian; Loguercio, 2015; Lameira, 2017; Silva, 2016). Ainsi, des recherches indiquent que « ces phraséologies, ainsi que la structuration des textes, confèrent à l'ensemble des textes (des corpus) une prototypicité, un « air de famille » typique aux textes du même genre » (Kilian; Loguercio, 2015, p. 264).

Dans une étude précédente, on constate que la plupart des collocations formées à partir du verbe support « *dar* » dans le corpus Africa apparaissent dans des textes littéraires (environ 60%), puis dans des textes journalistiques (Pandim, 2024, p. 197). Avoir accès à ces données permet une exploration et une analyse plus appropriées de l'unité phraséologique étudiée, car cela aide à comprendre comment différentes formes de communication sont structurées et utilisées dans des contextes sociaux spécifiques.

Chaque genre textuel a une fonction spécifique dans un contexte social : informer, persuader, divertir ou instruire. Les situations dans lesquelles les collocations sont insérées révèlent comment le langage est utilisé pour atteindre ces objectifs. De plus, les genres textuels ont des structures et des conventions propres qui influencent le choix des mots, l'organisation des idées et le style d'écriture. En identifiant et en répertoriant les lexies du portugais sur la base du corpus Africa, notamment les phraséologies, on vise à déterminer s'il existe ou non une variation d'usage et de fréquence par rapport au genre du texte d'où elles sont extraites.

Les collocations identifiées avec les verbes supports faire et mettre, objet d'étude de cette recherche, traduisent des façons de penser et de concevoir la réalité PALOP. Leur observation et leur description contribuent à identifier des éléments caractéristiques qui composent le patrimoine linguistique et culturel des variétés du portugais. Les 39 collocations recensées dans cette étude proviennent de textes littéraires (environ 46%), suivis de textes journalistiques (35%), d'enregistrements oraux (10%) et de textes divers, comme des textes législatifs, par exemple (9%). Bien que le corpus Africa soit composé de 52% de textes journalistiques et de 19% de textes littéraires, le genre littéraire présente plus de constructions de ce type, comme démontré dans une étude précédente, avec le verbe support donner.

Les étapes méthodologiques de cette recherche comprenaient : a) l'élaboration d'une liste des collocations formées avec les verbes « *pôr* » et « *fazer* », pour un total de 79 occurrences ; b) l'élimination des collocations qui présentent un sens similaire au portugais européen ou brésilien, avec l'aide du corpus d'exclusion composé de dictionnaires et du Corpus do português, disponibles en ligne, réduisant à 39 collocations ; c) la compilation des fréquences et des contextes d'utilisation des 39 collocations sélectionnées ; d) la compréhension du sens de ces collocations, avec vérification dans des sources dictionnaires, ainsi que la consultation de textes académiques.

Pour le moment, l'étude de ces collocations est limitée au plan synchronique, sachant que parmi les collocations identifiées, un nombre réduit est répertorié dans des ouvrages lexicographiques du portugais. Une étude diachronique s'avère également importante, en temps voulu.

Les collocations analysées - (i) « *fazer candonga, fazer candongazinha* » ; (ii) « *fazer machamba* » ; (iii) « *fazer kumbosadia* » ; (iv) « *pôr os mambos* » ; et (v) « *pôr estigas* » révèlent certains éléments socioculturels des PALOP, certains déjà observés dans une

étude précédente : des expressions utilisées dans le commerce informel ; dans les milieux familiaux où la culture de subsistance prévaut ; dans la sphère politique, où des conflits régionaux et/ou ethniques sont parfois présents ; dans les relations informelles entre certaines sphères sociales de la population, où l'utilisation du langage familier est l'un des moyens de les identifier et surtout de les particulariser.

« *Fazer candonga* » désigne l'acte de vente de produits dans des lieux publics, une partie essentielle de l'économie et de la vie quotidienne dans les pays africains. Plusieurs facteurs favorisent la vente illégale de produits dans les espaces publics. C'est un phénomène complexe qui reflète à la fois la résilience et les défis auxquels sont confrontées certaines des communautés de ces sociétés. Il convient de rappeler que, dans certains endroits, le commerce informel est une pratique culturelle et traditionnelle de longue date.

Le chômage et le sous-emploi sont l'un de ces facteurs, car l'économie formelle ne parvient souvent pas à absorber la main-d'œuvre disponible, en particulier parmi les jeunes et les migrants ruraux vers les villes. En conséquence, les personnes en situation de vulnérabilité se tournent vers le secteur informel, comme la vente de produits alimentaires dans les places publiques, comme une forme de survie économique.

Dans certaines régions, il y a aussi un manque de réglementation ou de contrôle pour surveiller les activités de commerce informel. Cela peut être dû à des limitations des ressources du gouvernement ou d'engagement politique pour faire face au secteur informel, une source importante d'emplois et de revenus pour plusieurs personnes. Ainsi, les places publiques sont des lieux facilement accessibles et ne nécessitent généralement pas d'importants investissements pour installer un point de vente.

Les vendeurs illégaux, souvent des femmes, comme au Cap-Vert, appelées « *rabidante* », sont de petits commerçants qui opèrent

dans une économie de subsistance. Ils vendent des produits tels que des aliments, des vêtements, des appareils électroniques et d'autres biens pour gagner juste assez pour la journée, dans une économie de subsistance familiale quotidienne.

On peut faire un lien de cette collocation avec la collocation « *dar bacela* », utilisée au Mozambique, qui fait allusion aux petites gratifications que les vendeuses offrent pour convaincre le/la client(e) d'acheter leurs produits. Ainsi, la collocation « *fazer candonga* » ou « *fazer candongazinha* » dans le contexte analysé fait référence à une situation économique de la femme, probablement dans une famille monoparentale, qui doit, en plus du travail formel (« *viver do vencimento* », soit du salaire perçu mensuellement) recourir à la vente informelle de certains produits.

« *Faire machamba* » revêt une signification spécifique à ces réalités car cette collocation indique que la culture agricole, au-delà des aspects économiques, sociaux, culturels et environnementaux auxquels elle est liée, désigne l'installation familiale dans un nouvel endroit, avec l'autosuffisance requise, garantissant une source de revenus. Dans ces contextes, on comprend que, dans ces communautés, l'agriculture est plus qu'une activité économique ; elle devient une partie intégrante de l'identité culturelle, car elle permet la cohésion sociale.

D'après les recherches menées, la collocation « *pôr os mambos* » n'indiquerait pas seulement « dire quelque chose », mais présenterait aussi des traits sémantiques qui reflètent sa nature figurative et familière. La collocation présente ainsi un haut degré d'abstraction, car « *pôr* » et « *mambos* » sont utilisés de manière métaphorique, signifiant l'urgence de transmettre une information dans le contexte analysé.

La collocation « *pôr estigas* » est utilisée dans le même sens que le verbe « *estigar* », une incitation à un combat verbal lancé à

un adversaire. Le terme « *estiga* » désigne une provocation verbale, c'est-à-dire un échange d'arguments, de provocations ou de tentatives visant à persuader, impressionner ou vaincre verbalement l'adversaire. Cela implique une intention claire de contester ou de tester les capacités de communication, de persuasion ou d'intelligence d'une personne, en utilisant des mots. Utilisé notamment par les jeunes de Luanda, il révèle un marqueur social montrant qui appartient ou non à certains cercles culturels ou générationnels.

Cette étude n'apporte aucune nouvelle contribution théorique, mais elle s'appuie sur des recherches variationnistes et sociolinguistiques pour montrer comment les variétés du portugais utilisées dans les PALOP revêtent un dynamisme. Sa description ne fera que légitimer la position de ses locuteurs, leur discours étant reconnu non seulement en termes linguistiques, mais surtout sociaux, au-delà du domaine politique. Calvet (2002, p. 51-55), en analysant le cas des langues créoles, estime que leur mode particulier d'émergence ne légitime pas leur condition de langue inférieure, souvent attribuée socialement.

Ainsi, dans les collocations étudiées dans le cadre de cette recherche, on perçoit l'innovation et la créativité linguistique du portugais utilisé dans les PALOP, puisque la langue évolue et s'adapte aux besoins communicatifs et culturels locaux. Comprendre comment se manifeste le phénomène de l'hybridation linguistico-culturelle latente dans ces sociétés constitue l'une des contributions pour combattre les stigmates et préjugés sociolinguistiques.

RÉFÉRENCES

CALVET, Louis-Jean. **Sociolinguística**. Uma introdução crítica. São Paulo: Parábola, 2002.

KILIAN, Cristiane Krause; LOGUERCIO, Sandra Dias. Fraseologias de gênero em resumos científicos de Linguística, Engenharia de Materiais e Ciências Econômicas. **TradTerm**, v. 26, p. 241-267, dez. 2015.

LAMEIRA, Vivian Meurer. **Proposta de análise linguística para a identificação de fraseologias de gênero e fraseologias de gênero da área extraídas de um corpus de abstracts da medicina**. 2017. Tese (Doutorado em xx) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

MEL'ČUK, Igor. Tout ce que nous voulons savoir sur les phrasèmes, mais.... **Cahiers de lexicologie**, n. 102, p. 129--149, 2013.

SILVA, Francisca Andrea Ribeiro. Provérbios: fraseologias sob a ótica de gênero. **Grau Zero - Revista de Crítica Cultural**, v. 4, n. 2, p. 151-165, 2016.

SORBA, Julie. **Phraséologie et genres textuels**. Perspectives synchroniques et diachroniques. Mémoire de synthèse présenté pour l'obtention de l'Habilitation à diriger des recherches. Linguistique. Grenoble: Université Grenoble Alpes (UGA), 2022.

17

*Marilúcia Oliveira
Izabel Maria Silva*

PALATALIZAÇÃO DA LATERAL ALVEOLAR /L/ NO PB:

**DE RESULTADOS EMPÍRICOS
A IMPLICAÇÕES FONOLÓGICAS
E ORTOGRÁFICAS**

RESUMO

O presente estudo tem como tema a palatalização da lateral alveolar /l/ no Português Brasileiro (PB). O objetivo é mostrar como os estudos sobre o fenômeno podem dar contribuições importantes para a valoração do traço de continuância na líquida lateral /l/, bem como apontar o impacto dessa palatalização sobre a escrita de falantes que a usam. Para concretizar essa proposta, exibiremos um levantamento acerca da palatalização de /l/ no PB. Tomamos a representação fonológica proposta em Oliveira (2007), cuja análise se caracteriza por estudo de natureza sociolinguística (Labov, 1992) e fonológica, com base na Fonologia de Geometria de Traços (cf. Clements and Hume, 1995). Também trazemos para o debate o estudo de Machado *et* Damulakis (2024), pesquisa sobre aquisição da linguagem com foco na valoração do traço de continuância na líquida lateral /l/. Além disso, vamos apresentar evidências de como o fenômeno tem exercido impacto sobre a escrita, já que falantes, especialmente do Norte do Brasil, têm apresentado dificuldade em distinguir quando devem usar </> ou <lh>. Para evidenciar essa afirmação serão apresentados dados de escrita que comprovam o impacto da palatalização de /l/ sobre a escrita, inclusive de adultos com elevado grau de escolaridade.

Palavras-chave: Palatalização; Lateral alveolar; Continuância; Escrita.

INTRODUÇÃO

Um dos fenômenos mais representativos do Português Brasileiro é, sem dúvida, a palatalização, herança latina que desencadeou, entre outros, a formação da lateral e nasal palatais do Português. Ela pode ocorrer em diferentes posições. No Brasil, considerando-se a posição prevocálica, foram realizados abundantes estudos sobre a palatalização de /t/ e /d/ diante de vocóides anteriores altos, como [i] e [j]. Mas, até 2007, nessa posição, os estudos variacionistas se concentravam sobre a palatalização desses fonemas, sendo a palatalização de /n/ e /l/, apontadas como um fenômeno esporádico (cf. Oliveira, 2007), não sendo, portanto, tema de estudos dessa natureza. Em 2007, foi registrado o primeiro estudo sociolinguístico sobre a palatalização de /l/ no Norte do Brasil, região em que se encontra grande parte da Amazônia Brasileira (cf. Oliveira, 2016), a partir de uma abordagem variacionista e fonológica. Em 2014 e 2023, foram apresentados novos resultados sobre o fenômeno, nos volumes II e III do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), os quais apontaram, na contramão do que foi apresentado em Oliveira (2007), a difusão do fenômeno nas capitais brasileiras⁵⁶.

Um estudo de revisão bibliográfica sobre o tema foi realizado por Oliveira (2022). A autora catalogou pesquisas de natureza variacionista sobre a referida palatalização, destacando quatro fatores: autores, origem dos dados, limite geográfico coberto e tipo de coleta de dados realizado. Uma síntese desses resultados está registrada no quadro que segue, extraído de Oliveira (2022, p. 125).

56

Dados das não capitais do projeto ALiB ainda estão em análise. Mas os resultados preliminares mostram que a palatalização é menos difundida nas não capitais brasileiras.

Quadro 1 - Resumo bibliográfico da palatalização de /l/

Autor (es)	Origem dos dados	Limite geográfico	Recolha dos dados
Oliveira (2007)	ALiPA	Itaituba	Narrativas
Oliveira (2008a)	ALiPA	Itaituba	Narrativas
Oliveira (2008b)	ALiPA	Cidades paraenses	Questionário
Oliveira <i>et</i> Razky (2008c)	ALiB	Cidades paraenses	Questionário
Oliveira (2009)	ALiB	Cidades paraenses	Questionário
Oliveira (2010a)	ALiPA	Itaituba	Narrativas
Oliveira <i>et</i> Razky (2010b)	ALiPA/ALiB	Capitais do Norte, Nordeste e Centro-Oeste	Questionário
Oliveira (2014)	ALiB	Capitais brasileiras	Questionário
Oliveira (2016a)	ALiPA	Cidades paraenses	Questionário/narrativas
Oliveira, Lima <i>et</i> Razky (2016)	ALiB	Capitais brasileiras	Questionário
Oliveira (2016b)	ALiPA	Itaituba	Narrativas
Evangelista (2018)	Coletado pela autora ⁵⁷	Manaus	Lista de palavras, leitura de frases e pequenos textos
Evangelista <i>et</i> Martins (2019)	FAMAC ⁵⁸	Manaus	Lista de palavras
Guedes (2017)	ASLIB/ ALISPAI	Comunidades indígenas	Questionários e relato de experiências
Oliveira (2019)	AGQUINPA e ALQUIME	Comunidades afro-brasileiras	Questionários

Fonte: Oliveira (2022).

57 Não há menção clara a projeto.

58 Fala Manauara Culta e Coloquial. Disponível em: <https://projeto famac.wixsite.com/projetofamac>.

Ao todo, foram consultados 15 trabalhos. Os resultados revelam que os estudos se concentram sobretudo no Pará, estado localizado na região Norte do Brasil. A recolha foi feita por meio de aplicação de questionários e coleta de narrativas. Os *corpora* são oriundos de projetos de pesquisas de natureza dialetológica e sociolinguística desenvolvidas principalmente na região Norte. Esses resultados mostram como o fenômeno foi e ainda é pouco explorado nos estudos sociolinguísticos desenvolvidos no Brasil.

A palatalização pode ser tomada como um fenômeno cujo estudo pode ajudar a olhar o presente para compreender o passado, bem como olhar o presente para compreender o futuro. Se, por um lado, no passado, a palatalização foi um fenômeno que significou inovações no sistema fonológico do Português, no presente, não parece haver, até o momento, uma inovação no sistema fonológico. Há, sim, uma neutralização em termos fonéticos que tem criado dificuldade de distinção, na escrita, quanto ao uso de </> ou </h>.

A seguir, primeiramente, abordaremos a palatalização de /l/, de acordo com o registrado em Oliveira (2007), entendendo que os resultados apresentados corroboram a premissa de que /l/ é um segmento [-continuante] no PB. Para a presente empreitada, também lançaremos mão de resultados apresentados em artigo sobre aquisição da líquida /l/ em *onset*, de autoria de Machado *et al.* (2024)⁵⁹. Os dois estudos apresentam dados que podem ser tomados como evidência da presença do traço [-continuante] em /l/. Na seção subsequente, apresentaremos exemplos de escrita de falantes do Norte do Brasil, mas não só dessa região, evidenciando a dificuldade na distinção entre o uso de *l* ou *lh*, inclusive entre falantes adultos.

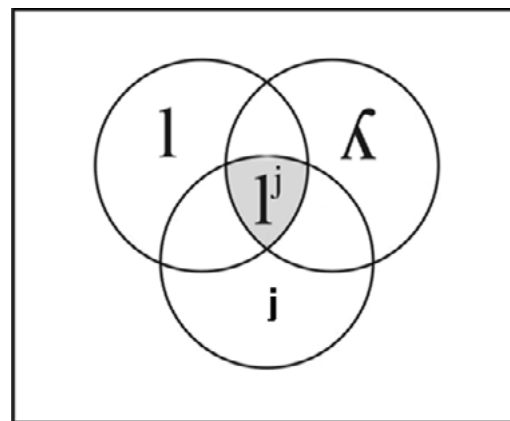
59

A seleção do trabalho de Machado e Damulakis (2024) se deve ao fato de se basearem na FGT (Clements and Hume, 1995), tal qual fez Oliveira (2007), e por apresentarem evidências que se baseiam na aquisição da linguagem infantil, o que significa apresentar uma evidência de outra natureza já que o de Oliveira (2007) apresenta evidência de estudo variacionista e fonológico.

A PALATALIZAÇÃO DE /L/

Em Oliveira (2007) está registrado o primeiro estudo socio-linguístico sobre a palatalização de /l/ no Português Brasileiro. A autora, ao estudar o fenômeno, identificou quatro variantes que ocorreram quando /l/ se encontrava diante de vocóides altos anteriores [i] e [j], quais sejam: /l/, /lʲ/, [j] [Ø]. O estudo sobre a palatalização de /l/ tomou como base dados de Itaituba, uma cidade localizada no sul do Pará. Os dados receberam análise variacionista e fonológica. Nesta seção, interessa-nos especialmente essa segunda abordagem. Segundo a autora, a palatalização de /l/ envolveu regras alimentadoras e sucessivas que apontam uma gradação, quais sejam: palatalização /l/; representadas por /lʲ/ e /λ/, semivocalização [j] e apagamento [Ø]. A autora faz referência a dois graus de palatalização, representados por /lʲ/ e /λ/, sendo o primeiro segmento representativo de um estágio intermediário, mas os dois resultantes de combinação, em diferentes graus dos processos de articulação secundária. A autora acrescenta que os segmentos resultam de diferentes processos que se aplicam a /l/. Ela os resume na seguinte figura:

Figura 1 - Interseção dos alofones de /l/



Fonte: Oliveira (2007).

A partir desse esquema, Oliveira (2007) propõe que a forma palatalizada, entendida como segmento de transição, é de onde podem derivar os diferentes segmentos encontrados no estudo da palatalização de /l/. Quando temos [ʎ], é possível, a partir do desligamento do traço secundário, caracterizado por [j], a formação de /l/, o que origina a despalatalização. Mas é possível obter a formação de [j], a partir do desligamento no traço consonantal que compõe a variante palatalizada, ou seja, [l], do que deriva [j]. Já a formação de /λ/ se caracterizaria pela “assimilação em que [-anterior] da articulação secundária espalha para o C-place da articulação primária. O apagamento resultaria do desligamento na raiz” (cf. Oliveira, 2007, p. 168).

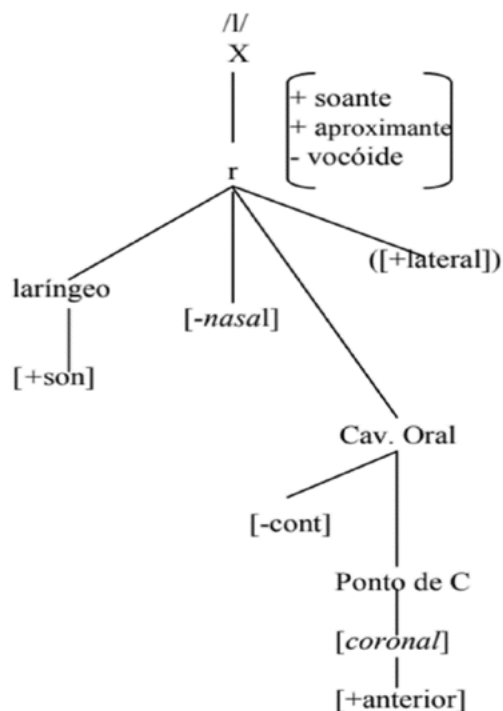
A seguir, vamos nos ater aos resultados relativos à palatalização de /l/, já que são os que diretamente nos interessam.

REPRESENTANDO /L/ E SUA PALATALIZAÇÃO À LUZ DA FGT

Dentre as inovações proposta na tese de Oliveira (2007), elencadas, a seguir, estão a) a ampliação da classe de segmentos que palatalizam diante de vocóides altos anteriores no PB, já que antes só se mencionavam geralmente /t/ e /d/; b) a relação entre palatalização e constrição, quanto mais constrição se combina mais palatalização ocorre, por exemplo, há mais palatalização com /t/ e /d/ porque apresentam mais constrição que /l/; c) a relação da palatalização com o traço [+alto], já que trabalhos anteriores exploravam mais o traço [anterior]; d) a hipótese conclusiva sobre incluir /l/ entre a classe de segmentos [-continuante] no PB, já que são as coronais [-continuante] que se submetem à palatalização, em posição prevocálica, no PB.

É sobre esse último ponto que queremos nos ater primeiramente. Para isso, apresentaremos a representação geométrica de /l/ proposta em Oliveira (2007):

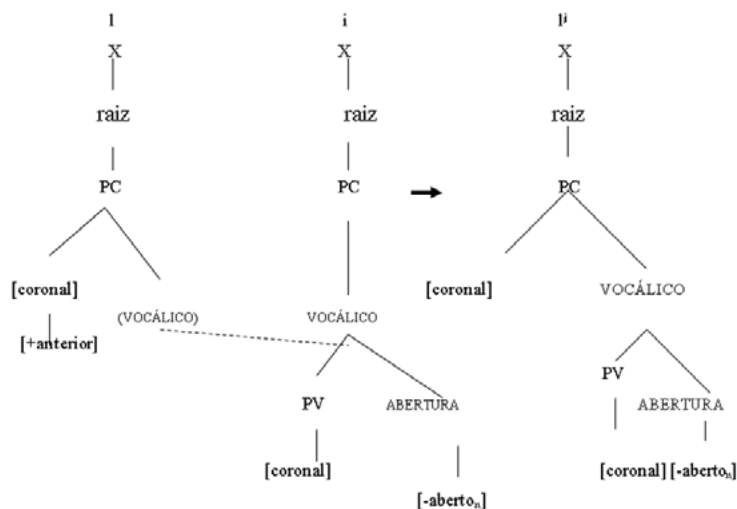
Figura 2 - Representação geométrica de /l/



Fonte: Oliveira (2007, p. 138, 139).

Como se pode ver, /l/ recebe o traço [-continuante]. A autora acrescenta que se localiza no traço de continuância a diferença de representação entre /l/ e /r/. Note-se que o nível em que se encontra o traço de continuância é superior ao nível em que se encontram os traços envolvidos na palatalização, cuja representação apresentamos em seguida.

Figura 3 - Representação da palatalização de /l/



Fonte: Oliveira (2007, p. 159).

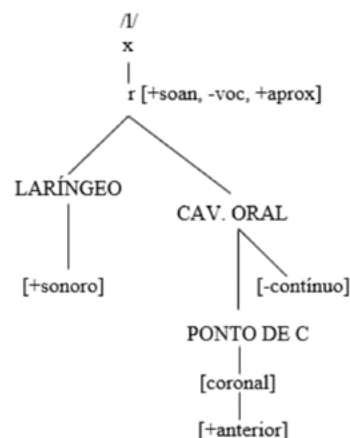
De acordo com a interpretação da autora (op. cit.) a palatalização é assim interpretada:

“Na representação acima, (PC) e (PV) indicam, respectivamente, o Ponto de articulação da consoante e o Ponto de articulação da vogal. Os parênteses, em (19), são usados para indicar que o nó vocálico estava inativo. Em uma consoante simples encontra-se inativo. É ativado, como se pode ver, quando do espalhamento do nó vocálico que domina [coronal] e o nó de abertura de um vocóide frontal alto, [-aberto_n], o que cria um segmento palatalizado, mais precisamente uma consoante simples com uma articulação secundária palatal. Essa representação indica que ocorreu o espalhamento do nó vocálico do segmento que segue /l/ (representado pela linha pontilhada) para a consoante, ativando-se, assim, o nó vocálico que se localiza sob o PC. Quando esse nó foi adicionado ao então ativado nó vocálico do PC, formou-se um segmento com articulação secundária [ɫ]” (Cf. Oliveira, 2007, p. 160).

Resta dizer que a representação geométrica da palatalização deixa claro que o traço de continuância não está envolvido na regra, pois se encontra em nível superior e independente ao nó que está envolvido na regra.

Machado *et* Damulakis (2024), em estudo recente, tratam da descrição do traço de continuância no PB, com vistas a discutir sua valoração na líquida lateral /l/. Para isso tomam dados de pesquisa sobre aquisição da linguagem infantil⁶⁰. Uma das perguntas a serem respondidas no estudo é: “Questões concernentes ao processo aquisitivo podem fornecer evidências sobre essa discussão?” Os autores apresentam também, tal qual fez Oliveira (2007), representação geométrica de /l/, como segue, abaixo:

Figura 4 - Representação geométrica de /l/

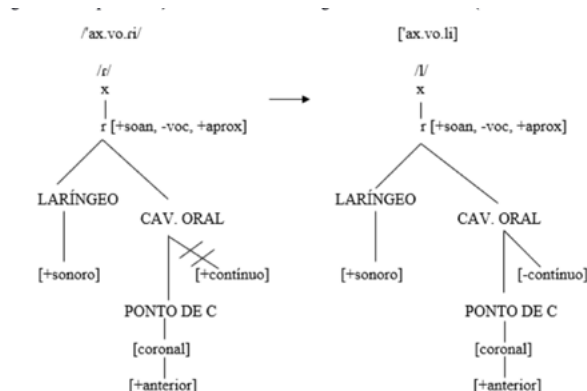


Fonte: Machado, Damulakis (2024).

Alguns argumentos usados pelos autores para considerar o traço [-continuante] na líquida alveolar, são destacados a seguir:

- a. o desligamento do traço [+continuante] no processo de aquisição com associação de seu valor negativo, quando se trata de lambdacismo, como mostra a figura que segue:

Figura 5 – Representação arbórea da estratégia de lambdacismo (como em 'arvo[l]e')



Fonte: Machado, Damalikis (2024).

Note-se que, no lambdacismo, diferentemente do que identificamos para a palatalização de /l/, o traço de continuância está envolvido, o que evidencia que a regra se aplica num nível superior ao da palatalização;

- b. troca de /r/ por /l/ nos grupos formados por CCV, em grupos consonantais formados por fricativas + líquida /r/ (fraco); nesse caso, evita-se que dois segmentos [-continuantes] estejam adjacentes na mesma estrutura, o que ocorreria para satisfazer o Princípio de Contorno Obrigatório (PCO);
- c. aternância de /l/ por /n/, em que esse último assumiria essa posição por ser [-continuante], como /l/.

Como se pode notar, os dois estudos atribuem à líquida lateral o traço [-continuante]. Mas há duas diferenças a considerar: Olivera (2007), apresenta o traço como uma proposição preliminar

a ser confirmada com novos estudos, porque à época, o fenômeno apresentava um baixo índice de ocorrência no Brasil, se considerarmos os registros acadêmicos. A autora o faz sob forma de hipótese conclusiva. Machado et Damulakis (2024), apresentam-no como evidências com base na aquisição de fala infantil. Os resultados são corroborados pela hipótese apresentada em Oliveira (2022), ao tratar dos resultados da palatalização nas capitais brasileiras. Mais ainda, os novos estudos sobre a palatalização confirmam que não se trata de um fenômeno esporádico, como afirmava Mota (1995), mas que vem se difundindo significativamente no Norte do Brasil e nas capitais brasileiras (Cf. Oliveira; Lima; Razky, 2022), o que fortalece a hipótese de, como /t/ e /d/ e /n/, o /l/ ser um segmento [-continuant] e que, como eles, também se submeter à palatalização, em posição prevocálica, integrando uma classe natural de segmentos. A lenta e menos produtiva palatalização de /l/, em termos estruturais, estaria também ligada à constrição, por isso, /t/ palatalizaria mais que /d/; este palataliza mais que /n/, que, por sua vez, palataliza mais /l/ (Cf. Oliveira, 2022).

Posto isso, afirmamos que estudos empíricos sobre a palatalização, além de trazerem uma contribuição importante para o conhecimento da realidade linguística brasileira, podem nos dar pistas importantes no que tange à discussão da teoria fonológica. É importante lembrar que, em posição prevocálica, as dorsais [k] e [g] também palatalizam no PB, diante de vocóides altos anteriores; elas também são [-continuentes]. Isso reforçaria a tese apresentada, segundo a qual é na combinação de segmentos com alta constrição que a palatalização é mais frequente. Ainda em relação ao tema:

Hall (1997) refere que, em inglês, são as [-continuant] /t d n l/ que se submetem à dentalização. Alguns fonólogos reúnem as laterais com oclusivas e nasais, já que na produção de uma lateral como /l/ o ar não escapa pela parte central da boca, mas pelos lados. Entretanto, cabe fazer um estudo mais rigoroso para definição desse traço nas laterais (Oliveira, 2007, p. 236).

Tanto os resultados sobre a aquisição da fala infantil quanto os estudos variacionistas podem trazer contribuições relevantes para os estudos teóricos, desfazendo-se, assim, uma posição que, antes de tê-los como oposição, deve ser avaliada sob um outro prisma: uma forma complementar e eficiente de fazer a pesquisa linguística.

O FALAR MOLHADO E SEU IMPACTO NA ESCRITA

Há pouco, tratamos da fala infantil, agora nos voltaremos sobre os impactos da palatalização entre adultos. Para isso, nos debruçamos sobre exemplos de escrita, a maioria representativa do território paraense.

Não raro, variações linguísticas interferem no nível ortográfico, fazendo com que especialmente alunos das séries iniciais cometam erros ortográficos. Isso é comum quando um fonema pode ser representado por duas letras numa dada língua, como é o caso de /s/, que pode ser representado, na escrita, pela letra "s", como em senhora, ou por "c", como em cebola, por exemplo. Também há casos inversos, isto é, há letras que podem corresponder, na escrita, a diferentes fonemas, como é o que da letra "s", que pode corresponder, na ortografia, ao fonema /z/, como em casa; ou ao fonema /s/, como em canseira. Espera-se que, com o tempo, crianças e adolescentes superem essas dificuldades, passem a dominar o sistema ortográfico e usem adequadamente as regras do sistema ortográfico da língua.

Como foi atestado nos trabalhos sobre a palatalização /l/, o fenômeno encontra-se, sobretudo, na região Norte, e mais especialmente no Pará, numa difusão que chega a alcançar índices categóricos em muitas cidades (Cf. Oliveira, 2022; Oliveira, 2016; Oliveira; Lima; Razky, 2023). Esse elevado uso da palatalização tem produzido,

na comunidade da região metropolitana de Belém, a partir de uma observação assistemática e de aplicação de pesquisa piloto, dificuldades quando do registro de palavras que são escritas com </>, quando /l/ se encontra em contexto de vogal alta anterior como em *mole* [moli], como veremos mais adiante, mas também palavras escritas com </h>, como em *coelhinho*, para cuja palavra já vimos registrada a escrita *coelinho*. Note-se que os contextos de /l/ são sempre seguidos de [i], contexto propício à palatalização, como já vimos.

A PALATALIZAÇÃO DE /L/: SEUS IMPACTOS NA ESCRITA DE NÃO ADULTOS E ADULTOS

Não são comuns trabalhos que tratem de desvios na escrita por conta da dificuldade de distinção entre o uso de </> e </h>, especialmente quando se trata de adultos. Isso é compreensível, já que é muito recente o registro da variação pela qual o fonema /l/ vem passando em posição prevocálica e os estudos relativos a ela. Mas, agora que o fenômeno está se difundindo, como atestam Oliveira (2022) e outros estudos mais, essas dificuldades devem aparecer mais na escrita e chamar a atenção de especialistas da área da linguagem. No Pará, onde o fenômeno é altamente produtivo, esses desvios já ocorrem, inclusive na escrita de adultos.

Nesta seção, apresentaremos resultados, ainda preliminares, sobre a dificuldade enfrentada por falantes paraenses quando da escrita de palavras com </> ou </h>, em diminutivos, como em *velhinho* (forma carinhosa de se dirigir a um idoso) e *velinha* (diminutivo de *vela*). Apresentaremos resultados de pesquisa piloto, cujos dados foram levantados por cinco alunos do curso de Sociolinguística, em

2023, com a finalidade de desenvolver um estudo sobre as dificuldades de escrita relacionadas aos contextos mencionados.⁶¹

Os dados a serem apresentados correspondem à coleta realizada nas escolas estaduais Dr. Celso Malcher e Prof. Virgílio Libonati, ambas localizadas em Belém. Participaram da pesquisa alunos do 5º, 8º, 9º anos e 1º ano do ensino médio (EM); uma turma de cada série.

Os dados usados no presente estudo referem-se a contextos específicos, ou seja, palavras que são escritas com *l* e palavras que são escritas com *lh*; todas no diminutivo. O objetivo é avaliar também o efeito do diminutivo sobre essa escrita, por conta do seu contexto fonético nas formas selecionadas para o estudo.

Os alunos das escolas, depois de receberem orientação de como funcionaria a coleta, eram instigados a escrever as palavras que correspondessem às perguntas realizadas, por exemplo: *Qual o animal que gosta de comer cenoura? E depois:* E como chamamos esse animal quando ele é bem pequeno?

Para este estudo foram selecionados 4 diminutivos grafados com a letra *</>* e seis com *</h>*. O quadro que segue mostra se as palavras mencionadas foram escritas das duas formas pelos falantes e que forma prevaleceu quando do cômputo geral da escrita dessas palavras. Iniciamos pelos contextos escritos com *</>*⁶².

61 Ressaltamos que se trata de um levantamento piloto, sem, no momento, finalidade quantitativa, com fim exploratório. É um levantamento preliminar para futura aplicação de pesquisa para descrição e análise das dificuldades relacionadas à problemática apresentada, a qual está relacionada a objeto de projeto de pesquisa sobre a palatalização de *//*.

62 No presente estudo, embora saibamos que os dados permitem outras descrições e análises, nos limitaremos apenas a mostrar se as formas são escritas corretamente ou não, a fim de evidenciar a interferência da fala na escrita dos colaboradores.

Quadro 2 - Diminutivos escritos com /

	Quinto ano		Oitavo ano		Nono ano		1º ano /EM	
	<l>	<lh>	<l>	<lh>	<l>	<lh>	<l>	<lh>
Galinhinha	X ⁶³	X	X	X	X	X	X	X
Velinha	X	X	X	X	X	X	X	X
Sandalinha	X	X	X	X	X	X	X	X
Bolinha	X	X	X	X	X	X	X	X

Fonte: Arquivo dos autores.

Os resultados mostram que os quatro vocábulos selecionados foram escritos com uso de <l> ou de <lh> (marcação com x), embora a ortografia recomende o uso de <l>, e que prevalece a escrita com uso de <l> (marcação com x, em negrito), exceto no oitavo ano, para sandalinha. Cabe ressaltar que o vocábulo bolinha é, em todas as séries, mais escrito com <l> do que com <lh>. Há pouquíssimos casos de escrita com <lh> para esse vocábulo. Assim, considerando-se esses resultados, embora o aluno use a forma palatalizada em sua fala, ao escrever, usaria corretamente o <l> na escrita. Isso, a princípio poderia indicar que, embora haja desvios, a maioria dos falantes faz uso correto da ortografia, mas é preciso considerar duas coisas: a) há alunos que usam <lh>, o que revela, claramente, que, como usam a forma palatalizada na fala, usam a letra que corresponderia a esse material sonoro na escrita; b) há alunos que usam corretamente a grafia, mas talvez isso indique que achem mesmo que, indistintamente, a forma palatalizada deva ser escrita com <l>. Passemos, agora, aos resultados referentes aos diminutivos escritos com <lh>. Eles podem nos ajudar a refletir sobre essas e outras questões.

Quadro 3 - Diminutivos escritos com /h

	Quinto ano		Oitavo ano		Nono ano		1º ano /EM	
	<l>	<lh>	<l>	<lh>	<l>	<lh>	<l>	<lh>
Coelhinho	X	X	X	X	X	X	X	X
Velhinho	X	X	X	X	X	X	X	X
Toalhinha	X	X	X	X	X	X	X	X
Folhinha	X	X	X	X	X	X	X	X
Ovelhinha	X	X	X	X	X	X	X	X
Galinho	X	X	X	X	X	X	X	X

Fonte: Arquivo dos autores.

No quinto ano, todos os vocábulos foram registrados tanto com / quanto com /h, mas dos seis vocábulos, cinco receberam mais registros com / do que com /h, ou seja, foram escritos com transgressão da ortografia. Em *folhinha* houve empate.

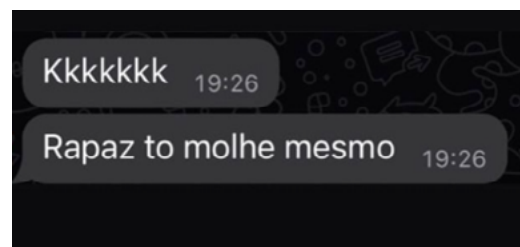
No oitavo ano, os alunos grafaram as palavras das duas formas, mas todas elas são mais escritas por <l> do que por <lh> exceto *velhinho*, que recebeu mais registros com /h do que com <l>. No nono ano, os vocábulos foram grafados das duas formas; em todos foi usado mais <l> do que /h.

Como se pode notar, os alunos do EM, que esperávamos já ter superado essa dificuldade de escrita, também enfrentam problemas em grafar as palavras que são escritas com <lh>. A maioria das palavras analisadas foram escritas com <l> talvez porque não consigam entender que não se trata, na fala, de uma variação de /l/, mas do fonema /λ/. Como estão acostumados a grafar a forma palatalizada com <l>, em contexto semelhante, aplicam a regra às palavras escritas com <lh>.

Posto isso, e correlacionando os resultados do quadro 02 com os do quadro 03, parece razoável pressupor, considerando que os alunos nos dois contextos usam mais <l> do que <lh>, que os estudantes estão fazendo uma generalização em que a forma palatalizada diante de [i] é escrita com <l>, pelo menos é isso o que apontam os dados analisados, observando-se o contexto específico em análise.

Mas será que isso ocorre apenas na educação básica? A seguir, apresentamos um exemplo colhido de uma conversa de *WhatsApp* que responde à pergunta:

Figura 6 - Interferência da palatalização sobre a escrita adulta



Fonte: arquivo das autoras.

Esse trecho foi produzido por um falante adulto, o que evidencia que a dificuldade de distinguir entre o uso de <l> ou <lh> não pode ser atribuído só aos alunos da educação básica. O trecho foi retirado de uma conversa entre amigos via *WhatsApp*. Trata-se de uma expressão muito comum no falar belenense. Não raro se diz isso quando se está doente, ou como sinônimo de preguiça, ou quando não se está bem por questões emocionais. Note-se que o indivíduo escreveu *molhe*, usando adequadamente, em termos ortográficos, a letra <e>, ou seja, sem interferência da redução da vogal, comum no PB, em sua escrita. Isso demonstra que apesar de pronunciar mole com [i] ao final, adota o uso legítimo da ortografia, usando a letra <e>. Porém, troca <l> por <lh>, isto é, usa ortografia que corresponde à forma palatalizada [ʎ], talvez tão acostumado esteja com o uso dessa variante.

A interlocutora desse falante perguntou-lhe sobre esse uso, e, só depois de refletir, se deu conta de que o vocábulo deveria ser escrito com <l> e não com <lh>. Lamentou muito. O indivíduo que escreveu esse texto é um doutorando bem-sucedido da área de Ciências Biológicas.

Curioso é que Oliveira (2023) apresenta na conclusão de um texto em que trata de fenômenos variacionistas, entre eles a palatalização de /l/, o seguinte trecho: “(...) sim, Belém tem um falar mole e molhado (em alusão a Câmara Jr.), inclusive, de acordo com a cultura popular, chove todos os dias, chuva fina ou chuva forte; isso também varia, e deixa a gente *mole*, com /l/ palatalizado” (Cf. Oliveira, 2023, p. 445). O texto foi escrito antes mesmo de o texto em análise ser coletado.

A seguir, exibimos outro exemplo; também produzido por falante de língua culta, nos termos do projeto NURC, no que tange à escolaridade.⁶⁴

Figura 7 - Maravilhinda



Fonte: arquivos dos autores.

64

Entendemos que esse texto apresenta outra possibilidade interpretativa, uma vez que na combinação de *maravilha* e *linda* pode ter havido a manutenção do <lh> de *maravilha*, o que consideramos menos razoável.

Esse trecho integra uma mensagem usada de *status* do *WhatsApp*. Quando parabeniza, a autora do texto, que usa linda com /l/ palatalizado, ao escrever *maravilhinda*, registra o vocábulo com <lh>. Isso demonstra mais uma vez dificuldades que falantes paraenses já encontram em distinguir quando usar uma ou outra letra por conta do produtivo e identitário uso da palatalização de /l/. A autora do texto é mestranda, o que deve implicar um contato constante com textos escritos, mas que não supera o efeito e significado da palatalização. Cabe dizer que os índices de palatalização no Pará, considerando-se as dez principais cidades paraenses, aproximam-se do categórico, alcançando em algumas cidades, 100% de uso (Cf. Oliveira; Lima; Razky, 2022).

Resta dizer que nas redes sociais já há vários registros de *maravilhinda*; inclusive, encontramos a forma registrada num auto-denominado dicionário informal⁶⁵:

Figura 8 - *Maravilhinda* na rede



Maravilhinda

1 Definição encontrada.

Definições Sinônimos Antônimos Relacionadas Exemplos Flexões Rimas Reversa

1. Maravilhinda

Significado de Maravilhinda Por Rico (RJ) em 14-03-2013

Indivíduo do sexo feminino maravilhoso e belo.

A Luana é a única menina tão linda e maravilhosa. Ela é **maravilhinda**!

Fonte: <https://www.dicionarioinformal.com.br/maravilhinda/>.

A princípio se poderia pensar que se trata de uma forma intencionalmente assim escrita, mas temos dúvidas. Procuramos casos de palavras como leite, comumente pronunciadas com [i] ao final, na mesma fonte. Quando se busca *leiti* (leite) ou *bejo* (beijo) o dicionário responde que não há registro com essa busca, o que pode indicar que o autor do trecho talvez não saiba se a escrita é com <l> ou com <lh>. Por outro lado, ao definir *maravilhinda*, o site refere uma “mulher linda”, usando a ortografia correta. Seria essa uma forma inovadora, criada recentemente na língua e que os falantes estariam registrando assim? Se assim o é, estamos diante de um caso, processamento mais complexo do que apenas erro ortográfico.

Para finalizar os exemplos, ainda em 2023, durante a comemoração do Natal, uma colega enviou-nos o seguinte trecho: “... que o bom **velinho**...”

O fenômeno de palatalização é um processo que tende a difundir-se cada vez mais em Belém e em espaços em que há grande identificação com a cultura do Pará⁶⁶, pois é representativa da identidade de paraenses, como afirma Oliveira (2003): “A palatalização de /l/, no Pará, está para o paraense, em termos fonético-fonológicos, tal qual o açaí, em termos culinários. Como é sabido, o açaí é considerado uma espécie de rei da culinária no Pará.

DISCUSSÃO

Os resultados apresentados remetem-nos inevitavelmente ao passado histórico do Português. Como é sabido, o latim não

66

Em Oliveira (2007) encontramos informações que mostram que as regiões de povoação menos antiga e que costumam se identificar menos com a cultura mais tradicional paraense, são as que menos usam a palatalização de /l/. Esses espaços são caracterizados por movimentos que querem a separação do estado em favor da formação de novos estados, como o do Tapajós e do Carajás.

apresentava as formas palatais /λ/ e /ɲ/ que constituem uma inovação do Português. A formação desses fonemas está ligada a uma alteração fonética condicionada que teve impactos fortes sobre o sistema fonológico, levando-o à reorganização. Assim, o processo que acompanhamos hoje com a palatalização de /l/ diante de [i] nos ajuda a entender o que ocorreu no latim antes da formação da lateral palatal /λ/. Por outro lado, o passado nos ajuda a entender o que se passa no presente com a palatalização, e nos dá pistas do futuro. Não estamos afirmando que temos uma mudança na língua, mas, obviamente, temos muitos processos registrados quando da formação da lateral palatal repetindo-se no PB. Trata-se de uma variação condicionada estruturalmente e socialmente que tem exercido impacto sobre a escrita de falantes paraenses, mas não só paraenses, como vimos, e que tem implicado dificuldade de distinção na escrita. Não estamos dizendo que estamos diante de um processo de refonologização, pois é cedo para isso, mas apresentando dados que mostram um movimento importante da língua que já ocorreu no passado e pode ter impactos relevantes no presente do PB. Dizemos PB porque, ao que parece, o fenômeno em difusão no Brasil não se mostra produtivo em Portugal. Segura (2023), ao tratar de fenômenos em fronteira de palavras, apresenta trechos de fala em que estão presentes a transcrição da lateral alveolar diante da vogal alta anterior. Em todos os trechos apresentados não há ocorrência de palatalização, como em “ali está a estação [ɛl’i ʃt’a wɐ ʃtɐs’ẽ w]; este [ancinho] tem quatro e aquele [i ak’eli] só tem três dentes; andava a cavar ele e os [’eli ɔʃ] filhos (cf. Segura, 2023, p. 41, 44, 45). Cabe lembrar que Oliveira (2007), quando procedeu à análise estatística da variação de /l/, retirou o excesso de dados referentes a *ele*, *aquele* para que não houvesse inflacionamento dos resultados. Havia significativa ocorrência de *ele* no *corpus*; além disso, para esse vocábulo havia índice quase categórico de palatalização. No caso dos dados usados por Segura (2023), todos os contextos que apresentam *e/e* não exibiram palatalização de /l/.

O processo de palatalização, embora apresente plena difusão, é um processo que não é facialmente identificado pelos falantes que não o usam, ou imaginam não usá-lo. Em vários eventos de que participamos, mesmo em espaços em que há claramente uso frequente da palatalização de /l/, muitos falantes só se dão conta de que a usam quando dão atenção especial á sua fala⁶⁷.

Quanto à valoração do traço de continuância em /l/, reiteramos que há evidências no estudo da palatalização de /l/ que podem corroborar o status do traço [-continuante] nessa líquida lateral seja em estudos variacionistas, fonológicos ou de aquisição de linguagem. Já os resultados de levantamento bibliográfico apontam a necessidade de pesquisas que investiguem em que grau de difusão está o fenômeno em outros espaços do Brasil, de forma a se poder apontar se seu impacto já atingiu a escrita, como bem se percebe em dados do Pará.

Por fim, cabe lembrar que o impacto das mudanças incondicionadas no sistema fonológico de uma língua, geralmente é modesto: um fonema é trocado por outro e os demais permanecem inalterados. Entretanto, os resultados de uma mudança condicionada podem trazer maiores consequências para o sistema fonológico, levando a processos de refonologização ou refonemização, ou seja, à reorganização do sistema de sons na língua. A isso devemos estar atentos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente texto tratou da palatalização de /l/, a partir de dados do PB, com a finalidade de apresentar discussão da valora-

ção do traço de continuância na lateral alveolar /l/ e mostrar como o fenômeno tem alcançado difusão implicando dificuldades para os falantes quanto ao uso de <l> ou <lh> na escrita. Os resultados mostram que a palatalização tem influência sobre desvios de ortografia. As pesquisas mencionadas e discutidas também mostram que o estudo da palatalização oferece evidências, sobretudo com a publicação de resultados mais recentes sobre o fenômeno, para atribuição do traço [-continuante] na lateral alveolar, já que, em posição prevocálica palataliza como /t/, /d/, /n/, todos fonemas [-continuante] no PB. Isso é reforçado por resultados de estudo sobre aquisição da linguagem. O levantamento bibliográfico realizado mostra que o fenômeno tem se difundido no Brasil e carece de estudos, a fim de se possa flagrar as etapas pelas quais passa essa alteração e fazer previsões sobre o curso da língua em relação ao fenômeno, bem como para conhecimento do funcionamento da língua portuguesa falada no Brasil.

REFERÊNCIAS

- CLEMENTS, George N. HUME, Elizabeth. The Internal organization of speech sounds. In: GOLDSMITH, John (Ed.). **The Handbook of Phonology Theory**. Cambridge: Blackwell, 1995. p. 246-306.
- CARDOSO, Suzana *et al.* **Atlas Linguístico do Brasil**. Londrina: EdueL, 2014. v. 2.
- COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB: Atlas Linguístico do Brasil. **Questionários**. Londrina: UEL, 2001.
- EVANGELISTA, Camilla dos Santos. **A palatalização das alveolares e velares no contexto de /i/ na fala manauara**. 2018. Dissertação (Pós-graduação em Letras) – UEA: Manaus, 2018.

CRUZ, Maria Luísa Segura. 0944 Fenômenos fonéticos em fronteira de palavra nos dialetos portugueses. **Revista Moara**, n. 65, ago-dez 2023, p. 1-20.

EVANGELISTA, Camila Santos; MARTINS, Silvana Andrade. A realização da lateral alveolar /l/ na fala manauara. *In*: MARTINS, Silvana Andrade; Valteir, MARTINS; ARAÚJO, Jussara.

A fala manauara: documentação e análise linguística dos fenômenos variáveis do português falado/escrito em Manaus; Manaus: Editora UEA, 2019, p. 79-106.

GUEDES, Regis José da Cunha. **Perfil geossociolinguístico do português em contato com línguas Tupi-guarani em áreas indígenas dos Estados do Pará e Maranhão**. 2017. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Pós-graduação em Letras, Universidade Federal do Pará, Belém, 2017. 2 v.

HALL, T. Alan. **The Phonology of Coronals**. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company. Amsterdam Studies in Theory and History of Linguistic Science, Serie IV, current issues in linguistic theory, v. 149. Philadelphia: University of Ottawa, 1997.

LABOV, William. **Sociolinguistic Patterns**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

MACHADO, Bruna; DAMULAKIS, Gean. As líquidas alveolares e o traço [+contínuo] no português brasileiro. **Confluência**. Rio de Janeiro: Liceu Literário Português, n. 66, p. 221-250, jan.-jun. 2024.

OLIVEIRA, Marilucia Barros de. A palatalização de /l/ diante de [i], [j]. *In*: MOTA, Jacyra; RIBEIRO, Silvana; OLIVEIRA. **Atlas Linguístico do Brasil**. Londrina: Eduel, 2023. v. 3, p. 59-75.

OLIVEIRA, Marilucia Barros de. **A palatalização da lateral alveolar /l/ em posição prevocálica no falar de Itaituba-PA**: uma abordagem geo-sociolinguística. 2007. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística: Letras) – Faculdade de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2007.

OLIVEIRA, Marilucia Barros de. Palatalização E Soância: Interação Entre Variação E Teoria Fonológica. *In*: RONCARATI, Cláudia; ABRAÇADO, Jussara. **Português Brasileiro II**. 1 ed. Rio de Janeiro: EDUFF, 2008a v. II, p. 247-259.

OLIVEIRA, Marilucia Barros de. Palatalização de /l/: marca do falar paraense. *In*: Rosa Assis. **Estudo Da Língua Portuguesa E De Todas As Línguas Que Fazem A Nossa**. 1 ed. Belém: UNAMA, 2008b v. II, p. 120-131.

OLIVEIRA, Marilucia Barros de; RAZKY, Abdelhak. Distribuição geo-sociolingüística de /l/ nos dados do ALiB-Norte. *In*: ARAGÃO, Socorro. **Estudos em fonética e fonologia no Brasil**. 1 ed. Fortaleza: Edição do autor, 2008c, v. I, p. 128-139.

OLIVEIRA, Marilucia Barros de; RAZKY, Abdelhak; SOUSA, Costa Céliane de; MELLO, W. Imagens preliminares da realização variável de /l/ prevocálico no estado do Pará. *Signum. Estudos de Linguagem*, v. 12, p. 297-322, 2009.

OLIVEIRA, Marilucia Barros de. À guisa de uma explicação sociolinguística para a acentuada palatalização de /l/ em Itaituba-PA. **Amazônica: Revista de Antropologia** (Online), v. I, p. 220-248, 2010a.

OLIVEIRA, Marilucia Barros de; RAZKY, Abdelhak. Imagens Preliminares Da Realização Variável De /L/ Em Posição Prevocálica. *In*: **Anais... SIMELP**, 2010, Évora. Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas, 2010b. p. 163-183.

OLIVEIRA, Marilucia Barros de; LIMA, Alcides F.; RAZKY, Abdelhak. /l/ diante [i] nas capitais do Brasil. **Atlas Linguístico do Brasil**. 1 ed. Londrina: EDUEL, 2014, v. 1, p. 93-99.

OLIVEIRA, Marilucia Barros de. Os dados do ALiB: recaracterizando os falares Amazônico e Nordeste. *In*: XXVIIe Congrès international de linguistique et de philologie romanes, 2016, Nancy. **Actes du XXVIIe Congrès international de linguistique et de philologie romanes**. Nancy, 2016. v. 1. p. 320-331.

OLIVEIRA, Marilucia Barros de. Palatalização de l: atuação de fatores sociais. **Signum: Estudos da Linguagem**, v. 19, p. 239/2-259, 2016.

OLIVEIRA, Marilucia Barros de; LIMA, Alcides F.; RAZKY, Abdelhak. Palatalização de l diante de i no português brasileiro. **Revista Linguística (Online)**, v. 32, p. 63-72, 2016.

OLIVEIRA, Marilucia; Dias, Marcelo Pires. Mapeamento da palatalização de /l/ em comunidades quilombolas. *In*: SANTOS, Leandra Inês Segnanfredo; PHILIPPSSEN, Neusa Inês. **Pesquisa Linguística na Amazônia Brasileira**: descrição, ensino e formação docente. *In*: Unicamp: Pontes, 2019, p. 151-170.

OLIVEIRA, Marilucia Barros. Palatalização de /l/: alcances e limites. *In*: LIMA, Alcides de; RAZKY, Abdelhak; OLIVEIRA, Marilucia Barros de. **Estudos Geossociolingüísticos** (edição comemorativa de 25 anos). Vol. 3. 2022, p. 187-208.

18

*Marilucia Oliveira
Izabel Maria Silva*

PALATALIZATION OF THE ALVEOLAR LATERAL /L/ IN BRAZILIAN PORTUGUESE (BP):

**FROM EMPIRICAL RESULTS
TO PHONOLOGICAL AND
ORTHOGRAPHIC IMPLICATIONS**

INTRODUCTION

The theme of the present study is palatalization of the alveolar lateral /l/ in Brazilian Portuguese (BP). Palatalization is one of the most representative phenomena of BP and has triggered the formation of the lateral and nasal palatals of Portuguese. Its objective is to show how studies on the phenomenon can have an important contribution to the valuation of the continuant feature in the lateral liquid /l/, as well as to point out the impact of this palatalization on the spelling of speakers who use it.

Until 2007, the palatalization of /n/ and /l/ was considered sporadic and, therefore, not being the focus of studies of variationist nature. In 2007, the first sociolinguistic study on palatalization of /l/ based on a variationist and phonological approach was carried out in the North of Brazil. In 2014 and 2023, new results on the phenomenon were presented in volumes II and III of the Linguistic Atlas of Brazil (ALiB) and pointed out its diffusion in Brazilian capital cities.

Oliveira (2022) carried out a literature review of 15 studies on the subject. The results reveal that the studies are mainly concentrated in Pará, a state located in Northern Brazil. Data collection included questionnaires and narratives. The results of the reviewed studies reveal how the phenomenon was and still is little explored in sociolinguistic studies in Brazil no matter how important it is to understand the past, the present and the future of the language. In the past, palatalization meant innovation in the phonological system of Portuguese. In the present, there is, rather, a neutralization in phonetic terms that has created difficulties in distinguishing in spelling as to the use of <l> or <lh>.

In the present paper, we will first address the palatalization of /l/ according to what Oliveira (2007) recorded and understanding that the results presented corroborate the premise that /l/ is a

[-continuing] segment in BP. For this endeavor, we shall resort to the results presented in a paper on the acquisition of the liquid /l/ in onset authored by Machado et Damulakis (2024). Both studies bring data that can be taken as evidence of the presence of the [-continuant] in /l/.

We will then present examples of spelling by speakers from Northern Brazil, but not only from this region, as evidence proving the spelling difficulty in distinguishing between the use of <l> or <lh> even among adult speakers.

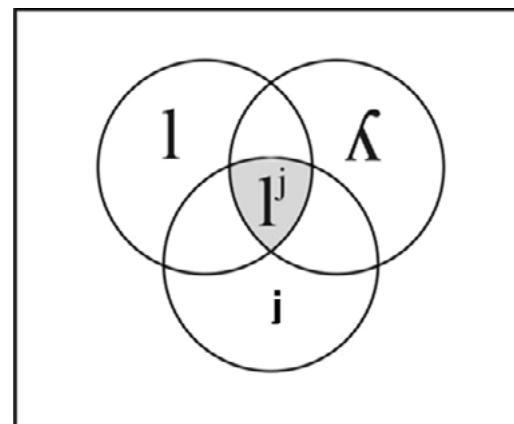
THE PALATALIZATION OF /l/

Oliveira (2007) is the first sociolinguistic study on the palatalization of /l/ in BP. The data for the study was collected in Itaituba, a city located in the South of Pará, Northern Brazil. The data contained both variationist and phonological analyses. The phonological analysis is the one that interests us herein.

The author identified four variants that occurred when /l/ was in front of high vocoids [i] and [j]. According to her, the palatalization of /l/ involved feeder and successive rules that point to a gradation, namely: **palatalization** of /l/ and of /λ/; **semivocalization** of [j] and **deletion** of [Ø].

Oliveira (2007) refers to two degrees of palatalization represented by /l̥/ and /λ/, the first segment being representative of an intermediate stage. The two segments result from combination in different degrees of the processes of secondary articulation. The author adds that the segments result from different processes that apply to /l/. She summarizes them in the following figure:

Figure 1 - Intersection of the allophones of /l/



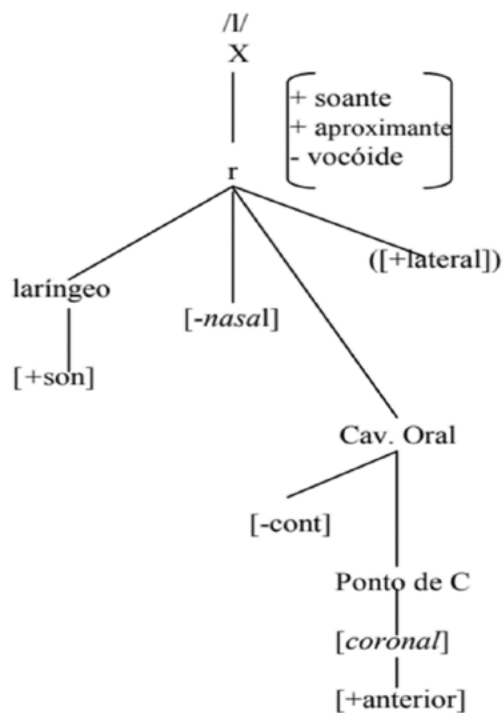
Source: Oliveira (2007).

REPRESENTING /L/ AND ITS PALATALIZATION IN THE LIGHT OF PHONOLOGY OF GEOMETRY OF TRACES

The innovations proposed by Oliveira (2007) in her thesis include: a) the expansion of the class of segments that palatalize in front of anterior high vocoids in BP, since previously only /t/ and /d/ were usually mentioned; b) the relationship between palatalization and constriction. The more constriction they combine the more palatalization occurs. For example, there is more palatalization with /t/ and /d/ because they have more constriction than /l/; c) the relationship between palatalization and the [+high] feature since previous studies explored the [anterior] feature more; d) the conclusive hypothesis about including /l/ among the class of segments [-continuant] in BP, since it is the coronals [-continuant] that are submitted to palatalization in the prevocalic position in BP.

The geometric representation of /l/ proposed by Oliveira (2007, p. 138, 139) in Figure 2 below⁶⁸:

Figure 2 - Geometric representation of /l/



Source: Oliveira, 2007, p. 138, 139.

THE PALATALIZATION OF /L/: ITS IMPACTS ON THE SPELLING OF NON-ADULTS AND ADULTS

Studies that address deviations in spelling are not common due to the difficulty in distinguishing between the use of <l> and <lh>, especially when dealing with adults. This is understandable since the record of the variation that the phoneme /l/ has undergone in the prevocalic position and the studies related to it are very recent. However, the phenomenon is spreading and these difficulties should appear more often in spelling and attract the attention of specialists.

Data used in the present study comprise specific contexts, that is, words that are spelt with <l> and words that are spelt with <lh>. All the words were in the diminutive form. The objective is also to evaluate the effect of the diminutive form on the spelling due to its phonetic context in the forms selected for the study.

The results found in the study take us back to the history of the Portuguese language. As it is known, Latin did not display the palatal forms of <lh> and <nh>, which are an innovation in Portuguese. The formation of these phonemes is linked to a conditioned phonetic change that had strong impacts on the phonological system, leading it to reorganization. Thus, the process that we follow today with the palatalization of /l/ before [i] helps us understand what happened in Latin before the formation of the palatal lateral /λ/.

We are not saying that we have a change in the language, but we obviously have many processes recorded during the formation of the lateral palatal repeating themselves in BP. This is a structurally and socially conditioned variation that has had an impact on the spelling of speakers from Pará, but not only from Pará, and which has resulted in difficulties in spelling distinction.

It is too early to say we are facing a process of rephonalization. However, our data display an important movement in the language that has already occurred in the past and could have relevant impacts on the present of BP. This phenomenon spreading in Brazil is not proving itself to be productive in Portugal.

REFERÊNCIA

OLIVEIRA, Marilucia Barros de. **A palatalização da lateral alveolar /l/ em posição prevocálica no falar de Itaituba-PA: uma abordagem geo-sociolinguística**. 194 f. 2007. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística: Letras) – Faculdade de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2007.

19

*Arthur Neves Sousa Pereira
Ana Clara Nunes Brito
Valéria Viana Sousa*

A PREPOSIÇÃO *DE* E OS NEOLOGISMOS COM *DIAS DA SEMANA*:

INVESTIGAÇÃO DE FENÔMENOS LINGÜÍSTICOS
E PROPOSTAS DIDÁTICO-PEDAGÓGICAS
CENTRADAS NO USO

RESUMO

No capítulo em questão, propomo-nos a apresentar dois fenômenos linguísticos que podem estar presentes em uma sala de aula, no processo de ensino-aprendizagem de língua portuguesa, especialmente no português falado no Brasil. Para tanto, consideramos como base teórica os estudos centrados no uso, em interface com o Funcionalismo de vertente norte-americana, a Linguística Cognitiva e, em especial, a Gramática de Construções. Com isso, objetivamos propor caminhos possíveis para a discussão dos processos de variação e mudança linguística do português brasileiro por meio de dois objetos: a preposição *de* (*evento de milhões*) e neologismos com dias da semana (*domingou*), os quais foram coletados a partir de um gênero textual comum, o *meme*. Nesta investigação, embora as pesquisas estejam alicerçadas no método misto (Cunha Lacerda, 2016), tendo em vista as considerações das frequências *types* (tipos) e *tokens* (ocorrências) dos *constructos*, será apresentada apenas a análise qualitativa dos dados em uma perspectiva sincrônica. Os resultados, alinhados ao ensino, fomentam que, nas aulas de língua portuguesa, a prática docente e a compreensão dos discentes por meio de usos linguísticos reais podem tornar o ensino-aprendizagem mais significativo.

Palavras-chave: Construcionalização; Linguística Funcional Centrada no Uso; Neologismos; Preposição “de”; Sala de aula.

INTRODUÇÃO

[...] ousar é a palavra-chave. A mudança de perspectiva (no ensino do português) prevê novas possibilidades de trabalho com a língua sem medo (Oliveira; Coelho, 2015, p. 96, com adaptação).

Neste trabalho, objetivamos apresentar uma proposta teórico-metodológica com vistas a colaborar no processo de ensino-aprendizagem do português falado no Brasil. Para isso, ancoramo-nos teoricamente na Linguística Funcional Centrada no Uso, teoria de base brasileira, a qual é resultado de outras grandes áreas do saber: i) o Funcionalismo de vertente norte-americana; ii) a Linguística Cognitiva; e, a partir dessa, iii) a Gramática de Construções. Em virtude disso, socializamos duas investigações linguísticas que discutem a variação e mudança linguística com um direcionamento à aula de línguas, especialmente, o português brasileiro.

Para atingir a essa finalidade, trazemos à baila fenômenos presentes na língua em uso, quais sejam: i) o primeiro constitui um estudo sobre a expressão [de milhões], construção utilizada em redes sociais e que, dada a sua produtividade, passou a estar presente nas inter-relações, quer seja nos textos escritos ou orais do português brasileiro, evidenciando etapas de variação e mudança da língua em uso (Pereira; Sousa, 2023); ii) o segundo está relacionado à formação de palavras, mais especificamente, verbos por meio de substantivos, em particular os dias da semana, a exemplo de [domingou], neologismo formado a partir do dia da semana “domingo”, que é exemplo da maleabilidade da língua em uso no Brasil (Brito; Sousa, 2024).

Frente a isso, a metodologia de análise deste estudo alinha-se ao Método Misto (Cunha Lacerda, 2016), visto que partimos da frequência *type* (tipos) e *token* (ocorrências) dos excertos coletados para analisarmos qualitativamente os dados da língua em uso, em casos como [X de milhões], que implica exemplos, como: “A saída

de milhões”; e de $[X_{\text{base SDS}} + \text{morfema}]$, que, por sua vez, implica *constructos* como “sextou”. Esclarecemos que os dados desta pesquisa, contudo, serão analisados apenas qualitativamente e em uma perspectiva sincrônica.

A partir disso, tencionamos chegar à sala de aula, posto que acreditamos que o aspecto dinâmico e funcional da língua possa trazer diversas possibilidades para o ensino-aprendizagem de língua e, em especial, neste estudo, da língua portuguesa. É, nesse lugar, que as duas investigações em voga ganham forças, quando, a partir da discussão de dois fenômenos linguísticos em uso, fundamentados teoricamente em um mesmo aporte, buscam, no gênero textual *meme*, trabalhar com a variação e, quiçá, consequente mudança da língua(gem), e levar esse estudo para a sala de aula.

Para tanto, concluímos, com as pesquisas realizadas, que os fenômenos linguísticos mencionados podem ser significativos para o efetivo exercício de ensino-aprendizagem do português-brasileiro, com vistas a reforçar a dinamicidade que existe entre gramática <> discurso. Como consequência disso, essa atividade pode promover uma aproximação entre aluno-professor de modo a melhorar o trabalho docente e o desempenho discente no cenário do ensino de línguas.

A título de organização, esse capítulo está dividido da seguinte maneira: i) esta introdução, com palavras iniciais sobre os fenômenos estudados; ii) referencial teórico em alinhamento à análise e à proposta didático pedagógica; iii) a metodologia de organização e discussão da pesquisa; iv) resultados e apresentações de propostas didático-pedagógicas à sala de aula; v) as considerações finais, com ponderações basilares ao enlace entre ensino e funcionalismo; e, por fim, as referências.

LINGÜÍSTICA FUNCIONAL CENTRADA NO USO E O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA: UM DIÁLOGO POSSÍVEL

Neste espaço, dedicamo-nos à teorização sobre a Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU) e seu enlace com o ensino de Língua Portuguesa, a partir de uma perspectiva que considere a maleabilidade da língua(gem). Para isso, recorreremos ao Funcionalismo e aos documentos que norteiam o fazer educacional brasileiro, tendo em vista a necessidade de um estudo que, ao mesmo tempo em que considera a variação e mudança linguística, também se preocupa em adentrar a sala de aula em uma perspectiva (sócio)centrada no estudante.

A LFCU tem sua base alinhada a um tratamento da gramática com o foco na função das construções linguísticas dentro de uma abordagem construcional. No Brasil, essa teoria é fruto de três outras grandes áreas do fazer linguístico: i) o Funcionalismo Norte-Americano; ii) Linguística Cognitiva; e, a partir desta, iii) Gramática de Construções. Desse aspecto, resulta em uma teoria que, na atualidade, considera a estrutura linguística como resultado de processos cognitivos gerais que, daí, surge uma retroalimentação entre discurso <> gramática (Rosário; Oliveira, 2016), questão fundamental nos propósitos funcionalistas.

De tal modo, ao discutir essa teoria, convém situar o campo teórico de sua fundação, o Funcionalismo Norte-Americano, especialmente nas vozes de Givón (1979), Traugott (2008) e Bybee (2016). Nesse lugar, os estudos direcionam-se em prol de compreender os processos de gramaticalização que itens linguísticos sofrem, ou seja,

a maleabilidade de os itens passarem de um estágio lexical para um estágio gramatical ou, ainda, de um estágio gramatical para um estágio mais gramatical.

Para nós, funcionalistas, esse estudo reverbera em uma noção de gramática que nunca está pronta e, sim, está sempre por se fazer. Em outras palavras, isso significa apontarmos que a gramática é um “[...] conjunto de regularidades decorrentes de pressões cognitivas e, sobretudo, de pressões de uso” (Cunha; Costa; Cezario, 2015, p. 42). Por essa compreensão de gramática, urge o diálogo com a Linguística Cognitiva, posto que esse *uso* linguístico deriva da experiência do falante.

Em virtude disso, a Linguística Cognitiva (LC) passa a discutir sobre os processos efetivos da aplicabilidade de um item linguístico, como sinalizado por Fillmore (1968), Goldberg (1995; 2006) e Croft (2001). Os estudos na LC apontam a relação entre palavras/frases e seus contextos de uso, resultando, então, em uma perspectiva não-modular da língua, contrariando os pressupostos da Teoria Gerativa da Língua. Assim sendo, a interação entre gramática <> discurso, na LC, argumenta em prol da interdisciplinaridade entre cérebro e mente com a vida em sociedade do falante e, por isso, adota uma perspectiva baseada no uso, dado que não há significação fora desse lugar (Ferrari, 2011).

Em consenso, um estudo centrado no uso direciona a interpretação entre forma <> função da construção linguística, tendo em vista a dimensão contextual, pragmática e morfossintática dos usos, resultando em uma relação corpo-mente-língua. É, aí, que o terceiro bloco teórico da LFCU firma suas raízes, quando, na Gramática de Construções, há a apresentação de um modelo de representação do inventário linguístico do falante de uma determinada língua.

Como expoentes desse campo, temos Fillmore (1985), Langacker (2008), Traugott e Trousdale (2021), Pinheiro (2022) etc.,

discutindo sobre generalizações gramaticais que, dentro de padrões abstratos, permitem a construção de diferentes enunciados linguísticos. Nessa esteira, tal construção advém de uma rede dinâmica que baliza novos elos de forma contínua. Por conseguinte, a língua é tida como uma rede de nós (inter)conectados que, em processos multidirecionais, alimenta a gramática e o inventário linguístico de um falante.

Nessa toada, a LFCU faz uso dessas três áreas referenciadas para discutir sobre a arquitetura construcional de palavras, frases, textos, em suas modalidades orais e escritas da língua(gem). A LFCU, nessa perspectiva, propõe, dentro de uma ótica funcionalista da língua(gem), estudos sobre a padronização construcional que há nos enunciados linguísticos..

Com base nisso, um dos grandes pilares sustentado pela LFCU é a construcionalização, por, justamente, entender que as expressões da linguagem vêm da experiência do falante e, por isso, constituem uma construção gramatical posta em uso (Rosário; Oliveira, 2016). Desse uso, emerge a mudança linguística e consequente estabilidade, posto que a mente pode tanto conceptualizar, como construir a experiência do falante no mundo e, daí, ter como resultado a variação linguística, como os fenômenos que são apresentados neste capítulo.

Em um diálogo possível, a LFCU encontra o ensino de língua portuguesa no Brasil, visto que documentos que orientam a educação no país, como os Parâmetros Curriculares Nacionais (2000) e, mais recentemente, a Base Nacional Comum Curricular (2018), defendem um ensino contextualizado à realidade dos alunos. Aqui, a LFCU ganha terreno firme, pois sua base teórica considera de extrema importância que a língua(gem) só existe no jogo que se joga na sociedade, espaço o qual, sobremaneira, reside a multiplicidade de discentes brasileiros.

Nesse caminho, entendemos que uma educação que, de fato, valoriza a cidadania linguística do público-alvo de ensino deva, indubitavelmente, considerar a linguagem como um ponto capaz de formar o exercício do falante (PCN, 2000). Logo, como maneira de se aproximar desse exercício, a variação e mudança linguística, em uma era tecnológica como o século XXI, pode ser encontrada em gêneros textuais dos mais diversos, como o *meme*, o qual viabiliza o humor e, para tal, construcionaliza itens linguísticos, tanto por meio de mudanças categoriais de formas, quanto por meio de criação de *neologismos* da língua.

Em termos de ensino-aprendizagem do português falado no Brasil, um ensino centrado no uso desponta como emergente e essencial. Isso se dá, pois, na vida em sociedade, os estudantes são, a todo momento, convidados a refletirem sobre as marcas contextuais e pragmáticas que as construções linguísticas podem atribuir em diferentes lugares. É aí que emerge a relevância de um estudo que coaduna à centralidade da língua em uso, dentro de processos de variação e mudança linguística (Oliveira; Coelho, 2015).

Tendo em vista as observações sobre o campo teórico que sustenta esta pesquisa e, igualmente, sobre o trabalho analítico e reflexivo de um ensino de línguas, na próxima seção dedicamo-nos à socialização do percurso metodológico das investigações linguísticas presentes neste capítulo.

A METODOLOGIA DE ANÁLISE DOS FENÔMENOS LINGÜÍSTICOS

Este estudo qualitativo é ancorado nos pressupostos da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), a qual é advinda, dentre outras teorias, do Funcionalismo Norte-Americano, da Linguística

Cognitiva e da Gramática de Construções, conforme mencionamos. A metodologia de análise desse estudo alinha-se com o Método Misto de Cunha Lacerda (2016), visto que partimos da frequência *type* (tipos) e *token* (quantidade) dos excertos coletados para analisarmos qualitativamente os dados da língua em uso e propormos uma rede taxonômica da construcionalização de [X de milhões], a partir de constructos como “A viagem de milhões”, e de [X_{base SDS} + morfema], a partir de constructos como “domingou”. Neste recorte, entretanto, conforme já esclarecemos, os dados serão analisados qualitativamente e em uma perspectiva sincrônica.

Para a realização desta investigação, cada proposta teve a constituição de seu *corpus*. Na proposta 1, realizamos a coleta de dados em redes sociais (Instagram, Twitter e TikTok), na qual obtivemos, entre os meses de abril a outubro de 2022, 50 (cinquenta) registros, tendo a expressão [de milhões] como guia dessa coleta; na proposta 2, coletamos dados na internet (Google, Instagram, Facebook) e formamos um *corpus* com cerca de 60 (sessenta) *memes*, durante os anos de 2021, 2022 e 2023, nos quais continham dias da semana, como, entre outras, as construções *sextou*, *sabadou*, *domingou*.

O desejo em unir as pesquisas (preposição *de* e neologismos), anteriormente trabalhadas de modo individual, em duas propostas didático-pedagógicas surgiu quando os autores pensaram em levar pesquisas realizadas no âmbito da universidade para a Educação Básica por meio de um gênero textual, no qual tais fenômenos linguísticos aparecessem com frequência. Assim, foi escolhido o gênero textual multimodal *meme* como *corpus* comum.

De acordo com Silva (2012), *memes*:

[...] são todo tipo de ideia que se propaga rapidamente, geralmente manifestado por expressões; desenhos padronizados (...) que, dentro de algum contexto, abruptamente se tornaram populares na internet e ganharam valores simbólicos para representar alguma situação ou

sentimento, de modo lúdico. Há diversos deles, cada um com seu valor e função (Silva 2012, p. 131).

Acreditamos que, a partir do contato com *memes*, os discentes podem ter um rendimento melhor em sala, na aprendizagem dos fenômenos da língua – aqui, em particular, da preposição *de* e de *neologismos* – visto que esse gênero se aproxima de sua realidade e pode chamar a sua atenção pela caracterização estética que possui. Acreditamos, ainda, que, por meio do contato com *memes*, é possível uma ampliação lexical.

Com isso, levando em consideração que cada *meme* possui uma variedade linguística e é capaz de caracterizar novas palavras, propomo-nos a realizar este estudo, associando os *memes*, presentes nas redes sociais, que tenham, em seus textos verbais, formações com *neologismos* que contenham dias da semana e com a preposição *de*. Com essa interface, pretendemos defender que essa proposta possa ser considerada inovadora e eficaz, ou, minimamente, uma alternativa de uso pelos docentes.

Além disso, a preposição *de* e os *neologismos* contidos em *memes* transparecem questões sociais e culturais de um povo, visto que os *memes* são criados a partir de dado contexto, podendo envolver várias temáticas do meio em que ele é inserido pelos falantes de uma língua. Como defende Marcuschi (2005), os gêneros textuais – e o *meme* é um deles – são textos que estão materializados em contextos comunicativos que transitam na sociedade.

Sobre isso, Marcuschi (2005) assevera:

[...] a língua é tida como uma forma de ação social e histórica que, ao dizer, também constitui a realidade, sem, contudo, cair num subjetivismo ou idealismo ingênuo. [...] Assim, toda a postura teórica aqui desenvolvida insere-se nos quadros da hipótese sócio interativa da língua. É neste contexto que os gêneros textuais se constituem como ações sócio discursivas para agir sobre o

mundo e dizer o mundo, constituindo-o de algum modo (Marcuschi, 2005, p. 22).

Nessa perspectiva, Shifman (2014, p. 15) assinala que “[...] em muitos sentidos, os *memes* podem ser concebidos como folclore (pós-) moderno, no qual normas e valores compartilhados são construídos através de artefatos culturais, como imagens com Photoshop ou lendas urbanas”, o que permite notarmos como esse gênero textual, multimodal, pode ser uma boa proposta de ensino-aprendizagem, visto que envolver a cultura de uma sociedade dentro da sala de aula é bastante significativo.

Nesse caminho, há a construção de uma aproximação maior do trabalho linguístico e do ensino de língua portuguesa, no chão de sala de aula, pois o intuito deste trabalho é levar o estudo linguístico – de base acadêmica – para o estudo de língua – de viés pedagógico –, em uma tentativa de facilitar e dinamizar o estudo gramatical.

PROPOSTAS DE USOS DOS FENÔMENOS LINGÜÍSTICOS À SALA DE AULA

Indo em direção ao efetivo exercício da prática docente, reafirmamos que as duas próximas subseções deste capítulo discutem dois fenômenos linguísticos fundamentados a partir da Linguística Funcional Centrada no Uso; e, ainda, direcionam os olhares à sala de aula, na terceira subseção. Assim, as propostas aqui sinalizadas são frutos de estudos que pressupõem a multifuncionalidade da mudança e estabilização linguística.

Nessa linha de pensamento, ambas as análises partem da língua em uso por meio de um gênero textual comum: o *meme*. Dele, surgem discussões alinhadas à: i) construcionalização

de itens linguísticos no inventário de falantes do português-brasileiro; ii) didatização de fenômenos da língua(gem) à sala de aula. Ressaltamos que essas propostas foram pensadas com o intuito de demonstrar a variabilidade da língua em uso e como isso pode ser tratado em sala de aula.

A PREPOSIÇÃO “DE” E O ENSINO DE PORTUGUÊS-BRASILEIRO

Inicialmente, precisamos conceituar a classe de palavras das preposições. Para Rocha Lima (2011, p. 231), as palavras dessa categoria “[...] subordinam um termo da frase a outro – o que vale dizer que tornam o segundo dependente do primeiro”. Em outras palavras, isso significa apontarmos para o fato de que as preposições estabelecem uma relação de dependência à sequência lógica da frase. A Tradição Gramatical, ainda, propõe que as preposições podem, apenas, sequenciar termos que sejam pertencentes às classes de palavras dos adjetivos, advérbios, substantivos e verbos.

Dentro dessa categorização, temos a preposição “de”, partícula de maior uso no português falado no Brasil. Em decorrência disso, sua utilização na língua implica diferentes fenômenos linguísticos, como a utilização desse sintagma como agente instanciador de mudança de classe hospedeira, processo que, na LFCU, é conhecido como *host-class*. Isso é, rapidamente, visto na gramática descritiva, na voz de Mário Perini (2005), posto que, para o autor, as preposições são entendidas como “conectivos subordinativos”.

Nesse cenário, a preposição “de”, consoante à Perini (2005), possui a função de converter um sintagma nominal (SN) em um sintagma adjetival (SAdj) e, com isso, o item “de” passa a funcionar como um modificador dentro do discurso. É importante salientar que

os itens prepositivos podem atuar, também, como transpositores de classes gramaticais, conforme posto por Bechara (2009). Em vista disso, esses não podem ser catalogados apenas como “elementos que conectam palavras”.

Nesse parâmetro, constatamos que, na rede construcional proposta por Traugott e Trousdale (2021), ao argumentarem sobre a língua ser uma rede de pares, a preposição “de” pode gerar um esquema do tipo [x de y], o qual instancia subesquemas com micro-construções de valoração [$\pm$ positivo]. Por conseguinte, dentro do pareamento de forma <> função do domínio funcional [x de y], é possível, com uso da adjetivação na linguagem, tecer nós ligados, por exemplo, à estrutura [x de milhões]. Com isso, urge a necessidade de considerar a movimentação do discurso e da sintaxe da língua portuguesa.

De tal urgência, o fenômeno do *host-class* volta a ganhar força, quando observamos uma produtividade de mudança de classe gramatical, gerenciando uma construcionalização ao discurso. Esse processo é evidente ao observarmos a emergência das construções “de milhões” e “de centavos”, as quais são frequentemente observadas em *memes*, como em:

Figura 1 - “x de milhões”



Fonte: Domínio Público.

Para melhor compreendermos, julgamos ser preciso voltarmos à historicidade desses usos. Em espaços virtuais, essas construções passaram a se tornar populares em *lives* de *streamings* de jogos com o fito de tecer redes valorativas sobre algo. Assim, o “de milhões” tornou-se usual para indicar que algo é muito bom, enquanto o “de centavos” para descrever o oposto, algo que foi muito ruim.

Apesar de sua popularização na esfera dos jogos, os esquemas “de milhões” e “de centavos” ganharam, ainda mais, repercussão com um típico jogo da discórdia realizado pelo programa Big Brother Brasil (BBB), no ano de 2022. À época, a intenção da dinâmica do *reality* mais famoso do mundo era que os próprios participantes valorassem as atitudes dos outros competidores como “atitude de milhões” e “atitude de centavos”. Pela magnitude e público-alvo que acompanha o BBB, tanto nas redes sociais quanto na televisão, “de milhões” e “de centavos” passaram a ganhar espaço no linguajar cotidiano das pessoas, tornando-se, assim, estruturas cristalizadas que (de)marcam valores positivos ou negativos no inventário linguístico do falante.

Consequentemente, o seu uso passou a integrar o gênero textual *meme*, o qual tem a finalidade de provocar o humor. Em decorrência disso, essa grande repercussão das expressões “de milhões” e “de centavos”, na lógica da LFCU, são esquemas semi-preenchidos que podem ser: [x de milhões] e [x de centavos]. Por outro lado, em [de milhões] e [de centavos], encontra-se, ainda, um *chucking* – sequência de duas ou mais palavras que são utilizadas juntas, como uma unidade linguística de valor semântico e morfossintático comum, uma sequência de palavra a qual o sentido é gerado a partir do todo e não das palavras isoladas.

É, nesse espaço, que essa investigação linguística pode chegar à sala de aula, quando o uso encontra uma barreira frente à tradição gramatical. Isso ocorre pois, como sinalizado, a gramática normativa pré-estabelece que os termos antecedentes e sequentes

à preposição estão catalogados em classes já postas à estrutura linguística, quais sejam: adjetivos, advérbios, substantivos e verbos. No entanto, na fala – seja ela escrita ou oral – corriqueira, verificamos que essas construções investigadas transgridem à norma, quando ocorre o processo de mudança de classe hospedeira, passando a acolher a categoria numeral.

Em graus de abstratização, tal esquema [x de y] ocupa o maior nível da hierarquia construcional (Traugott; Trousdale, 2021). Calha anotar que, dentro desse esquema, é possível encontrar particularidades e outras possibilidades de preenchimento dos *slots* [x] e [y] e, sobretudo, a ocupação desses espaços por palavras de classes distintas, o que nos revela que a língua em uso, como esperado, contraria, ou em outras palavras, amplia, muitas vezes, a prescrição gramatical. Isso posto, [x de y], no inventário linguístico, possibilita ao falante a articulação e (inter)relação com diferentes palavras da língua.

Esse exemplar trazido na Figura 01 demonstra o processo de *host-class*, quando o “de milhões” “migra” da sua função prototípica [+gramatical] para uma função distinta [+discursiva]. Destarte, isso se configura como um processo de realização de uma “[...] ampliação paradigmática de membros de uma dada categoria, face à entrada de novo membro na classe” (Rosário; Oliveira, 2016, p. 238). Em virtude disso, o esquema semipreenchido [x de y] pode vir a desempenhar esse fenômeno da língua, consoante aos itens que preenchem os slots [x] e [y], como pode ser visto em: “hahahaha video de milhões” (@marigonzaez, no Instagram), em que “milhões” amplia a noção gramatical e, ainda, funciona como um adjetivo, diferentemente de sua condição prototípica.

Dessa maneira, por ser o item “de” um termo “cola” de palavras do inventário linguístico dos falantes de Português, ele acaba por, dentro do pareamento de forma <> função, contribuir para a orientação de mudança linguística dessa combinação. À vista disso,

considerando que esse processo se liga à gramaticalização (no Funcionalismo Norte-Americano) e, também, à construcionalização (na Linguística Funcional Centrada no Uso), mais especificamente, de ordem procedural, é evidenciada com a realização do *host-class*, atividade que gerencia um processo de aumento da produtividade dos esquemas formados pela arquitetura do inventário linguístico.

Relacionando os dados obtidos à sala de aula, ponderamos, tendo por base a teoria e a metodologia de análise, que o objeto em estudo – a preposição “de” – pode constituir um importante mecanismo para o trabalho escolar com temáticas que dialoguem com a modalização nas modalidades da língua falada e escrita em diferentes contextos⁶⁹ de utilização da língua(gem). Dessa forma, levar os alunos a pesquisarem, nas redes sociais, usos como esses; a catalogarem; a refletirem a respeito da construção tão recente na língua; e a avaliarem as condições de produções na língua são atividades que, certamente, contribuirão para o necessário ato de (re)pensar constantemente as possibilidades da língua.

Entendemos, também, que a língua é um todo complexo formado por uma rede de nós que se interligam e possibilitam a criação de novas estruturas linguísticas, com base no inventário linguístico de cada falante e da comunidade em que vive. Em decorrência disso, na realização do pareamento de forma <> função do domínio funcional [x de y] é possível, dentro de instrumentos de adjetivação, tecer nós ligados ao subesquema semipreenchido [x de milhões] tal como materializado no exemplo exposto. Isso se dá, essencialmente, pela efetivação da língua em uso, o que faz com que o arcabouço linguístico dos falantes seja, cada vez mais, alimentado e atualizado.

Nesse ínterim, compreendemos que a preposição “de” gerencia processos em que ocorrem as mudanças de ordem procedural. Essa, por sua vez, coaduna com o princípio funcionalista da grama-

69

Esclarecemos que a palavra “contexto”, utilizada neste artigo, sinaliza uma prática de uso do inventário linguístico do/pelo falante que sempre irá atender a uma situação/estratégia comunicativa deste.

ticalização e, mais recentemente, com o ideário da construcionalização defendido pela Linguística Funcional Centrado no Uso. Logo, “de” atua como um agente instanciador de processos que dialogam com a variação e a mudança dos sentidos que são (inter)relacionados aos termos seguintes e antecedentes à partícula.

O “DOMINGOU” E O ENSINO DE PORTUGUÊS-BRASILEIRO

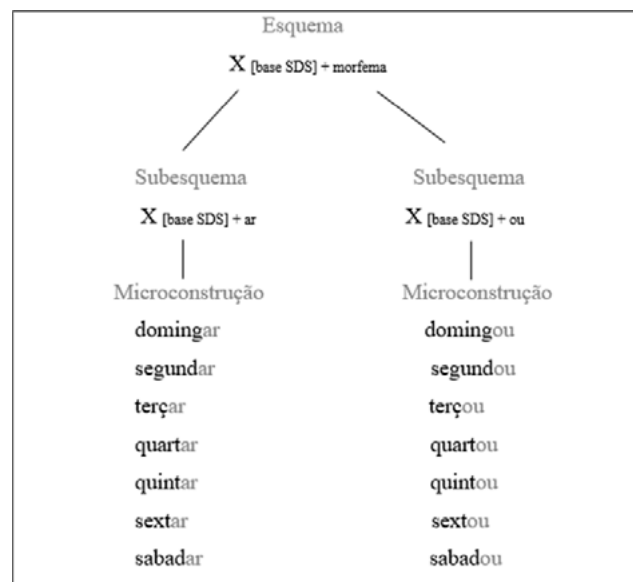
Como se sabe, o léxico está totalmente ligado à presença de neologismos e, como assevera Jesus (2020), pode também ser corroborado por *memes* e, assim, efetivar o trabalho pedagógico. Nessa linha de raciocínio, é possível compreender que levar para a sala de aula *memes* que contenham neologismos pode auxiliar no trabalho do professor do Ensino Médio, por exemplo, pois

[...] os neologismos, assim como os memes, são criações inerentes à originalidade de expressão do sujeito que os cria. Por essa razão, eles compreendem, como os outros elementos da linguagem, não apenas os mecanismos linguísticos os constituem, mas também os extralinguísticos” (Jesus, 2020, p. 66).

Desse modo, eles propiciam juntos uma boa proposta de modelo de variação linguística – defendida pelas correntes linguísticas que se pautam na língua em uso – propício a ser apresentado aos alunos. Ademais, os neologismos têm a capacidade de ampliar o léxico de uma língua, pois, em suas aparições e desaparecimentos, eles permitem isso e, contidos nos *memes*, eles acabam por favorecer reflexões a respeito de questões de ordem social e cultural de uma sociedade, o que somado aos motivos já expostos, só nos fazem acreditar ainda mais nessa alternativa para o ensino.

A partir disso e da teoria em que nos apoiamos, coletamos dados que compõem o nosso *corpus* com cerca de 60 (sessenta) *memes* e montamos a seguinte rede taxonômica relacionada aos dias da semana:

Figura 2 - Arquitetura construcional ([X_{base SDS} + morfema])



Fonte: Elaboração própria.

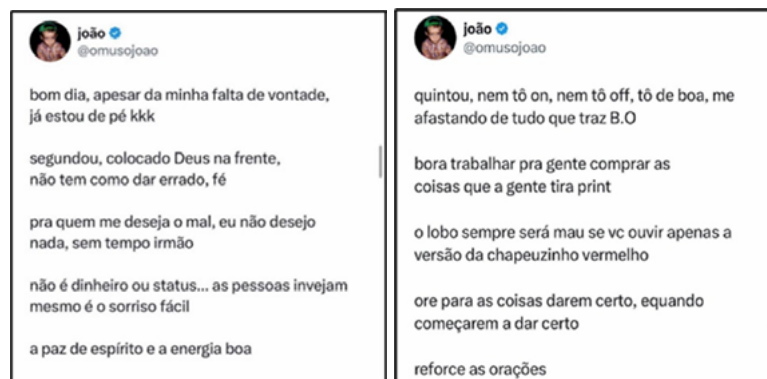
No esquema, exposto na Figura 02, observamos que o *slot* X pode ser preenchido por substantivos que fazem referência aos dias da semana (SDS) mais *slot* Y, que será preenchido por um morfema verbal. A respeito da esquematicidade podemos ver, a rigor, que os *memes* coletados obedecem a uma estrutura de base de substantivo dia da semana [(SDS) + morfema] construção na qual, ora aparece a base com a marca de infinitivo *ar*, ora a base surge adjungida a um morfema flexionado em *ou* (o que ocorre com todos os dias da semana). Essa estrutura é parcialmente preenchida, há uma base já previsível, formada pelo radical de dia da semana e um *slot* morfema que pode ser modificado em infinitivo. Com relação à composicionalidade, a estrutura é – (menos) composicional, pois os informantes,

quando se deparam com essa estrutura, já compreendem o significado que ela possui como um bloco único. Sobre a produtividade, constatamos que essas formas são bastante produtivas, tomamos isso como certeza pelo fato de termos encontrado bastantes ocorrências, o que justifica a frequência *token* e pelo fato de termos encontrado as possibilidades em todos os dias da semana, o que remonta à frequência *type*. Importante salientar que os constructos da rede taxonômica apresentada anteriormente seriam os próprios *memes*.

Nesse ínterim, constatamos que a estrutura em análise ([X_{base SDS} + morfema]) já está sendo homologada pelos falantes na língua, também, pelo fato de que vem sendo trazida e rotinizada, até mesmo, em músicas. A canção *Domingou* de *Gilberto Gil*, por exemplo, na qual transparece esse dia da semana como mais solitário, melancólico e tedioso, como se pode observar no trecho a seguir: "São três horas da tarde, é domingo/ Vamos dar um passeio também - ê, ê/ O bondinho viaja tão lento - ê, ê/ Olha o tempo passando, olha o tempo - ê, ê/ É domingo, outra vez domingou, meu amor".

Um outro exemplo de aparição frequente dessa estrutura é o Instagram de @omusojoao, o qual posta diariamente *memes* com todos os *neologismos* de dias da semana. A seguir podemos observar alguns exemplos:

Figura 3 - Exemplar dos neologismos



Fonte: Instagram @omusojoao.

Esses *posts* nos revelam, novamente, que as estruturas de neologismo envolvendo dias da semana estão cada vez mais sendo usadas pelos falantes, assim, percebemos como os neologismos são capazes de, veiculando o léxico já existente na língua, provocarem diferentes sentidos a partir do uso e das necessidades de comunicação de um sujeito de linguagem. Interessante registrar, ainda, que o uso desse tipo de neologismo tem sido tão homologado na língua, que flagramos expressões como "*pré-sextou*", na qual o neologismo dia de semana já foi utilizado com prefixo.

Desde muito antes, como vimos em dicionários e em gramática, a exemplo de Bechara (2009) e Cegalla (2010), os neologismos já existiam e já vinham sendo caracterizados pelos estudiosos, lexicógrafos e afins – o que nos mostra que há uma certa regularidade na língua, ainda que ela seja maleável e que provenha de uma gramática emergente sujeita a modificações. O fenômeno linguístico estudado existe há tempos na língua em uso e, a cada vez mais, tem sido (re)novado pelos sujeitos, diante da necessidade de uma fala mais expressiva em suas (inter)ações.

O neologismo *sextou* foi uma novidade realizada e percebida pelos falantes, e daí, analogamente, derivou o *sabadou*, o *domingou*, o *segundou* etc., a partir da base do dia da semana + o morfema *-ou*, ao entrarem na frequência de uso dos falantes, deixam de ser novidade e passam a ser vocábulos comuns na língua, internalizados pelos sujeitos e, assim, podem permanecer e, também, novas construções gramaticais podem surgir, a exemplo de *sabadou* > *vou sabadar* e, assim, forma-se o cline de gramaticalização, que é originado do substantivo (*sábado*), torna-se verbo pleno (*sabadar*) e, em seguida, uma expressão perifrástica (*vou sabadar*).

Com base nas discussões realizadas até aqui, fica a nossa proposta do trabalho com esses modelos de uma linguagem vívida e emergente que propicia conhecimento de mundo e, consequentemente, uma boa interpretação/produção textual. Nessa senda, é

provável que o surgimento de neologismos juntamente com a ironia/humor que o *meme* traz e com a sua vasta possibilidade de interpretação, a partir dos acontecimentos hodiernos, políticos e sociais, possa contribuir no ensino-aprendizagem da língua, corroborando, entre outras questões, com a apreensão e com a ampliação da linguagem.

AS PROPOSTAS DIDÁTICO-PEDAGÓGICAS À SALA DE AULA

Na direção dos estudos abordados ao longo desse texto, nesta subseção, preocupamo-nos com a exposição de propostas metodológicas que culminem com o trabalho dos objetos de pesquisas apresentados.

Nesse cenário, ao estudarem sobre Linguística Funcional (LF), Bispo, Cordeiro e Lucena (2022) defendem que o conceito de análise linguística e multissemiótica, direcionado a uma perspectiva que busque a reflexão sobre a língua em uso quer seja observando os fenômenos de ordem gramatical, de ordem textual e de ordem discursiva, é bem-vindo aos estudos voltados à sala de aula.

Daí, em associação com a *práxis* pedagógica, apontamos a língua como que, em sala de aula, deve ser trabalhada a partir da pluralidade de usos que caracterizam as comunidades linguísticas. Esse ponto, por sua vez, entra em diálogo com as discussões exemplificadas nesse estudo e, para não culminarmos apenas em explicações teóricas, no Quadro a seguir, mobilizamos possibilidades de práticas com os fenômenos linguísticos estudados a partir do reconhecimento do importante tripé formado pelo ensino, a pesquisa e a extensão, considerando os eixos da oralidade, da leitura e da escrita.

Quadro 1 - Da teoria à prática: um domingou de milhões na sala de aula

EIXO PRÁTICO EM DISCUSSÃO COM OS FENÔMENOS LINGUÍSTICOS: A PREPOSIÇÃO “DE” E “NEOLOGISMOS” COM DIAS DAS SEMANAS	
ENSINO	1. Apresentação do gênero textual multimodal <i>memes</i> aos alunos. Tal atividade objetiva situar o discente quanto à possibilidade/ flexibilidade de usos do <i>memes</i> e, a partir disso, orientá-lo à prática de análise linguística.
PESQUISA	2. Solicitação de que os alunos busquem, nas redes sociais, <i>memes</i> que contenham as expressões “de milhões” e “sextou” para que desenvolvam o interesse e o hábito da pesquisa, além de incentivar o alunado à prática reflexiva dos fenômenos linguísticos presentes na língua.
EXTENSÃO	3. Em uma prática extensionista, objetiva-se o contato com o público. Tendo isso em mente, na terceira ação, orienta-se ao docente que incentive os alunos, a partir da pesquisa realizada, à construção de cartazes que ilustrem os fenômenos linguísticos pesquisados para que eles possam socializar os “achados” com alunos de outras salas.
ORALIDADE	4. Nessa etapa, recomenda-se a prática da socialização, tanto da etapa de pesquisa quanto da etapa de extensão para que, por meio disso, o estudante possa discutir, em grupos, sobre as regularidades de usos que foram vistas dentro do gênero textual <i>memes</i> , junto aos fenômenos pesquisados.
LEITURA	5. No eixo da leitura, é papel do professor apresentar, em sala, o máximo de exemplos dos trabalhos discutidos, com a finalidade de, junto aos alunos, compreender, discutir e analisar a mobilização de sentidos que são postos aos textos por meio das construções linguísticas elaboradas por meio das preposições e dos neologismos.
ESCRITA	6. Como prática de escrita, é interessante o docente pensar em produções de textos pertencentes à tipologia expositiva, como o próprio gênero textual estudado, o <i>memes</i> , o qual possibilita aos discentes o uso de: i) criatividade; ii) elementos estilísticos, como pinturas, gravuras etc; iii) e, ainda, indica a elaboração de <i>memes</i> que dialogam com os fenômenos linguísticos, o que implica à efetividade da análise linguística. Para isso, há de se considerar, também, a possibilidade de reelaboração de textos, pelos alunos, a partir dos exemplares lidos e/ou pesquisados.

Fonte: Elaboração própria (2024).

Nesse caminhar, a orientação pedagógica exposta evidencia que as discussões sobre o ensino de língua, em uma óptica funcionalista da linguagem, não se findam apenas no fazer teórico, mas que, cada vez mais, deixam práticos as possibilidades de diálogos entre a reflexão linguística e os fenômenos da língua em uso (Bispo; Bezerra; Lucena, 2022). Precipuamente, essas ações linguísticas e de ensino apresentadas orientam o trabalho em sala de aula e, junto a isso, tencionam à correlação da linguagem com a vida do estudante e, especialmente, atinge os objetivos comuns estabelecidos por documentos que orientam a educação no Brasil, como a BNCC.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, buscamos apresentar uma proposta de ensino de *memes* compostos por [X de milhões], a partir de constructos como “O diploma de milhões”, e de [X_{base SDS} + morfema], em constructos como “*sextou*”, e registramos a importância do seu trabalho em sala de aula, visto que, como defendemos, ele pode ser uma boa aposta para um ensino-aprendizagem de gramática significativo.

Acreditamos que *de milhões* e *os dias da semana terminados em -ou/-ar*, no gênero textual *meme*, propiciam, juntos, uma boa proposta de trabalho e de modelo de variação linguística. Esses *memes*, compartilhados e usados pelos alunos em suas redes comunicativas, compõem um *corpus* intimamente ligado ao dia-a-dia da maioria dos discentes.

Isso, como dito, é defendido pelas teorias que discutem fenômenos de variação e mudança linguística como a LFCU e o Funcionalismo Norte-Americano e, junto à orientação pedagógica da BNCC, tornam-se fenômenos propícios de serem trabalhados em sala de aula.

Daí, apostamos que os fenômenos linguísticos mencionados podem ser significativos para o efetivo exercício de ensino-aprendizagem do português-brasileiro e que podem reforçar a dinamicidade que existe entre gramática <> discurso. Essa abordagem pode, como consequência, promover uma aproximação entre aluno-professor de modo a melhorar o trabalho docente e o desempenho discente.

É importante salientar que este trabalho não se esgota nesta pesquisa. Há muitos outros objetos possíveis de serem unidos e trabalhos em uma perspectiva funcionalista centrada no uso e muitos outros objetos possíveis. Indo além, também há uma infinita possibilidade de fenômenos de serem discutidos e analisados de forma individual, visto que, como se sabe, a língua é rica, maleável e não é estática.

Assim sendo, devido às necessidades expressivas de comunicação, os sujeitos de linguagem estarão sempre criando novas expressões linguísticas, o que amplifica a variabilidade da língua, a qual é a cultura de um povo e que o enriquece.

REFERÊNCIAS

BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 37. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BISPO, Edvaldo Balduino.; CORDEIRO, Fernando; LUCENA, Nedja Lima. Funcionalismo linguístico e o ensino de português: convergências, possibilidades e prática docente. **Revista do GELNE**, v. 24, n. 1, p. 192-207, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/gelne/article/view/29367/16026>. Acesso em: 18 nov. 2024.

BRASIL. PCN - PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS. **Língua portuguesa**. Secretaria de Educação Fundamental. Rio de Janeiro: MEC/DP&A, 2000.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular - BNCC**. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2008.

BRITO, Ana Clara Nunes; SOUSA, Valéria Viana. Neologismos meméticos: um olhar sobre a sua construção à luz da LFCU. In: BOTELHO, José Mario. **Caderno Especial, Anais do XXVI CNLF, Tomos I e II**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2024. p. 457-470.

BYBEE, Joan. **Língua, uso e cognição**. São Paulo: Cortez Editora, 2016.

CEGALLA, Domingos Pascoal. **Novíssima Gramática da Língua Portuguesa**, Cegalla. São Paulo: Companhia Editora Nacional. 2010.

CROFT, William. **Radical construction grammar**: syntactic theory in typological perspective. Oxford: Oxford University Press, 2001

CUNHA LACERDA, Patrícia Fabiane Amaral. O papel do método misto na análise de processos de mudança em uma abordagem construcional: reflexões e propostas. **Revista Linguística**, v. esp., p. 83-101, Rio de Janeiro, dez., 2016. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/rl/article/view/5440>. Acesso em: 31 maio 2022.

CUNHA, Maria Angélica Furtado da; COSTA, Marcos Antonio; CEZÁRIO, Maria Maura. Pressupostos teóricos fundamentais. *In*: FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; OLIVEIRA, Mariângela Rios de; MARTELOTTA, Mário Eduardo (Org.). **Linguística Funcional**: teoria e prática. São Paulo: Parábola Editorial, 2015. p. 79-110.

FERRARI, Lilian. **Introdução à Linguística Cognitiva**. São Paulo: Contexto, 2011.

FILLMORE, Charles. The case for case. *In*: BACH, Emmon; HARMS, Robert T. (ed.). **Universals in linguistic theory**. New York: Holt, Rinehart and Winston, 1968. p. 1-25.

GIVÓN, Talmy. **On understanding grammar**. New York, Academic Press, 1979.

GOLDBER, Adele Eva. **Constructions at work**: the nature of generalization in language. Oxford: Oxford University Press, 2006.

GOLDBERG, Adele Eva. **Constructions**: a construction approach to argument structure. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.

JESUS, Ana Maria Ribeiro de. **Tipologias dos neologismos**: breve percurso histórico. [S. l.; s. n.], 2020.

LANGACKER, Ronald. **Cognitive grammar**: a basic introduction. New York: Oxford University Press, 2008.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. *In*: DIONÍSIO, Angela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora. **Gêneros Textuais e Ensino**. 4. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005. p. 19-36.

OLIVEIRA, Mariângela Rios de; COELHO, Victoria Wilson. Linguística funcional aplicada ao ensino do português. *In*: FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; OLIVEIRA, Mariângela Rios de; MARTELOTTA, Mário Eduardo (Org.). **Linguística Funcional**: teoria e prática. São Paulo: Parábola Editorial, 2015. p. 79-110.

PEREIRA, Arthur Neves Sousa; SOUSA, Valéria Viana. A preposição “de” em foco: um olhar linguístico-funcional para os esquemas [X de milhões] e [X de centavos]. *In*: XXVI Congresso Nacional de Linguística e Filologia, 2023, on-line. **Cadernos do CNLF: Textos Completos**, Tomo II. Rio de Janeiro: CiFEFIL, 2023. v. XXVI. p. 94-109.

PERINI, Mário Alberto. **Gramática descritiva do português**. 4a. ed. São Paulo: Ática, 2005.

PINHEIRO, Diogo. Um modelo gramatical para a linguística funcional-cognitiva: da Gramática de Construções para a Gramática de Construções Baseada no Uso. *In*: ALVARO, Patricia Teles; FERRARI, Lilian. (Orgs.). **Linguística Cognitiva: dos bastidores da cognição à linguagem**. Campos: Brasil Multicultural, [2022].

ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. **Gramática normativa da língua portuguesa**. 49a. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.

ROSÁRIO, Ivo da Costa; OLIVEIRA, Mariângela Rios de. Funcionalismo e abordagem construcional da gramática. **Alfa: Revista de linguística**, São Paulo, v. 60, n. 2., p. 233-259, 2016. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/8007>. Acesso em: 17 ago. 2023.

SHIFMAN, Limor. **Memes in digital culture**. Massachusetts: MIT Press, 2014.

SILVA, Guilherme de Léo. Arte e a cultura dos memes. **Revista eletrônica labore polêmica**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 1, p. 130-134, 2012.

TRAUGOTT, Elizabeth Closs. Grammaticalization, constructions and the incremental development of language: suggestions from the development of degree modifiers in English. *In*: ECKARDT, Regine; JÄGER, Gerhard.; VEENSTRA, Tonjes. (Ed.). **Variation, selection, development: probing the evolutionary model of language change**. Berlin: Mouton de Gruyter, 2008.

TRAUGOTT, Elizabeth Closs; TROUSDALE, Graeme. **Construcionalização e mudanças construcionais**. Trad. de Taísa Peres de Oliveira e Angélica Furtado da Cunha. Petrópolis: Vozes, 2021.

Financiamento da pesquisa: os trabalhos aqui discutidos foram financiados pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB) e pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), por meio do Programa de Iniciação Científica, entre os anos de 2022 a 2023.

20

*Arthur Neves Sousa Pereira
Ana Clara Nunes Brito
Valéria Viana Sousa*

LA PRÉPOSITION *DE* ET LES NÉOLOGISMES AVEC LES *JOURS DE LA SEMAINE* :

ENQUÊTE SUR LES PHÉNOMÈNES
LINGUISTIQUES ET PROPOSITIONS
DIDACTIQUES ET PÉDAGOGIQUES
BASÉES SUR L'USAGE

INTRODUCTION

Ce résumé étendu vise à diffuser la recherche sur les phénomènes linguistiques qui peuvent être présents dans une classe d'enseignement-apprentissage du portugais, en particulier celui qui est parlé au Brésil. Nous adoptons une perspective d'enseignement qui est socio-interactionniste, centrée sur la réalité de l'étudiant et qui considère la mobilité de l'utilisation de la langue dans la société.

Ainsi, nous nous appuyons sur des études basées sur l'usage, fondées sur la perspective théorique de la Linguistique Fonctionnelle Basée sur l'Usage. Avec ce cadre théorique, nous visons à proposer des approches possibles pour discuter des processus de variation et de changement linguistique en portugais brésilien à travers deux objets : la préposition *de* et les néologismes avec les *jours de la semaine*, qui sont basés sur un *corpus* commun, le genre textuel *même*.

À cette fin, les problématisations présentées ici (ré)affirment que la langue est générale et mobile, tandis que les manuels sont particuliers et stables. Dans ce contexte, la langue est plus vaste et, afin de rendre compte de tant de mécanismes possibles présents dans l'inventaire linguistique des locuteurs, il est nécessaire de mener des études qui se concentrent sur la langue dans des situations réelles d'utilisation.

FONDEMENT THÉORIQUE

Dans cet espace, nous nous consacrons à la théorisation de la Linguistique Fonctionnelle Basée sur l'Usage (LCFU) et à son lien avec l'enseignement du portugais dans une perspective qui considère la malléabilité de la langue. De cette façon, nous voyons la nécessité d'une étude qui, en considérant la variation et le changement

linguistique, entre également dans la salle de classe au travers d'une perspective (socio)centrée sur l'étudiant.

La LFCU est basée sur un traitement de la grammaire qui se concentre sur la fonction des constructions linguistiques dans les processus de constructionnalisation. Au Brésil, cette théorie est le résultat de trois autres domaines majeurs de la pratique linguistique : i) le fonctionnalisme nord-américain ; ii) la linguistique cognitive et, par ce biais, iii) la grammaire de construction. Il en résulte une théorie qui considère actuellement la structure linguistique comme le résultat de processus cognitifs généraux et, à partir de là, une rétroaction entre discours <> grammaire se produit (Rosário ; Oliveira, 2016), typique des études fonctionnalistes.

Dans cette veine, la LFCU, théorie phare au Brésil, utilise ces trois domaines pour discuter de l'architecture constructive des mots, des phrases et des textes, dans leurs formes orales et écrites de la langue. Dans une perspective fonctionnaliste et constructionnelle, la LFCU propose des discussions sur le modèle des énoncés linguistiques.

En termes d'enseignement et d'apprentissage du portugais parlé au Brésil, l'enseignement centré sur l'usage apparaît comme essentiel. En effet, dans la vie en société, les étudiants sont toujours amenés à réfléchir aux marques contextuelles et pragmatiques que les constructions linguistiques peuvent attribuer dans différents lieux. Ainsi, de ce point émerge la pertinence d'une étude qui est cohérente avec la centralité de la langue en usage, dans les processus de variation et de changement linguistique (Bispo ; Bezerra ; Lucena, 2022).

LA MÉTHODOLOGIE

La méthodologie utilisée pour analyser cette étude s'inscrit dans le cadre de la recherche qualitative, puisque nous considérons

les types de phénomènes linguistiques étudiés et proposons ensuite une approche didactique-pédagogique pour travailler sur l'enseignement du portugais en classe. Pour ce faire, nous utilisons des données de la langue en usage, des structures construites telles que [X *de milhões*], dans des constructions comme « *A viagem de milhões* », et [X_{base SDS} + morphème], dans des constructions comme « *domingou* ».

RÉSULTATS ET DISCUSSION

PREMIÈRE ENQUÊTE

La préposition « de », selon la tradition grammaticale, a pour fonction de convertir un syntagme nominal (SN) en syntagme adjectival (SAdj) et, de ce fait, l'élément « de » commence à fonctionner comme un modificateur dans le discours. Il est important de noter que les articles prépositionnels peuvent également agir comme transpositeurs de classes grammaticales, de sorte qu'ils ne peuvent pas être catalogués uniquement comme des « éléments qui relient les mots ».

Dans ce paramètre, nous constatons que, dans le réseau constructionnel proposé par Traugott et Trousdale (2021), lorsqu'ils soutiennent que la langue est un réseau de paires, la préposition « de », en générant un schéma du type [x de y], instancie des sous-schémas avec des micro-constructions de valorisation [$\pm$ positive]. Par conséquent, à l'intérieur du couple forme <> fonction du domaine fonctionnel [x de y], il est possible, avec l'utilisation de l'adjectivation dans le langage, de tisser des nœuds liés, par exemple, à la structure [x *de milhões*]. Ici, il est urgent de considérer le mouvement du discours et de la syntaxe dans la langue portugaise.

Dans cette urgence, le phénomène de *host-class* reprend de la vigueur lorsque l'on observe la productivité du changement

de classe grammaticale gérant une constructionnalisation discursive. Ce processus est évident lorsque l'on observe l'émergence de la construction « *de milhões* », fréquemment observée dans les *mêmes*. C'est dans cet espace que cette investigation linguistique peut atteindre la salle de classe, lorsque l'usage rencontre une barrière face à la tradition grammaticale, qui préétablit que les termes précédant et suivant la préposition sont catalogués dans des classes déjà établies dans la structure linguistique, comme on peut le voir dans : « *hahahaha video de milhões* » (@marigonzalet, sur Instagram), dans lequel « *milhões* » élargit la notion grammaticale et fonctionne également comme un adjectif, contrairement à sa condition prototypique.

En rapportant les données obtenues à la salle de classe, nous considérons, sur la base de la théorie et de la méthodologie d'analyse, que l'objet étudié – la préposition « *de* » – peut être un mécanisme important pour le travail scolaire, incluant des thèmes qui dialoguent avec la modalisation des modalités de la langue parlée et écrite dans différents contextes d'utilisation de la (des) langue(s). Nous préconisons donc un enseignement et un apprentissage qui tiennent compte des contextes linguistiques réels lors de l'enseignement en classe. Cette approche permet aux étudiants de comprendre la vaste modalisation de la langue dans différents contextes de parole/écriture. Cette position théorico-pratique va sans aucun doute de pair avec le fonctionnalisme et avec une étude centrée sur la réalité de l'étudiant.

DEUXIÈME ENQUÊTE

Le lexique, comme nous le savons, est totalement lié à la présence de néologismes et, comme l'affirme Jesus (2020), il peut également, lié aux *mêmes*, rendre le travail pédagogique efficace. Dans cette ligne de raisonnement, il est possible de comprendre que l'introduction en classe de *mêmes* composés de néologismes peut aider le travail des enseignants du secondaire, par exemple, car

« [...] les néologismes, comme les *mêmes*, sont des créations inhérentes à l'originalité de l'expression du sujet qui les crée »⁷⁰ (Jesus, 2020, p. 66).

Ensemble, ils constituent donc une bonne proposition de modèle de variation linguistique à appliquer à l'école. En outre, les néologismes ont la capacité d'élargir le lexique d'une langue et, contenus dans les *mêmes*, ils font ressortir les questions sociales et culturelles d'une société. Ceci, ajouté au reste des raisons qui justifient l'introduction d'une telle proposition dans la salle de classe, ne fait que renforcer notre confiance en ce modèle d'enseignement.

Entre-temps, nous pouvons constater que la structure analysée ([X_{base SDS} + morphème]) est déjà homologuée par les locuteurs de la langue, notamment parce qu'elle a été introduite et routinisée dans le langage courant, y compris dans les chansons. La chanson *Domingou*, de Gilberto Gil, par exemple, présente ce jour de la semaine comme plus solitaire, mélancolique et ennuyeux, comme le montre l'extrait suivant : « *São três horas da tarde, é domingo/ Vamos dar um passeio também - ê, ê/ O bondinho viaja tão lento - ê, ê/ Olha o tempo passando, olha o tempo - ê, ê/ É domingo, outra vez domingou, meu amor* »⁷¹.

Comme on le voit dans la tradition grammaticale, les néologismes existent depuis bien longtemps et étaient déjà caractérisés par les savants, lexicographes et autres, ce qui nous montre qu'il y a une certaine régularité dans la langue, même si elle est malléable et provient d'une grammaire émergente et sujette à des changements. Nous pouvons donc conclure que les phénomènes linguistiques étudiés existent depuis longtemps dans la langue en usage et sont de plus

70 Dans l'original : « [...] os neologismos, assim como os *memes*, são criações inerentes à originalidade de expressão do sujeito que os cria » (Jesus, 2020, p. 66).

71 Notre traduction : « Il est trois heures de l'après-midi, c'est dimanche/ Allons nous promener aussi - ê, ê/ Le téléphérique roule si lentement - ê, ê/ Regarde le temps qui passe, regarde le temps - ê, ê/ C'est dimanche, encore dimanche, mon amour ».

en plus renouvelés par les sujets de la langue, parce qu'ils ont besoin d'une parole plus expressive dans leurs (inter)communications.

Le néologisme *sextou* ('c'est vendredi, enfin') était une nouveauté réalisée et perçue par les locuteurs et, à partir de là, *sabadou*, *domingou*, *segundou* ('c'est samedi, enfin', 'c'est dimanche, enfin', 'c'est lundi, enfin' etc). ont été dérivés, sur la base du jour de la semaine + le morphème *-ou* qui permet des associations. Ces associations, lorsqu'elles entrent dans la fréquence d'utilisation des locuteurs, cessent d'être des nouveautés et deviennent des mots courants de la langue, intériorisés par les sujets. A partir de ces associations linguistiques, de nouvelles constructions grammaticales peuvent se produire, telles que *sabadou* > *vou sabadar*. C'est ainsi que se forme la ligne de grammaticalisation qui part d'un nom (*sábado* 'samedi'), devient un verbe plein (*sabadou*) puis une expression périphrastique du type "aller + infinitif" (*vou sabadar*). Il convient également de noter que le néologisme avec un jour de la semaine en portugais est déjà tellement ancré dans la société que des utilisations telles que *pré-sextou*, composées de préfixes, sont courantes.

Dans ce sens, il est probable que l'émergence de néologismes, ainsi que l'ironie/humour que le *même* apporte, permettent une plus large interprétation basée sur les événements politiques et sociaux actuels. Dans ce scénario, le travail d'interprétation et de production textuelle dans les cours de portugais serait plus satisfaisant, puisque ce phénomène linguistique et ce genre textuel donneraient à l'étudiant plus de vocabulaire et pourraient corroborer l'apprentissage de la langue dans son ensemble.

L'UNION ENTRE LES PARTIES : L'ACCENT MIS SUR LA SALLE DE CLASSE

Ainsi, nous pouvons voir un bref signe d'une approche pédagogique de l'enseignement des langues, dans une perspective fonctionnaliste, entre la réflexion linguistique et les phénomènes de la langue en usage (Bispo ; Bezerra ; Lucena, 2022).

Tableau 1 - De la théorie à la pratique : un « *domingou de milhões* » en classe

AXE PRATIQUE DANS LA DISCUSSION DES PHÉNOMÈNES LINGUISTIQUES : LA PRÉPOSITION « <i>DE</i> » ET LES « <i>NÉOLOGISMES</i> » AVEC LES JOURS DE LA SEMAINE	
ENSEIGNEMENT	Présentation du genre textuel multimodal <i>mème</i> aux étudiants. Cette activité vise à situer l'étudiant en termes de possibilité/flexibilité d'utilisation des <i>mèmes</i> et, à partir de là, à le guider dans la pratique de l'analyse linguistique.
RECHERCHE	Les élèves sont invités à rechercher des <i>mèmes</i> sur les réseaux sociaux, contenant les expressions « <i>de milhões</i> » et « <i>sextou</i> » afin de développer un intérêt et une habitude de recherche, et d'encourager les élèves à réfléchir aux phénomènes linguistiques présents dans la langue.
EXTENSION	Dans un programme de vulgarisation, l'objectif est d'entrer en contact avec le public. Dans cette optique, dans la troisième action, l'enseignant est chargé d'encourager les élèves, sur la base des recherches effectuées, à construire des affiches illustrant les phénomènes linguistiques qu'ils ont étudiés afin qu'ils puissent socialiser leurs « trouvailles » avec les élèves d'autres classes.
ORALITÉ	A ce stade, nous recommandons de socialiser l'étape de recherche et l'étape d'extension afin que les étudiants puissent discuter, en groupe, des régularités d'utilisation observées dans le genre textuel du <i>mème</i> , ainsi que des phénomènes étudiés.
LECTURE	En ce qui concerne la lecture, le rôle de l'enseignant est de présenter le plus grand nombre possible d'exemples d'œuvres discutées en classe, dans le but d'aider les étudiants à comprendre, discuter et analyser la mobilisation des significations dans les textes à travers des constructions linguistiques composées de prépositions et de néologismes.

AXE PRATIQUE DANS LA DISCUSSION DES PHÉNOMÈNES LINGUISTIQUES : LA PRÉPOSITION « DE » ET LES « NÉOLOGISMES » AVEC LES JOURS DE LA SEMAINE	
ÉCRITURE	En tant que pratique d'écriture, il est intéressant pour les enseignants de penser à la production de textes appartenant à la typologie expositive, comme le genre textuel étudié, le <i>même</i>, qui permet aux étudiants d'utiliser : i) la créativité ; ii) des éléments stylistiques, tels que des peintures, des gravures, etc. ; iii) l'élaboration de <i>mêmes</i> qui dialoguent avec des phénomènes linguistiques, ce qui implique l'efficacité de l'analyse linguistique. À cette fin, nous devons également envisager la possibilité que les étudiants retravaillent les textes sur la base des exemples qu'ils ont lus et/ou recherchés.

Source : Élaboration propre (2024).

Ces actions linguistiques et pédagogiques guident le travail en classe et, en même temps, encouragent la corrélation de la langue avec la vie de l'élève.

CONCLUSION

Dans ce chapitre, nous présentons une proposition pour l'enseignement des *mêmes* composés de [X de *milhões*], basés sur des constructions telles que « O diploma de *milhões* », et [X_{base SDS} + morphème], dans des constructions telles que « *sextou* ». Nous notons l'importance de travailler avec des *mêmes* en classe, puisqu'ils peuvent être un bon pari pour l'enseignement et l'apprentissage significatifs de la grammaire.

En ce sens, nous pensons que les phénomènes linguistiques mentionnés peuvent être significatifs pour un exercice efficace d'enseignement-apprentissage du portugais brésilien et qu'ils peuvent renforcer le dynamisme qui existe entre la grammaire et le discours. Par conséquent, cela permet de promouvoir un rapprochement entre l'étudiant et l'enseignant afin d'améliorer le travail d'enseignement et la performance de l'étudiant.

RÉFÉRENCES

BISPO, Edvaldo Balduino; CORDEIRO, Fernando; LUCENA, Nedja Lima. Funcionalismo linguístico e o ensino de português: convergências, possibilidades e prática docente. **Revista do GELNE**, v. 24, n. 1, p. 192-207, 2022. Disponível sur : <https://periodicos.ufrn.br/gelne/article/view/29367/16026>. Accès le: 18 nov. 2024.

JESUS, Ana Maria Ribeiro de. **Tipologias dos neologismos**: breve percurso histórico. [S. l. ; s. n.], 2020.

ROSÁRIO, Ivo da Costa ; OLIVEIRA, Mariângela Rios de. Funcionalismo e abordagem construcional da gramática. **Alfa** : Revista de linguística, São Paulo, v. 60., n. 2., p. 233-259, 2016. Disponível sur: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/8007>. Accès le: 17 août. 2023.

TRAUGOTT, Elizabeth Closs ; TROUSDALE, Graeme. **Construcionalização e mudanças construcionais**. Trad. de Taísa Peres de Oliveira e Angélica Furtado da Cunha. Petrópolis: Vozes, 2021.

Financement de la recherche : les travaux ici discutés ont été financés par la Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia – FAPESB (Fondation pour le soutien à la recherche de l'État de Bahia) et par l'Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB (Université d'État du Sud-Est de la Bahia, Brésil), dans le cadre du Programme d'Initiation à la Recherche Scientifique, entre les années 2022 et 2023.

21

*Arielly de Assis Cruz
Sofia Perrone Medina
Natalia Ap. Bisio de Araujo
Leandro Silveira de Araújo*

POR UMA INTRODUÇÃO À HISTÓRIA DA GRAMÁTICA EM LÍNGUA FRANCESA NO BRASIL

RESUMO

Neste estudo, introduzimos uma discussão que visa possibilitar futuramente o estudo do processo de produção de gramáticas de língua francesa, guiado pelos pressupostos teóricos da gramatização (Auroux, 2014) e da gramaticografia (Swiggers, 2015). Embora nosso objetivo futuro seja mais abrangente, nesta discussão relatamos apenas parte de nosso trabalho, descrevendo o processo de compilação de um acervo, com a identificação de gramáticas do francês com circulação em países francófonos e no Brasil, indicando, por ora, apenas algumas características textuais e extratextuais destacáveis. São objetivos específicos, portanto, (i) apresentar uma breve crônica historiográfica da gramaticografia do francês; (ii) descrever a circulação dessas gramáticas no mundo francófono e seu impacto no Brasil e (iii) identificar agentes envolvidos. Esta pesquisa se justifica por delinear como se deu o fenômeno da descrição e padronização do francês e, em última análise, relacioná-lo ao processo de ensino dessa língua no Brasil.

Palavras-chave: Gramaticografia; Historiografia linguística; Língua francesa; Norma Linguística.

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa visa à construção de um *corpus* que permita a descrição e a análise histórica e qualitativa da composição de algumas gramáticas de língua francesa que circulam em instituições brasileiras e francófonas, tomando como pressuposto teórico os conceitos de gramatização (Auroux, 2014) e gramaticografia (Swiggers, 2015).

Sabemos que a língua francesa vem sendo descrita, por diversos autores, desde fim da Idade Média até os dias atuais. Essa atividade, conhecida como gramatização, tem como objeto de estudo as estruturas gramaticais de uma língua. O campo historiográfico que se dedica a observar e analisar essa atividade descritiva é chamado de gramaticografia.

Com a conclusão deste estudo, espera-se contribuir para a pesquisa da língua francesa no Brasil, especialmente no campo da gramaticografia, ao promover uma reflexão sobre o processo de produção das gramáticas de francês que circulam, de modo geral, nos países francófonos e, em particular, no Brasil. Busca-se compreender características extratextuais, como o desenvolvimento do cenário editorial brasileiro e internacional, além de explorar as trajetórias formativas de alguns autores. Os objetivos incluem identificar a produção e a circulação dessas gramáticas nas principais instituições do país, refletindo, entre outros aspectos, sobre os centros normativos de publicação, a participação feminina e a recorrência dessas obras em diferentes instituições.

Ao pensarmos na formação crítica de professores de língua francesa, faz-se essencial o compartilhamento do conhecimento gramaticográfico da língua francesa e das teorias linguísticas que fundamentam estas obras gramaticais. Ou seja, é fundamental que o professor compreenda que a língua documentada em uma

obra gramatical é um recorte influenciado pela visão do próprio gramático/linguista, bem como pela sua época e pelas teorias mais proeminentes no momento da elaboração da gramática.

A FORMAÇÃO DE UM ACERVO

Para constituir a base de dados analisada, foram consultados, em 2023, os acervos de 33 bibliotecas, divididos entre instituições universitárias públicas brasileiras (14), universidades francófonas (12), outras bibliotecas e academias brasileiras e estrangeiras (6), todas com um sistema de consulta *online* e integrado às suas respectivas bibliotecas. Entre as instituições examinadas estão:

1. Universidade de Brasília, UNB. Biblioteca | UNB
2. Universidade de São Paulo, USP. Biblioteca | USP
3. Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP. Acervus Unicamp
4. Universidade Estadual do Rio de Janeiro, UERJ. Rede Sirius Uerj
5. Universidade Estadual Paulista, UNESP. Biblioteca | Unesp
6. Universidade Federal da Bahia, UFBA. Pergamum UFBA
7. Universidade Federal de Minas Gerais, UFMG. Pergamum UFMG
8. Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC. Catálogo | UFSC
9. Universidade Federal de Uberlândia, UFU. Biblioteca | UFU
10. Universidade Federal do Ceará, UFC. Pergamum UFC
11. Universidade Federal do Pará, UFPA. Biblioteca Central da UFPA

12. Universidade Federal do Paraná, UFPR. Acervo UFPR
13. Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ. Biblioteca | UFRJ
14. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS. Catálogo UFRGS
15. Université Sorbonne: Bibliothèque Sorbonne
16. Université de Strasbourg: Bibliothèque Strasbourg
17. Université de Lille: Bibliothèque Lille
18. Université de Lyon: Bibliothèque Lyon
19. Université de Nantes: Bibliothèque Nantes
20. Université Aix-Marseille: Bibliothèque Aix-Marseille
21. Université de Montpellier: Bibliothèque Montpellier
22. Université de Côte d'Azur: Bibliothèque Côte d'Azur
23. Université Libre de Bruxelles: Bibliothèque de Bruxelles
24. Université de Liège: Bibliothèque de Liège
25. Université du Québec: Bibliothèque Québec
26. Université de Montréal: Bibliothèque Montréal
27. Université de Genève: Bibliothèque de Genève

Para além das bibliotecas universitárias, a pesquisa também se estendeu aos acervos da Biblioteca Nacional Brasileira, da Biblioteca do Real Gabinete Português de Leitura e da Biblioteca da Fundação Casa de Rui Barbosa, todas situadas no Rio de Janeiro. No âmbito internacional, consideramos também acervos da *Bibliothèque Scientifique Nationale*, na Bélgica, da *Bibliothèque Nationale de France* e da *Bibliothèque Nationale Suisse*, instituições de grande

prestígio e guardiãs de extensos acervos que contemplam obras literárias, científicas, históricas e culturais, as quais possuem extensa preservação de manuscritos, livros raros e documentos históricos ajudando a descrever e documentar o desenvolvimento da língua ao longo do tempo, auxiliando na manutenção e transformação das normas linguísticas.

28. Biblioteca Nacional Brasileira. Terminal - Sophia Biblioteca
29. Biblioteca do Real Gabinete Português de Leitura. Biblioteca | Real Gabinete
30. Biblioteca da Fundação Casa de Rui Barbosa. Sophia
31. Bibliothèque Nationale de France: Bibliothèque Nationale
32. Bibliothèque Scientifique Nationale (Belgique): Bibliothèque Nationale Belgique
33. Bibliothèque Nationale Suisse Page d'accueil: Bibliothèque Suisse

Na escolha das instituições de ensino superior, levou-se em consideração fatores como (i) a sua localização geográfica; (ii) o seu tamanho em número de alunos e cursos; (iii) a notoriedade regional da cidade que abriga a instituição e (iv) a disponibilidade de cursos de graduação em Letras: Francês.

No que diz respeito aos termos utilizados nas pesquisas realizadas, optou-se pela 'busca avançada', visto que esta função restringe a inclusão das palavras-chave no título do material procurado. Nas instituições brasileiras, as palavras-chave adotadas foram "gramática" + "francesa" e "língua" + "francesa", "grammaire" + "française" e "langue" + "française". Já nas pesquisas realizadas nas instituições francófonas, as palavras-chave adotadas foram "Grammaire",

"manuel", "françois" (françoise), "français", "langue + française" (françoise), "langue", "french", "français" e "francesa".

As informações das gramáticas identificadas nos acervos mencionados foram catalogados em uma planilha Excel, atribuindo a cada item as seguintes informações: (i) 'código' do item na base de dados compilada; (ii) 'identificação do material', incluindo sobrenome, ano de publicação e edição; (iii) nome do(s) autor(es); (iv) ano de 'nascimento' e (v) ano de 'morte' do(s) autor(es); (vi) 'nacionalidade' do autor; (vii) título da 'gramática'; (viii) quantidade total de 'páginas'; (ix) 'ano de publicação' da primeira edição; (x) 'ano' e número da última 'edição' encontrada; (xi) 'cidade' e (xii) 'país' em que foi publicada a obra; (xiii) nome da 'editora'; (xiv) tipo de acesso ao texto, ou seja, nulo, parcial ou total e (xv) gênero/sexo do(s) autor(es).

Embora o material compilado sob os critérios metodológicos apresentados seja quantitativamente representativo da produção e/ou circulação de gramáticas do francês no Brasil e nos países francófonos analisados, não se presume, nesta pesquisa, abranger exaustivamente todos os dados. De fato, alguns materiais mencionados em estudos anteriores não foram identificados na pesquisa, pois não estavam disponíveis nas bibliotecas consideradas. Essa lacuna é evidente, por exemplo, por meio de trabalhos como o de Fantinato (2018) e Piron (2008):

- BUFFIER, Claude. **Grammaire françoise sur un plan nouveau**. Paris: Le Clerc, 1709;
- GIRARD, Gabriel. **Les vrais principes de la langue françoise**. Paris: Le Breton, 1747;
- SÁ, Bernardo V. Moreira. **Selecta Franceza para o uso das Escolas do Império do Brasil**. Porto: Livraria Universal, 1883;

- JAKIER, Louise; MUNZINGER, Marie. **Méthode directe de Français, 1e année.** São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1943.

Além disso, certas obras identificadas durante a pesquisa nos acervos bibliotecários não foram adicionadas à base de dados, uma vez que não se enquadravam na categoria de gramáticas ou não abordavam diretamente a disciplina gramatical.

ASPECTOS GERAIS DOS DADOS COLETADOS

A análise dos dados catalogados nas bibliotecas brasileiras revelou a presença de 232 itens, dos quais 137 estão relacionados ao ensino do francês como língua materna ou à descrição da língua, 81 ao francês como língua estrangeira – alguns (5) voltados especificamente ao ensino da língua para brasileiros – e 14 são gramáticas históricas. Dos 232 itens catalogados nesse *corpus*, apenas 41 foram publicados no Brasil. Do total de itens encontrados e registrados, o acesso “total” – ou seja, o acesso integral ao livro na versão digitalizada, disponível online ou em PDF – correspondeu a 74 das 232 gramáticas, totalizando 32% dos itens. O acesso “parcial” – que se refere ao acesso a extratos do livro – correspondeu a 13 das 232 gramáticas, totalizando 6% dos itens. Por fim, o acesso “nulo” – sem qualquer acessibilidade digital – correspondeu a 145 das 232 gramáticas, totalizando 63% do acervo. Já nas bibliotecas francófonas registrou-se 335 itens, dos quais 47 possuem acesso total, 59 têm acesso parcial e 229 não têm acesso.

Em outros termos, o acesso à gramática, em sua totalidade ou parcialidade, é apenas possível em cerca de um terço das obras encontradas no acervo brasileiro (87 obras/38%) e no acervo francófono (106 obras/32%). No entanto, a falta de acesso não impacta

negativamente a pesquisa, servindo apenas como um critério de seleção das gramáticas a serem analisadas. Ademais, é possível realizar uma pesquisa de campo coletando e analisando os manuais físicos de forma presencial.

As três obras mais antigas do acervo brasileiro são:

- DE LA RAMÉE, Pierre. **Grammaire**. Paris, 1572;
- LIMA, Luís Caetano de. **Grammatica Franceza, ou Arte para aprender o francez por meio do portuguez, regulada pelas notas e refflexoens da Academia de França**. Lisboa: Officina da Congregação do Oratório, 1710;
- ABADE, Antonini. **Gramatica franzese**. Veneza: Francesco pitteri. 1760.

Segundo Constantino (2024), a gramática do clérigo português Luís Caetano de Lima (1671-1757) é um dos compêndios mais antigos escritos em língua portuguesa e pode ser encontrada na Biblioteca Nacional. Sendo uma obra inovadora para a época pela sua natureza bilíngue, realizando um estudo da língua francesa auxiliado pela língua portuguesa.

As três obras mais antigas do acervo francófono são:

- PALSGRAVE, John. **L'éclaircissement de la langue francoyse**. Paris: Honoré Champion éditeur. 1530;
- DUBOIS, Jacques. **In Linguam Gallicam Isagoge**. Geneva: Slatkine Reprints 1531;
- MEIGRET, Louis. **Le trętté de la grammęre françoęze**. Paris: Slatkine reprints. 1550.

Essas três obras se destacam por sua relevância em um período em que as primeiras gramáticas do francês começavam a surgir, com Paris e Genebra como centros de publicação. As gramáticas mais antigas presentes nos acervos brasileiros, no entanto, não

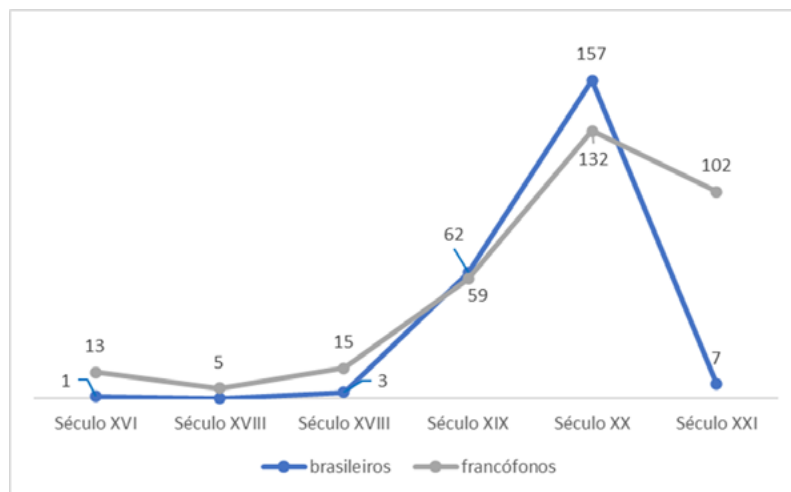
foram publicadas no Brasil. Durante o século XVIII, o país ainda recebia publicações de nações como França e Portugal. Tal movimento pode indicar o surgimento tardio do mercado editorial brasileiro. É no início do século XIX que se identificam as primeiras gramáticas publicadas no país, são elas:

- LHOMOND, Charles François. **Éléments de la grammaire française**. Rio de Janeiro: Plancher, 1833;
- BURGAIN, Luís Antônio. **Novo methodo prático e theorico da língua franceza**. Rio de Janeiro: Garnier, 1849;
- BURGAIN, Luís Antônio. **O livro dos estudantes da língua franceza**. Rio de Janeiro: Eduardo & Henrique Laemmert Editores, 1857;
- LIMA, Leonardo Augusto Ferreira. **Grammatica da língua francesa em duas partes theoricas e prática**. Recife: Typ. de Santos, 1857;
- SEVÈNE, Emilio. **Grammatica franceza**. Rio de Janeiro: Eduardo & Henrique Laemmert, 1859;
- HALBOUT, José Francisco. **Gramática teórica e prática da língua francesa**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1877;
- S. T. **Gramática elementar da língua francesa**: para as aulas brasileiras: segundo curso, 2ª edição. Porto Alegre: Selbach, 1897;
- PLOETZ, Carlos. **Primeiras noções de gramática francesa**. Rio de Janeiro. Francisco Alves: 1894.

Há uma obra publicada em Porto Alegre e outra em Recife, no entanto, a maioria desses manuais foram publicados na cidade do Rio de Janeiro. Isso aponta para a forte presença da cidade do Rio de Janeiro como o centro cultural e editorial brasileiro no século

XIX. Vale salientar que a obra *Éléments de la grammaire française* foi publicada pela primeira vez em 1780, na França, pelo gramático e professor francês Charles François Lhomond (1727-1794), assim a versão catalogada no acervo brasileiro é uma reedição de 1833, publicada no Brasil. O século XIX foi um período de grande influência cultural francesa no Brasil, influência essa que se aprofundou e se sistematizou no século XX, principalmente a partir da segunda metade desse século, com a criação das políticas do FLE na França. Consequentemente, do século XIX para o século XX, houve um aumento substancial no número de obras que circulam no Brasil e nos acervos francófonos.

Gráfico 1 - Publicações de gramáticas em circulação nos acervos brasileiros e francófonos ao longo do tempo



Fonte: base de dados compilada pelos autores.

Analisando mais detalhadamente o cenário brasileiro no século XX, é importante destacar que não foram encontradas obras publicadas nas três primeiras décadas. No entanto, a década de 1930 se destaca como o principal período editorial para a publicação de gramáticas francesas nesse século. Esse resultado pode ter sido

impulsionado pela *Mission à l'USP*, que reforçou a presença francesa nas instituições de ensino do país, promovendo um desenvolvimento editorial de obras voltadas para a língua francesa. Vale destacar que seis (6) das sete (7) obras dessa década foram publicadas no Rio de Janeiro e não em São Paulo. Nas décadas subsequentes, houve um número positivo de publicações, embora menos expressivo.

Assim, a cidade do Rio de Janeiro seguiu sendo um grande centro de publicação de gramáticas no século XX, com 17 gramáticas publicadas, mas São Paulo surge como um novo polo editorial no país. Das 31 obras do século XX catalogadas, 10 foram publicadas na cidade, sendo a mais antiga datada de 1938:

- LAUNTEUIL, Henri. **3ième Cours de grammaire**: la syntaxe française. São Paulo: Companhia Editora Nacional. 1938.

Além disso, foram identificadas publicações em Recife, Fortaleza, Belo Horizonte e Porto Alegre, que também são importantes centros urbanos e espaços de circulação de conhecimento no país. Sob o prisma internacional, Paris permanece como o principal centro normativo de produção de gramáticas, sendo o local de publicação de 361 das 567 obras registradas com a soma de ambos os acervos.

Considerando a participação dos autores brasileiros, observa-se a presença de grandes personalidades das Letras, como os brasileiros Modesto de Abreu (1901-1996) - professor e fundador da Academia de Letras do Estado do Rio de Janeiro (ACLERJ) e da Academia Brasileira de Jornalismo, das quais foi presidente - e José Valdivino de Carvalho (1911-1989) - ensaísta, poeta, cronista e jornalista. Carvalho ingressou na Academia Cearense de Letras em 1953 e atuou como professor de Português e Francês no Colégio Estadual Justiniano de Serpa, onde também exerceu o cargo de diretor.

Além disso, uma forte influência francófona, evidenciada pela presença de professores catedráticos francófonos ativos em diversas instituições brasileiras durante os séculos XIX e XX, refletiu na presença e na adoção de gramáticas de francês como língua estrangeira, especificamente desenvolvidas para o ensino nacional. Entre elas, destacam-se as obras:

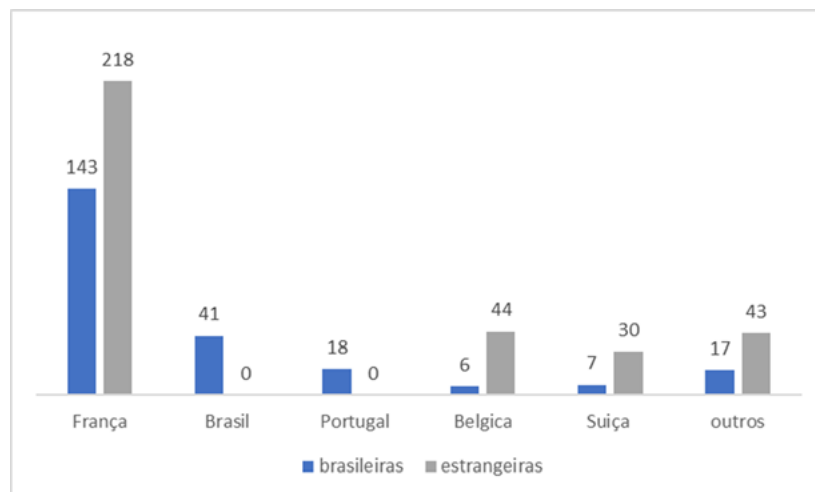
- DEBROT, Marcel. **Cours de langue française**: destiné aux élèves des facultés de philosophie au Brésil (section de langues néo-latines). Belo Horizonte: Liv. Frei Leopoldo. 1961;
- LANTEUIL, Henri de. **Gramática Concreta da Língua Francesa**: curso preparatório: Livro adotado oficialmente nos Colégios militares. Rio de Janeiro: Francisco Alves. 1935.

Debrot foi professor na Universidade Federal de Minas Gerais na década de 1950. E, de acordo com Pietraróia (2007), foi graças a Lanteuil, “professor do Colégio Pedro II e inspetor federal de ensino secundário que nos chegam os principais manuais publicados nas décadas de 30 e 40” (Pietraróia, 2007, p. 2).

Do ponto de vista da recepção de gramáticas no Brasil, a análise das publicações de gramáticas de língua francesa evidencia uma liderança significativa da França, com 143 obras no acervo brasileiro (aproximadamente 62%) e 218 no acervo francófono, consolidando-a como o principal país produtor. No acervo francófono, a Bélgica e a Suíça seguem com 44 e 30 obras, respectivamente. Já no acervo brasileiro, o Brasil ocupa a segunda posição, com 41 publicações (18%), o que é compreensível dado o histórico de promoção da língua francesa pelo governo francês. Portugal aparece em terceiro lugar, com 18 publicações, o que também se explica pelas relações históricas e linguísticas entre os dois países. No entanto, percebe-se que, enquanto em Portugal há uma predominância de autores por-

tugueses publicando gramáticas francesas em português ou francês, no Brasil a participação de autores estrangeiros é mais recorrente.

Gráfico 2 - Frequência de participação dos países na publicação de gramáticas de língua francesa



Fonte: base de dados compilada pelos autores.

Outros países como Suíça (7), Bélgica (5), Canadá (1), Holanda (1), Itália (1) e Dinamarca (2) participam com menor frequência, porém indicam uma diversidade internacional nos textos gramaticais da língua francesa disponíveis no Brasil.

PARTICIPAÇÃO FEMININA NA PRODUÇÃO DE GRAMÁTICAS

Dada a extensão diacrônica dessa análise, é esperado que, nos primeiros séculos, haja uma maior porcentagem de autores masculinos, já que os homens se encontravam em posições privi-

legiadas na produção de conhecimento, enquanto as mulheres se encontravam às margens da produção editorial. Entretanto, a análise da participação feminina em relação ao “ano de publicação” permite mapear quando ocorreu a inserção das mulheres na produção de gramáticas e qual papel elas desempenham atualmente.

Observa-se um crescimento significativo da participação de autoras a partir do século XX. No século anterior, não foram encontradas, no acervo, gramáticas elaboradas por mulheres ou em coautoria, atuação conjunta de homens e mulheres na elaboração de gramáticas. Porém, no século XX, deu-se um salto com 27 obras produzidas por mulheres, 7 delas em coautoria.

Quanto à participação de autoras na produção de gramáticas publicadas no Brasil, também se observa uma disparidade entre autores masculinos e femininos. Das 41 publicações, 30 foram publicadas por homens (71%), sendo o número de publicações, por autoras, significativamente menor, apenas sete (7) publicações (18%), são elas⁷²:

- JACOBINA, Blanche Thiry. **Grammaire française**. São Paulo: Editora Paulo de Azevedo, [19--];
- JACOBINA, Blanche Thiry. **Grammaire française et grammaire comparée**. São Paulo: Editora Francisco Alves, [19--];
- SCHMIDT, Maria Junqueira. **Cours de français**. São Paulo: Editora Nacional. [194-];
- HARVEY, Vera Maria de Azambuja. **Língua francesa**: textos e exercícios. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras (UFRJ). 1979;

72

Devido à dificuldade de acessar a primeira edição de algumas obras e à ausência de informações nas edições posteriores, em alguns casos utilizamos “-” ou “--” para indicar que apenas conhecemos a década ou o século, respectivamente, da primeira publicação da gramática.

- TORRES, Jandyra Moniz. **Notions de langue et de Grammaire Françaises**: à l'intention des écoles officielles de la ville de Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Editora Ática. 198-
- MAZET, Véronique. **Gramática francesa para leigos**. Rio de Janeiro: Alta Books. 2015.

Entre estas temos como coautoria, a obra:

- JOB, Beatriz; MIS Bernard. **Comment dire? Elementos de gramática da língua**, com tradução de Maria Nazaré Mattos de Rezende. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico. 1985.

CIRCULAÇÃO DAS GRAMÁTICAS ENTRE AS INSTITUIÇÕES ESTUDADAS

A UFRJ, o Real Gabinete Português de Leitura, a USP e a Biblioteca Nacional Brasileira são algumas das principais instituições brasileiras que armazenam manuais de língua francesa no Brasil. No cenário francófono, a Bibliothèque Nationale de France se destaca como a instituição com o maior acervo, seguida pela Université de Genève, Université de Montpellier e Université de Côte d'Azur.

Na comparação entre o banco de dados francófono e o brasileiro, identificou-se uma correspondência direta em 54 manuais gramaticais, além de uma correspondência em relação à autoria (18), casos em que o autor apareceu em ambos os bancos, mas com obras diferentes. Essa correspondência representa 23% do acervo brasileiro. Isso indica momentos de alinhamento entre os manuais em circulação nos países francófonos e no Brasil, embora também se observe uma independência bibliográfica significativa no país.

Maurice Grevisse é o autor com mais correspondência entre os acervos brasileiro e francófonos, com quatro obras em comum:

- **Le bon usage.** Paris: Duculot, 1936;
- **Précis de grammaire française.** Gembloux: Duculot, 1939, também conhecida como *Le petit Grevisse*;
- **Exercices sur la grammaire française.** Gembloux: Duculot, 1942;
- **Nouvelle grammaire française.** Paris: Duculot, 1982.

A obra *Le bon usage: grammaire française* (1936), de Maurice Grevisse, está entre as obras do acervo brasileiro que circula com maior frequência, estando presente em 15 das 17 instituições – não presente somente na Biblioteca Nacional e no Real Gabinete Português de Leitura. No acervo francófono, essa mesma obra está presente em 12 das 16 instituições pesquisadas, só não sendo encontrada na *Université Libre de Bruxelles*, na *Bibliothèque Nationale* da Bélgica, na *Université de Liège* e na *Bibliothèque Nationale Suisse*. É importante destacar que todas as obras de Grevisse catalogadas apresentam alta recorrência entre as instituições, o que o evidencia como um autor de grande relevância no cenário gramaticográfico da língua francesa, especialmente no Hexágono.

Outro autor com grande correspondência entre os acervos é Léon Clédat, cujas obras compartilhadas são:

- **Grammaire classique de la langue française.** Paris: H. Le Soudier. 1889
- **Grammaire raisonnée de la langue française.** Paris: H. Le Soudier, 1894.
- **Grammaire élémentaire de la vieille langue française.** Paris: H. Le soudier, 1885.

Nos acervos francófonos, a obra com maior circulação é *Grammaire élémentaire de la vieille langue française*, enquanto, no Brasil, a *Grammaire raisonnée de la langue française* é a mais recorrente, presente em três bibliotecas.

Outra publicação com correspondência entre o banco de dados brasileiro e o francófono é a obra *Grammaire comparée de la langue française* (1876) do suíço Cyprien Ayer, presente em oito instituições brasileiras e em sete francófonas. Ayer foi professor de economia política, geografia e gramática, em 1866 na Universidade de Neuchâtel, na Suíça e, mais tarde, em 1878, tornou-se reitor.

Outros autores cujas obras foram catalogadas em ambos os acervos incluem Auguste Brachet (1844-1898), Robert-Léon Wagner (1905-1982), Jean Dubois (1920-2015) e Yvonne Delatour (19??), em coautoria com Dominique Jennepin, Maylis Léon-Dufour e Brigitte Teyssier, cada um com duas obras.

Entre as obras de autoria feminina mais recorrentes nos acervos francófonos, destaca-se *Grammaire française*, da francesa Nathalia Baccus, disponível em nove instituições. No Brasil, porém, essa obra circula apenas na UFMG.

A gramática de Beatriz Job está disponível em cinco instituições brasileiras: Biblioteca Nacional Brasileira, Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Universidade de Brasília (UNB) e Universidade de Campinas (UNICAMP), tornando-se a obra de coautoria feminina com maior circulação no banco de dados. No entanto, essa não é a gramática de maior circulação nos acervos bibliotecários francófonos, estando presente apenas na *Université de Genève*. Averiguando as gramáticas de autorias femininas presentes em ambos os acervos foram identificadas nove obras, são as seguintes:

- YAGUELLO, Marina; BLANCHE-BENVENISTE, Claire; COLIN, Jean-Paul; GADET, Françoise; GENOUVRIER, Emile;

MARCHELLO-NIZIA, Christiane; PRUVOST, Jean; TRANEL, Bernard. **Le grand livre de la langue française**. Paris: Les Éditions du Seuil. 2003;

- SALINS, Geneviève-Dominique de. **Grammaire pour l'enseignement, apprentissage du FLE** (avec la collaboration de Sabine Dupré La Tour). Paris: Didier érudition : Hatier. 1996;
- POISSON-QUINTON, Sylvie; Célyne Huet-Ogle; Roxane Boulet; Anne Vergne-Sirieys. **Grammaire expliquée du français**. Paris: CLE International. 2003;
- OLLIVIER, Jacqueline. **Grammaire française**. Fort Worth: Holt, Rinehart and Winston. 1978;
- PICABIA, Lelia; Anne Zribi-Hertz. **Découvrir la grammaire française: une introduction active à la linguistique française et générale**. Paris: CEDIC, 1981;
- MONNERIE-GOARIN, Annie. **Le français au présent: grammaire**. Paris: Didier érudition : Hatier. 1987;
- GRÉGOIRE, Maïa; avec la participation de Gracia Merlo. **Grammaire progressive du français**. Paris: CLE International. 1997;
- BÉRARD, Evelyne. **Grammaire utile du français**. Paris: Hatier. 1989;
- CALLAMAND, Monique. **Grammaire vivante du français: français langue étrangère**. Paris: CLE International. 1989.

Observa-se que todas as obras de autoria feminina com correspondência entre os acervos datam do final do século XX. Com exceção da obra de Jacqueline Ollivier, *Grammaire française* (1978), publicada nos Estados Unidos e também no Canadá, todas as demais foram publicadas em Paris.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa buscou apresentar algumas obras gramaticais da língua francesa em circulação nos acervos de bibliotecas e instituições francófonas e brasileiras, com o intuito de documentar o papel de homens e mulheres na produção de conhecimento linguístico em língua francesa ao longo dos séculos, os principais centros editoriais e os grandes momentos de publicações. Optou-se por um enfoque na participação das mulheres, com a intenção de valorizar a contribuição feminina para esse campo.

Observa-se que, mesmo quando uma obra tem grande circulação entre os acervos francófonos, isso não necessariamente se reflete em uma forte presença no cenário brasileiro, como é o caso da obra *Grammaire française*, da francesa Nathalia Baccus. Assim, apesar das relações e conexões entre as instituições, notou-se um cenário gramatical brasileiro relativamente independente, diverso e abrangente, que abarca gramáticas de diferentes séculos, do XVII ao XXI, provenientes de diversos locais de publicação e disponíveis em várias edições.

Há uma presença marcante da França, com Paris como principal centro normativo, que influencia e alimenta o mercado editorial de inúmeros países. No Brasil, a cidade do Rio de Janeiro se destacou como um grande centro normativo, especialmente no século XIX, mantendo-se assim no século XX, embora dividindo espaço de destaque com São Paulo, um novo centro emergente. No século XX, a década de 1930 se destacou como o principal período de produção gramatical da primeira metade do século. Na segunda metade, houve um crescimento significativo na produção de gramáticas, com um aumento de 58%.

Apesar do Brasil contar com autores nacionais dedicados à elaboração de gramáticas, a presença de autores estrangeiros publicando no país é significativa, algo que não se observa com tanta frequência na França e em Portugal. Isso ressalta a importância de

incentivar a produção nacional por autores brasileiros. Nota-se um padrão nas trajetórias acadêmicas e profissionais dos autores das obras: aquelas que mais circulam entre as instituições pesquisadas são de professores catedráticos, tanto franceses quanto brasileiros.

Para concluir, a análise da correspondência de obras entre as instituições selecionadas aponta para pouca uniformidade bibliográfica, com a maioria das obras, exceto algumas já mencionadas, sendo encontradas exclusivamente em determinadas bibliotecas. Isso indica novamente uma bibliografia brasileira diversa e pouco padronizada, especialmente nas instituições de ensino brasileiras com cursos de Letras-Francês.

Esta pesquisa não se encerra aqui. Cabe agora observar como a língua francesa vem sendo documentada em algumas dessas obras, para traçar diálogos entre momentos históricos, as teorias linguísticas vigentes e a gramatização da língua, com o objetivo de compreender como esses gramáticos entenderam e documentaram os conceitos de norma linguística, língua e gramática.

REFERÊNCIAS

AUROUX, Sylvain. **A revolução tecnológica da gramatização**. 3 ed. Tra. Eni Puccinelli Orlandi. Campinas: Editora da Unicamp, 2014.

PIETRARÓIA, Cristina Moerbeck Casadei. Hugo, Maupassant, Racine, Balzac e Flaubert na formação escolar de parte do século XX. In: *SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA*, 24, 2007, São Leopoldo, Rio Grande do Sul. **Anais**. São Leopoldo: Oikos, 2007.

CONSTANTINO, Kate Oliveira. **De língua da corte a matéria de estudo: a institucionalização do ensino de francês no Brasil**. Aracaju: Criação Editora, 2024. 123 p. Prefácio de Roger Chartier.

FANTINATO, Maria Teresa de Castello Branco. Um percurso histórico dos livros didáticos de francês do Colégio Pedro II. In: ALMEIDA, Claudia *et al.* **Pesquisas e práticas em ensino de francês: a experiência do colégio pedro ii**. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2018. p. 34-51.

PIRON, Sophie. La grammaire du français au XVIIIe siècle – 2e partie. **Correspondance**, v. 14, n. 3, n.p. 2009.

SWIGGERS, Pierre. Grammaticographie. *In*: Polzin-Haumann, Claudia; Schweickard, Wolfgang. **Manuel de linguistique française**. Berlim: Gruyter, 2015. p. 525 - 555.

Este estudo recebeu fomento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG).

22

*Arielly de Assis Cruz
Sofia Perrone Medina
Natalia Ap. Bisio de Araujo
Leandro Silveira de Araújo*

POUR UNE INTRODUCTION À L'HISTOIRE DE LA GRAMMAIRE DE LA LANGUE FRANÇAISE AU BRÉSIL

Cette recherche se tourne vers l'étude du processus de production de grammaires de la langue française et elle est guidée par la réflexion à propos du concept de grammatisation (Auroux, 2014) et de grammaticographie (Swiggers, 2015). Notre objectif est d'identifier les grammaires françaises qui circulent dans des pays francophones et au Brésil, ainsi que les caractéristiques textuelles et extratextuelles qui se distinguent dans la grammaticographie de cette langue. Ce sont nos objectifs spécifiques : (i) présenter une chronique historiographique de la grammaticographie de la langue française ; (ii) décrire la circulation de la grammaire française dans le monde francophone et son impact au Brésil et (iii) identifier les agents impliqués dans la grammaticographie du français. Pour y parvenir, une collecte des grammaires du français enregistrées dans des sites de bibliothèques brésiliennes et étrangères sera réalisée. Ensuite, nous vérifierons chaque manuel auquel nous aurons un accès partiel et/ou total et, avec la sélection, nous procéderons à la catégorisation et à l'analyse des grammaires, selon ses caractéristiques textuelles et extratextuelles. Cette proposition de recherche se justifie par la délinéation de comment s'est déroulé le phénomène de la description et de la standardisation du français dès les temps de John Barton (1409).

Cette recherche se dédie à la description et à l'analyse historique et qualitative de certaines grammaires de la langue française qui circulent dans les principales institutions brésiliennes et francophones, en se basant sur les réflexions théoriques des concepts : grammatisation (Auroux, 2014) et grammaticographie (Swiggers, 2015). Nous savons que la langue française est décrite, par plusieurs auteurs, depuis la fin du Moyen âge jusqu'à nos jours. Cette activité, connue comme grammatisation, a pour but l'étude des structures grammaticales d'une langue (Auroux, 2014). Le champ historiographique qui se dédie à observer et à analyser cette activité descriptive est appelé grammaticographie. De cette manière, nous attendons de contribuer à la recherche de la langue française au Brésil, plus

particulièrement dans le champ de la grammaticographie, en favorisant une réflexion sur le processus de production de grammaires françaises qui circulent, de manière générale, au Brésil. Nous cherchons à comprendre les caractéristiques extratextuelles, comme le développement du contexte éditorial brésilien et international, tout en exploitant les parcours formatifs de certains écrivains. Les objectifs incluent l'identification de la production et de la circulation de ces grammaires dans les principales institutions du pays, en mettant en évidence des variantes comme les centres normatifs de publication, la participation féminine et la fréquence entre différentes institutions. En d'autres termes, nous essayons de comprendre comment ces facteurs influencent la grammaticalisation de la langue française.

En pensant à la formation critique des professeurs de langue française, il est essentiel de partager la connaissance de la grammaticographie de la langue française et des théories linguistiques qui sous-tendent ces œuvres grammaticales. Ainsi, c'est essentiel que le professeur puisse comprendre que la langue documentée dans une œuvre grammaticale est une coupe influencée par la vision du propre grammairien/ linguiste, tant bien par son époque que pour ses théories plus proéminentes au moment de l'élaboration de la grammaire.

CONSIDÉRATIONS MÉTHODOLOGIQUES

Pour constituer la base de données analysées et consultées, pendant les mois d'août et d'octobre 2023, nous avons utilisé les collections de 33 bibliothèques, réparties entre institutions universitaires publiques brésiliennes (14), universités francophones (12), autres bibliothèques et académies brésiliennes et étrangères (6), toutes dotées d'un système de consultation en ligne intégrée à leurs bibliothèques respectives.

Dans le choix des établissements d'enseignement supérieur, nous avons pris en considération des facteurs tels que : (i) leurs coordonnées géographiques ; (ii) leur nombre d'étudiants et de cours ; (iii) la notoriété régionale de la ville qui abrite l'établissement ; et (iv) la disponibilité de programmes de premier cycle en lettres françaises.

Les informations des grammaires identifiées dans les collections mentionnées ont été cataloguées dans une feuille de calcul Excel, attribuant à chaque élément les informations suivantes : (i) code de l'élément dans la base de données compilée; (ii) identification du matériel, incluant le nom, l'année de publication et la date d'édition ; (iii) nom du(des) auteur(s); (iv) année de naissance et (v) année de décès du(des) auteur(s) ; (vi) nationalité du(des) auteur(s) ; (vii) titre de la grammaire ; (viii) quantité totale des pages ; (ix) année de la première édition ; (x) année et numéro de la dernière édition trouvée ; (xi) ville et (xii) pays dans lequel l'ouvrage a été publié ; (xiii) nom de l'éditeur, (xiv) type d'accès au texte, c'est-à-dire nul, partiel ou total et (xv) genre/sexe du(des) auteur(s).

DISCUSSION

L'analyse des données cataloguées dans les bibliothèques brésiliennes a révélé la présence de 232 éléments, dont seulement 41 ont été publiés au Brésil. Dans les bibliothèques francophones, 335 éléments ont été recensés, dont 47 avec accès total, 59 avec accès partiel et 229 sans accès. Les trois ouvrages les plus anciens du fonds brésilien sont :

- DE LA RAMÉE, Pierre. **Grammaire**. Paris, 1572;

- LIMA, Luís Caetano de. **Grammatica Franceza, ou Arte para aprender o francez por meio do portuguez, regulada pelas notas e refflexoens da Academia de França**. Lisboa: Officina da Congregação do Oratório, 1710;
- ABADE, Antonini. **Gramatica franzese**. Veneza: Francesco pitteri. 1760.
- Les trois œuvres les plus anciennes de la collection francophone sont:
- PALSGRAVE, John. **Les clarcissement de la langue francoyse**. Paris: Honoré Champion éditeur. 1530;
- DUBOIS, Jacques. **In Linguam Gallicam Isagoge**. Geneva: Slatkine Reprints 1531;
- MEIGRET, Louis. **Le treттé de la grammère françoëze**. Paris: Slatkine reprints. 1550.

Les grammaires les plus anciennes présentées dans les archives brésiliennes, pourtant, n'ont pas été publiées au Brésil. Durant le XVIIIe siècle, le pays ne recevait pas encore les publications des nations comme la France ou le Portugal. Um tel mouvement peut indiquer l'apparition tardive du marché éditorial brésilien. C'est au début du XIXe siècle que s'identifient les premières grammaires publiées dans le pays, spécialement à Rio de Janeiro, en indiquant la grande présence de la ville comme étant le centre culturel et éditorial brésilien durant cette période. Le XIXe siècle a été une période de grande influence culturelle française au Brésil, qui s'est approfondie et s'est systématisée durant le XXe siècle, principalement à partir de la deuxième moitié de ce siècle, avec la création des politiques de FLE en France. Par conséquent, du XIXe siècle jusqu'au XXe siècle, il y a eu une croissance de 153% du nombre d'œuvres qui circulent au Brésil et une croissance de 124% des collections francophones.

En analysant plus en détail le contexte brésilien au XXe siècle, il est important de souligner qu'aucune œuvre n'a été trouvée pendant les trois premières décennies. Cependant, les années 1930 se distinguent comme la principale période éditoriale pour la publication de grammaires françaises au cours de ce siècle. Ce résultat pourrait avoir été influencé par la Mission à l'USP, qui a renforcé la présence française dans les institutions d'enseignement du pays, favorisant ainsi le développement éditorial d'ouvrages dédiés à la langue française.

Sur le plan international, Paris reste le principal centre normatif de production de grammaires, avec 361 sur 567 ouvrages recensés provenant des deux fonds.

En ce qui concerne la participation des auteurs brésiliens, on note la présence de grandes personnalités des Lettres, telles que les Brésiliens Modesto de Abreu (1901-1996) et José Valdivino de Carvalho (1911-1989). De plus, une forte influence francophone, marquée par la présence de professeurs titulaires francophones actifs dans diverses institutions brésiliennes aux XIXe et XXe siècles, s'est reflétée dans l'adoption de grammaires du français comme langue étrangère, spécifiquement développées pour l'enseignement national.

Du point de vue de la réception de grammaires au Brésil, l'analyse des publications de grammaires de la langue française met en évidence une avance significative de la France, avec 143 œuvres dans l'archive brésilien (à peu près de 62%) et 218 dans la collection francophone, se consolidant ainsi comme le principal pays producteur. Dans l'archive francophone, la Belgique et la Suisse le suivent avec 44 et 30 œuvres, respectivement. Le Brésil occupe la deuxième place avec 41 publications (18%), ce qui est compréhensible étant donné l'historique de promotion de la langue française par le gouvernement français.

L'analyse de la participation féminine en lien avec « l'année de publication » permet de cartographier le moment où les femmes ont commencé à s'insérer dans la production de grammaires et le rôle qu'elles jouent actuellement. On observe une augmentation significative de la participation des femmes à partir du XXe siècle. Au cours du siècle précédent, aucune grammaire élaborée par des femmes, ou en coécriture avec des hommes, n'a été trouvée dans les archives. Cependant, au XXe siècle, il y a eu un pas en avant avec 27 ouvrages produits par des femmes, dont 7 en co-créditation. En ce qui concerne la participation des femmes à la production de grammaires publiées au Brésil, une disparité entre auteurs masculins et féminins est également observée.

L'UFRJ (Université Fédérale de Rio de Janeiro), le Real Gabinete Português de Leitura, l'USP (Université de São Paulo) et la Biblioteca Nacional Brasileira sont parmi les principales institutions brésiliennes qui conservent des manuels de langue française au Brésil. Dans le contexte francophone, la Bibliothèque Nationale de France se distingue comme l'institution possédant le plus grand fonds, suivie par l'Université de Genève, l'Université de Montpellier et l'Université de Côte d'Azur.

En comparant les bases de données francophones et brésiliennes, on a identifié une correspondance directe dans 54 manuels grammaticaux, ainsi qu'une correspondance en termes d'auteur (18), où l'auteur apparaît dans les deux bases de données avec des ouvrages différents. Cette correspondance représente 23% du fonds brésilien. Cela indique des moments d'alignement entre les manuels en circulation dans les pays francophones et au Brésil, bien qu'une indépendance bibliographique significative soit également observée dans le pays.

L'analyse de correspondance d'œuvres parmi les institutions sélectionnées indique une uniformité bibliographique faible, avec la plupart des œuvres, sauf quelques-unes déjà mentionnées,

étant trouvées exclusivement dans certaines bibliothèques. Cela indique une bibliographie brésilienne diversifiée et non standardisée, en particulier dans les établissements d'enseignement avec des cours de français.

Le contexte grammatical brésilien est diversifié et complet, englobant des grammaires du XVIIe au XXIe siècle, provenant de différents lieux de publication et dans plusieurs éditions. Bien que le Brésil compte, en son sein, des auteurs nationaux dédiés à l'élaboration de grammaires, la présence d'auteurs étrangers publiant dans le pays est encore forte, ce qui n'est pas aussi souvent observé en France et au Portugal. Cela souligne l'importance d'encourager la production nationale par des auteurs brésiliens.

A ORGANIZADORA / L'ORGANISATRICE

Vanessa Meireles

Professora de Língua Portuguesa, Cultura e Literatura do Brasil na Universidade de Montpellier Paul-Valéry (França). Membro da equipe de pesquisa *Recherches sur les Suds et les Orients* (ReSO). Diretora do Departamento de Estudos Lusófonos (2025-2027). Membro do Conselho ReSO e do Conselho LEA (Línguas Estrangeiras Aplicadas). Coordena o posto aplicador de Montpellier do Certificado de Proficiência em Língua Portuguesa para Estrangeiros (CELPE-bras) desde 2018. É coordenadora principal do Projeto *VariaR: Variação nas Línguas Românicas* (<https://variar.wixsite.com/variar>), em parceria com Marcia dos Santos Machado Vieira (UFRJ). Antes de integrar o quadro de docentes efetivos da Universidade Paul-Valéry, atuou como professora de Português e Cultura lusófona em várias universidades e institutos de língua na França. Possui Graduação em Letras Português-Francês pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2007) com dignidade acadêmica *Magna cum Laude*. Na França, obteve, com dignidade acadêmica máxima, um Mestrado em Linguística Teórica e Descritiva (Université Paris 8 Vincennes – Saint-Denis, 2009), um Mestrado em Estudos Lusófonos (Université Sorbonne Nouvelle, 2011) e um Doutorado em Linguística (Université Paris 8 Vincennes – Saint-Denis, 2014). Sua pesquisa se concentra nos fenômenos linguísticos de estabilização, variação e mudança na língua portuguesa no domínio fonológico (como acento, estrutura silábica e vogais) e no domínio morfossintático (predicações verbais). Outra parte de sua pesquisa diz respeito a aspectos do ensino de português para alunos de língua francesa.

E-mail: vanessa.meireles@univ-montp3.fr

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5324681765530227>

CV HAL: <https://cv.hal.science/vanessa-meireles?langChosen=fr>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1980-9681>

Projeto de pesquisa: <https://variar.wixsite.com/variar>

OS AUTORES E COAUTORES / *LES AUTEURS ET CO-AUTEURS*

Aline Bazenga (prefácio/préface)

Doutorada em Letras / Linguística Francesa, é Professora Associada no Departamento de Línguas, Literaturas e Culturas da Faculdade de Artes e Humanidades na Universidade da Madeira (Funchal, ilha da Madeira, Portugal). Investigadora do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa (CLUL), tem participado em vários projetos internacionais, com destaque para o projeto no âmbito Sintaxe e da Semântica, entre 2006 e 2009 (Projeto "pINV : Dépendances distributives - pluralité nominale et verbale", dirigido por B. Laca e P. Cabredo Hofherr, da Fédération Typologie et universaux du langage, CNRS FR 2559, Paris 8), desde 2010, no quadro da comparação de variedades do português (Projeto "Estudo comparado dos padrões de concordância em variedades africanas, brasileiras e europeias", coordenado por M. A. Mota (FLUL, Portugal) e S. Rodrigues Vieira (UFRJ, Brasil) e, ainda no âmbito da Sociolinguística e Pragmática na Macaronésia, entre 2015 e 2019 (Projeto "Discursos, géneros e identidad en un corpus de novela rosa inglesa ambientada en Canarias y otras islas atlánticas", coordenado por M. I. González Cruz (ULPGC, Espanha). Coordena o projeto "Arquivo do Português Falado da Madeira (ARPOFAMA)" deste 2015 no Centro de Investigação em Estudos Regionais e Locais (CIERL-UMa), tendo vindo a organizar, desde essa data, com a colaboração de estudantes da Universidade da Madeira, a coleta de dados orais de falantes madeirenses. Os seus principais interesses de investigação situam-se, desde 2010, nas áreas da Sociolinguística Variacionista, no domínio da morfossintaxe variável em variedades geográficas e sociais do português, com maior ênfase na variedade madeirense do português europeu. É sobre esta variedade que tem vindo a publicar os seus trabalhos de investigação e contributos mais relevantes desde 2011, sob forma de artigos, capítulos de livros e comunicações. Para além destas atividades, tem contribuído como membro de várias comissões científicas de encontros e/ou de publicações académicas, sendo revisor científico de revistas como, entre outras, *Journal of Portuguese Linguistics*, *English Today*, *Estudos de Linguística Galega*.

E-mail: aline.bazenga@staff.uma.pt

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9625-4456>

ResearchGate: <https://www.ResearchGate.net/profile/Aline-Bazenga>

Ana Clara Nunes Brito

Ana Clara Nunes Brito é mestranda em Linguística pelo Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (PPGLin/UESB), vinculado ao Departamento de Estudos Linguísticos e Literários (DELL/UESB). Licenciada em Letras Vernáculas (UESB, 2023). Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento do Pessoal de Nível Superior (CAPES).

E-mail: anaclara.nb741@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0313304258412532>

Arielly de Assis Cruz

Arielly de Assis Cruz é graduada em Letras: Francês e Literaturas de Língua Francesa, pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Participa do Núcleo de Estudos da Norma Linguística (NormaLi/CNPq) e colabora com o projeto "Web-Museu da Gramática: a construção de um museu digital interativo (FAPEMIG/UFU).

E-mail: arielly.cruz@ufu.br

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/5741140923834544>

ORCID: <https://orcid.org/0009-0007-2754-1842>

Arthur Neves Sousa Pereira

Arthur Neves Sousa Pereira é mestrando em Linguística pelo Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (PPGLin/UESB), vinculado ao Departamento de Estudos Linguísticos e Literários (DELL/UESB). Licenciado em Letras Vernáculas (UESB, 2023).

E-mail: arthurnspereira@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8285661183260053>

Cecília de Almeida Ribeiro

Cecília de Almeida Ribeiro é formada em Letras Modernas na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB (2022), pós-graduanda em Revisão Textual pela Educa Minas e Mestranda em Linguística na UESB – PPGLin. Integrante do projeto de pesquisa "Estudos de Fenômenos Linguísticos na Perspectiva Funcionalista a partir da descrição e análise de *corpus* da comunidade de fala de Vitória da Conquista".

E-mail: cecylaribeiro@gmail.com

Gildaris Ferreira Pandim

Gildaris Ferreira Pandim é doutora em Ciências da Linguagem, título obtido na Universidade Paris 3 Sorbonne Nouvelle e na Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho". Ela ocupou o cargo de leitora do Ministério das Relações Exteriores do Brasil na Universidade de Cabo Verde de 2015 a 2019, tendo colaborado com o Instituto Internacional da Língua Portuguesa, com a Universidade de Cabo Verde e com o Instituto Guimarães Rosa em Cabo Verde. Nessa função, foi responsável pela elaboração de jogos eletrônicos voltados para o léxico e a ortografia do português, pela formação continuada de professores no ensino secundário, pela supervisão e organização de oficinas destinadas (i) à concepção e realização de histórias em quadrinhos em português e (ii) a adaptações audiovisuais de textos literários. Devido à relevância dos trabalhos realizados para a realidade pedagógica das instituições e dos alunos cabo-verdianos, essas atividades contribuíram para a melhoria das relações no setor educacional entre o Brasil e Cabo Verde, culminando em sua nomeação como Oficial da Ordem de Rio Branco. Tendo lecionado português como língua estrangeira e português como segunda língua em instituições de ensino superior na França e em Cabo Verde, suas áreas de pesquisa incluem terminologia, lexicologia, estudos de tradução, linguística de *corpus* e estudos culturais em uma perspectiva contrastiva. Suas publicações mais recentes são: "Les collocations avec le verbe donner" (Meireles e Machado Vieira, Pimenta cultural, 2024); "Les variantes *muito, maningue et bué* en portugais" (Gruas e Guerreiro, Reflexos, 2023); e "Vocabulário Ortográfico Comum da Língua Portuguesa (VOC)" (coautoria: KUHN, T. Z., Panorama da contribuição do Brasil para a difusão do português, Ministério das Relações Exteriores, 2021).

Université Paris 3 Sorbonne nouvelle, Bureau des enseignements transversaux, Paris, France.

E-mail: gildaris@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6157017828524037>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8218-0126>

ResearchGate: <https://www.ResearchGate.net/profile/Gildaris-Pandim>

Izabel Maria da Silva

Izabel Maria da Silva tem graduação em Licenciatura Plena em Português, Inglês e Literatura pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás (1990). Possui mestrado em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Minas Gerais (2000). Atualmente, a autora é Professora Adjunto III, da Faculdade de Educação – Instituto de Ciências da Educação, da Universidade Federal do Pará, Belém, PA. Atua na Faculdade de Línguas Estrangeiras Modernas, do Instituto de Letras e Comunicação da mesma Universidade. Tem experiência na área de Linguística, com ênfase em Ensino Aprendizagem de Língua Estrangeira, atuando principalmente nos seguintes temas: ensino-aprendizagem de língua estrangeira, formação de professor, variação linguística, língua estrangeira e ensino. Trabalha também com letramento acadêmico.

E-mail: ufpaizabelamaria@gmail.com

Link de CV: <https://geolinterm.com.br/>

Joedson dos Santos Azevedo

Joedson dos Santos Azevedo é mestrando em Linguística pelo Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (PPGLin/UESB), vinculado ao Departamento de Estudos Linguísticos e Literários (DELL/UESB) – Campus Vitória da Conquista – BA, Brasil. Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Membro do Grupo de Estudos em Linguística Histórica e em (Socio)funcionalismo (Grupo JANUS) e do Grupo Gramática de Construções e Interfaces Linguísticas da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ). Especialista em Letras – Língua Portuguesa e Literatura Brasileira, Docência no Ensino de Letras – Inglês e Linguística Aplicada à Educação pela Faculdade Iguaçu (FI). Licenciado em Letras Modernas e Vernáculos pela Universidade Cruzeiro do Sul (UNICSUL).

Afiliação: Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Programa de Pós-graduação em Linguística, Vitória da Conquista, BA, Brasil.

E-mail: joedsonazevedo@hotmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2965533507901744>

ORCID: <https://orcid.org/0009-0002-9484-2526>

ResearchGate: www.ResearchGate.net/profile/Joedson-Azevedo

Konrad Szcześniak

Konrad Szcześniak works at Palacký University Olomouc, where he teaches Syntax and Formulaic Language. His research interests include grammatical constructions and memory of formulaic language (particularly in English, Polish, Czech, and Portuguese) within the framework of Construction Grammar. He also deals with issues related to the development of lexical proficiency and intuition in the first and second languages.

E-mail: konrad.szczeniak@us.edu.pl

ResearchGate: <https://www.ResearchGate.net/profile/Konrad-Szczeniak>

Leandro Silveira de Araujo

Leandro Silveira de Araujo é Professor do Instituto de Letras e Linguística, da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Doutor e mestre em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista (UNESP), com pós-doutorado em Linguística (USP e UBA). Atuou como pesquisador visitante na Universidad de Cuyo (Mendoza/Argentina), Universidad Autónoma de Madrid (Espanha), Universidad de Córdoba (Espanha), Universidad de Salamanca (Espanha) e Universidad de Buenos Aires (Argentina). Tem experiência na área de Linguística, com ênfase em Sociolinguística, Dialetoлогия, Linguística Histórica e Historiografia da Linguística. Líder Núcleo de Estudos da Norma Linguística (NormaLi/CNPq) e do projeto "Web-Museu da Gramática: a construção de um museu digital interativo (FAPEMIG/UFU).

E-mail: araujols@ufu.br

Link de Projeto de pesquisa: <http://mugra.com.br>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7591228811329004>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8518-1266>

ResearchGate: <https://www.ResearchGate.net/profile/Leandro-Araujo-15>

Marcos Luiz Wiedemer

Doutor em Estudos Linguísticos (UNESP), com doutorado sanduíche na Erfurt Universität (Erfurt-Alemanha), Mestre em Linguística (UFSC) e Licenciado em Letras-Português/Inglês (FURB). Está realizando estágio pós-doutorado na UFRJ. Professor associado de linguística na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), na Faculdade de Formação de Professores (FFP). Pesquisador (permanente) do Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística (PPLIN), da UERJ. Procientista (Faperj/UERJ). É membro (pesquisador) do Grupo de Estudos Discurso & Gramática (UERJ) e do Grupo de Pesquisas Estudos Sociofuncionalistas (UFMS) e juntamente com Manuela Correia de Oliveira (UERJ) lidera o Grupo de Pesquisa "Gramática de Construções e Interfaces Linguísticas". Juntamente com Marcia dos Santos Machado Vieira coordenou o GT de Sociolinguística da ANPOLL (2018-2021). Exerceu a função de Vice-Presidente da ANPOLL (2021-2023). Coordenador do Laboratório de Formação Permanente em Letras: ações coletivas, docência e ensino (LABLETRAS/UERJ). Áreas de interesse: Gramática de Construções; Modelos Baseados no Uso; Linguística Cognitiva; Sociolinguística; Transtorno do Espectro Autista.

E-mail: mlwiedemer@gmail.com

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/4237755696513203>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0924-1030>

ResearchGate: <https://www.ResearchGate.net/profile/Marcos-Luiz-Wiedemer>

Maria Eduarda Oliveira da Silva

Mestre em Estudos Linguísticos pelo Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Graduada em Letras-Português/Literaturas (UERJ). Professora de português da rede particular.

E-mail: duda.mariaeduarda1998@gmail.com

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/1120913530200003>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0870-8754>

Marilucia Barros de Oliveira

Docente da Universidade Federal do Pará (UFPA) desde 1997. É professora Titular da UFPA, em cujo Programa de Pós-graduação em Letras atua orientando teses de mestrado e doutorado. Também atua no Profletras. Tem experiência na área de Linguística, especialmente em Sociolinguística e Dialetoлогия, com ênfase na variação e diversidades de capitais brasileiras e da Amazônia brasileira. Também tem interesse em Fonologia de Geometria de Traços. Nos últimos anos dedicou-se a descrever o perfil sociolinguístico do português falado em comunidades tradicionais, especialmente afro-brasileiras e indígenas. Além das pesquisas realizadas nessas comunidades, destacam-se, na produção da pesquisadora, o estudo da palatalização na região amazônica e nas capitais do Brasil, cujos resultados devem implicar uma reformulação do quadro de coronais que palatalizam no Português Brasileiro em posição pre-vocálica. Integrou a diretoria da Associação Brasileira de Linguística (Abralín), no período de 2013-2015, e é uma das fundadoras do Grupo de estudos Linguísticos da Amazônia Brasileira (GT ELIAB). Coordenou de 2009 a 2016 os processos de reserva de vagas para comunidades indígenas e quilombolas na Universidade Federal do Pará, participou do Grupo de Trabalho para a construção da cartografia de comunidades quilombolas no Pará (SECULT/PA, 2020-2021) e integrou o Projeto Banco Nacional de Itens para o Exame Nacional do Ensino Médio, na condição de coordenadora da área de Linguagens e suas tecnologias (UFPA). É diretora científica do Comitê Nacional do Projeto Atlas Linguístico do Brasil desde 2015. Integra a coordenação do EIXO 2 de Sociolinguística da ANPOLL: Contato, variação e identidade.

E-mail: mariluci@ufpa.br

Link de Projeto de pesquisa: <https://geolinterm.com.br/>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2069-6191?lang=pt>

ResearchGate: <https://www.ResearchGate.net/profile/Marilucia-Oliveira>

Natalia Ap. Bisio de Araujo

Professora do Instituto de Letras e Linguística, da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Doutora e metre em Estudos Literários pela Universidade Estadual Paulista - UNESP. Curso *Littératures de Langue Française* pela Université de Montréal - Canadá. Colaboradora do projeto "Web-Museu da Gramática: a construção de um museu digital interativo (FAPEMIG/UFU).

E-mail: natalia.bisio@ufu.br

Link de Projeto de pesquisa: <http://mugra.com.br>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5072775615988181>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2982-5917>

ResearchGate: <https://www.ResearchGate.net/scientific-contributions/Natalia-Aparecida-Bisio-de-Araujo-2176467861>

Patricia Vanessa de Ramos

Doutoranda na Universität Augsburg, na cátedra Angewandte Sprachwissenschaft, Romanistik, Augsburg, Alemanha, desde 2021. Possui graduação em Letras Português/Espanhol (2015) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, Brasil, e mestrado em Letras Neolatinas (Língua Espanhola) (2017) também pela UFRJ. Trabalhou como professora substituta no Departamento de Letras Neolatinas/ Letras Espanhola da Faculdade de Letras da UFRJ entre 2017 e 2019. Entre 2019 e 2020, trabalhou como *Assistante diplômée* na Seção de Espanhol na Université de Lausanne (UNIL), Lausanne, Suíça. Entre 2022 e 2023 trabalhou como *Wissenschaftliche Hilfskraft* na Universität Augsburg, Angewandte Sprachwissenschaft, Romanistik. Em 2023, trabalhou como *Wissenschaftliche Mitarbeiterin* também na cátedra Angewandte Sprachwissenschaft, Romanistik da Universität Augsburg. Entre 2021 e 2022, foi coordenadora do projeto internacional *Red BayMis* organizado pela Universität Augsburg e pela Universidad Nacional de Misiones (UNaM), Misiones, Argentina. Além do ensino, a pesquisa também é um foco de interesse para Patricia. Desde 2022, é colaboradora nos grupos de pesquisa *Variación em Línguas Românicas* (VariaR) —Université Paul Valéry, França; Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil—, *Laboratório de Espanhol Virtual* —Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil— e *InCorpora* —Université Paul Valéry, França; Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil—. Desde 2021 é membro do projeto *Red BayMis* —Universität Augsburg, Alemanha—. Desde 2017, é membro do projeto *Español en contacto con otras lenguas II: variación y cambio lingüístico* —Universidad Autónoma de Madrid, Espanha—. Desde 2016, é colaboradora externa no projeto *Laboratório de Pesquisa em Contato Linguístico (LABPEC)* —Universidade Federal Fluminense, Brasil—. Atua principalmente nas seguintes áreas: Sociolinguística Laboviana; Linguística Hispânica; Formas de Tratamento do Espanhol; Morfossintaxe do Espanhol; Marcadores discursivos; Contato linguístico; Línguas Pluricêntricas; Português do Brasil.

E-mail(s): pderamos@gmail.com e patricia.ramos@philhist.uni-augsburg.de

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5564023212030465>

ORCID: <https://orcid.org/my-orcid?orcid=0000-0002-3901-1634>

Renata Enghels

Renata Enghels (born 1979, PhD in Romance Philology) is a full professor of Hispanic and General Romance linguistics at Ghent University. Her investigation has specialized in *corpus* research from a functional and cognitive perspective. She has a particular interest in verbal argument structures, languages in contact, features of colloquial and adolescents' speech, and focuses on the functional relations between specific formal-syntactic structures in Romance languages and the semantic-pragmatic and sociolinguistic meaning of these linguistic units. Her PhD research, published as a book by Niemeyer (Mouton de Gruyter), investigated the interaction between mental construals of different perception modalities and the semantic and syntactic behaviour of the corresponding verbs. She frequently published on the causative infinitive constructions, on the polysemy of cognate verbs, grammaticalization, constructionalization, pragmatic markers, youth language and the nature of codeswitching.

Ghent University, Linguistics Department, Spanish and General Romance section, Ghent, Belgium.

E-mail: Renata.Engiels@ugent.be

Website: <https://research.flw.ugent.be/nl/renata.englis>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7785-0009>

ResearchGate: <https://www.ResearchGate.net/profile/Renata-Engiels>

Rubens Lacerda Loiola

Professor adjunto do Curso de Letras da Universidade Estadual do Piauí, Floriano, PI, Brasil. Graduiu-se em Letras/Português pela Universidade Federal do Ceará em 2002 e obteve o título de Mestre em Linguística pela mesma Universidade em 2005. Obteve o título de Doutor em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro em 2018. Atualmente é coordenador de área do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), do Curso de Letras da UESPI de Floriano. Professor Formador I do Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica (PARFOR), desde a primeira edição em 2010. Atua de forma contínua no desenvolvimento e execução de projetos do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), bem como no Programa Institucional de Bolsas de Extensão Universitária (PIBEU). Professor Formador do Núcleo de Educação à distância - NEAD - UESPI. Membro do Comitê Científico do Seminário de Iniciação Científica da Universidade Estadual do Piauí. Membro do Comitê Científico do 1º Congresso PREDICAR 20 ANOS, ocorrido em 2022 na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Membro do Comitê Científico dos Programas Institucionais PIBID e RP/UESPI. Tem experiência no ensino de disciplinas como Fonética e Fonologia, Morfologia do português, Introdução à linguística, História da língua portuguesa e Estágios supervisionados. Áreas de interesse: aquisição, desenvolvimento e processamento da linguagem, descrição e análise linguística, com ênfase nos processos de variação e mudança linguística, especialmente os processos de construcionalização e mudança construcional, ensino de língua portuguesa, ensino de literatura, especialmente a literatura infantojuvenil e literaturas africanas e afro-brasileiras e indígenas.

E-mail: rubenslacerda@frn.uespi.br

Grupos de pesquisa em que atua: Grupo de Estudos do Texto – GETEXTO; Laboratório de Leitura e Escrita acadêmica (<http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhorh/4392212338701924>)

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/4392212338701924>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8306-8585>

ResearchGate: <https://www.ResearchGate.net/profile/Rubens-Loiola>

Sofia Perrone Medina

Sofia Perrone Medina é graduada em Letras: Francês e Literaturas de Língua Francesa, pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Participa do Núcleo de Estudos da Norma Linguística (Normali) e colabora com o projeto "Web-Museu da Gramática: a construção de um museu digital interativo (FAPEMIG/UFU).

E-mail: sofia.medina@ufu.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4666761176766838>

ORCID: <https://orcid.org/0009-0001-6436-5522>

Valéria Viana Sousa

Graduada em Letras pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (1993), possui especialização em Língua Portuguesa pelo PREPES/PUC - MG (2001) e doutorado em Letras, área de concentração em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade Federal da Paraíba - UFPB (2008). É professora titular da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB desde 1996. Tem experiência na área de Linguística, com ênfase em Sociolinguística, Funcionalismo/Gramaticalização, Sociofuncionalismo e Linguística Funcional Centrada no Uso. Coordena o projeto de pesquisa "Estudos de Fenômenos Linguísticos na Perspectiva Funcionalista a partir da descrição e análise de *corpus* da comunidade de fala de Vitória da Conquista" e é líder do Grupo de Estudos em Linguística Histórica e em (Sócio) Funcionalismo - CNPq.

E-mail: valeriaviana.sousa@uesb.edu.br

Link de Projeto de pesquisa: dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/3421711575512279

Link Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0179266700190376>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8243-9281>

ÍNDICE REMISSIVO

A

Amostra Now 23, 156

B

Brazilian Portuguese 14, 15, 144, 180, 226, 227, 228, 229, 230, 231, 257, 258, 260, 262, 291, 355, 356

C

cambio lingüístico 78, 80, 436

changement linguistique 389, 390

colloquial Spanish 12, 21, 26, 32, 33, 36, 43, 44, 68

colonização 17

communication 45, 53, 55, 57, 67, 69, 73, 228, 231, 258, 291, 323, 327

comunicação 84, 89, 102, 104, 166, 235, 237, 239, 243, 249, 268, 302, 316, 381, 385

comunicación 123, 124

corpora 21, 23, 33, 36, 42, 61, 66, 140, 141, 145, 187, 191, 203, 204, 208, 211, 215, 219, 221, 228, 235, 236, 237, 238, 243, 244, 248, 252, 253, 257, 258, 261, 271, 280, 302, 303, 333

corpus 14, 15, 24, 27, 28, 29, 40, 41, 42, 43, 45, 59, 61, 63, 64, 66, 70, 71, 72, 78, 79, 85, 86, 92, 93, 96, 98, 105, 111, 112, 120, 122, 125, 129, 140, 141, 142, 147, 178, 228, 231, 235, 237, 243, 253, 257, 258, 296, 297, 298, 299, 300, 301, 302, 304, 305, 306, 307, 309, 311, 312, 314, 316, 317, 318, 320, 321, 322, 323, 324, 328, 338, 350, 370, 379, 384, 389, 400, 405, 430, 431, 432, 437, 438

D

Discourse 71, 74, 177

discurso 23, 70, 71, 72, 74, 78, 79, 80, 86, 87, 91, 96, 97, 98, 116, 117, 118, 119, 120, 123, 125, 126, 127, 128, 129, 157, 163, 169, 171, 172, 173, 174, 176, 177, 205, 255, 263, 302, 365, 366, 367, 373, 374, 385

diversidad cultural 126

diversidade lingüística 14, 23, 28

E

échantillon NOW 28

educação 93, 103, 105, 312, 313, 346, 368, 369, 384

educación 85, 102

education 42

espanhol 12, 17, 18, 21, 22, 27, 81, 82, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 92, 93, 94, 199

espanhol coloquial 18, 21

español 12, 13, 71, 72, 74, 75, 77, 78, 79, 87, 117, 118, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 154

F

falantes 17, 23, 25, 86, 87, 88, 91, 92, 93, 95, 96, 98, 99, 105, 115, 159, 172, 205, 219, 220, 221, 235, 236, 237, 239, 241, 242, 247, 254, 270, 271, 273, 317, 330, 333, 342, 343, 344, 348, 349, 350, 351, 352, 371, 373, 376, 377, 380, 381, 430

G

gênero textual 158, 302, 303, 307, 363, 365, 370, 372, 375, 383, 384

genre textuel 323, 389, 394, 395, 396

Gramática 13, 22, 23, 24, 28, 117, 119, 126, 128, 156, 159, 176, 177, 178, 186, 187, 192, 196, 200, 208, 209, 217, 220, 221, 236, 238, 239, 242, 254, 255, 263, 363, 364, 366, 367, 370, 386, 387, 407, 410, 413, 429, 431, 433, 434, 436, 438

grammaire 16, 30, 31, 390, 393, 396, 403, 407, 408, 409, 412, 414, 416, 419, 420, 421, 422, 423, 426

Grammar 14, 176, 177, 178, 180, 197, 222, 223, 224, 225, 226, 230, 232, 233, 257, 259, 287, 288, 433

I

identidade social 21

italiano 13, 21, 23, 28, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 196, 197, 198, 199, 200, 202, 204, 209, 210, 211, 212, 213, 216, 217, 218, 219, 220, 222, 224, 232, 233

L

La diversité linguistique 28

language 33, 34, 39, 40, 42, 44, 50, 52, 53, 54, 55, 56, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 68, 69, 70, 71, 73, 74, 75, 118, 120, 127, 129, 132, 135, 137, 138, 144, 145, 146, 147, 222, 223, 224, 226, 227, 228, 230, 231, 232, 233, 257, 258, 259, 260, 262, 263, 287, 288, 291, 292, 293, 294, 356, 360, 361, 386, 387, 433, 437

languages 60, 72, 73, 226, 227, 228, 229, 230, 291, 292, 293, 433, 437
langue française 16, 30, 410, 414, 415, 416, 420, 421, 422, 425, 426
langues 19, 20, 21, 26, 319, 327, 395, 410
langues romanes 19, 20, 21, 26, 319
latim 17, 84, 218, 270, 349, 350
latín 19
lenguas 72, 119, 123, 128, 154, 436
língua francesa 16, 25, 30, 398, 399, 400, 406, 407, 409, 410, 411, 413, 414, 417, 418, 428
línguas 17, 18, 21, 26, 85, 92, 94, 95, 187, 189, 190, 192, 196, 199, 201, 203, 208, 209, 210, 211, 217, 218, 219, 220, 221, 267, 269, 270, 271, 273, 299, 315, 317, 318, 319, 353, 364, 365, 369
línguas românicas 17, 18, 21, 26, 189, 199, 203, 217, 218, 219
linguistic change 35, 36, 59, 65, 258, 260, 293
linguistic diversity 14
linguistic variation 37, 118, 127, 258
literatura 78, 82, 87, 124, 196, 197, 207, 217, 319, 437
literature 35, 36, 44, 50, 65, 83, 228, 231, 356
Littératures 436

M

marcadores pragmáticos 12, 18, 21, 22, 75, 78, 79, 80
marqueurs pragmatiques 20, 26, 27
memória 13, 21, 22, 148, 149, 172, 195, 221, 312, 314
memory 13, 22, 27, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 144, 145, 293, 433
mudança linguística 160, 192, 194, 196, 237, 241, 244, 269, 270, 271, 272, 275, 363, 364, 366, 368, 369, 376, 384, 437

N

néologismes 15, 29, 30, 388, 389, 392, 393, 394, 395
neologismos 15, 24, 29, 362, 363, 369, 370, 371, 378, 380, 381, 382, 383, 386, 393, 397

P

PALOP 24, 29, 297, 298, 299, 303, 304, 305, 316, 317, 318, 321, 324, 327
portugais brésilien 20, 28, 29, 30, 321, 389, 396
português 13, 14, 17, 18, 21, 22, 23, 24, 28, 29, 85, 92, 94, 156, 157, 176, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 196, 201, 202, 203, 204, 206, 207, 208, 209, 210, 211, 213, 215, 216, 217, 218, 219, 220, 221, 222, 223,

231, 232, 234, 235, 236, 241, 242, 243, 247, 253, 254, 263, 265, 266, 267, 268, 270, 289, 297, 298, 299, 300, 302, 303, 304, 305, 306, 307, 311, 313, 316, 317, 318, 319, 324, 353, 354, 363, 364, 365, 369, 373, 378, 385, 386, 387, 397, 406, 411, 428, 430, 432, 435, 437

português brasileiro 14, 18, 23, 24, 28, 29, 156, 157, 187, 188, 190, 191, 203, 204, 209, 211, 215, 216, 217, 218, 219, 220, 221, 235, 236, 241, 242, 243, 247, 253, 265, 266, 267, 268, 289, 299, 305, 353, 354, 363, 364

Portuguese 14, 15, 119, 128, 144, 180, 225, 226, 227, 228, 229, 230, 231, 256, 257, 258, 260, 262, 263, 290, 291, 294, 355, 356, 360, 430, 433

pragmatic markers 33, 34, 35, 36, 37, 38, 40, 59, 75, 437

projeto VariaR 18, 25

projet VariaR 20, 31

R

Romania Nova 17, 19

S

semantic 46, 48, 53, 56, 146, 228, 229, 230, 260, 261, 291, 294, 295, 437

semântica 97, 189, 199, 202, 203, 209, 212, 213, 215, 220, 242, 245, 246, 247, 248, 249, 250, 251, 268, 270, 273, 278, 299, 314

sémantiques 321, 326

social identity 21, 26, 36, 44, 65, 68

sociolinguistic 35, 42, 45, 54, 55, 57, 58, 59, 68, 70, 71, 72, 75, 356, 357, 437

sociolinguísticos 90, 203, 269, 298, 318, 333

sociolinguistique 19

Spanish 12, 21, 26, 32, 33, 34, 35, 36, 38, 39, 41, 42, 43, 44, 55, 59, 60, 61, 68, 70, 72, 73, 76, 83, 118, 127, 177, 287, 289, 291, 437

speakers 34, 36, 37, 38, 40, 42, 43, 44, 45, 50, 51, 55, 58, 60, 61, 62, 63, 64, 66, 67, 68, 69, 135, 140, 141, 142, 143, 228, 230, 231, 257, 258, 259, 260, 262, 292, 293, 356, 357, 360

T

textual genres 184

V

variação linguística 21, 219, 221, 241, 368, 378, 384, 432

variar 22, 244, 428, 429

variation linguistique 26, 393

www.PIMENTACULTURAL.com

VARIACÕES VARIATIONS
LINGÜÍSTICAS LINGUISTIQUES
EM LÍNGUAS EN LANGUES
ROMÂNICAS ROMANES
explorações explorations
contemporâneas contemporaines

